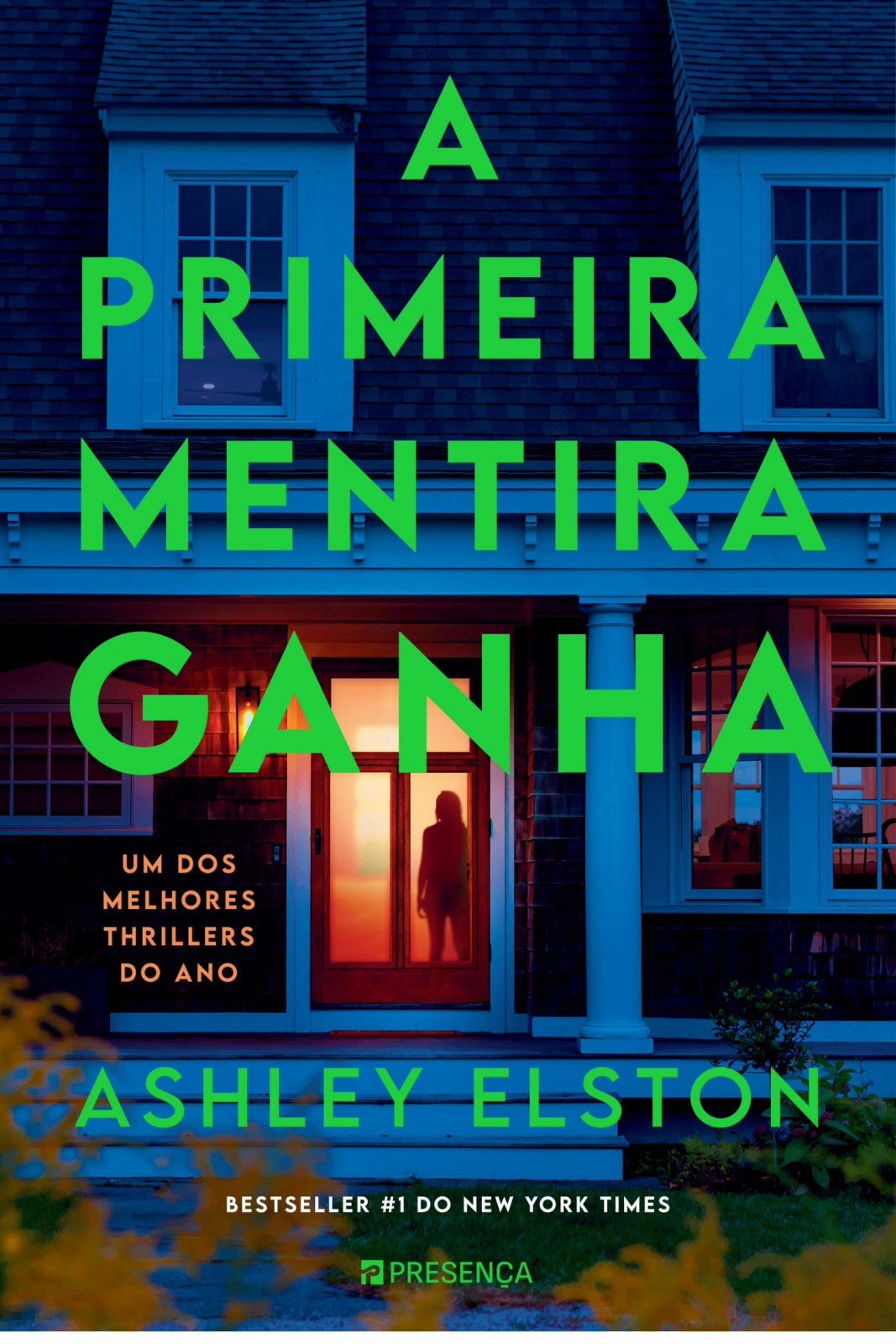




A PRIMEIRA MENTIRA GANHA

UM DOS
MELHORES
THRILLERS
DO ANO

ASHLEY ELSTON

BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A PRIMEIRA MENTIRA GANHADA

UM DOS
MELHORES
THRILLERS
DO ANO

ASHLEY ELSTON

BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

 PRESENÇA

A PRIMEIRA MENTIRA GANHADA

UM DOS
MELHORES
THRILLERS
DO ANO

ASHLEY ELSTON

BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

 PRESENÇA

**A
PRIMEIRA
MENTIRA
GANHA**

A PRIMEIRA MENTIRA GANHADA

UM DOS
MELHORES
THRILLERS
DO ANO

ASHLEY ELSTON

BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

 PRESENÇA

**A
PRIMEIRA
MENTIRA
GANHA**

ASHLEY ELSTON

**A
PRIMEIRA
MENTIRA
GANHA**

TRADUÇÃO DE MÓNIA FILIPE

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Primeira Mentira Ganha*

Título original: *First Lie Wins*

Autora: *Ashley Elston*

Copyright © 2024 Ashley Elston

Edição portuguesa publicada por acordo com Sterling Lord Literistic e MB Agencia Literaria.

Tradução: *Mónia Filipe*

Revisão: *Ângela Pardelha/Editorial Presença*

Design de capa: *Ervin Serrano*

Composição e arranjo de capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Stocksy*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, setembro, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para o Miller, o Ross e o Archer

CAPÍTULO 1

É com as pequenas coisas que começa: uma segunda escova de dentes no suporte ao lado do lavatório, algumas peças de roupa na gaveta mais pequena, carregadores de telemóvel de ambos os lados da cama. As coisas pequenas vão então aumentando de tamanho: giletes, elixir bucal e pílulas começam a competir por espaço no armário dos medicamentos, e a pergunta «Dás cá um salto?» passa a «Que cozinhamos para o jantar?»

E, por mais que o temesse, era inevitável darmos este passo.

É a primeira vez que conheço as pessoas que se encontram reunidas à volta da mesa, pessoas que o Ryan conhece desde pequeno, porém, a nenhuma delas passou despercebido eu já fazer parte da vida dele. São os pequenos apontamentos femininos numa casa masculina nos quais qualquer outra mulher repara mal transpõe a porta: as almofadas a condizer no sofá ou a suave fragrância a jasmim que emana do difusor em cima da estante dos livros.

Uma voz vem a flutuar por cima da mesa à luz das velas, desvia-se do centro de mesa que me garantiram ser «delicado, mas seguro» e suspende-se no ar à minha frente.

— Evie. É um nome fora do vulgar.

Indecisa sobre se devo responder à pergunta que não é realmente uma pergunta, viro-me para a Beth.

— É um diminutivo de Evelyn. Deram-me o nome da minha avó.

As mulheres trocam olhares à socapa, numa comunicação silenciosa de um lado ao outro da mesa. Cada resposta minha é avaliada e catalogada para discussão posterior.

— Oh, que amoroso! — guincha a Allison. — A mim também me deram o nome da minha avó. De onde é que disseste que eras?

Não disse, e elas sabem. Como aves de rapina, vão bicar até mais não, a noite toda se for preciso, até satisfazerem a sua curiosidade.

— De uma pequena cidade no Alabama — respondo.

Antes que possam perguntar de que cidade especificamente, o Ryan muda de assunto.

— Allison, vi a tua avó na mercearia a semana passada. Como é que ela tem

andado?

Isto garante-me uma pausa para tomar fôlego, enquanto a Allison debita como a avó se tem arranjado desde a morte do marido. Mas não demora muito até que eu volte a ser o centro das atenções.

Não preciso de conhecer estas pessoas para saber tudo sobre elas.

Conhecem-se desde o infantário e mantiveram o círculo pequeno até à cerimónia de finalistas do secundário. Escapuliram-se da cidade em grupos de dois e três, distribuindo-se por uma mão-cheia de universidades, todas a uma distância daqui passível de percorrer de carro. No *campus*, integraram fraternidades e sororidades com outros grupos de dois e três provenientes de contextos similares, apenas para gravitarem de volta para esta cidadezinha no Luisiana, voltando a fechar o círculo. Trocaram as letras gregas das sororidades pela filiação na *Junior League* local, por jantares e partidas de golfe aos sábados à tarde, contanto que nada disso interfira com as transmissões dos jogos de futebol americano da Conferência do Sudeste.

Não as censuro por serem assim, pelo contrário, invejo-as. Invejo o à-vontade que sentem nestas situações, por saberem exatamente o que esperar e o que delas se espera. Invejo a descontração que advém de viverem numa cidade onde toda a gente já as viu no seu pior e, ainda assim, as aceita.

— Como é que se conheceram? — quer saber a Sara, recentrando com isto a atenção em mim.

É uma pergunta relativamente inocente, mas que ao mesmo tempo me enerva.

O sorriso no rosto do Ryan diz-me que ele sabe como esta pergunta me faz sentir e que está disposto a avançar novamente para responder por mim, mas eu adianto-me.

Com um dos guardanapos de pano brancos que comprei especificamente para a ocasião, limpo delicadamente a boca e digo:

— Ele ajudou-me a mudar um pneu furado.

O Ryan tê-los-ia enchido de pormenores, mais do que merecem, razão pela qual o detive. Deixo de fora a informação de que foi na paragem para camiões nas imediações da cidade em cujo pequeno bar-restaurant eu trabalhava, servindo as bebidas. E omito também que, por oposição à parafernália de siglas que fazem parte do seu vocabulário, desde MBA a MRS, o único acrónimo que conheço é GED, os exames que dão equivalência ao 12.º ano.

Este é o tipo de informação que estas pessoas — as suas amigas — usariam contra mim, embora não o fizessem por mal. Porventura nem se aperceberiam.

Comentei com o Ryan que me preocupavam os julgamentos que fariam a meu respeito assim que soubessem que venho de um contexto tão diferente do delas. Ele asseverou que se está nas tintas para o que elas pensam, mas isso não é verdade. O facto de ter cedido à pressão para organizar um jantar e depois ter

passado a semana a ajudar-me a preparar o *menu perfeito* diz-me mais do que as palavras que me sussurra no escuro, que gosta de mim por eu ser diferente, tão diferente das miúdas com quem cresceu.

A Allison vira-se para o Ryan e diz:

— Ora, ora, se não dá jeito ter um rapaz habilidoso como tu por perto.

Observo o Ryan. Resumi o nosso primeiro encontro a uma frase e, até agora, ele deixou-me escapar impune.

Ele olha para mim e esboça um pequeno sorriso, como quem diz que, por enquanto, o palco é meu e não se importa de alinhar.

O marido da Allison, o Cole, alvitra:

— Não me surpreenderia se ele próprio te tivesse furado o pneu só para te poder ajudar a trocá-lo.

Risota à volta da mesa e talvez uma cotovelada da mulher nas costelas, a julgar pela mão que o Cole leva ao flanco. O Ryan abana a cabeça, ainda sem tirar os olhos de mim.

Eu sorrio e solto uma gargalhada, não demasiado sonora nem demasiado demorada, para lhes mostrar que também eu acho piada à ideia de o Ryan recorrer a meios tão extremos só para me engatar.

Piada à ideia de que *alguém* pudesse observar outra pessoa durante tanto tempo até perceber que ele abastece sempre na mesma estação de serviço para camiões às quintas à noite, depois de passar o dia no escritório do Texas Oriental. Que esse alguém soubesse que ele prefere as bombas no lado oeste do edifício e que o seu olhar se detém sempre mais do que devia em qualquer rabo de saia que se lhe atravessasse à frente, especialmente se for minissaia. E que esse mesmo alguém se servisse de pequenos detalhes, como o boné de beisebol da LSU no banco de trás do carro, ou a gravata da fraternidade universitária que espreita da camisa branca, ou ainda o autocolante do clube de campo colado no canto inferior esquerdo do para-brisas, para garantir que teriam assunto para falar quando se conhecessem. Que esse alguém, imagine-se, enfiasse um prego numa válvula *de maneira que* se ouvisse o assobio do ar a vazar.

Quero dizer: tem piada acreditar que uma pessoa se daria a tanto trabalho só para conhecer outra.

— Arrasei — digo eu, mergulhando o último prato do jantar na pia cheia de água com detergente. O Ryan aproxima-se por detrás de mim, os braços roçando nas minhas ancas até me envolverem a cintura. Apoia o queixo no meu ombro e pressiona os lábios naquele sítio no pescoço que me deixa arrepiada.

— Adoraram-te — sussurra.

Não me adoraram nada. Quando muito, satisfiz-lhes a primeira onda de curiosidade. E imagino que, ainda antes de o primeiro carro ter arrancado, cada uma das mulheres no lugar do pendura já se tinha posto a enviar mensagens às

outras, esmiuçando cada momento da noite, e a usar a barra de pesquisa em todas as redes sociais na tentativa de apurar quem é que eu sou exatamente e de que pequena cidade no Alabama é que venho.

— O Ray acabou de me enviar uma mensagem. A Sara pede o teu número para te convidar a almoçar na semana que vem.

Foi mais rápido do que previ. Parece-me que a segunda onda de curiosidade se precipita na minha direção, impulsionada pelo facto de as pesquisas terem fornecido apenas o mínimo de informação, deixando-as sedentas por mais.

— Dei-lhe o número. Espero que não te importes — diz ele.

Viro-me para ele e percorro-lhe o peito com os dedos até as minhas mãos lhe emoldurarem o rosto.

— Claro que não. São os teus amigos. E espero que venham também a ser os meus.

Portanto, agora haverá um almoço durante o qual as perguntas serão mais diretas, uma vez que o Ryan não estará presente para pôr cobro à enxurrada.

Ponho-me em bicos de pés e puxo-o para mim até os nossos lábios ficarem a milímetros de se tocarem. Adoramos esta parte, a antecipação, quando as nossas respirações se misturam e os meus olhos castanhos se fixam nos seus olhos azuis. Estamos perto, mas não demasiado perto. As suas mãos deslizam debaixo da bainha da minha saia, sinto-o afundar os dedos na pele macia da minha cintura, enquanto as minhas mãos deslizam para a sua nuca, os dedos enrolando-lhe os cabelos morenos. O cabelo do Ryan está mais comprido do que da primeira vez que nos vimos, quando comecei a tê-lo debaixo de olho. Disse-lhe que gostava dele assim, que gostava de ter algo a que me agarrar. Depois disso, nunca mais o cortou. Os amigos ficaram surpreendidos quando o viram, pois, pelo que percebi da minha própria pesquisa nas redes sociais, ele nunca tinha usado o cabelo a roçar o colarinho. Como consequência, procuraram as respostas em mim. *Porque é que o Ryan mudou? Foi por causa desta miúda?*

Ele desce as mãos e agarra-me nas coxas por baixo da minissaia, içando-me, e eu envolvo o seu tronco com as minhas pernas.

— Dormes cá? — sussurra, apesar de estarmos sozinhos em casa.

Faz-me esta pergunta todas as noites.

— Sim — sussurro em resposta. Sempre a mesma resposta.

A boca do Ryan paira sobre a minha, deixando ainda uma nesga de espaço entre nós. Está tão perto que o vejo desfocado. Apesar de me estar a dar a volta à cabeça, espero que seja ele a pôr um fim à distância que nos separa.

— Não quero ter de continuar a perguntar. Quero que cá estejas todas as noites, porque esta também é a tua casa. Aceitas? Fazer desta a tua casa?

Afundo os meus dedos no seu cabelo e cinjo-o com mais força entre as pernas.

— Estava a ver que nunca mais perguntavas.

Sinto-lhe o sorriso nos meus lábios e ele beija-me enquanto me leva da cozinha até ao quarto.

O nosso quarto.

CAPÍTULO 2

Desde que, há cinco dias, aceitei o convite para vir morar com o Ryan, ele ficou impaciente para que o momento se concretize. Na manhã a seguir ao jantar, acordei com ele ao telefone com uma empresa de mudanças, a agendar os seus serviços para esse mesmo dia, graças a um cancelamento de última hora.

Convenci-o a esperar, mesmo que fosse apenas por uma semana, para garantir que é algo que realmente quer e não um impulso do momento depois de uma noite regada a vinho caro e *filé mignon* cozinhado na perfeição. Além disso, fiz-lhe ver que estava a pôr a carroça à frente dos bois ao marcar a mudança quando eu ainda nem comecei a empacotar as minhas coisas.

— Se não quisesse viver comigo, dir-me-ias, certo?

O Ryan está parado diante do espelho da casa de banho, a dar o nó a uma gravata azul-escura às riscas cinzentas e a tentar imprimir um tom casual à pergunta, como se fosse algo sem importância. Amuou. Não é a primeira vez que o vejo fazer isto, quando as coisas não lhe correm de feição.

Salto para cima da bancada de mármore branco e deslizo até ficar à sua frente. O Ryan olha por cima do meu ombro, fingindo que continua a conseguir ver-se ao espelho atrás de mim. Esta manhã, está a comportar-se como uma criança mimada.

Já memorizei o rosto dele, mas não perco uma oportunidade de o estudar, atenta ao mais pequeno pormenor que me possa ter escapado. É atraente de uma forma clássica. O seu farto cabelo escuro tem tendência a encaracolar nas pontas quando está demasiado comprido, como agora. Os seus olhos azuis são deslumbrantes e, apesar de ter acabado de se barbear, sei que, quando o voltar a ver à noite, a zona do maxilar terá escurecido, causando-me pele de galinha quando me roçar no pescoço.

Afasto-lhe as mãos com delicadeza e assumo o comando do nó.

— É claro que quero viver contigo. De onde é que isto vem?

O Ryan olha para baixo, para a gravata, e endireita-a desnecessariamente, só para ter com que ocupar as mãos. Esta manhã, não me tocou e mal olhou para mim. Um autêntico bebé.

Como não me responde, insisto:

— Mudaste de opinião e já não me queres cá? Sei que pensas que tenho andado a evitar empacotar as minhas coisas, mas hoje tirei o dia para tratar disso e os homens da Goodwill vêm buscar tudo aquilo de que já não preciso. Mas posso telefonar-lhes a cancelar...

Até que enfim olha para mim e agarra-me.

— Sim, continuo a querer-te aqui. Não sabia que tinhas planeado fazer isso hoje. Escolheste logo o único dia em que não te posso ajudar. Estou atolado em trabalho.

Hoje é quinta-feira e ele vai passar o dia a oitenta quilómetros daqui, no seu escritório no Texas Oriental. Como, aliás, todas as quintas-feiras.

— Eu sei, é uma péssima altura. Mas foi o único dia que consegui tirar e é a única tarde em que a Goodwill consegue mandar uma carrinha. Não tenho muita coisa, por isso devo despachar-me depressa, mesmo sem ajuda.

As suas mãos apertam-me de lado enquanto se debruça para me beijar nos lábios. Já lhe passou o amuo, enganchou os meus pés na parte de trás das suas pernas e puxou-o para mim.

— Se calhar, posso telefonar e dizer que estou doente. Afinal de contas, eu é que sou o chefe, e já está na altura de abusar da minha posição de poder — diz, com uma gargalhada.

Eu rio entre beijos.

— Não desperdices um dia de baixa com uma mudança. A sério, vou doar a maior parte das coisas, não tenho muito para empacotar. — Olho na direção do quarto. — As minhas coisas não são tão bonitas como as tuas, não vale a pena ficar com elas.

Ele põe-me as mãos no rosto.

— Já te disse que podes trazer o que quiseses, arranjamos espaço para as tuas coisas. Não precisas de te desfazer delas.

Mordendo o lábio inferior, digo:

— Garanto-te que não queres o meu sofá feioso, comprado em segunda mão, na tua sala.

— Como sei que não quero o teu sofá feioso, comprado em segunda mão, na minha sala, se nunca me deixaste vê-lo? — Procuro esquivar-me ao campo de minas que é esta conversa, desviando o olhar, mas os seus dedos puxam-me o queixo de volta, de modo que nos olhamos nos olhos. — Não tens de ter vergonha.

— Tenho, sim — digo, enfrentando o seu olhar. Depois, inclino-me e apresso-me a beijá-lo, antes que volte a amuar. — Vê-lo-ás no sábado, quando nos encontrarmos lá com a empresa de mudanças. Falei com eles ontem. E passaremos o domingo a arranjar lugar para as minhas coisas aqui. Guarda a baixa para segunda, quando estivermos exaustos e nos souber bem passar o dia de pijama. Ou

sem pijama.

Com a testa encostada à minha, ele dá-me um sorriso contagiante.

— Está combinado.

Com um último beijo rápido, desprende-se de mim e sai lentamente da casa de banho.

Vinte minutos depois de o Ryan arrancar no seu *Tahoe*, eu faço o mesmo com o meu *4Runner* de dez anos. Lake Forbing é uma cidade de dimensão média no norte do Luisiana, que é conhecida pelos seus terrenos férteis e poços fundos de gás natural. Apesar de ser uma região rica, não ostenta o dinheiro que aqui circula. Da casa do Ryan até ao complexo de apartamentos Lake View são quinze minutos e, pelo que vejo, fica bem longe do lago que dá o nome à cidade.

Estaciono no espaço vazio designado para o apartamento 203, ao lado da carrinha da Goodwill com o motor ao *ralenti*.

— Chegaste cedo, Pat — digo ao motorista, depois de sairmos dos respetivos veículos.

Ele assente.

— A nossa primeira paragem foi mais rápida do que o previsto. Qual é o apartamento?

O Pat segue-me pelas escadas, enquanto o seu ajudante abre a porta traseira da grande carrinha de caixa fechada. Detendo-me à porta do apartamento, tiro uma chave da bolsa.

— É este.

Ele assente novamente e volta a descer. Preciso de insistir até conseguir destrancar o ferrolho; está burro devido à falta de uso. Ainda estou a rodar a maçaneta quando oiço o baque surdo de um suporte rolante metálico aos solavancos nas escadas.

Fico a segurar a porta, enquanto o Pat e o ajudante tentam fazer passar o suporte rolante pela moldura estreita da porta.

— Onde queres que as ponha? — pergunta.

Olhando em redor, no apartamento vazio, digo:

— Deixa-as no meio da sala.

Vejo a primeira pilha de caixas, que contêm os artigos que passei os últimos quatro dias a escolher. Coisas que o Pat guardou na sua carrinha até eu lhe dizer que podia trazê-las para aqui. Coisas que vou levar para a casa do Ryan quando me mudar no sábado. Coisas que lhe direi que são minhas há anos, e não apenas há alguns dias.

Os rapazes precisam de fazer duas viagens para trazer todas as caixas. Saco de cinco notas de vinte do bolso de trás e entrego-as ao Pat. Não é um serviço que a Goodwill costume oferecer, mas, por uns trocos, o Pat teve todo o prazer em ajudar-me.

Pouco antes de saírem, pergunto-lhes:

— Já agora, trouxeram as caixas extras?

O Pat sacode os ombros e vira-se para o ajudante, que diz:

— Sim, estão na bagageira. Devemos trazê-las?

Mesmo que a situação lhes pareça esquisita, não o dão a entender.

— Não. Podem deixá-las no passeio em frente ao meu carro.

Acompanho-os até à rua. Enquanto descarregam a pilha de papelão, vou até à bagageira do meu carro, de onde tiro uma pequena mala. Quando entram na carrinha, agradeço-lhes novamente. Ainda tenho uns pormenores para tratar.

A disposição do apartamento é simples. A porta de entrada dá para uma pequena sala de estar com uma *kitchenette* na parede do fundo. Um corredor estreito conduz a uma casa de banho e ao quarto. A alcatifa bege condiz com os móveis de linóleo bege, que condiz com as paredes bege.

Na área da *kitchenette*, puxo o fecho de correr da mala preta e tiro quatro *menus* de restaurantes das redondezas e três fotografias minhas e do Ryan que imprimi no quiosque *self-service*, além de sete ímanes que uso para fixar os *menus* e as fotografias ao frigorífico. A seguir, pego no sortido de temperos e despejo metade de cada frasco na pia antes de os alinhar na porta do frigorífico. Passo em seguida para a casa de banho, com a mala preta a reboque, onde tiro o champô e o amaciador e, tal como fiz com os temperos, despejo metade do conteúdo pelo cano antes de pôr os frascos na borda da banheira. Desembrulho um sabonete de corpo, deposito-o em cima do ralo, no lavatório, abro a torneira e vou rodando o sabonete repetidamente até, volvidos uns minutos, o logótipo desaparecer e os cantos ficarem gastos; depois meto-o no pequeno espaço embutido na parede do chuveiro. Por último, a pasta de dentes. Aperto-a por baixo até sair um bocado, mas deixo uma ou duas gotas no rebordo do lavatório, como costumo fazer na casa do Ryan, para sua grande irritação. Sem pôr a tampa, deixo cair a bisnaga na bancada, ao pé da torneira.

A última paragem é no quarto. Tiro os últimos artigos da mala — uma série de cabides de arame e de plástico — e distribuo-os pela vareta metálica vazia. De volta à pequena sala de estar, desfaço a pilha ordenada de caixas e espalho-as aleatoriamente pelo chão. Pego em duas caixas, uma cheia de livros e outra com uma seleção de frascos de perfume antigos, e abro-as. A caixa com os livros é fácil de arrumar, por isso basta-me pouco mais de um minuto até ter vários montes pequenos ao lado da caixa, de modo que dê a impressão de que ainda não tive tempo de os encaixotar.

Os frascos de perfume demoram mais tempo. Levo a caixa para a pequena bancada da cozinha e desembrulho os quatro frascos que estão por cima, pousando-os na superfície de fórmica. A luz que entra pela janela reflete-se neles num ângulo perfeito, e o vidro fino e colorido funciona como um prisma,

disparando raios azuis, roxos, rosa e verdes pela divisão sombria.

De tudo o que comprei esta semana, os frascos de perfume foram os mais difíceis de encontrar e, surpreendentemente, os que mais me divertiram. Na verdade, deveu-se a um acaso feliz, mas, depois de dar com uma publicação no Facebook em que o Ryan foi identificado, tive a certeza de que era precisamente o tipo de coisa que precisava de «coleccionar». No ano passado, o Ryan deu um frasquinho destes à mãe pelo aniversário. Era uma peça *art déco*, uma bola de vidro gravado, revestido a prata e adornado com quadrados pequenos e espelhados, e parecia exatamente o tipo de presente que o Jay Gatsby daria à Daisy. Era lindíssimo e, pelo sorriso no rosto dela, foi um presente certo.

E se eu fosse o tipo de miúda de fazer coleções, frascos de perfume seriam, sem dúvida, o tipo de coisas que coleccionaria.

Examino a sala uma última vez. Está tudo exatamente como deve estar.

A disposição perfeita para dar a ideia de que tenho praticamente tudo encaixotado, à exceção das poucas coisas mais demoradas, uns poucos objetos aleatórios que falta arrumar.

— Truz-truz — diz uma voz da entrada, e eu rodo nos calcanhares. É a mulher que trabalha nos escritórios do complexo, a quem arrendei este apartamento desde a tarde de segunda-feira.

Entra na sala e olha para a confusão no chão.

— Fiquei preocupada por não ver ninguém aqui desde segunda.

Enfio as mãos nos bolsos e encosto-me à parede junto à bancada da cozinha, cruzando um pé à frente do outro. Os meus movimentos são lentos, mas calculados. Inquieta-me que ela aqui esteja, a controlar-me, e que possa sentir necessidade de fazer o mesmo no sábado, quando o Ryan cá vier para me ajudar com a mudança. Escolhi um sítio onde os vizinhos não se dão ao trabalho de se conhecerem e onde todos os gastos estão incluídos na renda, uma vez que os apartamentos podem ser arrendados à semana. E uma semana é tudo do que preciso.

Devo ter-lhe espicaçado o interesse ao arrendar um dos poucos apartamentos não mobilados. Normalmente, quando alguém traz móveis, planeia ficar mais do que apenas sete dias, mas eu não queria que o Ryan pensasse que a minha vida tem sido tão incerta a ponto de nem sequer possuir o meu próprio sofá, o que excluía a opção do apartamento mobilado. E eis que chegámos ao quarto dia e não há provas da minha estada além de oito caixas estrategicamente espalhadas pelo espaço.

Ela passa a mão por cima da caixa mais próxima e olha para os frascos de perfume em cima da bancada. Conheço o género. Carrega na maquilhagem, usa roupas justas e em tempos é capaz de ter sido bonita, mas a passagem do tempo não a favoreceu. Os olhos dela absorvem tudo em seu redor. Este é o tipo de sítio

que se arrenda para fins ilícitos, e ela é dona e senhora do negócio, sempre à cata de situações que possa usar para proveito pessoal. E agora atravessou o parque de estacionamento com o sentido no meu apartamento, porque lhe cheira a marosca, embora ainda não tenha percebido como pode usá-la contra mim.

— Queria apenas garantir que está bem acomodada — diz.

— E estou — respondo e depois olho para o crachá com o seu nome, preso à blusa decotada. — Shawna, a sua preocupação é desnecessária. E indesejada.

Ela empertiga-se. O meu tom brusco contrasta com a minha pose descontraída. Entrou aqui a pensar que detinha o controlo da situação, que compreendia, até certo ponto, o que se andava a passar, mas tirei-lhe o tapete de baixo dos pés.

— Devo continuar a assumir que este apartamento ficará vago e que devolverá a chave pelas cinco horas da tarde de domingo? — pergunta.

— Tal como eu assumo que não haverá mais visitas inesperadas — respondo, inclinando a cabeça na direção da porta e sorrindo levemente.

Ela estala a língua contra o céu da boca e vira-se para sair. Convoco todas as minhas forças para não atirar com a porta assim que a vejo pelas costas.

Mas depois de me despachar daqui, ainda tenho uma coisa para fazer antes de o Ryan atravessar a fronteira do Luisiana às cinco e meia desta tarde.

CAPÍTULO 3

O avô do Ryan morreu há três anos, volvido apenas um ano desde a morte da mulher, deixando ao Ryan a casa onde os dois viviam, incluindo todos os móveis, todos os pratos do louceiro, todos os quadros na parede. Ah, além de uma soma generosa em dinheiro.

Por aquilo que o Ryan conta, um dia foi visitar o avô e encontrou-o morto, tendo este morrido tranquilamente durante o sono. O Ryan mudou-se na semana seguinte, não levando consigo mais nada além das roupas, dos artigos de higiene e de um colchão novo. De certeza que ele arranjaria espaço para um sofá feio em segunda mão... tivesse eu um.

A casa fica numa rua ladeada por grandes carvalhos com ramos que ensombram cada milímetro do passeio. A vizinhança é composta por pessoas mais velhas, bem estabelecidas na vida, que adoram dizer-me como viram «aquele doce rapaz» crescer. É o tipo de casa para onde se muda quem finalmente alcançou o sucesso na vida, quando já se tem filhos e o medo opressivo de não conseguir pagar as contas vai diminuindo e deixamos de ter a corda ao pescoço.

Mas é demasiado grande para o Ryan. Tem dois andares, com um alpendre à frente e um grande quintal nas traseiras, portadas verde-escuras nas paredes brancas, canteiros arranjados e um carreiro de tijolos que conduz à porta de entrada. Se visitarmos todas as divisões, demoramos vários minutos para percorrer a casa — é tão grande que, do quarto principal, não ouvimos quando alguém entra pelo portão da garagem.

Estaciono de marcha-atrás no caminho de acesso à casa para reduzir a distância que tenho de percorrer com as caixas. Só quando abro a bagageira é que reparo que os vizinhos à esquerda, o Ben e a Maggie Rogers, me observam do alpendre. Mesmo a tempo. A sua caminhada matinal coincide com a hora a que saímos para o trabalho e, quando regressamos ao final do dia, já eles estão no alpendre a beber o seu *cocktail* da tarde. É o ambiente generalizado desta rua, visto que a maioria dos residentes já se reformou ou está perto disso.

A senhora Rogers segue-me com o olhar enquanto tiro a primeira caixa da bagageira do meu *4Runner*. Este claro indício de que passei a ser mais do que uma hóspede de uma noite será comunicado aos restantes residentes amanhã, quando

fizer a sua ronda matinal durante a caminhada diária. Os Rogers levam a vigilância do bairro muito a sério.

Observam-me em silêncio enquanto descarrego uma caixa após a outra. Estou a apanhar a última quando o Ryan estaciona ao meu lado, apressando-se a sair do carro para me ajudar.

— Dá cá — diz.

Ponho-me em bicos de pés e beijo-o, mas a caixa entre nós impede o contacto com outras partes do corpo.

Antes de nos virarmos na direção da casa, ele cumprimenta os Rogers.

— Boa tarde!

A senhora Rogers levanta-se e caminha até à beira do alpendre, aproximando-se tanto que por pouco não cai para cima dos arbustos de azáleas.

— Parecem atarefados! — grita em resposta.

Com os braços ocupados, o Ryan apenas pode assentir na minha direção.

— A Evie está a mudar-se para cá.

O seu sorriso radiante faz-me sentir um breve frémito de excitação e não consigo evitar também sorrir de orelha a orelha.

Confirmadas as suspeitas, a senhora Rogers lança ao marido um olhar «eu bem te disse».

— Oh. Bem, parece-me que, hoje em dia, a malta nova salta uns quantos passos importantes. — Acrescenta um riso abafado, como que para amortizar o golpe, mas o Ryan não se deixa intimidar.

— A ordem pode ser diferente, mas não deixamos nenhum passo de fora.

Um arquejo escapa-se-me dos lábios antes que o consiga evitar e controlo-me para não me pôr a interpretar segundos sentidos nesta troca de galhardetes.

O senhor Rogers junta-se à mulher na beira do alpendre.

— Nesse caso, temos de dar as boas-vindas à Evie como deve ser! Venham beber um *cocktail* connosco uma tarde destas. — Se o senhor Rogers se sente incomodado pelo rumo da conversa, disfarça-o bem.

— Adoráramos. Talvez na semana que vem? — responde o Ryan pelos dois.

O sorriso do senhor Rogers é genuíno quando diz:

— Tenho um novo defumador de uísque que estou mortinho por usar.

O Ryan solta uma gargalhada.

— Há muito tempo que não bebo um dos seus clássicos. Mal posso esperar. — Nisto, dá-me um leve toque com o ombro, instando-me a avançar.

Finalmente dentro de casa, o Ryan pousa a caixa ao pé das outras no amplo corredor dos fundos.

— Aproveitei e trouxe logo as minhas roupas e os sapatos. Como foi o teu dia? Ele encolhe os ombros.

— Longo. Preferia tê-lo passado contigo, a encaixotar as tuas coisas.

O Ryan é sempre muito esquivo quanto às suas atividades às quintas-feiras. E apesar de ter gracejado esta manhã sobre a possibilidade de fazer gazeta hoje, ambos sabemos que nunca o faria.

O trabalho que faz às quintas é importante.

Ele inspeciona as caixas. As que os rapazes me deixaram, vazias, no passeio estão agora cheias com os únicos artigos que realmente possuo e que quero ter aqui comigo. Ele afasta-me uma madeixa que me caiu do coque desengonçado, enrolando-a com o dedo. — Adiantaste muito no apartamento?

Faço um grande sorriso.

— Sim! Estou pronta para a carrinha das mudanças no sábado, apesar de achar que nos podemos desenrascar apenas com os nossos dois carros. Acabei por doar todos os móveis. Só restam oito ou dez caixas — digo, pontapeando a caixa mais próxima.

O rosto dele é ensombrado por uma nuvem de confusão e alguma tristeza.

— Evie. — Diz o meu nome com ternura. — Doaste tudo?

Passo-lhe o polegar pela testa, alisando-lhe os vincos.

— Vives numa casa em que todos os móveis estão carregados de valor sentimental. Trazem memórias. Cresceste no meio destas coisas, fazem parte de ti. Não era assim com as minhas coisas. Eram bens que serviam uma necessidade. Algo em que me sentar que não fosse o chão e nada mais do que isso. Não me custou nada doá-los.

Os móveis a que me refiro podem não ter sido doados hoje, mas o que sinto em relação a eles é verdade.

O Ryan tira o telemóvel do bolso da frente e faz um telefonema. Observo-o, interrogando-me sobre o que estará a fazer.

— Estou, daqui fala Ryan Sumner. A Evie Porter contratou os vossos serviços para sábado, mas temos de cancelar.

Com a mão livre, puxa-me para si, encaixando-me ao seu lado. Ouve o que dizem e depois agradece, antes de desligar.

— Vamos buscar o resto. Agora mesmo. Eu faço o trabalho pesado, já que tu deves estar derreada. Dá-me cinco minutos para mudar de roupa.

Tento protestar, mas ele cala-me com os seus lábios, abafando-me as palavras. O beijo é tão prolongado que ponderamos mudar os planos imediatos, mas nisto ele afasta-se e vai a correr para o quarto.

— Cinco minutos! — grita, desaparecendo no fundo da casa.

Encosto-me à parede e olho para o relógio. São seis e meia. O escritório nos apartamentos Lake View já fechou e a mulher que lá trabalha foi para casa.

O Ryan vem atrás de mim no seu *Taboe*. Ainda bem que não estou no carro com ele no momento em que se apercebe para onde vamos, mas, pelo menos, o meu constrangimento aparente quando lhe indiquei o endereço era sincero.

Estaciona o carro ao lado do meu e sai disparado. Chega ao pé de mim ainda antes de eu abrir a porta.

— Já me devias ter dito onde vivias. — Ele escrutina o parque de estacionamento como quem localiza os perigos que espreitam por toda a parte.

Puxo-o pelas presilhas do cinto.

— Era precisamente por isto que não te queria dizer. — Dou-lhe a mão, que ele segura com força, e puxo-o escadas acima. Enquanto subimos, ele repara em todas as lâmpadas fundidas.

Desta vez, o trinco oferece menos resistência e, assim que a porta se abre, o Ryan empurra-me para o interior e fecha-a. Percorre o apartamento de mãos nas ancas. Por mais que deteste admiti-lo, gosto de o ver a inspecionar o espaço entre resmungos, como se procurasse uma presa, e o instinto protetor que nele palpita é tão estranho como bem-vindo.

Agacho-me junto da pilha de livros e começo a pô-los dentro da caixa vazia que deixei ali à mão.

— Esqueci-me de que ainda me faltava arrumar umas coisas.

O Ryan vai até à bancada e pega no primeiro frasco de perfume que vê. Levantando-o no ar, inspeciona-o de alto a baixo e depois faz o mesmo com os outros três ao lado.

— Fazes coleção?

Olho para ele com um sorriso radiante.

— Faça! — E então abro a boca para lhe contar que os coleciono porque me lembram a minha avó, mas a mentira morre-me na ponta da língua. Em vez disso, digo:

— Um dia, vi uma imagem de um e só então me apercebi de como podem ser lindíssimos... e diferentes. Não consegui esquecer aquela imagem. Foi então que comecei a colecioná-los. O meu preferido é o roxo.

É sempre melhor manter uma mentira o mais próximo possível da verdade e dizer o mínimo, mas agora sinto que é mais do que isso. Não quero mentir-lhe desnecessariamente.

Ele não faz qualquer referência à coleção de frascos da mãe nem comenta que temos algo em comum, e eu tão-pouco me ponho a analisar como me faz sentir o facto de ele não me dizer que temos este gosto em comum. O Ryan volta a pousar o frasco e começa a abrir gavetas na *kitchenette*, detendo-se a olhar para o frigorífico. Tira da porta uma das fotografias em que estamos os dois e analisa-a. É uma *selfie* que tirámos pouco depois de nos conhecermos. Fazia muito frio naquele dia e estávamos enrolados em mantas diante da pequena fogueira no quintal dele. Eu tinha levado os ingredientes para fazer *s'mores* e ainda tínhamos restos de *marshmallow* e chocolate na cara. Na fotografia, estou sentada ao seu colo e sorrimos ambos, com as bochechas coladas.

— Foi uma noite gira — diz.

— É verdade. — Foi a primeira noite que passei na casa dele. A primeira vez que dormi na cama dele. Ele continua a olhar para a fotografia e não consigo evitar pensar no que lhe passará pela cabeça ao recordar aquela noite.

Por fim, começa a tirar todas as fotografias e *menus* e amontoa-os em cima da bancada antes de abrir o frigorífico.

— Ainda tens umas coisinhas aqui.

— Oh, bolas! Pensava que já tinha tirado tudo. Podes deitar o resto para o lixo?

Oiço-o agarrar nos recipientes, depois abrir a porta por baixo da pia onde está escondido o balde do lixo. Atira tudo para cima de caixas de *takeaway* e outros itens que encontrei num dos contentores do lixo lá fora.

O Ryan puxa o balde para fora e pergunta:

— Há mais alguma coisa para o lixo antes de ir deitar fora o saco?

Franzo o sobrolho enquanto puxo pela cabeça.

— Sim, talvez haja algumas coisas na casa de banho.

Ele segue-me pelo corredor até à casa de banho. Pego com os dedos em forma de pinça no sabonete desgastado que se encontra no chuveiro e atiro-o para o balde. Depois, pego no champô e no amaciador, tomo-lhes o peso, como se estivesse indecisa sobre se vale a pena guardá-los, e também os descarto.

O Ryan põe-se a vasculhar nas gavetas e nos armários, a examinar cada milímetro. É mais minucioso do que julguei.

Assim que voltamos à sala principal, espreita para dentro de umas caixas que eu já tinha enchido de manhã. Mas depois faz mais do que apenas espreitar. É quase como se andasse à procura de alguma coisa.

Depois de revistar três caixas, pergunto:

— Estás à procura de alguma coisa em concreto?

Ele levanta a cabeça e os seus olhos encontram os meus. Um pequeno sorriso evidencia-lhe as covinhas.

— Estou só a tentar conhecer-te melhor.

São palavras que qualquer rapariga gostaria de ouvir, mas a mim parecem-me ponderadas. Carregadas de bagagem. E questiono-me se escolherá as suas palavras com tanto cuidado como eu escolho as minhas.

CAPÍTULO 4

Foram imensas as razões para não ter passado por aqui na última semana — tive de andar às compras, de encaixotar pertences, de fazer uma mudança —, mas não me é possível adiar mais. Faltam quinze minutos para a hora oficial de fecho e, apesar de poder aceder com os meus dados e entrar fora de horas, não quero deixar registo do meu acesso.

Como uma em cada três mulheres por quem passo, estou vestida com *leggings* pretas, uma *T-shirt* e sapatilhas de corrida. Tenho o cabelo preto comprido apanhado na nuca, num carrapito que assenta mesmo por baixo da presilha do meu boné de beisebol. Baixo a cabeça e inclino-a para a esquerda, para me certificar de que a câmara ao canto não capta uma imagem nítida de mim. Há várias pessoas na fila à espera de serem atendidas, incluindo uma mulher afrita com uma pilha de pequenas caixas, que tenta equilibrá-las movendo-se de um lado para o outro, antes de finalmente as deixar cair no chão. As duas pessoas à sua frente baixam-se para a ajudar a apanhá-las, ao mesmo tempo que procuram não largar as suas próprias caixas. Contorno o caos e encaminho-me para o fundo da loja, onde, numa parede, há caixas de correio de uma ponta à outra.

Canto inferior esquerdo. Apartado 1428.

Estas caixas funcionam com código em vez de chave, pelo que uso o nó médio do indicador para marcar os seis dígitos. A porta destranca, mas não se abre completamente. Ainda com os nós dos dedos da mão direita, abro a porta.

Tiro o pequeno envelope que tinha enfiado no cós das *leggings*, hesitando um ou dois segundos antes de o fazer deslizar para dentro do compartimento vazio.

Fecho a porta e remarco o código para a trancar, e depois saio da loja tão depressa como entrei.

CAPÍTULO 5

Estou atrasada para o almoço das amigas. Nos últimos dias, troquei várias mensagens com a Sara para encontrarmos um dia que fosse oportuno para todas e, embora nos tivesse poupado muito tempo ter-me adicionado ao grupo de mensagens com as outras, não basta um jantar para me tornar merecedora de semelhante convite.

Elas queriam marcar num pequeno salão de chá nas traseiras de uma loja de *souvenirs*, daquelas que vende de tudo, desde joalheria artesanal a roupinha de bebê com golas e sofisticados cosméticos faciais. Com certeza conheceriam todos os comensais e cumprimentariam todos os clientes da loja a caminho da zona de refeições.

Posso estar disposta a ser interrogada pelas mulheres que o Ryan considera suas amigas, mas não pretendo estender as apresentações a mais ninguém. Ainda não. Pelo menos, não até saber mais sobre elas do que elas algumas vez saberão sobre mim.

Portanto, em vez do salão de chá, marcámos encontro num restaurantezinho não muito longe do meu trabalho. Uma ou duas semanas depois de me conhecer, o Ryan arranjou-me um novo emprego — que não o fizesse hesitar quando os amigos lhe perguntassem onde é que eu trabalhava. Sou a assistente do coordenador de eventos numa pequena galeria na Baixa. O emprego é fácil e, dado que quem manda naquilo, o senhor Walker, é cliente do Ryan, passámos por cima da parte em que eu tinha de fornecer três referências e enumerar a minha experiência prévia.

A Beth, a Allison e a Sara já estão sentadas, juntamente com outra mulher que não esteve presente no jantar, mas que reconheço de fotografias e sei que faz parte do núcleo duro.

À medida que me aproximo, observo-as pela janela, do passeio. O restaurante serve refeições rápidas e quase todos os fregueses envergam fatos de executivo ou a farda de poliéster que os funcionários do tribunal são obrigados a usar. As amigas do Ryan estão visivelmente desconfortáveis e, pelos olhares que deitam ao espaço apertado, sei que tentam descortinar como vieram parar a um sítio onde o fedor a fritos se embrenhará nos cabelos, nas roupas, na pele, colando-se a elas o resto do

dia. Um sítio onde não terão vontade de ficar mal terminem a refeição.

Assim que me vê, a Sara levanta-se e faz-me sinal para que me junte a elas. As quatro mulheres aproveitam o tempo que demoro a atravessar a sala para examinar a minha aparência. Os seus olhos percorrem a grande racha lateral da minha maxissaia azul-vivo, a finíssima blusa branca que deixa ver o sutiã azul-bebé, passando pelas resmas de pulseiras que chocalham ao caminhar. Demorei a decidir que visual lhes queria transmitir — de alguém que se quer encaixar ou de alguém disposto a sobressair?

Hoje, o difícil é não dar por mim.

— Olá, Evie, que bom ver-te de novo — diz ela antes de voltar a sentar-se. Gesticulando na direção das outras mulheres à mesa, acrescenta: — Lembras-te da Beth e da Allison?

— Claro que sim — respondo, com um aceno de cabeça.

— Esta é a Rachel Murray. Rachel, é a Evie Porter.

A Rachel levanta a mão num breve aceno do outro lado da mesa.

— Olá, Evie, é um prazer conhecer-te. Já ouvi muito a teu respeito.

Claro que ouviu.

— O prazer é meu.

É um pouco constrangedor que a razão por que ainda não nos conhecemos seja o facto de ela não ter sido convidada para o jantar em casa do Ryan, mas a decisão foi dele. Ainda falou nela, mas no fim decidiu excluí-la, porque, nas suas palavras, por vezes ela consegue «esgotar a paciência a um santo». Além disso, é solteira, o que ia desequilibrar os lugares à mesa.

No preciso momento em que me baixo para pousar a bolsa no chão, junto à cadeira, sinto o telemóvel a vibrar, anunciando uma mensagem de texto nova. Uma olhadela rápida diz-me que é do Ryan:

Bom almoço, mas não atures merdas. Liga-me quando acabar.

Mordo o lábio para esconder o sorriso.

— Obrigada por terem concordado em vir ter comigo aqui. A minha hora de almoço não é muito longa — digo, pegando na ementa laminada que está entalada entre o açucareiro e um frasco de *ketchup*.

A Sara puxa outra ementa e diz:

— Sem problema. Nunca vimos à Baixa, por isso até é giro.

As outras três devem ter feito das tripas coração para não revirarem os olhos.

Isto não é a cena delas. De todo.

— Pronto, está combinado um copo em nossa casa antes da festa do *derby* no sábado — diz a Beth.

Há duas semanas que estou sempre a ver aquele convite no frigorífico do Ryan.

Apesar de ainda morarmos longe do Kentucky, fomos convidados para uma festa para assistir ao *derby*, com *Mint Juleps* e sandes de peru grelhado no *menu*, numa quinta equestre na periferia da cidade. No convite, encoraja-se o uso de chapéus, *quanto maiores, melhor*.

O grupo esforça-se por me integrar, incluindo-me na sua conversa de chacha, mas é óbvio que não conheço as pessoas, os sítios ou os eventos a que se referem, portanto, em vez de participar, fico a observá-las. A observar como interagem, os seus maneirismos, as palavras que escolhem. Elas pensam que o propósito deste almoço é ficarem a saber coisas a meu respeito, porém, eu sairei deste almoço munida de muito mais informação sobre elas do que elas terão sobre mim.

Depois de fazermos o pedido — água e salada para todas —, as quatro mulheres inclinam-se para a frente e eu preparo-me para o que aí vem.

Como era de esperar, a Rachel é a primeira.

— Muito bem, uma vez que não fui ao jantar da outra noite, tens de ser tu a pôr-me ao corrente! Conta-me tudo sobre ti.

Recosto-me na cadeira, numa tentativa de aumentar o mais possível a distância entre nós, e digo:

— Não há muito para contar.

Estão à espera de que continue, que, pelo menos, adiante uns pormenores, mas vão ter de se esforçar um pouco mais.

A Sara tamborila com os dedos no copo, mexerica no guardanapo, no telemóvel.

— Ela é do Alabama — diz, olhando para a Rachel e respondendo por mim. A Sara é o tipo de pessoa que quer que toda a gente se dê bem. Aposto que teve um casamento com rosas cor-de-rosa e que escolheu intencionalmente loiça para a sua casa com o mesmo padrão da da sogra.

— De que parte do Alabama? — pergunta a Beth.

— Dos arredores de Tuscaloosa — respondo.

— Andaste na Bama? — pergunta a Allison, ao mesmo tempo que a Rachel decide ser mais direta. — Como se chama a cidade de onde vens?

Olho para a Allison, optando por responder à pergunta menos agressiva.

— Andei lá algum tempo.

Os olhares enfatiados das restantes são um bom indicador do seu nível de frustração.

Há um velho ditado que diz: «A primeira mentira é que conta.» Não se refere à mentirinha inocente que dizemos sem pensar; não, diz respeito à grande mentira. A mentira que vira o jogo. A mentira deliberada. A mentira que dita o rumo de tudo o que se lhe sucede. E, assim que é proferida, é nela que a maior parte das pessoas acredita como sendo a verdade. Por conseguinte, a primeira mentira tem de ser a mais convincente. A mais importante. A que forçosamente

tem de ser dita.

— Sou de Brookwood, um subúrbio de Tuscaloosa. Andei uns anos na Bama, mas não acabei o curso. Eu e os meus pais tivemos um acidente grave há alguns anos, do qual fui a única sobrevivente. Quando tive alta do hospital, percebi que precisava de uma mudança, por isso tenho vivido em vários sítios desde então.

As expressões transfiguram-se-lhes instantaneamente. Isto deverá pôr termo às perguntas. Se insistirem, vão passar por imbecis.

— Lamento muito pelos teus pais — diz a Sara, e é óbvio que está a ser sincera.

Eu assinto e mordo o lábio superior, sem dirigir o olhar a ninguém em especial, numa linguagem corporal que lhes diz que vou começar a chorar se me obrigarem a continuar a falar sobre o assunto.

A Rachel oferece-me um leve sorriso, como quem diz que compreende a minha tristeza, enquanto as outras três se contorcem nas cadeiras, nitidamente desconfortáveis. Tinham a expectativa de ouvir alguma mexerique, alguma coisa que as ajudasse a escavar mais fundo e, quem sabe, desenterrar alguma informação comprometedoras que mais tarde pudessem usar contra mim, se necessário. Porém, agora dão-se conta de que têm de arcar comigo, pois como é que se vão livrar da pobre orfãzinha?

Ninguém fala durante uns momentos, até que a Rachel volta ao ataque, indiferente ao constrangimento geral.

— Como vieste parar a Lake Forbing?

Começo a perceber como é que ela pode esgotar a paciência a um santo.

Esta é a pergunta a que respondo com mais cuidado. Não é uma cidade grande e não é um sítio que se escolha aleatoriamente para viver, a menos que já lá se tenha família ou amigos.

— Vi um anúncio de emprego *online*. Candidatei-me e fui selecionada, por isso mudei-me. O emprego acabou por não dar em nada, mas, como já cá estava, decidi ficar.

— Onde era o emprego? — pergunta a Rachel.

— No hospital — respondo.

— Ah — diz a Rachel. — Em que departamento?

Sim, está definitivamente a esgotar-me a paciência. As outras acotovelam-se, na esperança de que haja alguém que impeça o comboio de descarrilar.

— Na contabilidade — respondo.

A Sara, notoriamente farta da sessão de perguntas e respostas, intervém:

— Nem consigo imaginar como deve ter sido difícil para ti. Mas estou feliz por tu e o Ryan se terem encontrado.

Servem a comida, e tenho direito a uma breve dispensa enquanto almoçamos. A Rachel, contudo, continua a olhar na minha direção, apostada em tirar-me a

pinta. Boa sorte com isso.

Após vários minutos, espeta um tomate com o garfo, que depois aponta para mim: — É admirável ver o Ryan levar uma relação a sério tão depressa. A Beth diz que já te mudaste para casa dele. Conhece-lo há quê, dois meses?

Pronto, o papel de boazinha chegou ao fim.

— Rachel — sussurra a Allison.

Eu ergo a mão, indicando à Allison que não precisa de interceder por mim.

— Eu percebo, a sério que percebo. Vocês conhecem o Ryan desde sempre e, de repente, eu apareço do nada. — Um sorriso desenha-se-me no rosto. — É um sortudo por vos ter na vida dele. Amigas que se preocupam tanto com ele. — Olhando diretamente para a Rachel, digo: — Portanto, perguntem-me lá o que querem realmente saber. Se estou com ele pelo dinheiro? Quero dizer, é a verdadeira questão, não é? Estarei a aproveitar-me dele?

A Sara balbuciou:

— Não, não, não...

Mas a Rachel diz:

— Preocupa-me que ele possa estar a pensar com a pila e não com a cabeça.

A Allison deixa cair a cabeça nas mãos, visivelmente envergonhada, enquanto a Beth revira os olhos e diz:

— Rachel, já chega.

Por esta altura, aposto que estão aliviadas por não conhecerem ninguém neste restaurante.

Verdade seja dita: embora a Rachel me irrite, é das quatro a que mais admiro.

Debruço-me para a frente, afastando o prato para ter espaço para pousar os braços na mesa. De modo automático, elas debruçam-se também para a frente.

— Não tens razão nenhuma para confiar em mim. Razão nenhuma para acreditar nas minhas boas intenções. Mas confia no teu amigo. Posso não me sentir à vontade para te contar a ti tudo o que queres saber, mas contei-lhe a ele. Hoje, vais ter de te contentar com isto.

Chegadas a este ponto, já não há muito a dizer. Se a minha avaliação não falhar, a Beth, a Sara e a Allison vão voltar para junto das respetivas caras-metades com histórias sobre o quão humilhadas foram pelo comportamento da Rachel, ao invés de expressarem qualquer tipo de preocupação sobre as minhas intenções para com o Ryan. E uma vez que a Rachel foi excluída do jantar, não me deixa demasiado apreensiva quanto à influência que possa ter sobre o Ryan. Mas o mais importante de tudo é que, agora, já ninguém questiona quem sou eu ou de onde venho.

A primeira mentira é que conta.

Terminamos a refeição à pressa, com pouca conversa pelo meio, quase numa competição para ver quem é a primeira a sair. Fico de pé no passeio, a vê-las dispersar-se com determinação pelos vários parques de estacionamento.

Os amigos são sempre os que dão mais trabalho. Saco do meu telemóvel e pesquiso no *Google* «Evie Porter» e «Brookwood, Alabama», tal como sei que elas farão assim que se encontrarem na privacidade dos seus automóveis. A primeira página está repleta de artigos vagos que referem o acidente, um acidente que os verdadeiros residentes de Brookwood poderão ter dificuldade em recordar, mas jamais o admitirão — convenhamos, que tipo de pessoa se esquece do acidente que ceifou a vida a dois membros da sua comunidade? Os artigos datam de há vários anos, mas não existem senão há poucos meses. Artigos que foram criados para me dar credibilidade e uma razão para não gostar de falar sobre o passado.

Desligo o telemóvel, atiro-o para a bolsa e depois caminho ao longo dos dois quarteirões de volta ao emprego.

¹ Festa temática organizada para celebrar o *Kentucky Derby*, que é uma famosa corrida de cavalos realizada anualmente no primeiro sábado de maio em Louisville, Kentucky. Muitas festas giram em torno da transmissão ao vivo da corrida. As mulheres levam chapéus grandes e coloridos e os homens vestem roupas estivais. São servidos pratos típicos do Sul e bebidas como o *Mint Julep*, um *cocktail* tradicional do *derby*, que consiste em *bourbon* com hortelã. (NT)

² Universidade do Alabama. (NT)

CAPÍTULO 6

O Ryan encosta-se à porta aberta do pequeno *atelier* na cave da galeria. Tendo em conta que o almoço acabou há menos de duas horas, estou impressionada com a rapidez com que as notícias correm.

— Ouvi dizer que o almoço foi de arromba — diz, com um sorriso que me é familiar, mas com um olhar que lhe desconheço. Hoje, está vestido de modo casual, com umas calças de ganga que já deve ter desde os tempos de universidade e uma camisa macia que usa por fora das calças. Fica-lhe bem, dá-lhe um ar descontraído e fá-lo parecer mais novo.

Hoje de manhã, enquanto nos vestíamos, não lhe perguntei porque não vestia fato, nem punha gravata ou fazia o seu penteado imaculado, e ele tão-pouco mo disse.

— De arromba é dizer pouco — respondo, sorrindo de volta.

Na mesa à minha frente, estão espalhados setenta e cinco marcadores de lugar que tenho de classificar por cores para corresponderem ao *menu* escolhido pelos participantes do almoço de amanhã. Ele deixa-se cair na cadeira ao meu lado, roçando o seu pé no meu, enquanto pega nos dois marcadores que estão mais à mão.

— Estas duas têm de ficar tão longe uma da outra quanto possível.

Olho para os nomes escritos nos marcadores. Já tinha sido informada de que poderia ser problemático sentá-las na mesma mesa, mas decidi fazê-lo de qualquer forma. Um almoço cujo tema é «O ABC da Coleção de Arte» precisa de uma pitada de emoção.

— Vou tentar não me esquecer — respondo.

Ele deixa cair os cartões novamente e diz:

— Estava à espera de que me ligasses a seguir ao almoço.

Rodo na cadeira até ficar de frente para ele.

— Não foi nada que não conseguisse gerir.

— Mas não devias ter de o fazer.

Ele pega-me na mão e depois puxa-me para o colo. Olho de relance para a porta aberta, torcendo para que ninguém nos apanhe nestes preparos. Trabalho aqui há poucas semanas e toda a gente sabe que só arranjei o emprego por especial

favor, em atenção ao Ryan.

— Isto não abona muito a favor da minha credibilidade aqui — digo, embora me enrosque ainda mais nele.

O Ryan envolve-me com um braço, prendendo-me a si. Segue com o dedo o rebordo do decote da minha fina blusa.

— Só para que conste, isto está a dar comigo em doido.

Apoio o corpo na sua mão e ele olha para o corredor vazio, para se certificar de que ainda estamos aqui sozinhos, mas, antes que se ponha com ideias indecentes no meu local de trabalho, digo:

— Sei que tens mais que fazer do que vires a correr à Baixa para saberes como estou. — Seguro-lhe no dedo de molde a travar a exploração. — Qual delas é que te ligou?

Aposto as minhas fichas na Sara.

— Foi a Sara. Está com medo que agora as odeies. — Ele dá uma gargalhada silenciosa, mas depois muda de expressão. Fica sério. — Queres falar sobre isso?

Abano a cabeça.

— Não. Não me preocupa o que possam pensar. — Torço o corpo para ficar com o rosto virado para ele. — Preocupa-me, sim, o que tu possas pensar.

O Ryan passa-me uma mão pelo cabelo, enrolando as pontas à volta do punho. Aproxima o meu rosto do seu, até ficarmos a milímetros de distância um do outro.

— Eu penso que és maravilhosa.

— Tu também não és nada mau, se queres saber.

E, pela primeira vez, o que digo não é apenas um meio para atingir um fim. Pela primeira vez, sinto o que digo.

É em momentos como este que desejo que as coisas fossem diferentes. Que isto fosse a vida real e que a minha maior preocupação fosse o drama sem importância entre mim e as suas amigas de infância. Que eu simplesmente fosse a rapariga com um pneu furado e que ele calhasse a estar por perto para me ajudar. Que tivéssemos um futuro real à nossa frente.

Há tanta coisa que ele não sabe. Tanta coisa que não lhe posso dizer. E tanto que nunca lhe direi.

O Ryan olha para a barafunda na mesa ao lado.

— Cheira-me que hoje não consegues sair mais cedo.

— Pois não. Tenho de terminar isto para o evento de amanhã e, antes de sair, ainda tenho de garantir que as mesas têm toalhas. — Levanto-me do colo dele e fujo para a minha cadeira.

Ele inclina-se para a frente, para reduzir a distância entre nós.

— Vem trabalhar para mim. Assim, podíamos sair mais cedo sempre que quiséssemos.

Não é a primeira vez que o Ryan me faz esta proposta, mas é a primeira vez

que parece fazê-la com seriedade.

Lanço-me à tarefa de agrupar os marcadores de lugar.

— Trabalharmos juntos seria uma grande distração. Para os dois — digo, rematando com uma pequena gargalhada, mas sem tirar os olhos da atividade que tenho em mãos.

Ele roça o pé nos meus.

— Tens razão. Não conseguiria trabalhar nada de jeito, sempre atrás de ti. Negligenciaria tudo o mais.

O som abafado do telemóvel a vibrar fá-lo consultar o relógio para ver quem é. Resmunga, enquanto se levanta e saca do aparelho no bolso de trás.

— Dá-me um minuto — diz ele, afastando-se para atender no corredor.

O silêncio cá em baixo é tal que não tenho de me esforçar muito para ouvir a conversa.

— Confirmação? — pergunta. E um momento depois: — Um dia deveria chegar. Envia o orçamento e agenda a chegada para as onze da manhã de quinta-feira.

Quinta-feira.

— De resto, aconteceu mais alguma coisa? — pergunta. Os seus ombros enrijecem enquanto escuta o que lhe dizem do outro lado. Como estou preparada para o olhar que o Ryan me deita por cima do ombro, tudo o que vê é a minha dedicação exclusiva ao diagrama dos lugares à minha frente. Então, dá mais um passo para o lado. Baixa o volume da voz. Não distingo as palavras, mas está claramente descontente e não o esconde. Só lhe falta rosnar ao telemóvel. Nunca tinha visto este seu lado.

— Encontra-o — diz, levantando a voz, antes de desligar.

Pronto, agora quero saber o que foi que perdeu.

— Está tudo bem? — pergunto, enquanto ele enfia o telemóvel no bolso e volta para o pé de mim.

O Ryan faz de conta que não é nada e até me oferece aquele sorriso que lhe realça as covinhas.

— Sim, é só um problema de nada no trabalho.

Deixa-se cair na cadeira ao meu lado. Rodo a minha para ficarmos frente a frente.

— Se trabalhasse para ti, poderia ajudar-te a resolver esses berbicachos. — É claro que, se aceitasse trabalhar para ele, problemas como o que acaba de surgir jamais seriam do meu conhecimento.

Apesar de estar tenso, ainda consegue inclinar-se para mim e dar-me a mão.

— Mas, como recusaste, tenho de me amanho sozinho.

Andamos ambos a dançar à volta de coisas que não podemos dizer.

Os sentimentos que tenho nutrido por ele estão a levar-me por um caminho

que não posso tomar, pelo que este pequeno lembrete acerca das coisas que escondemos um do outro é duplamente bem-vindo.

— Quando prevês estar despachada? — murmura, antes de me beijar com delicadeza nos lábios.

Recoo apenas o suficiente para lhe responder.

— Daqui a uma hora, talvez? A que horas saís tu?

— Por volta da mesma hora. — Dá-me um último beijo e depois levanta-se. Quase a chegar à porta, acrescenta: — Sabes que me podes contar tudo, não sabes? Digo que sim com a cabeça e agito-me na cadeira.

— Sei, sim.

Fita-me durante uns segundos, o suficiente para que uma parte irracional de mim julgue que ele consegue ver para além desta camada exterior lustrosa que criei. Depois, acrescenta:

— Mesmo que as minhas amigas se comportem como imbecis.

Sorrindo, respondo:

— Mesmo nessa situação. Não te preocupes, não me assusto assim tão depressa. Vemo-nos em casa.

Depois de mais um relance para o telemóvel, concentra-se novamente em mim.

— Música para os meus ouvidos.

Fico a vê-lo percorrer o corredor até desaparecer ao dobrar a esquina.



Os marcadores de lugar estão prontos. A senhora Roberts e a senhora Sullivan vão ficar sentadas frente a frente na mesa 1, obrigadas a olhar uma para a outra, e não tenho dúvidas de que serão o centro das atenções dos restantes comensais. Já tratei das demais tarefas, mas ainda tenho de fazer uma chamada antes de dar o dia por terminado.

Ela atende ao segundo toque.

— Olá, Rachel — digo. — Fala a Evie. Tens um minuto?

Silêncio. E depois:

— Claro, precisas de alguma coisa?

Reclino-me na cadeira e espreito para o corredor, para me certificar de que estou sozinha.

— Detesto que tenhamos começado com o pé esquerdo. — Deixo as palavras suspensas no ar durante uns segundos antes de acrescentar: — Gostava que pudéssemos tentar de novo.

Ela fica calada e depois oiço um riso contido.

— Devo admitir que, depois de todas as chamadas que recebi por causa do

almoço de hoje, esta era a última que esperava.

O Ryan deve ter-lhe ligado, o que não a terá surpreendido. E agora fiquei curiosa por saber o que ele lhe terá dito.

— A culpa também é minha por as coisas terem descarrilado — admito. — É extremamente difícil para mim falar sobre o meu passado.

— Não, eu é que não devia ter insistido tanto. Foi muito *insensível* da minha parte. — Ela diz «insensível» como se essa tivesse sido a crítica principal que lhe fizeram.

— Tréguas? — pergunto.

— Claro, tréguas — responde ela, realçando cada sílaba.

Solto um suspiro de alívio, suficientemente alto para que o oiça.

— Ótimo! Bem, parece que nos vemos no sábado, na festa do *derby*.

— Mal posso esperar — diz a Rachel e desliga de seguida.

Enfio o telemóvel na bolsa a sorrir.

A Rachel deve estar recostada na cadeira, a reproduzir mentalmente a nossa conversa, enquanto olha pela janela do seu pequeno gabinete, três portas abaixo do cobijado gabinete do canto, que mantém certamente debaixo de olho desde o seu primeiro dia de trabalho na mais prestigiada firma de advogados da cidade — o gabinete reservado para os sócios. É a mesma firma onde, nos dias de semana, estagiava durante as férias do curso de Direito e, aos fins de semana, ia para a cama com um sócio júnior. A mesma firma de advogados que trata de tudo o que o Ryan precisa.

Neste momento, deve estar a decompor a minha história em bocadinhos, à procura de resquícios de verdade escondidos nas minhas palavras. E, pelo que averigui na minha pesquisa, é boa no que faz. Desconfiada de alguma coisa, reflete sobre se vale a pena arriscar perder a amizade do Ryan só para se pôr a vasculhar no meu passado.

Terei de manter a Rachel debaixo de olho.

CAPÍTULO 7

— Isto é ridículo — digo, olhando para o espelho minúsculo fixado na viseira do carro, para poder fazer um ajuste de última hora à faixa de *chiffon* cor-de-rosa que envolve a aba do meu chapéu. — *Estou* com um aspeto ridículo.

O Ryan vira o SUV na direção de uma longa estrada de gravilha, transpondo um portão ornamentado com uma coroa com as palavras HIDDEN HILLS FARM em letras metalizadas que vão de um lado ao outro. Concede-me um rápido vislumbre.

— O teu chapéu nem deve ser o maior que vais encontrar.

— Tens a certeza? É que eu cá acho que me armaram uma cilada. — Aceitei ir às compras para a festa do *derby* com a Sara e a Beth, que me garantiram a pés juntos que este chapéu me ficava a matar. — E não é justo que tenha de andar com esta coisa na cabeça o dia todo enquanto tu estás de calções e camisa.

— Estás ótima. Como sempre — diz ele, e depois afasta-me a mão do chapéu e leva-a aos lábios, beijando ternamente cada dedo.

Ter ido viver com o Ryan tornou-o mais meloso: toques discretos, palavras e gestos doces, não se poupando a esforços para garantir que estou feliz. Quando não está a trabalhar, está comigo. Percebo, pelas conversas ao telefone com os amigos, que não lhes agrada que eu monopolize o tempo dele. Uma boa namorada insistiria com ele para que passasse tempo com os amigos, certificar-se-ia de que não perderia o contacto com aqueles que lhe são mais chegados. Mas eu não sou uma boa namorada.

— Será que os teus amigos vão ficar chateados por termos faltado aos aperitivos? — pergunto, à medida que nos aproximamos do destino.

Cortámo-nos ao beberete na casa da Beth e do Paul, não por eu não conceber a ideia de estar perto da Rachel, mas porque o Ryan não quis. Ainda está amuado com o comportamento dela no almoço, embora, por esta altura, já tenha ultrapassado o limite do razoável. Ela apenas tentou arrancar-me informações, não me esmurrou na cara nem nada do género! Mas entre grupos pequenos de amigos que vivem em cidades pequenas talvez haja pouca diferença entre as duas coisas. E o Ryan é pessoa de guardar rancor.

— De certeza que vou ouvir bocas, mas está tudo bem.

É provável que cheguemos primeiro do que os seus amigos. Uma vez que ele raramente socializa sem o seu núcleo duro, será interessante ver com que tipo de pessoas tenderá a meter conversa. Quando deixamos o carro no serviço de estacionamento, fico bastante aliviada ao ver que ele tinha razão: o meu chapéu não é o maior nem o mais bizarro, embora, em última análise, isso signifique que parecemos todos uma cambada de idiotas.

A nossa primeira paragem é no bar.

— Sejam bem-vindos a Hidden Hills Farms — diz uma mulher atrás do balcão de madeira. — Dão-me os vossos nomes antes de vos trazer o *cocktail*?

Acho o pedido um tanto ou quanto invulgar, mas o Ryan não hesita.

— Ryan e Evie.

A empregada assente e desaparece atrás do bar. Observo a mulher na fila atrás de nós e tenho a certeza de que o cavalo de plástico que colou no seu chapéu é igual a um que recebi no Natal em pequena — um dos cavalos da *Barbie*, com sela cor-de-rosa e um laço na crina a condizer. A empregada regressa e começa a preparar-nos um *Mint Julep*. Não tenho a certeza se há mais bebidas à escolha, uma vez que ela não chegou a perguntar-nos o que queríamos, mas, dada a dose generosa de *Woodford*, não tenciono queixar-me. Quando termina, entrega a cada um de nós um copo prateado. O do Ryan tem um R gravado e o meu, um E.

Afastamo-nos da zona do bar, comigo ainda a estudar o copo.

— Isto é um bocado exagerado — digo. — Se eu dissesse que me chamava Quinn, será que ela desencantaria um copo com um Q?

— Dei-lhes os nossos nomes ao confirmar a presença. Tenho toda uma coleção de copos destes em casa. Este é o sexto.

— Ridículo — resmungo, e ele ri.

Serpenteamos pela multidão de braço dado e o Ryan cumprimenta praticamente todas as pessoas por quem passamos, apresentando-me como sua namorada.

— Ora viva, vocês aí!

Viramo-nos e damos de caras com a vizinha, a senhora Rogers, que vem na nossa direção. A mim, cumprimenta-me com uma palmadinha nas costas, mas para o Ryan reserva um abraço frontal. Fico fascinada com a capacidade da mulher para o apertar contra si sem perturbar o precário equilíbrio do chapéu que tem encavalitado na cabeça.

— Isto é tão divertido!

— Divertidíssimo — respondo.

Pouco depois, a senhora Rogers prossegue caminho, pronta a distribuir mais abraços, e o Ryan entabula uma conversa profunda com um juiz local sobre umas eleições quaisquer que vão acontecer. É a minha deixa para ir ver as vistas. O sítio é lindíssimo. A sinuosa estrada de acesso é de tal maneira longa que daqui não se

vê a estrada principal nem se ouve o barulho do trânsito, dando a sensação de a festa estar escondida nos confins do mundo — tal como, aliás, o nome sugere. O celeiro vermelho de madeira situa-se no topo de uma colina e a pradaria desce a pique em todas as direções como um mar verde orlado de cercas brancas. A corrida será transmitida num grande ecrã, do tamanho daqueles que se vê no cinema, instalado na lateral do celeiro, assim como em ecrãs mais pequenos espalhados entre mesas com toalhas brancas. A servir, há pessoas que vagueiam por entre a multidão, transportando bandejas prateadas cheias de sanduíches minúsculas de peru grelhado, doses individuais de suflê de queijo e canapés sofisticados.

O juiz afasta-se e o Ryan contrai-se, surpreendido, quando um casal se aproxima.

— Ryan! — chama o homem, enlaçando o Ryan pelo pescoço e puxando-o para si. Os dois abraçam-se enquanto eu estudo a mulher que o acompanha. É alta, aproximadamente da minha altura, com cabelo castanho-claro comprido. É esguia, mas atlética, e é-me impossível não reparar nas semelhanças físicas comigo.

Quando o Ryan desfaz o abraço, o amigo estende a mão na minha direção.

— Com que então tu és a miúda que pôs o Ryan de joelhos — diz o homem com um grande sorriso.

O Ryan vira-se para mim e diz:

— Evie, este é um velho amigo meu, o James Bernard. James, esta é a minha namorada, a Evie Porter.

Estendo-lhe a mão, que ele aperta vigorosamente. O James é alto e magro, com o aspeto de quem tem problemas de dependência de substâncias. Vê-se-lhe nas faces encovadas e nas manchas escuras debaixo dos olhos. No tremor nas mãos e nas roupas um nadinha grandes de mais. Roupas elegantes e de qualidade que deve ter desencantado no fundo do armário propositadamente para a ocasião. A sua companheira aparenta estar em melhor forma, e não apenas por causa das roupas, mas pela aparência geral. Usa um vestido creme de manga à cava e corte direito, pelo meio da coxa, sapatos caros, de uma marca italiana, e joias simples, mas cheias de classe. Parecem um par desirmanado.

— Pô-lo de joelhos, ainda não pus, mas estou a trabalhar nisso — provoco.

O James vira-se para o Ryan.

— Meu, estou tão feliz por ti.

Eu e o Ryan entreolhamo-nos. O espalhafato parece-nos algo exagerado, até parece que acabámos de anunciar o noivado.

— Obrigado — diz o Ryan, envolvendo-me com o braço. Ambos olhamos para a mulher que acompanha o James, e o Ryan acena na direção dela. — Apresentas-nos a tua amiga?

O James vira-se depressa, obviamente constrangido por se ter esquecido de que

estava acompanhado.

— Ryan, Evie, esta é a Lucca Marino.

O nome dela perpassa-me como um choque elétrico.

— Lucca — digo baixinho, enrolando as sílabas na língua. — É um nome fora do vulgar. — Dou-me conta de que soo como a Beth na noite do jantar.

Ela sorri e revira os olhos.

— Eu sei. Deram-me o nome da cidade italiana dos meus avós. Com dois cês. Ninguém o solettra como deve ser.

Os meus olhos desviam-se para o copo prateado que tem na mão; a letra L é visível nos espaços entre os dedos.

O James e o Ryan começam a falar do cavalo em que vão apostar na corrida de hoje, mas eu estou fixada na mulher.

— És de cá? — pergunto. A minha boca ficou de repente seca. Dou um gole rápido na bebida, mas custa-me a engolir.

— Não. Sou de uma pequena cidade na Carolina do Norte, mesmo acima de Greensboro. É minúscula, aposto que nunca ouviste falar dela.

— Eden — deixo escapar antes que o consiga evitar.

Ela retrai-se ligeiramente.

— Hum... sim... Eden. Como é que...

— Mero palpite. Tive uma colega na faculdade que era de lá.

Tenho de me acalmar. Inspiro fundo e sustenho a respiração antes de soltar o ar num fio suave. Repito duas vezes até sentir que a frequência cardíaca começa a abrandar.

— Ainda lá tens família? — pergunto, quando consigo concentrar-me novamente.

— Não — diz ela, de semblante carregado. — Vivia só com a minha mãe, mas ela morreu quando eu andava na escola secundária. Cancro da mama.

Já tinha reparado nas nossas semelhanças físicas, mas agora devoro-a com os olhos. Examino-a ao detalhe, comparando-me com ela milímetro a milímetro. Ambas temos o cabelo ligeiramente ondulado, a ambas nos dá pelo meio das costas, mas o dela é mais claro do que o meu. Da cor que o meu teria, caso não o tivesse pintado antes de ter vindo para esta cidade. Cor dos olhos: igual. Tom de pele: igual.

Apercebendo-se da inspeção que lhe faço, ela imita-me. Sinto-lhe o olhar, começando nos pés e acabando neste chapéu enorme e ridículo. Será que está surpreendida por sermos tão parecidas?

— Já foste a Eden? — pergunta.

— Fui. A tal amiga levou-nos a um festival qualquer. Acho que se chamava... Seria Springfest? É assim que se chama?

Um teste. Um teste que preciso que falhe.

O rosto dela abre-se num sorriso, as sobrancelhas erguem-se.

— Vocês foram ao Fall Riverfest. Calha sempre em setembro, por volta do meu aniversário. Adoro esse festival!

Não. Não, não, não.

Aceno com a cabeça e depois volto-me para o Ryan. Está embrenhadíssimo numa conversa com o James, o que não me impede de os interromper.

— Vou à casa de banho, já volto.

Piro-me antes que ele tenha oportunidade de dizer o que quer que seja ou de se oferecer para me acompanhar. Caminho depressa no meu vestido preto justo e nos meus saltos agulha, e quase deixo cair o copo metalizado com a letra E que ficou escorregadio da condensação. Por pouco não tropeço numa mulher ao acercar-me da área das casas de banho portáteis ridiculamente distintas que mandaram instalar para o evento.

— A menina está bem? — pergunta, segurando-me no braço para me equilibrar.

Assinto, incapaz de falar. Ela troca olhares apreensivos com o marido, depois de eu, gentilmente, me desembaraçar dela, e ficam a observar-me enquanto me afasto.

Preciso de todas as forças para me controlar até me refugiar num cubículo, porque estou literalmente a passar-me.

Assim que me vejo lá dentro e tranco a porta, deixo-me escorregar contra ela.

Solto um grito mudo e fecho os olhos com força.

Isto não é bom. Isto não é bom. Isto não é nada bom.

Ela não é de Eden, na Carolina do Norte — *eu é que sou.*

A mãe dela não morreu de cancro da mama — *a minha é que morreu.*

Ela não se chama Lucca Marino — *eu é que me chamo Lucca Marino.*

Abro a janela lentamente. Quando ensaiei abri-la esta tarde, rangeu ao chegar mais ou menos a meio, pelo que tento travá-la antes que atinja esse ponto. Quando a folga é suficiente para me esgueirar lá para dentro, avanço.

A descarga de adrenalina nunca desilude.

Deixando cair a mochila no chão do quarto de hóspedes, desenvencilho-me das *leggings* pretas e dispo com cuidado a camisola com capuz, certificando-me de que a rede para a peruca não sai do sítio e que não esborrato a maquilhagem. Abrindo a mochila, tiro o vestido de gala preto com lentejoulas e visto-o. Assenta como uma luva e é suficientemente curto para granjear uns quantos olhares masculinos caso me dobre para a frente, tornando-o perfeito para o que vai acontecer aqui hoje.

Segue-se a longa peruca acobreada. Enfio-a, demorando alguns minutos a ajustá-la. Ensaiei isto tantas vezes no escuro que sei quando está bem posta. Sapatos de saltos altíssimos com plataforma e uma pequena pochete preta complementam o visual.

Escondo as minhas coisas debaixo da cama e saio do quarto sem fazer barulho.

A festa está no auge, e percorro a curta distância que separa o quarto de hóspedes do centro da casa. Há uma banda a tocar na rua e, além dos tabuleiros de ostras Rockefeller e minirrolos de lagosta que os empregados carregam de um lado para o outro e que vi serem preparados na cozinha, quando aqui estive anteriormente, a maior parte da comida está disposta em estilo bufete na sala de jantar. Tenho o estômago a dar horas, mas abstenho-me de me servir quando o tabuleiro passa por mim. Posso comer depois.

Uma mulher tropeça em mim e tenho de segurar nela antes que nos faça cair às duas.

— Oh, minha querida, desculpe! — diz ela, com a voz entaramelada, apoiando-se no meu braço.

É a senhora Whittington. A segunda senhora Whittington e atual mulher do senhor Whittington, a não confundir com a primeira senhora Whittington, que adora dizer mal da segunda sempre que pode.

— Não faz mal — respondo.

Ela olha-me de alto a baixo.

— Adoro o seu vestido! Onde o comprou?

— Oh, foi numa pequena *boutique* que descobri enquanto estava de férias em Virginia Beach — respondo, sem resquícios alguns do meu sotaque. Livrar-me do sotaque requereu mais prática do que pôr a peruca no escuro.

Espero vislumbrar-lhe uma centelha de reconhecimento no rosto, mas, nestas roupas, com este cabelo, a maquilhagem que me delinea os contornos do rosto e os olhos esfumados, estou irreconhecível. É bastante conveniente que ninguém espere que a pobre rapariguinha que trabalha na florista local frequente as festas de arromba que a alta sociedade organiza para celebrar o noivado de um casal, cujo casamento nem dois anos durará. Com franqueza, será uma sorte se aqueles dois chegarem ao altar.

Assim que a senhora Whittington se consegue equilibrar em pé — ou tanto quanto lhe é possível no estado em que se encontra —, deixo-a. Ter-me-ia sido difícil entrar pela porta da frente, uma vez que os pais dos noivos se postaram na entrada a cumprimentar quem chega; contudo, uma vez cá dentro, ninguém questionará a minha presença.

Abro caminho pela sala ampla rumo a um corredor do outro lado desta divisão gigantesca. Normalmente, não costumo ter de aparecer em público, mas a disposição desta casa não me deixou alternativa. A banda está literalmente instalada à frente das janelas do quarto dos anfitriões, do lado de fora, o que me obriga a entrar pela porta interior.

Detenho-me perto da entrada do *ball* que me conduzirá à *suite* principal dos Albrittons. Com o telemóvel na mão, passo a imagem de alguém que anda à procura de um canto sossegado para fazer um telefonema. Mas o telemóvel, claro, é o que menos me interessa; estou mais concentrada em avaliar o nível de interesse que os outros convidados possam ter por mim. Tenho a outra mão dentro da pochete, os dedos rodeando o dispositivo que lá escondi. Inspiro fundo e depois pressiono o pequeno botão.

Um grande estardalhaço proveniente da cozinha faz com que toda a gente se vire nessa direção, pelo que me esgueiro para o *ball* sem que ninguém dê conta e entro no quarto. Mesmo que alguém vá averiguar a origem do som, não encontrará nada fora do sítio.

O quarto está às escuras, mas ponho-me na casa de banho num ápice. Calço as luvas pretas que tiro da pochete e abro a gaveta do toucador embutido, à procura da caixa em forma de coração. Cá está ela. Em seguida, vasculho o conteúdo da caixa e tiro um anel de safira, um par de brincos de esmeralda e um colar com uma ametista de tamanho razoável com diamantes incrustados a toda a volta. Gostava de encontrar os brincos de diamante e o berloque que a senhora Albritton estava a usar quando foi à loja na semana passada, mas tenho a certeza de que está a usá-los

neste preciso instante.

Transfiro as preciosidades para a minha bolsa, seguidas das luvas, e depois repito os mesmos passos de volta. Este é o momento em que o medo de ser apanhada ameaça sufocar-me, mas controlo-me e dobro a esquina que me põe na sala principal, que é exatamente onde devo estar.

Felizmente, ninguém me presta atenção. Regresso ao quarto de hóspedes nas calmas, até me permito parar para pegar num daqueles rolinhos de lagosta. É uma delícia, tal como esperava.

Tiro o vestido enquanto alcanço a mochila que está debaixo da cama e depois livro-me dos saltos. No espaço de segundos, estou de volta às *leggings* e à camisola com capuz e estou a escapulir-me pela janela.



— Mãe, estou de volta! — grito, ao entrar na nossa caravana. O meu sotaque sulista reaparece mal transponho a soleira da porta.

— Olá, querida! Quem ganhou o jogo? — pergunta a minha mãe do quarto.

Já não tenho a peruca a tapar-me o cabelo castanho-claro e já me desmaquillei. A camisola preta foi substituída por outra com o nome e a mascote da minha escola secundária.

Transportando um saco de papel pardo, percorro a pequena distância entre a zona de estar principal e o quarto da minha mãe. Deposito o saco na mesinha que está ao lado da cama, antes de me aninhar ao seu lado.

— Perdemos. Mas foi renhido — digo.

A minha mãe inspeciona o conteúdo do saco e o seu rosto abre-se num sorriso.

— Oh, fofinha, não era preciso.

O aroma a canela flutua pelo quarto e o meu coração quase rebenta perante este pequeno momento de felicidade por uma coisa tão simples como um docinho para a ceia.

— Precisas de comer mais, mãe. Estás a ficar muito magrinha.

Ela desembrolha o papel da padaria, e o grande e gorduroso rolo de canela parece tão decadente como cheira.

— O meu preferido — murmura.

— Eu sei — murmuro em resposta.

Enquanto ela mordisca o bolo, eu vou buscar um papel quadrado à pilha na mesa de cabeceira e começo a dobrá-lo, tal como me ensinou. Fica a ver-me enquanto come, abstendo-se de me corrigir quando faço uma dobra errada, deixando-me, em vez disso, dar com o erro sozinha.

Ao fim de vários minutos, o pequeno cisne branco de *origami* toma forma na minha mão.

— Oh, olha que bonito ficou — diz, tirando-mo da palma da mão e juntando-o à coleção na prateleira embutida na cabeceira da cama. Há muitos animais de papel diferentes, de todas as cores e tamanhos, que a vigiam, quais sentinelas. A minha mãe foi sempre habilidosa com as mãos; mas, por mais que me ensine como se faz, o cisne é o único que consigo fazer na perfeição.

Quando já comeu cerca de metade do rolo de canela, volta a embrulhá-lo e põe-no ao lado da cama.

— O resto fica para amanhã — diz, embora ambas saibamos que não o vai comer. Já é incrível ter conseguido comer tanto. — Que planos tens para o resto do fim de semana? — pergunta, ajeitando-se de novo na cama.

— Vou trabalhar na florista. Temos um grande casamento amanhã à noite.

Ela vira a cabeça para mim e toca-me na cara com a mão delicada.

— Trabalhas demasiado. Estás no último ano da escola, devias estar com os teus amigos a divertir-te.

Abano a cabeça e engulo o enorme nó que tenho na garganta.

— Posso fazer as duas coisas — minto. Nenhuma de nós insiste no assunto.

— Já tiveste resposta das universidades a que te candidataste? — pergunta ela.

Abano a cabeça.

— Ainda não, mas já não deve tardar muito. — Não lhe posso dizer que nunca me cheguei a candidatar, porque não temos dinheiro para pagar a taxa de candidatura e, por mais que me custe admitir, ela não deve continuar por cá para chegar a perceber que, no outono que vem, não vou para universidade nenhuma.

— Eu sei que todas te vão aceitar. Vais poder escolher.

Assinto, mas não digo nada. Mas então ela aproxima-se mais e agarra-me na mão.

— Um dia, vais ser uma mulherzinha. — Solta uma gargalhada e acrescenta: — Que digo eu! Já és uma mulherzinha, a tomar conta de mim e tudo. Quero o melhor para ti, Lucca. Que um dia venhas a ter a tua casa e a tua família. Quero que tenhas a casa dos nossos sonhos. Talvez a possas mandar construir naquele bairro novo, chique, ao pé do lago.

— E hei de ter um quarto só para ti — acrescento, alinhando na fantasia. — Pintá-lo-emos de verde, a tua cor preferida, e poderás ter uma daquelas camas com dossel. Poderemos plantar um jardim nas traseiras.

Ela levanta a mão e afasta-me do rosto uma mecha de cabelo solto, enfiando-a atrás da orelha.

— Plantaremos tomate e pepinos.

— E cenouras.

As pestanas começam a pesar-lhe. Sei que está prestes a voltar a adormecer, embora calcule que tenha passado o dia a dormir.

— Claro que sim, cenouras. São as tuas preferidas. E far-te-ei um bolo de

cenoura.

Ela adormece e eu debruço-me para a beijar na bochecha, esforçando-me para não entrar em pânico com o toque frio da sua pele. Antes de me levantar da cama, ainda junto mais um cobertor à montanha debaixo da qual ela desaparece.

Vou direito ao quarto exíguo na parte da frente da caravana, que nada mais é do que um grande armário, mas, assim que transponho a porta, é como se entrasse noutro mundo. Antes de o cancro lhe devastar o corpo, a minha mãe passava o dia neste quartinho à máquina de costura e à mesa de trabalhos manuais. Vinham clientes de toda a Carolina do Norte encomendar-lhe vestidos de cerimónia, vestidos para o baile de finalistas e, ocasionalmente, até vestidos de noiva para as filhas.

Quando era pequena, costumava sentar-me aos pés da minha mãe e ficava a ver como raparigas banais entravam aqui e se transformavam nas suas mãos. Foi nessa altura que aprendi que, com o penteado certo, o vestido certo e os acessórios certos, podemos transformar-nos noutra pessoa.

Há uma pilha de rolos de tecido e fita encostada à parede, ao passo que a prateleira de aglomerado atrás da máquina de costura contém frascos cheios de penas e pedras brilhantes e todo o tipo de enfeites que se possa imaginar.

Quando a minha mãe adoeceu, passei eu a tratar das encomendas. Ajudo-a neste quarto desde que me conheço, pelo que não foi muito difícil. No entanto, a confecção de vestidos de gala e bijuteria artesanal não rendia dinheiro suficiente para lhe proporcionar os tratamentos de que necessitava ou para pagar os medicamentos que lhe prescreviam. Portanto, tive de ser criativa.

A vaga na florista na cidade vizinha de Greensboro veio mesmo a calhar. As mulheres adoram vir à loja adornadas com as suas melhores joias. Adoram gabar-se das festas que dão e da lista impressionante de convidados. E, naturalmente, precisam que façamos a entrega dos arranjos e que nos certifiquemos de que está tudo como deve ser.

Com o alvoroço dos preparativos para a festa, é fácil esgueirar-me para uma sala vazia e destrancar uma janela. O segredo é não roubar nada quando vou fazer a entrega das flores. Isso faria recair as suspeitas sobre o pequeno grupo de pessoas que estiveram na casa nas horas que antecedem a festa. É melhor deixar a *madame* vestir-se para a ocasião. Deixá-la escolher que joias vai usar e decidir quais lhe ficam melhor. Garantir que ela se lembra do que deixou na caixinha de joias antes de a festa começar.

E então, quando a casa estiver a rebentar pelas costuras com convidados, motoristas, empregados de mesa e de bar, a rapariga da florista em quem ninguém repara tem a oportunidade de voltar a enfiar-se dentro de casa e pegar nas peças que não foram escolhidas para a noite. Inevitavelmente, a Polícia perguntará à senhora Albritton quando foi a última vez que viu aquelas três peças e ela dirá que

foi mesmo antes de a festa começar, eliminando os responsáveis pela entrega das flores da lista de possíveis suspeitos.

Aprendi também que seria inteligente manter essa versão de mim separada da minha versão real. A Lucca Marino é uma finalista da escola secundária de dezassete anos, que costura vestidos e faz bijuteria para ajudar a mãe a pagar as contas. A rapariga que trabalha na florista tem um cabelo diferente, usa maquilhagem diferente e responde por um nome diferente.

Demoro algum tempo a tirar as pedras dos respetivos engastes antes de poder pôr o ouro numa pequena caçarola. Na semana que vem, irei de carro na direção oposta, para lá da fronteira com a Virgínia, para me livrar das pedras e do ouro. Nunca ninguém reconhece as suas pedras preciosas depois de desengastadas.

É um risco elevado por umas centenas de dólares, mas para nós cada tostão conta. Aprendi que é importante escolher a mulher certa. Alguém que esteja suficientemente bem na vida para contratar uma florista profissional para lhe decorar a festa, e que possua algumas boas peças de joalharia, que guarda despreocupadamente numa gaveta da casa de banho, mas não tão bem na vida a ponto de ter um cofre com código ou um sistema de segurança que precise de ser desarmado.

Sou metódica. Analiso cada peça sob a lupa com luz LED antes de proceder à tarefa morosa de tirar as pedras, engaste por engaste, sem as danificar.

A minha mãe teria despachado isto no espaço de minutos. Bem, na verdade, não. Dar-me-ia cabo do canastro se soubesse com que finalidade estou a usar as suas ferramentas. Em tempos decidi que aquilo que ela não sabe não lhe pode fazer mal.

Termino pouco antes da meia-noite. Antes de me poder deitar, ainda tenho de fazer um trabalho para a escola e de administrar outra dose de medicamentos à minha mãe. Enquanto guardo as ferramentas e desligo as luzes, já estou a pensar no casamento de amanhã à noite.

CAPÍTULO 8

Hoje

Preciso de dez minutos para recuperar do choque. Entrar em pânico foi uma reação infeliz e espero não me vir a arrepender.

Não devia ter saído de perto dela.

Devia ter investigado para descobrir se as informações de que dispõe se limitam a Eden e a acontecimentos gerais da minha vida ou se sabe coisas mais íntimas, o tipo de coisas que só meia dúzia de pessoas lhe poderia ter dito.

Devia ter insistido até ter encontrado a lacuna na história dela e ter desfeito a mentira.

Devia ter previsto que isto ia acontecer.

Há muito tempo que não me apanhavam desprevenida.

Quando saio da casa de banho, vejo o Ryan a perscrutar a multidão, à minha procura. Continua no sítio onde o deixei, provavelmente pensando que assim o encontro mais depressa.

Mas do James e da mulher, nem sinal.

O Ryan puxa-me para ele assim que o alcanço, enrolando-me a cintura com o braço.

— Estás bem? — pergunta. — Estás pálida.

O surgimento da mulher aqui é preocupante, mas ainda não sei exatamente em que medida. É fácil tirar conclusões precipitadas e assumir que isto pode estar relacionado com o meu último trabalho, mas será um erro não considerar também todas as outras opções. Nos últimos dez anos, fiz muitos inimigos, mas as pessoas em quem confiamos também nos podem denunciar de um momento para o outro.

De uma coisa não me posso esquecer: devo basear-me unicamente nos factos.

Acenando com a cabeça, pigarreio.

— Está tudo bem. Aquela bebida subiu-me diretamente à cabeça.

Ele parece aliviado por haver um remédio simples para o meu padecimento e arrasta-me para a mesa do bufete, onde me enche um prato com comida. O Ryan encontra dois lugares vagos a uma mesa, coberta com uma toalha branca, e põe o prato no espaço entre nós.

— Se, depois de comer, não te sentires melhor, podemos ir embora.

Mas nem pensar em ir-me embora antes de fazer uma nova investida com a mulher. Debico do sortido de iguarias que tenho no prato, trincando um canapé enquanto o Ryan pede uma garrafa de água a um empregado.

Inspirar fundo. Preciso de voltar ao jogo.

— Parece que não vias o teu amigo James há muito tempo — digo.

— Sim, meu Deus, aí há uns dois anos. Éramos muito chegados em miúdos, mas ele não voltou para cá depois da faculdade. — Franze o sobrolho. — As coisas não têm sido fáceis para ele. Disse que só veio porque o pai caiu e partiu a perna. Pelos vistos, vai ficar uma boa temporada por cá, para ajudar a mãe a tomar conta dele.

— Talvez os possamos convidar para jantar, enquanto cá estão. Para poderem pôr a conversa em dia.

Ele encolhe os ombros.

— Pois, talvez.

Quero perguntar sobre a rapariga. O que é que ele sabe sobre ela. *Se* sabe alguma coisa. Se ficou a saber alguma coisa depois de eu ter saído a correr para a casa de banho. Mas não seria uma reação típica da minha parte. Este *eu* que criei não bisbilhota a vida dos outros. Não faz perguntas desnecessárias. Não tenta sacar informações sobre os amigos ou as respetivas companheiras. Preciso que os momentos que incluem o James e a namorada se percam nas memórias do dia, em vez de se tornarem naquela fresta temporal que se separa do resto e que se torna na memória de si mesma.

Porque, para que tal aconteça, não é preciso muito. Diz-se que, se quisermos que um determinado momento se grave na nossa memória, se quisermos recordá-lo de forma cristalina, basta-nos inserir uma diferença mínima na rotina normal. Por exemplo, se tivermos dificuldade em lembrar-nos se trancámos a porta da rua antes de sairmos de férias, devemos separar esse momento de todas as outras vezes que trancámos a porta da rua em piloto automático. Fazendo algo tão simples como girarmos sobre nós mesmos antes de enfiarmos a chave no trinco, por exemplo. Um simples movimento basta para que a memória seja gravada a ferros na nossa mente. Torna-se uma memória vívida que é repisada vezes sem conta. Vemos a porta, a chave a rodar, a maçaneta a abanar quando testamos o trinco, e assim se dissipam as dúvidas sobre se a trancámos ou não, porque agora temos a certeza que sim.

Não quero que, um dia, o Ryan se ponha a analisar este momento, curioso quanto ao meu interesse súbito no seu amigo de infância e na namorada da Carolina do Norte. Quanto à razão pela qual fiz tanta questão de os reencontrar na festa, para podermos passar mais tempo com eles. Não quero que as minhas perguntas se transformem naquela voltinha sobre si mesmo antes de fechar a

porta.

Há muita gente aqui, mas não tanta assim que seja impossível reencontrá-los antes do fim da festa. Por enquanto, vou ficar à espera do momento certo e analisar todos os cenários que possam dar algum sentido a isto.

— Ficas o máximo com esse chapéu! — guincha a Sara ao aproximar-se da nossa mesa.

Meneio a cabeça de um lado para o outro e o chapéu balança ao meu ritmo.

— Tu também! — respondo com entusiasmo.

O resto do grupo de amigos do Ryan chega pouco depois e, a julgar pelos olhares vítreos e pelas faces rosadas, diria que o beberete foi um sucesso.

O Ryan levanta-se da mesa para cumprimentar os amigos mais chegados com um passou-bem e um aperto firme no ombro. Ninguém mostra qualquer tipo de ressentimento por nos termos cortado ao beberete. Os rapazes juntam-se num círculo coeso a uns metros de nós, enquanto a Sara se deixa cair na cadeira anteriormente ocupada pelo Ryan. A Beth e a Allison vão buscar mais cadeiras a uma mesa contígua, mas a Rachel permanece de pé ligeiramente afastada.

A Allison ajeita-se na borda da cadeira e chama-a.

— Senta-te aqui, partilhamos esta.

Talvez a hesitação da Rachel se deva à falta de cadeiras livres, mas julgo que está num dilema porque prefere a companhia dos rapazes.

Depois de todas se sentarem, a Beth debruça-se para a frente e diz:

— Eu cá ficava pior que estragada se aparecesse com o mesmo chapéu de mais três mulheres. — Deve referir-se àquele com penas de pavão espetadas na copa que caem em cascata quase até ao chão. Já vi três iguais.

A Sara bebe um gole do seu copo prateado.

— Por isso é que o melhor é comprar na loja da Martha. Ela regista cada chapéu que vende e não faz dois iguais. E nunca oferece os mesmos chapéus no ano seguinte, para o caso de alguém optar pelas coleções antigas. — Depois, acena com a cabeça na direção da Allison. — Outra alternativa é mandar fazer um na florista.

O chapéu da Allison parece-se antes com um manto de rosas vermelhas, aparentemente frescas, tal como o manto de rosas que vai cobrir o cavalo vencedor.

Não consigo evitar o resfôlego de riso que deixo escapar. Esta gente leva os chapéus muito a sério. Pelo revirar de olhos e a cabeça a abanar, a Rachel deve ser a única do grupo que também acha esta festa ridícula.

Enquanto continuam a cortar na casaca de todos os presentes, dou-me conta de que posso tirar partido da situação. Se o James Bernard era um velho amigo do Ryan, então era também um velho amigo delas.

Só preciso de uma deixa.

— Oh! — exclama a Allison com voz estridente. — Dá para acreditar que a

Jeana Kilburn teve a lata de vir?

— Onde é que ela está? — pergunta a Beth.

A Allison aponta para uma mulher loira, pequena e rotunda, com um número excessivo de joias. Está completamente embriagada. Já tinha reparado nela, quando a vi regressar do bufete a cambalear, empinada naqueles tacões altos.

— Juro que nunca vou perceber os homens — diz a Sara. — Se é para trair, porque é que o fazem com uma figura tão decadente como a Jeana?

Quando acabaram de especular sobre quem seria a próxima vítima da Jeana, eu avanço:

— O Ryan encontrou um velho amigo que já não via há anos... o James Bernard. Pareceu empolgado com o encontro.

As quatro mulheres viram subitamente as cabeças na minha direção.

— Ele está cá? — pergunta a Beth, abrindo ligeiramente a boca, como que deslumbrada com a notícia.

Digo que sim com a cabeça e estudo as restantes, constatando que todas exibem diferentes graus de choque e estranheza. À exceção da Rachel. Isto não é novidade para a Rachel.

— Veio com uma mulher. — Não digo o nome dela. Não consigo dizer o nome dela. O meu nome.

A Allison, a Beth e a Sara viram-se para esquadrinhar a multidão, na expectativa de terem um vislumbre de ambos, mas a Rachel olha para mim.

A Beth vira-se novamente para o grupo e diz:

— Não posso crer que ele esteja cá. Deve precisar de dinheiro.

Dou um gole lento do meu copo, como se tivesse todo o tempo do mundo antes de o baixar e perguntar:

— Porque dizes isso? — A carapaça calma e controlada que costumo fechar a sete chaves estremece e ameaça esboroar-se em mil bocados.

— Ele só traz sarilhos — acrescenta a Allison. — Quase levou os pais à falência por causa do jogo. Safaram-no mais vezes do que deviam. Ninguém sabe onde esteve nos últimos anos.

— Estava com mau aspeto? — pergunta a Beth. — Aposto que sim. E, com franqueza, choca-me que tenha arranjado namorada. Deve ser outro desastre igual a ele.

Omito o facto de a namorada estar longe de ser um desastre.

— Admira-me que tenha tido coragem de falar ao Ryan — diz a Sara.

Com a maior descontração que me é possível simular, pergunto:

— Porquê?

É a Allison quem responde.

— O Ryan tentou ajudá-lo no ano passado. Deu-lhe emprego, arranjou-lhe um sítio para viver, tudo. Mas o James tramou-o bem, roubou-lhe dinheiro ou algo

assim. O Ryan ficou furioso.

— Sim, mas todos sabemos que o Ryan é o único capaz de o perdoar. Quem será a rapariga? — A Sara chocalha o gelo no copo vazio. Mais uns quantos daqueles e o Ray terá de a levar para casa ao colo.

Agora estou mais preocupada ainda. Se o regresso do James não é visto com bons olhos, o facto de ter decidido aparecer aqui, com ela, não me deixa descansada. Tenho de considerar a possibilidade de a mulher com o mesmo nome e a mesma história que eu estar a usar o James para se aproximar de mim.

A Rachel está calada. Tão calada que aposto que poderia responder a todas as perguntas das outras três.



One for the Honey, o cavalo que tinha menos hipóteses de vencer, ganhou a corrida há mais de uma hora, e o Ryan, que apostou nele, ficou nas nuvens com a boa maquia que ganhou.

Já demos a volta ao espaço várias vezes, mas não voltámos a encontrar o James e a mulher. Pela conversa, elas também não o viram. Tê-lo trazido à baila, a ele e ao seu par, despertou-lhes a curiosidade e agora estão ansiosas por lhes pôr a vista em cima.

O Ryan chega-se a mim e sussurra-me ao ouvido:

— Sabes qual seria a melhor forma de gastar o meu prémio? Irmos diretamente para o aeroporto e só pararmos numa praia algures no México.

Viro-me de frente para ele, enrolo a sua gravata na minha mão direita e puxo-o para mim.

— Que ideia apetitosa. — As palavras saem ronronadas à medida que me aninho nele, os nossos corpos colados de cima a baixo. A Evie Porter tem muitas coisas, mas um passaporte não é uma delas. O Ryan já foi abastecer o seu copo com monograma tantas vezes que não é grande o risco de estes planos se concretizarem. Além disso, ele nunca partiria de viagem sem primeiro tomar providências no trabalho. Ainda assim, dá-me prazer entrar no jogo. Mais importante do que isso, uma namorada como eu não hesitaria em alinhar numa escapadela rumo a um destino com praia.

— Tenho andando a sonhar contigo naquele biquíni cor-de-rosa que tiraste da mala na semana passada. — Ele inclina a cabeça até afundar os lábios no meu pescoço, de lado. Estamos quase a dar espetáculo, pois este não é o tipo de festa onde demonstrações públicas de afeto passem despercebidas.

É a primeira vez que o vejo beber assim tanto. É um bêbedo alegre. Mãos leves. O que sente por mim está estampado na sua carinha laroca como um livro aberto, à vista de todos os presentes.

— Não precisamos de ir à praia para que te mostre o biquíni cor-de-rosa.

Um olhar de relance para as pessoas à nossa volta diz-me que já somos tema de vários cochichos. Deixamo-nos ficar assim mais uns minutos, porque o meu objetivo para hoje era afirmar-me como namorada do Ryan. Toda a gente se vai lembrar de que ele não conseguia tirar as mãos de cima de mim.

Mas agora que, pelos vistos, o James e a mulher já se foram embora, também eu estou pronta para ir. Quanto mais depressa me pirar daqui, mais depressa posso perceber o que se passa.

— Pede ao motorista que nos traga o carro, eu conduzo — digo, soltando-lhe a gravata e afastando-me.

O Ryan ainda se debruça para me beijar e eu não ofereço resistência. É um beijo doce e vagaroso, o tipo de beijo que nos deixa a desejar mais.

E desejar mais é perigoso.

Concedo-me trinta segundos para viver no mundo em que isto é uma realidade. Em que o meu namorado declara o seu amor por mim à frente de todas estas pessoas e em que nada pode impedir esta relação de seguir o seu curso indefinidamente. Em que ninguém questiona quem é que eu realmente sou ou quais são os meus motivos.

Mas o tempo acaba cedo de mais.

— Está toda a gente a olhar para nós — murmuro, colada aos lábios dele.

O Ryan não desvia os olhos de mim.

— Deixa-os olhar.

Nisto, puxa-me em direção ao serviço de estacionamento, enquanto vasculha no bolso, com a mão livre, à procura de trocado para dar de gorjeta e do bilhete para levantar o carro. Os amigos dele estão dispersos pela festa e nenhum de nós se preocupa com despedidas.

Assim que me vejo ao volante, atiro os sapatos de salto alto e o chapéu para o banco de trás e depois puxo o banco para a frente. O Ryan reclina tanto o banco que fica quase deitado. De olhos fechados, trauteia a música que passa na rádio.

Gosto de o ver assim. Num dia normal, pode andar bastante tenso e um pouco resmungão se tiver tido problemas no trabalho, mas agora está relaxado. Solto. Lá está aquela parte de mim que detesto, quando a minha mente vagueia e se detém nas informações que lhe poderia sacar, agora que baixou a guarda. Quantos segredos conseguiria arrancar-lhe dos lábios soltos?

Ele leva a mão para o espaço entre nós, entrelaçando os seus dedos nos meus.

— Lucca — diz, e aquela simples palavra perfura-me os pulmões, asfixiando-me. A minha mão agarra no volante com força e isso é a única coisa que impede que o carro saia da estrada disparado e aterre na valeta.

Antes de conseguir pensar no que dizer, ele explica:

— A rapariga que estava com o James. — Como continua de olhos fechados,

não presencia a minha histeria silenciosa. — Ela disse uma coisa estranha quando foste à casa de banho.

Merda.

Merda, merda, merda.

Inspirar fundo pelo nariz. Expirar lenta e continuamente pela boca. Repetir duas vezes.

— O que é que ela disse? — pergunto, simulando uma voz entediada, ou assim espero.

— Mesmo antes de se irem embora, ela disse que o James gostaria de reatar a amizade, mas disse-mo de forma que ele não a ouvisse. Também disse que adoraria conhecer-te melhor.

A cabra.

— Hum — respondo. — E porque é que isso é estranho?

— A última vez que o vi, as coisas ficaram... tensas entre nós. Aprendi a ser cauteloso em relação ao James — explica com um resmungo. — Mas ela parece boa pessoa. Demasiado boa para ele.

Estou a deitar fumo. Apesar de ainda estar recetiva a todas as possibilidades que expliquem a sua presença aqui, é impossível que se trate de algum tipo de estranha coincidência.

O Ryan deita-se de lado no banco, com a bochecha encostada ao assento, a olhar para mim.

— Não o vou safar de mais nenhuma. Ná. Já dei para esse peditório. Ele agora é problema dela.

Puxo as nossas mãos entrelaçadas para o meu colo, apertando suavemente. Ele faz um sorriso palerma e eu estou a torcer para que, amanhã, esta conversa não passe de uma recordação indistinta.

— Hum... Com que então gostas do meu biquíni? — Desprendo os meus dedos dos dele, mas mantenho-lhe a mão na minha coxa.

Ele arrebita, varrendo-me o corpo com o olhar. Deslizo-lhe a mão para debaixo do meu vestido e ajudo-o a encontrar o rebordo rendado das minhas meias de liga. Arregala os olhos, surpreendido com o achado, mas não perde tempo com as presilhas, limitando-se a levantá-las.

Hoje em dia, já não há muitas mulheres que usem *collants* — obra do demónio, na minha opinião —, mas ainda estou para conhecer o homem que consiga resistir às meias de liga. Além disso, nunca se sabe quando podemos precisar de uma distração garantida.

E, agora, aquilo de que preciso, mais do que qualquer outra coisa, é de garantir que, quando o Ryan se lembrar desta viagem de carro para casa, a memória que se cristaliza mais do que as outras inclua tudo menos a Lucca Marino.

CAPÍTULO 9

Hoje

Odeio vir até aqui fora do horário de atendimento, mas depois do dia de ontem esta visita não podia ser adiada. Como a loja da UPS está fechada ao público aos domingos de manhã, introduzo o meu código no teclado numérico para poder entrar e dirijo-me até ao fundo da loja o mais depressa que consigo.

Por mais que tente prever o que é que toda a gente vai fazer, a única coisa que é completamente imprevisível é o que vou encontrar na caixa de correio.

Cada trabalho é diferente, e a única forma que o meu chefe tem de controlar o trabalho — e de me controlar a mim — é manter-me na ignorância tanto tempo quanto possível. Dá-me as informações indispensáveis para poder avançar, mas não tantas que me permitam saltar passos ou mudar o sentido do jogo.

E, obviamente, nunca me diz quem é o cliente, porque, já se sabe... é uma questão de controlo.

A primeira informação que recebo é a localização. Aprendo tudo o que há a saber sobre a cidade para onde sou enviada.

Segue-se o nome do alvo.

Sou uma dessas pessoas que têm a sorte de ler uma coisa uma vez e armazená-la para sempre num canto qualquer nas profundezas do cérebro. Graças a esta característica, é-me fácil recordar o pedaço de papel datilografado que me apresentou ao Ryan.

Indivíduo: Ryan Sumner

O Ryan é um homem branco, solteiro, de trinta anos, que mora em 378 Birch Dr., Lake Forbing, no Luisiana. Licenciou-se com vinte e dois anos em Gestão e Finanças na Universidade do Luisiana, tendo sido aprovado no exame da Série 7 seis meses depois de se licenciar. Atualmente, trabalha como gestor financeiro.

Infância: o Ryan tem uma irmã, Natalie, três anos mais velha. O pai, Scott Sumner, sofreu um acidente de viação e morreu na sequência dos ferimentos quando o Ryan tinha dez anos. A mãe do Ryan, Meredith Sumner (agora Meredith Donaldson), voltou a casar nesse mesmo ano. O Ryan foi viver com os avós

paternos, Ingrid e William Sumner, aos doze anos devido a incompatibilidades com o padrasto. A Ingrid morreu há seis anos após uma breve batalha contra o cancro. O William faleceu um ano depois com um aneurisma cerebral que rebentou enquanto dormia. Foi o Ryan que o encontrou em casa. Os avós deixaram-lhe a casa e o recheio. Os ativos financeiros foram divididos entre o Ryan e a Natalie.

Atualmente, o Ryan vive na casa dos avós. A casa era um santuário para ele, por isso sê cautelosa. O teu objetivo é garantir que o Ryan se sente seguro ao levar-te para a casa dele.

○ histórico da vida amorosa do Ryan sugere que é heterossexual. A relação mais longa que teve foi com uma mulher chamada Courtney Banning durante o segundo e o terceiro anos da universidade. A relação terminou no quarto ano, quando a Courtney foi estudar para Itália. Quando o Ryan se mudou para Lake Forbing, reacendeu a relação com a ex-namorada da escola secundária, Amelia Rodriguez, mas esta durou apenas cinco meses. Desde então, o Ryan tem tido encontros fortuitos, sobretudo quando precisa de par para eventos sociais ou de trabalho. Arranja a ocasional companhia feminina em encontros de uma noite num bar ou discoteca, mas são situações pontuais que não se repetem.

NÃO RECOMENDO QUE INICIES CONTACTO NESSE TIPO DE AMBIENTE.

○ Ryan faz parte de um grupo de amigos extremamente unido e fará das tripas coração para os ajudar. Os amigos consideram-no uma pessoa altamente leal e fiável. A melhor abordagem parece ser a da «donzela em apuros».

Nas semanas antes de nos conhecermos, comi, dormi e respirei Ryan e tudo o que lhe dizia respeito. Vi o resumo dos seus jogos de futebol americano na escola secundária, espiolhei as redes sociais dos seus familiares e assisti durante horas a fio às suas idas e vindas, tanto em pessoa como nas câmaras de videovigilância. E a «donzela em apuros» era, sem sombra de dúvida, a abordagem certa.

A seguir à localização, recebo a identidade que vou usar para o trabalho. Um nome. Uma história. Tudo cuidadosamente arquitetado, juntamente com a documentação de apoio de que vou precisar para me dar credibilidade. Estudei as fotografias da Courtney e da Amelia incluídas no relatório. Ambas têm cabelo comprido escuro, portanto, para este trabalho, a Evie teria de usar o mesmo penteado e a mesma tonalidade — mas as semelhanças acabam aqui. Porque, apesar de o Ryan se poder sentir atraído por um determinado tipo de mulher, nenhuma dessas relações singrou. A Evie teria de se vestir para sobressair, para ser lembrada. O seu estilo seria meio boémio, meio *hippie*. Maquilhagem mínima, mas muitos colares e pulseiras. Aquilo de que um betinho bonito precisa para apimentar a vida.

A última informação do *puzzle* é o trabalho propriamente dito.

Às vezes, os trabalhos são de curta duração, de uns dias a uma semana. Uma visita de médico. Outras vezes, duram muito mais tempo. Dois ou três meses, ou

mais.

Disseram-me que poderia ter de ficar com esta identidade um bom bocado. O trabalho do Ryan no Texas Oriental desempenha aqui um papel fundamental, e obter a informação de que preciso não será pera doce.

Como o meu chefe não ficou contente com a forma como o meu último trabalho terminou, estou em terreno escorregadio. Há seis meses, fui enviada para obter informação ultrassecreta que estava a ser usada para chantagear um dos clientes mais antigos do meu chefe. E quando esse cliente é o Victor Connolly, o cabecilha de uma das maiores famílias do mundo do crime do Nordeste, falhar não é uma opção. Mas eu falhei.

Desta feita, é essencial que faça tudo na perfeição. Neste ramo de atividade, as segundas oportunidades são extremamente raras. Eu sabia que o meu chefe iria testar-me neste trabalho. Tinha de determinar se eu continuava a ser um dos seus melhores ativos ou se, ao invés, me teria tornado no seu maior risco. Já contava que este trabalho tivesse os seus desafios, agora por *ela* é que eu não esperava.

Lucca.

A sua chegada muda tudo, o que me obriga a vir ver o correio a um domingo.

Por sorte, está a chover, por isso mantenho o impermeável preto fechado até acima e o capuz na cabeça. Vou pingando o chão a cada passo, até chegar à caixa 1428.

Inspiro fundo e digito o número. Abro a porta.

Fico a olhar para o espaço vazio enquanto a água ensopa a alcatifa.

Fecho a porta e reintroduzo o código para fechar. De volta ao carro, penso em como devo proceder.

Ensinaaram-me que é imprudente não considerar cada possibilidade quando se está num trabalho, mas o meu instinto diz-me que aquela mulher foi enviada pelas mesmas pessoas que me enviaram a mim. E como a minha mãe costumava dizer: «Antes o mal conhecido que o bem por conhecer.»

Há um número para o qual posso ligar e reportar este último desenvolvimento, embora me tenham dito e repetido vezes sem conta que o usasse apenas em último recurso. Ou seja, imediatamente antes de precisar que nos extraíam de um trabalho ou se formos desmascarados. É admitir a derrota ou, pior ainda, admitir que fomos apanhados.

No entanto, o meu chefe esqueceu-se de mencionar o protocolo caso nos deparemos com um impostor que usa a nossa identidade verdadeira.

Estou, portanto, em território virgem.

Lucca Marino — Oito anos antes

A licitação para a viagem ao México já vai nos doze mil dólares. Bem sei que todos dizem «É por uma boa causa!», mas é preciso estar passado da cabeça para pagar mais de dez mil dólares por uma viagem que vale dois mil, quando muito.

Quanto a mim, estou simplesmente feliz por toda a gente aqui ter um limite de crédito que permita tanta generosidade.

Seguro no tabuleiro vazio acima do ombro e dou uma volta ao salão. Mais uma noite de sábado em Raleigh e outra angariação de fundos na qual são licitadas centenas de artigos. Esta noite, as pessoas de *smoking* e vestido de gala que aqui estão vieram apoiar a ópera local.

À minha frente surge um homem na casa dos cinquenta anos que se detém a olhar para o meu peito durante mais tempo do que seria necessário para ler o nome no meu crachá.

— Susan, haverá possibilidade de me trazer um *Macallan* com gelo? — pergunta.

— Com certeza, senhor Fuller. Qual é o seu número de membro?

Ele não fica surpreso por eu saber o seu nome e debita os cinco Algarismos, embora eu já os saiba de cor.

Recebo mais dois pedidos antes de voltar ao bar e depois passo os dez minutos seguintes à procura das pessoas para lhes entregar as bebidas. Reconheço alguns mecenas, são clientes regulares. Vêm cá num ou noutro evento, fim de semana sim, fim de semana não. Mas vejo algumas caras novas.

Há alguns meses que trabalho aqui e tem sido mais proveitoso a nível financeiro do que esperava. Esta tarde, depois de estar tudo a postos para o evento, inseri um *scanner* num dos terminais de pagamento com cartão de crédito. Quando os convidados pagam os artigos excessivamente caros que comprou, eu fico com uma cópia do nome, número e data de validade de cada cartão de crédito.

O *scanner* foi caro e, depois desta noite, espero ter dinheiro para comprar um segundo.

A minha estratégia é guardar os dados durante algum tempo, sem fazer nada. Não ganho nada se o clube receber queixas de uma série de membros, alegando que lhes roubaram o cartão de crédito numa determinada noite e exigindo que

verifiquem as pessoas que estiveram de serviço. Como a minha mãe costumava dizer: «Os porcos engordam, mas os leitões é que são abatidos.» Em vez disso, usarei estes cartões de crédito daqui a umas semanas, sacando pequenas quantias aqui e ali. Não o suficiente para levantar suspeitas ou fazer com que imediatamente se questione a transação. Com tantos números que tenho ao dispor, essas quantias insignificantes chegam rapidamente a uma soma generosa.

— A viagem para o Cabo em regime «tudo incluído», para quatro pessoas, foi vendida à senhora Rollins por treze mil e quinhentos dólares! — anuncia o mestre de cerimónias ao microfone, batendo de seguida com o martelo na tribuna. A audiência explode num aplauso.

Aquela é que não me vai pesar na consciência.

A banda recomeça a tocar assim que o último artigo é leiloado. As pessoas avançam para a saída, formando uma fila serpenteante ao longo da parede dos fundos, e os empregados apressam-se a prover as necessidades de quem espera. Entre elas, inclui-se guardar o lugar na fila enquanto vão à casa de banho.

Quando o movimento abranda, mantenho-me junto à mesa dos organizadores, de modo que possa retirar o *scanner*.

— Posso ajudar nalguma coisa? — pergunto à responsável, quando a equipa dela começa a arrumar a área.

— Sim! Toda a ajuda é preciosa! — diz ela, um pouco efusiva de mais. Estende a mão e aperta-me o braço, num gesto que poderia significar «Ainda bem que estás aqui», mas sinto uma pontada nas entranhas que me faz retesar a espinha e inspecionar a cena de forma escrupulosa. Alguma coisa não está bem. Começo a pôr os programas que sobraram dentro de caixas, as quais depois empilho no carrinho que usarão para transportar tudo até ao parque de estacionamento, ao mesmo tempo que mantenho toda a gente debaixo de olho. Quando concluo que a azáfama é igual a tantos outros fins de semana, refreio a apreensão. Espero por um momento de distração e depois dirijo-me ao terminal de pagamento com cartão de crédito. Sem mais delongas, pego nele e extraio o *scanner* num único gesto rápido.

— O que é isso na tua mão? — pergunta uma voz atrás de mim.

Sinto um calafrio percorrer-me. Rodando nos calcanhares, estico as duas mãos, o terminal numa e a pequena peça do *scanner* na outra.

— Lamento muito. Pode descontar do meu ordenado. Não me apercebi de como era frágil quando peguei nele.

Entrego as duas peças ao meu *manager* e olho-o nos olhos. Ele fica um pouco desorientado durante um breve instante, mas depois parece recompor-se.

— Podes tirar esse ar de santinha. Sabemos o que fizeste. Andas a roubar os nossos membros e os convidados.

O senhor Sullivan arranca-me as peças das mãos e entrega-as aos dois agentes fardados que surgem a seu lado. Porém, nenhum deles faz menção de pegar nelas.

Em vez disso, o que está mais perto estende-lhe um grande saco de plástico para que o senhor Sullivan possa pôr as provas lá dentro.

A minha testa enrugou-se, tal é a minha perplexidade. Não consigo fechar a boca.

Há ainda alguns membros na sala que, apercebendo-se da minha interação com a Polícia, se aproximam. Tenho a cabeça a mil à hora. Penso no meu portátil e no *modem* escondidos debaixo da mesa das sobremesas, a poucos metros de nós. Daqui a uns minutos, a equipa de limpeza vai tirar a toalha e deixá-los à vista.

Levanto as mãos, as palmas viradas para o senhor Sullivan.

— Espere lá. Acha que eu ando a roubar? Com aquela coisa preta de plástico? — A minha voz é suave e quebra numas quantas palavras, como se eu também estivesse demasiado engasgada para as pronunciar do princípio ao fim. Viro-me para os agentes, lendo rapidamente os nomes nos distintivos. — Agente Ford, eu só queria ajudar a arrumar! — As lágrimas acumulam-se-me nos olhos até que uma gota grande e gorda me rola pela face. Preciso apenas de um momento para ir buscar as minhas coisas e pirar-me daqui. Não posso deixar que me prendam. Contrataram-me sob um nome falso e um número de Segurança Social que será desmascarado ao mínimo escrutínio. Tenho de desaparecer.

O senhor Sullivan vira-se para o agente Williams, uma vez que o agente Ford parece tentado a acreditar em mim.

— Quero-a fora daqui. Já.

O Williams assente, mas tira um pequeno bloco de notas do bolso de trás.

— Com certeza, mas preciso de mais informação antes de irmos. — Aponta para uma cadeira ao lado da mesa e faz sinal para que me sente. Ainda pondero fugir, mas sem o portátil não irei longe.

Instalo-me e examino a sala, interiorizando cada rosto ainda presente, enquanto o Williams fala com os organizadores e o Ford não sai do meu lado.

— Pode dizer-me como determinou que havia um problema com um dos terminais? — pergunta o Williams à mulher que ainda há pouco me apertou o braço.

— Claro que sim — diz ela, radiante. — Ao passarmos um cartão no início da noite, a peça preta veio atrás quando o retirámos. Depois de verificarmos os outros terminais, descobrimos que era um acréscimo apenas deste terminal, e isso fez-nos questionar o que era. Apresentámos o problema ao senhor Sullivan e determinámos que era um desses *scanners*. Não voltámos a usar este terminal.

Ele está a anotar tudo.

— Pode dizer-me quem estava a trabalhar com o terminal em questão?

Uma mulher baixa e loira que estava ali perto levantou a mão.

— Era eu — diz ela, lançando-me um olhar como quem pede desculpa, como se se sentisse mal por contribuir para me desmascarar.

O Williams escreve o nome dela e faz-lhe uma série de perguntas.

Por fim, o senhor Sullivan interrompe o interrogatório do Williams.

— O senhor agente já deveria saber isto tudo. A Polícia mandou-o cá para que ficasse de vigia, para ver se apanhava o criminoso em flagrante, a tentar reaver o dispositivo. — Passaram-se cerca de trinta minutos desde que me apanharam e os membros que ainda não se foram embora estão a formar um círculo cada vez mais estreito à nossa volta; é óbvio que o senhor Sullivan me quer fora daqui antes que os membros metam o bedelho. — Queremos apresentar queixa e eu quero que a retirem das instalações imediatamente.

— Desculpem, alguém deixou as suas coisas debaixo da mesa. — Um dos tipos da limpeza está de pé, não muito longe de nós, com a toalha enrolada numa mão, enquanto aponta para o chão com a outra.

O meu equipamento foi descoberto. Como o portátil está protegido por palavra-passe, não conseguirão aceder-lhe, mas, se mo tirarem, perco tudo.

A mulher responsável aproxima-se para ver melhor e depois vira-se para os agentes.

— Não é nosso.

O Ford vai até à mesa e pega no computador e no *modem*, servindo-se de guardanapos para não tocar neles diretamente. Olha para mim e pergunta:

— Suponho que seja teu?

Ignoro-o. Põe as coisas numa caixa que um dos organizadores providenciou. Trazem também a minha mochila, que foram buscar à sala do pessoal.

— Levem-na daqui — ordena o senhor Sullivan, com aversão.

O Williams levanta-me da cadeira e vira-me na direção da sala.

— Dá-me as mãos.

Algebra-me enquanto me lê os meus direitos. De cabeça baixa, sou levada pelo Williams para a rua. O Ford vem atrás de nós, com o meu equipamento. Estou furiosa comigo mesma. Por ter sido apanhada. Por não prestar atenção quando o meu instinto me tentava dizer que alguma coisa não batia certo.

Estamos cá fora, no parque de estacionamento, junto à viatura da Polícia, e o Ford pousa a caixa no chão para poder procurar as chaves no bolso. Assim que o carro é destrancado, o Williams abre a porta traseira e impele-me para a frente.

— Presumo que seja obrigado a deter-me — digo, em jeito de constatação e não tanto de pergunta.

Pelo menos, ele não parece muito animado quando responde:

— Sim, sou. Mas se esta for a tua primeira ocorrência, é bem provável que sejam benevolentes contigo.

O Ford avança para a bagageira, para arrumar a caixa com as minhas coisas, quando se aproxima de nós um homem mais velho, com umas calças compridas largas e um casaco castanho barato.

— Williams — chama, e o agente vira-se na sua direção, mesmo antes de me meter no carro.

— Detetive Sanders — diz o agente Williams num tom de surpresa. — Chamaram-no por causa disto?

O detetive olha para mim e depois dirige a atenção de volta para o Williams.

— Acertaste. Um dos figurões lá dentro está preocupado com a informação do seu cartão de crédito, com isto e com aquilo, e chamou o comandante. Disse-me que tratasse disto depressa para não termos chatices.

Estica os braços, querendo obviamente que o Ford lhe passe a caixa com o meu portátil, o *modem* e a mochila, o que este faz sem resistir.

O agente Williams meneia a cabeça na minha direção.

— Devo levá-la para a esquadra ou fica consigo?

— Fica comigo — diz. — Tire-lhe as algemas. Eu prendo-a com as minhas.

Estou livre durante alguns segundos, mas não tardo a passar para novas mãos.

Ele agiganta-se sobre mim.

— Vens comigo até ao carro sem causar problemas ou tenho de te algemar já?

— Eu colaboro — digo.

Os agentes entram no carro-patrolha e afastam-se, enquanto nós nos aproximamos do seu veículo descaracterizado. Ele põe a caixa no banco de trás e depois vira-se para mim, com um telemóvel pequeno numa mão e a minha mochila na outra.

— Liga para o número que está memorizado neste telemóvel, faz tudo o que ele te disser e terás as tuas coisas de volta. — Como eu não me mexo logo, ele agita o telemóvel no ar à minha frente. — Se fosse a ti, não desperdiçaria a oportunidade. Não vais ter outra.

Agarro nas coisas e fito-o.

— Deixa-me ir?

Ele dirige-se para a porta do condutor sem dizer uma palavra. Eu fico ali, como que paralisada, até os faróis do carro desaparecerem no escuro da noite.

Ruídos vindos da porta da frente do clube incitam-me à ação; agora que o espetáculo acabou, a multidão dispersa-se. Dou uma corrida até ao meu carro e tiro as chaves da mochila. Ponho o telemóvel no banco do pendura, mas não lhe toco até entrar na garagem por baixo do anexo onde vivo.

Corro para dentro de casa, atiro a mochila para cima da pequena mesa da cozinha e depois levo o telemóvel para a cama. Na lista de contactos, encontro um único nome: *senhor Smith*.

Pressiono e faço a chamada.

— Disseram-me para ligar para este número — digo, assim que atendem.

— Temos andado a observar-te. — A voz mecânica apanha-me desprevenida e quase deixo cair o telemóvel. O homem usa um daqueles modificadores de voz. —

Primeiro em Greensboro, agora em Raleigh. Lamento pela morte da tua mãe.

Fico petrificada. É impossível, ninguém deveria ser capaz de associar a inquilina deste apartamento à rapariga que vivia no parque de caravanas em Eden. Tomei providências para que isso não pudesse acontecer.

Pensava eu.

— Porquê?

— Foste capaz de tirar uma coisa a que não devias ter acesso. Precisámos de muito tempo e recursos até chegarmos a ti. Sou uma pessoa difícil de impressionar, mas tu, de alguma forma, conseguiste.

Oh, merda.

Interiormente, estou em pânico, mas faço algumas respirações para me acalmar. Não precisei de muito tempo para evoluir de peças simples de joalheria para quadros, pratas, antiguidades... qualquer coisa a que conseguisse deitar a mão, conquanto fosse pequena o suficiente para a transportar comigo. E com uma boa pesquisa na Internet, é possível encontrar compradores para tudo e mais alguma coisa.

— Quere-o de volta? — pergunto.

— Já recuperámos o objeto.

De certo modo, isto ainda é pior.

— No entanto, meteste-te numa bela embrulhada. Foi azar o teu equipamento ter-te denunciado daquela forma. Se já te tivessem levado para a esquadra, poderia não ser capaz de te ajudar.

Deito-me na cama e olho para o teto. Isto é surreal, e nem sei como processar o que está a acontecer. Desde que a minha mãe adoeceu, nunca mais ninguém voltou a tomar conta de mim; contudo, não estava à espera de que o meu anjo da guarda soasse como um robô.

— Nesse caso, devo agradecer-lhe. Como conseguiu?

— Estavam a dever-me um favor — responde. — O teu portátil está comigo. Presumo que precisas dele com urgência. Tenho um trabalho para ti e, se ouvires o que tenho para te dizer, devolvo-te o que é teu.

— Mesmo se recusar o trabalho? — pergunto.

— Não vais recusar. Tens andado à cata de trocos no sofá. Estou a oferecer-te mais dinheiro do que alguma vez viste e, além disso, o apoio necessário para que não voltes a ser apanhada como esta noite.

Não respondo, porque ambos sabemos que não recusarei.

— Vou enviar-te uma mensagem com a morada. Esperamos lá por ti na segunda-feira, às nove da manhã.

Nisto, a ligação cai.

Gostaria de dizer que não tinha curiosidade sobre o teor do trabalho e que tencionava recusá-lo de qualquer forma, mas seria mentira.

Antes do nascer do sol de segunda-feira, já eu estou à espera, escondida, ao fundo do quarteirão. A morada levou-me a uma agência de fianças. Às oito da manhã, já há grande afluência de pessoas a chegar e a sair, o que me parece a azáfama normal para um estabelecimento desta natureza a seguir ao fim de semana.

Não gosto de me aventurar em terreno desconhecido e torço para ver algum rosto familiar antes da hora prevista. A voz ao telefone não me deu indícios alguns. Não tenho a certeza se os modificadores de voz também disfarçam sotaques, mas algo me diz que, a ter sotaque, o homem deve ter feito o mesmo que eu fiz — passar anos a limpar todos os vestígios que denunciem as minhas origens. Pouco depois de ter começado a trabalhar na florista, percebi que o meu sotaque nasalado me separava das mulheres que vinham à loja, muito mais do que a diferença entre as nossas contas bancárias. A forma como caminhamos, a forma como falamos, a forma como nos movemos revelam mais sobre nós do que qualquer outra coisa.

Se é verdade que lhe tirei alguma coisa que lhe pertencia, isso significa que eu e o senhor Smith já nos devemos ter cruzado no passado. Retenho todos os rostos, nomes, locais, eventos e números que oiço ou vejo. Mas assim que o relógio se aproxima das nove e constato que não há uma única cara conhecida entre as pessoas que circulam nesta rua, conformo-me quanto ao facto de, desta vez, ter mesmo de ir às cegas.

O edifício térreo de tijolo face à vista situa-se a meio de um quarteirão com edifícios igualmente deprimentes de cada um dos lados. Abro a porta por baixo de uma placa azul que diz AAA — AGÊNCIA DE MEDIAÇÃO E FIANÇAS. E, por baixo, em letras mais pequenas: DESCONTOS DE CHEQUES E CRÉDITOS CONSIGNADOS.

Assim que entro, sou invadida por uma onda de calor misturada com o odor a suor. Depois de dar o meu nome, a rececionista indica-me a zona de espera, pega no telefone e anuncia a minha chegada à pessoa do outro lado da linha, quem quer que ela seja. Há cadeiras desirmanadas encostadas a paredes cobertas com pósteres que combinam fotografia de vida selvagem com citações inspiradoras, como se uma águia-de-cabeça-branca percebesse muito de liderança. Sento-me numa cadeira vaga entre duas plantas moribundas. As únicas pessoas à espera são um casal, que discute baixinho a um canto, e um velhote do meu lado direito que tombou para a frente e ressona alto e bom som.

Vários minutos depois, a rececionista chama o meu nome e aponta para o corredor atrás da sua secretária.

— Última porta à direita. — É tudo o que diz.

Passo por três portas fechadas no corredor estreito antes de chegar à que ela indicou. Preciso de um ou dois segundos para me concentrar e então bato à porta.

— Entre! — grita uma voz abafada.

Empurro a porta e sou surpreendida pelo homem que está atrás da secretária. Na minha cabeça, tinha imaginado o estereótipo do canalha: um homem baixo com queda de cabelo, um sorriso malicioso, um cigarro aceso num cinzeiro algures. Mas este homem aparenta ser exatamente o oposto. É loiro. E lindo. Põe-se de pé quando entro, estendendo-me o braço por cima da secretária para me dar um passou-bem, abanando-me a mão vigorosamente. A camisa azul-clara condiz na perfeição com os olhos, produzindo um efeito tão deslumbrante que deve ter o roupeiro cheio de camisas da mesma cor.

— Lucca! Que bom ver-te. Sou o Matt Rowen.

Não tenho forma de saber se é a mesma pessoa com quem falei ontem à noite, mas aposto que não.

Assinto.

— Senhor Rowen.

Ele oferece-me um sorriso luminoso e diz:

— Trata-me por Matt. Por favor, senta-te.

Sento-me na beirinha da cadeira e avisto o meu portátil ao canto da secretária.

Ele segue o meu olhar.

— Força. É teu pelo simples facto de teres vindo.

Tiro-o da secretária e ponho-o ao colo, combatendo o impulso de o agarrar com força contra o meu peito.

O Matt estuda-me enquanto roda uma caneta nos dedos, lançando-a ao ar e apanhando-a, uma e outra vez.

— Devo dizer que estamos impressionados com os sítios a que tens tido acesso e dos quais tens conseguido escapar.

— Estamos, quem? Quantas pessoas sinistras fazem parte do seu ganguezinho? — pergunto.

Ele sorri, como se me achasse piada. O seu telemóvel toca e ele arrasta-o na secretária. Os dedos do Matt deslocam-se no ecrã com uma rapidez incrível, a atenção concentrada no telemóvel.

— É o senhor Smith?

Ele ignora-me completamente.

Certo. Posso esperar que termine.

Por fim, o Matt levanta os olhos do telemóvel e diz:

— Temos um trabalho para ti. Uma oportunidade de ganhares uma quantia razoável.

— A fazer o quê? — pergunto.

O Matt apoia os cotovelos nos braços da cadeira e os pés na secretária,

esquecendo o telemóvel por uns momentos.

— A fazer aquilo que melhor sabes fazer. Vamos mandar-te para um sítio a fim de obteres uma coisa de que precisamos. Sem levantar suspeitas. Nem vais acreditar na diferença que fará teres o nosso apoio. Dar-te-ei os pormenores assim que me disseres que aceitas.

Sinto-me dividida entre dois caminhos distintos; é, sem dúvida, um daqueles momentos diante de uma encruzilhada. Se aceitar o trabalho que o Matt me oferece, penetro mais fundo neste mundo, mas tenho o apoio que relegará a sensação das algemas a morderem-me os pulsos para os confins da memória. O outro caminho consiste em levar uma vida honesta. Um caminho que exige que me deixe disto antes que me meta num sarilho dos grandes. É que, como se viu pela noite de sábado, será apenas uma questão de tempo até alguma coisa correr mal.

A minha mãe sempre disse que, para singrarmos na vida, temos de fazer três coisas: aprender tudo o que pudermos, dar o nosso melhor e ser um ás no que fazemos.

A noite de sábado ensinou-me que ainda tenho muito que aprender.

Só de pensar na minha mãe sinto uma dor no peito. Mas reprimo-a. A minha mãe morreu e a minha vida anterior não tem nada para me oferecer. Um dia, voltarei a ser a Lucca Marino, a rapariga de uma cidade pequena, de Eden, na Carolina do Norte, que vive naquela casa de sonho com aquele jardim de sonho, mas hoje não é esse dia. Hoje, aprendo a ganhar o dinheiro de que preciso para concretizar esse sonho.

— Está bem, conte comigo. Qual é o trabalho?

CAPÍTULO 10

Hoje

Passaram-se três dias desde a festa do *derby* e a caixa de correio continua vazia. Tão-pouco progredi na investigação sobre o nome verdadeiro daquela mulher ou a sua proveniência. E até saber o seu nome verdadeiro, ela nada mais é para mim do que apenas *aquela mulher*.

Mas lá por não me ter cruzado com ela na cidade não significa que se esteja a esconder. Para onde quer que me vire, tenho de ouvir o nome «Lucca Marino» da boca deste ou daquele que teve uma interação com ela.

A seguir à festa do *derby*, fui adicionada ao grupo de mensagens das amigas do Ryan, portanto, soube em tempo real que a Sara a viu no mesmo salão de chá que foi sugerido para o nosso primeiro almoço e que a Beth a encontrou na esteticista. E apesar de a Allison se ter fartado de dizer mal do James na festa do *derby*, ela e o Cole foram jantar com eles ontem à noite. Fez-nos um resumo completo do encontro esta manhã.

Saiu inclusivamente, na coluna social do diminuto jornal local, uma fotografia do James e dela na festa do *derby*; o chapéu dela parecia ainda mais elegante e refinado na fotografia do que ao vivo.

Enquanto eu levei o meu tempo a insinuar-me nesta comunidade, ela chegou como um furacão.

Porém, só me apercebi do seu nível de atrevimento quando vi a publicação da mãe do James no Facebook a elogiar profusamente aquela mulher e a sopa que fez para o marido. Havia 128 comentários (e iam chegando mais) a bendizer a sorte dos Bernards em tê-la. Como a mãe do James a identificou na publicação, bastou-me um clique para chegar ao perfil dela.

Não tem a conta ativa há muito tempo. A atividade mais antiga foi a atualização da fotografia de perfil com a legenda «Ups, a minha conta antiga foi pirateada, vamos ser amigos por aqui!», que data de cerca de uma semana depois de eu ter chegado a Lake Forbing.

A segunda publicação é a confirmação de que a sua chegada a esta cidade com o meu nome e a mesma história de vida do que eu não foi uma coincidência

inofensiva.

Quando andava no sexto ano, a minha turma fez uma visita de estudo a uma quinta local, onde passámos o dia a brincar aos agricultores e a realizar tarefas como ordenhar as vacas e alimentar as galinhas. Não sei como, mas aquela mulher encontrou a fotografia de grupo que tirámos ao fim do dia e publicou-a com *#ThrowbackThursday* e a legenda: «Vejam só o que encontrei numa caixa antiga! Que dia tão bem passado! Identifiquem-se, caso me tenha esquecido de alguém.»

Na fotografia, estou sentada na primeira fila com as pernas cruzadas. Sou a segunda do lado esquerdo. Tenho calças de ganga e a minha camisola vermelha preferida, que a minha mãe tinha debruado com galão às riscas azul-marinho em redor da gola, dos punhos e da bainha.

Várias pessoas com quem andei na escola — colegas de turma em quem não pensava há anos — identificaram-se na publicação. A secção dos comentários era uma autêntica reunião de turma virtual, uma vez que a maior parte dos meus antigos colegas comentou que gostaria de restabelecer a ligação, convictos de que ela sou eu.

Revi a fotografia de perfil e estudei-a até ficar com a visão desfocada. Tem a cabeça de lado, a longa melena cobrindo-lhe a maior parte do rosto, e está a rir. É uma ótima fotografia espontânea. A última vez que estes amigos de infância me viram, eu era uma adolescente bochechuda. É fácil perceber porque é que acreditam que ela é exatamente quem diz ser.

Se este fosse um trabalho como outro qualquer, teria apanhado nos meus poucos pertences e ter-me-ia posto a mexer desta cidade assim que ma apresentaram, mas as ramificações do abandono desta missão sobrepõem-se a esse instinto. Não posso fugir.

Ainda não. Não depois do último trabalho.

Para que o Ryan não suspeitasse de nada, fiz das tripas coração para manter o nível de namorada feliz e despreocupada que me assentava como uma segunda pele antes da festa do *derby*.

Um rápido relance ao relógio da cozinha faz-me saltar da cadeira. Enxaguo a chávena de café na pia antes de pegar na bolsa e me dirigir à garagem.

Depois de muito pensar, está na hora de fazer a chamada que tenho vindo a adiar, mas para tal preciso de estar dentro do carro, onde ninguém me pode ouvir. Há uma ínfima possibilidade, embora bastante improvável, de a impostora ter sido enviada por outra pessoa que não o meu chefe. Portanto, se esta informação lhe chegasse aos ouvidos por intermédio de outra pessoa que não eu, não tenho dúvidas de que haveria sérias consequências. Espera-se que eu reporte a situação e, neste preciso momento, tenho de ser cem por cento previsível.

Com o carro ainda na garagem do Ryan, abro o porta-luvas, tiro o telefone pré-pago e removo-o da embalagem. Será usado uma única vez e destruído logo a

seguir.

Assim que o aparelho se liga, marco o número que memorizei no início deste trabalho. Do outro lado, a voz robótica pergunta:

— Há algum problema?

Com todo o *software* de reconhecimento de voz disponível, o som verdadeiro da voz do senhor Smith é um segredo guardado a sete chaves. Tal como o seu nome verdadeiro.

— Houve desenvolvimentos significativos que tornam esta chamada necessária. Fiz contacto com uma mulher que se faz passar por mim. Usa o meu nome original, afirma ser da minha cidade natal e conta detalhes acerca do meu passado como sendo do seu. Aguardo indicações.

A pausa é desconfortavelmente longa.

— Não obstante, esperaste três dias para reportar este desenvolvimento.

Merda.

— Queria estar cem por cento segura de que não era uma coincidência antes de...

Ele interrompe-me.

— Achei que precisavas de ser recordada de que és substituível. Considera a chegada dela como uma motivação para completares este trabalho com sucesso, contrariamente ao fracasso absoluto do último. Mal este trabalho esteja concluído como eu desejo, voltarás a ser a única Lucca Marino de Eden, na Carolina do Norte, ao meu serviço. — Depois de um compasso de espera, acrescenta: — Bem sei como isso é importante para ti.

Se a informação que lhe devia ter transmitido no último trabalho não fosse extremamente sensível, não creio que o senhor Smith sentisse necessidade de me ameaçar desta forma. Posso não saber exatamente até que ponto aquela mulher que se faz passar por mim me pode prejudicar, mas isso não significa que não me venha a prejudicar de todo. O senhor Smith não dá ponto sem nó.

Neste ramo de atividade, ser substituído não é sinónimo de ser dispensado sem carta de recomendação. Mesmo sem saber o verdadeiro nome dele, sei muito bem que não me vai simplesmente deixar sair como se nada fosse.

Agarro no volante com a mão livre e reprimo o impulso de gritar. Quando me asseguro de que sou capaz de dominar o tom, digo:

— Não gosto muito de ter uma ameaça a pairar sobre mim, sobretudo depois de todas as missões que completei com sucesso.

— São precisamente todos os sucessos anteriores que me fazem ter tanta dificuldade em aceitar a tua última falha. Mas é também graças a eles que tens uma segunda oportunidade. Deves tê-lo em mente quando te sentares no alpendre das traseiras a jantar comida chinesa de *takeaway*.

Comida chinesa de *takeaway*.

Foi o meu jantar de ontem.

— Não há nada que eu mais queira do que concluir este trabalho como deseja. Quando receberei as instruções seguintes?

— Ainda não tenho uma data certa, mas será dentro das próximas duas semanas. E, para que fique claro, é um *lembrete*, não uma ameaça. Se fosse uma ameaça, não haveria margem para qualquer confusão.

Nisto, a ligação cai.

Não fiquei a saber tudo o que queria com este telefonema, mas foi o suficiente. Tenho a confirmação de que foi o Smith quem enviou aquela mulher e, pelo menos agora, tenho um horizonte temporal geral para as próximas instruções.

Mas a descoberta mais importante que fiz foi saber que, mesmo tendo enfraquecido, a sua confiança em mim não se perdeu de vez.

Apesar de me sentir uma presa fácil, tenho de terminar o que comecei.

Chegou a altura de improvisar.

Ligo o carro e faço marcha-atrás, virando na direção do emprego. Assim que me encontro numa das ruas mais movimentadas, dou uma forte guinada ao volante, o que me faz embater com o pneu esquerdo frontal no lancil. Segue-se um som agudo e depois oiço o pneu rebentar. Levo o carro aos solavancos para a oficina de reparação de pneus no fim do quarteirão. Um dos mecânicos faz-me sinal para encostar num dos postos vagos e depois aproxima-se para inspecionar o pneu.

— Tem sorte por ter sido aqui perto. Não poderia ter conduzido muito tempo com o pneu neste estado — diz ele, quando saio do veículo.

— Foi mesmo uma sorte — concordo. Pego na bolsa e encaminho-me para o interior da oficina.

O homem ao balcão cumprimenta-me.

— Como posso ajudá-la?

Reviro os olhos e explico:

— Fui contra o lancil ali à frente e dei cabo do pneu.

Aponto para o carro pela janela de vidro que dá para a oficina.

Ele pede-me o nome e os meus dados enquanto preenche a ficha de cliente.

— Só fica pronto daqui a umas horas. Temos alguns carros à frente.

— Não faz mal — digo, encaminhando-me para a sala de espera.

Tirando o telemóvel da mala, ligo ao Ryan. Ele atende ao segundo toque.

— Olá, que tal? — pergunta.

— Olá — respondo, rendilhando as palavras com um tom de frustração. — Estou na oficina de pneus na Jackson. Estava distraída, embati no lancil e rebentei o pneu. Por sorte, estava perto da oficina e consegui cá chegar antes que o estrago fosse maior.

— Tu e os pneus não fazem uma boa dupla — diz ele, dando uma gargalhada.

— Pois não — concordo.

Ele ri-se e pergunta:

— Precisas de boleia? Posso pedir ao Cole que te vá buscar e te deixe em casa ou no emprego.

Por norma, as quintas-feiras são o único dia em que o Ryan vai para fora da cidade, mas hoje disse-me que tinha uma reunião com potenciais clientes numa cidade vizinha a sul, por isso estará fora de cena o resto do dia.

— Não, vou ficar aqui à espera. Disseram que não demora muito. Vou ligar para o emprego. Penso que não se importem que chegue atrasada, tendo em conta as horas extraordinárias que fiz para o evento da semana passada.

— Está bem, avisa-me quando estiver arranjado.

— Assim farei. Até logo.

Desligo a chamada e envio uma mensagem ao meu chefe, explicando o sucedido e avisando que vou chegar mais tarde. Aproximo-me do balcão e digo ao homem com quem falei há pouco:

— Envie-me uma mensagem quando estiver pronto e passo a buscá-lo.

Ele assente.

— Sim, senhora.

Saio da oficina e dirijo-me à agência de aluguer de carros três portas abaixo. A rapariga que está a atender é nova e demasiado empertigada para esta hora da manhã.

— Posso ajudá-la? — pergunta, muito mais alto do que seria necessário.

— Sim, tenho uma reserva. Annie Michaels.

Ele digita o nome no computador e depois olha para mim, radiante.

— Certíssimo! Já temos o carro pronto!

Assino a papelada e depois agarro nas chaves de um sedã preto de quatro portas que está estacionado na parte da frente. Dez minutos depois, já estou a circular na estrada.

O Ryan adquiriu o hábito de passar pelo meu trabalho de vez em quando, pelo que esta reunião fora da cidade que surgiu do nada é uma oportunidade a não desperdiçar. No entanto, também precisava de justificar a ausência perante o meu chefe. E, como nesta cidade todos se conhecem, as minhas histórias têm de coincidir.

Mal entro na estrada interestadual rumo a oeste, ponho de lado todas as minhas outras preocupações e concentro-me no assunto em mãos. Ao chegar a esta cidade, passei as primeiras semanas a vigiar o negócio do Ryan no Texas Oriental. Quando finalmente recebi as primeiras instruções, percebi a importância que aquele seu negócio tinha para este trabalho. A inspeção que fiz ao escritório de Glenview deu-me algumas luzes, mas não foi suficiente para dar o trabalho por concluído. Contudo, a chegada daquela mulher à cidade pôs-me em alvoroço, de modo que, assim que o Ryan me disse que iria estar fora, decidi voltar ao seu

escritório a fim de garantir que nada me escapou.

Depois daquele telefonema com o senhor Smith, este trabalho assumiu um sentido de urgência inusitado. Ele quis mostrar-me que não sou indispensável. Ao mesmo tempo, deixou também claro que, entre o último trabalho e este, lhe foi possível encontrar e preparar outra pessoa para me substituir. Obviamente, não estou a conseguir ver o panorama geral e é vital que comece de novo, pelo início, e que olhe para tudo com um olhar renovado.

As regras do jogo mudaram.

CAPÍTULO 11

Hoje

Em Lake Forbing, o Ryan gere uma subsidiária local de uma empresa de corretagem nacional. O escritório situa-se num daqueles complexos empresariais novos, onde os edifícios se parecem com casinhas de campo e são todos iguais. A maior parte dos seus clientes são velhotas que precisam de ajuda para investir os cheques dos dividendos da extração de petróleo e gás natural que recebem das empresas que exploram as suas propriedades. Ele é o menino de ouro da terra, em quem depositam toda a sua confiança. Se compararmos os nomes na sua lista de clientes com os do livro de visitas do funeral do avô, serão poucas as diferenças.

Em Glenview, no Texas, o Ryan gere um negócio de camiões e transporte de mercadorias, sediado num armazém numa área industrial na periferia da cidade. A única sinalização em toda a propriedade consiste numa placa de metal branca e retangular com as palavras TRANSPORTES GLENVIEW estampadas a preto. O número de telefone encaminha-nos diretamente para um *voice mail* e não existem *website* ou redes sociais associados à empresa. Ele nunca fala sobre a Transportes Glenview e acredito que são poucos os seus amigos — ou nenhuns — que sabem da sua existência.

Ao atravessar a fronteira na direção do Texas, que fica a meio caminho entre Lake Forbing e Glenview, revejo mentalmente a página com a informação impressa que recebi sobre o Ryan e este seu negócio.

A Transportes Glenview foi fundada em 1985 pelo avô do Ryan, William Sumner.

O filho do William, o Scott, entrou no negócio depois de se licenciar em 1989. No início, o negócio era uma empresa legítima que servia a área do Texas Oriental e do norte do Luisiana.

Continua a operar de acordo com a sua capacidade original, contudo, no final da década de 1990, o modelo de negócio foi expandido, passando a incluir serviços de corretagem para mercadoria roubada. Crê-se que, atualmente, dois em cada três camiões transportem mercadorias destinadas ao mercado negro. Apesar de o lado ilegal do negócio ser amplamente mais lucrativo, a Transportes Glenview é uma empresa de fachada de valor inestimável e que urge manter.

○ Ryan assumiu o comando das operações quando a avó, Ingrid Sumner, foi diagnosticada com cancro e o avô passou a cuidar dela a tempo inteiro; porém, limitou o seu envolvimento no local a apenas um dia por semana — as quintas-feiras. O Ryan fez um trabalho impressionante no que se refere a manter a empresa do Texas separada da sua vida em Lake Forbing, no Luisiana, tal como o avô e o pai fizeram antes dele.

*Opinião baseada na pesquisa realizada, embora sem provas concretas que a atestem: o Ryan parece empenhar-se na manutenção do negócio iniciado pelo avô e ao qual o pai deu continuidade até à sua morte em 2004, em Glenview. Creio que este negócio é extremamente importante para ele e que o protegerá a todo o custo.

O meu último trabalho foi invulgar na medida em que soube imediatamente que tinha sido enviada para obter informação confidencial que estava a ser usada para chantagear o Victor Connolly, mas normalmente há um hiato entre o momento em que conheço o nome do alvo e o momento em que recebo as primeiras instruções. Uso esse tempo para estudar ao pormenor a vida do alvo, a fim de estar preparada quando chegar a hora de arregaçar as mangas. Enquanto espero por informações sobre a natureza do trabalho, ponho-me a conjecturar sobre o que é que o cliente nos contratou para fazer, embora eu nunca saiba quem é o cliente.

Foi precisamente o que fiz quando recebi o nome: Ryan Sumner.

À primeira vista, o negócio de serviços financeiros, a par da longa lista de velhotas com cheques dos dividendos da exploração de petróleo e gás natural, pareceram-me ser a resposta óbvia. Mas quanto mais ficava a saber sobre essa parte da vida do Ryan, menos provável isso me parecia. Na sua lista de clientes, ninguém me chamava a atenção enquanto razão para eu estar aqui.

Há sempre a possibilidade de o alvo ser apenas um meio de aproximação a um dos seus amigos, mas não demorei muito a excluir essa hipótese. Os amigos do Ryan até podem ser o género de pessoas que faz batota no golfe, que trai o cônjuge ou que mente na declaração de impostos, mas o seu génio prevaricador fica-se por aí.

Foi quando investiguei o negócio de camionagem em Glenview que soube ter encontrado a razão de ser deste trabalho. É impressionante o que o Ryan foi capaz de fazer nos últimos seis anos. Pegou naquilo que era uma operação de pouca monta e transformou-a num empreendimento lucrativo, com a reputação de prestar um serviço meticuloso a clientes de todo o país. É verdade que ainda chega ao seu estabelecimento um ou outro camião carregado com consolas *Xbox* e *PlayStation* roubadas, mas o Ryan fez mudanças sucessivas no negócio por forma a oferecer o transporte de mercadoria de luxo e a obtenção, mediante pedido, de artigos de especialidade. Converteu-se no porteiro do mercado negro.

Basicamente, o Ryan é um ladrão, tal como eu.

O primeiro pacote de instruções confirmou as minhas suspeitas quando descobri que o negócio de camiões se tornara de tal maneira rentável que enfrentava uma aquisição hostil — não foi a primeira vez que me deram um trabalho deste tipo.

E embora o meu papel seja facilitar a aquisição do negócio do Ryan pelo cliente, o *meu* objetivo mudou a partir do momento em que o senhor Smith juntou uma impostora à festa. Agora, as necessidades de um cliente desconhecido são-me irrelevantes. Vou rever tudo, tintim por tintim, até descobrir porque é que o senhor Smith escolheu testar-me justamente com o *Ryan Sumner* e *este* trabalho em particular.

Antes de chegar ao destino, paro numa bomba de gasolina das antigas e estaciono nas traseiras do parque de estacionamento para mudar de roupa. O carro alugado pode estar ligeiramente deslocado nesta área industrial, mas o meu disfarce é impecável. Troquei a saia travada e a blusa solta por um par de *Levi's* ruças e largueironas, uma camisa caqui e um colete de segurança. O cabelo está preso debaixo de uma peruca curta e de um boné de beisebol, ao passo que uma prótese facial personalizada em silicone me confere características mais masculinas. Podia passar por um homem a caminho do emprego.

Deixo o carro no parque do edifício adjacente à Transportes Glenview e depois caminho na direção da vedação que separa as duas propriedades. É apenas a segunda vez que aqui estou, mas vi inúmeros vídeos do Ryan nos dias em que cá vem. As informações que recebo antes de estabelecer contacto são sempre fidedignas, pelo que sei de antemão que o casaco, as calças vincadas e os sapatos de couro com que sai de casa são rapidamente substituídos por um par de calças de ganga puídas, uma *T-shirt* e botas de montanhista.

Nos vídeos, ele sai pela porta do escritório, situada no canto do armazém, e caminha até ao lado do motorista de cada um dos camiões que entra na área de acesso ao edifício. O motorista abre a janela e parece haver uma troca de cordialidades antes de o Ryan tirar um comando do bolso para abrir o portão do cais de carga.

A estrutura é larga o suficiente para que um camião articulado consiga entrar em qualquer uma das três sobredimensionadas portas de correr que revestem a fachada do edifício de chapa ondulada, cabendo lá dentro por inteiro, seja descarregado em privado e depois volte a sair pelos portões que preenchem a parede dos fundos. O meu plano é entrar no enorme edifício tal como entrei da primeira vez que aqui estive.

Hoje, não há muito movimento. De acordo com os relatórios, os carregamentos ilegais chegam apenas às quintas-feiras, quando o Ryan cá está para os inspecionar pessoalmente. Com o aumento do volume nos últimos anos, não tarda terá de

adicionar um segundo dia se quiser fazer face à procura. As operações legítimas geram muito menos tráfego. O Ryan fez um excelente trabalho ao separar os dois lados do negócio, incluindo os funcionários. Hoje, a equipa é reduzida e nenhum destes trabalhadores costuma estar presente às quintas. Deverei conseguir entrar à socapa sem ninguém se aperceber, uma vez que estarão menos vigilantes do que os tipos que costumam fazer companhia ao Ryan.

Espero do outro lado da vedação, perto do sítio onde os funcionários do Ryan estacionam, até que chega um camião. Nisto, apresso-me a fazer uma pequena abertura na rede com um cortador de arame que trago preso ao cinto. Quando um homem sai da pequena cabina da receção para cumprimentar o motorista, entro sorrateiramente e percorro a pequena distância até às traseiras do edifício, tal como qualquer funcionário faria. Destranco rapidamente o cadeado com uma gazua e abro a porta de metal.

Há apenas um homem lá dentro, mas está no canto do lado direito, ocupado a empilhar caixas. Parece concentrado na tarefa, pelo que atravesso o armazém cautelosamente, na direção do escritório que fica ao canto, do lado esquerdo do edifício. Espreito pela janelinha na porta, para me certificar de que a sala está vazia, e depois esgueiro-me lá para dentro na mesma altura em que um dos portões do cais de carga começa a abrir-se para o camião passar.

O escritório está numa desordem total. Há montanhas de papéis em cima de cada uma das três secretárias, a par de chávenas de café vazias e umas quantas caixas de piza. Folhear os arquivos parece-me uma melhor utilização do meu tempo do que pôr-me à procura no meio do lixo.

Até agora, já forneci informações sobre este negócio ao senhor Smith duas vezes.

Da primeira, dei-lhe informações gerais como a descrição das atividades diárias e das pessoas mais importantes no negócio, informações essas que retirei dos ficheiros que aqui encontrei.

Apesar de ser útil, não era a informação de que precisava para completar o trabalho. Não me surpreendeu, pois outros funcionários usam este espaço para gerir o lado legítimo da Transportes Glenview nos dias em que o Ryan não está. Ele não seria assim tão descuidado com informação confidencial. O segundo fornecimento incluiu dados cruciais para a aquisição — todos os dados financeiros, incluindo a localização do dinheiro e a identidade dos clientes. Listas com a origem da mercadoria e dos artigos roubados, bem como contactos dos políciais locais e dos elementos da patrulha transfronteiriça que fazem vista grossa. Esse manancial de informação estava no portátil do Ryan. O mesmo portátil que tem sempre consigo. Passei semanas pacientemente à espera do momento certo para aceder a ele.

Já tinha encontrado tudo aquilo de que o senhor Smith precisava para que o

Ryan ficasse sem o resultado de anos de trabalho quando, surpreendentemente, fui assaltada por remorsos ao pensar na enorme perda para o Ryan. Foi a primeira vez que me senti mal por fazer o meu trabalho.

A primeira vez que quis dar ao alvo uma hipótese de lutar para manter o que é seu por direito.

Tentei também não analisar o porquê de me sentir assim, especialmente sabendo a importância que este trabalho tem para a minha própria sobrevivência.

Portanto, apesar de cá ter voltado para analisar ficheiros que já tinha consultado, não tenho grandes expectativas de encontrar algo que me seja útil. Queria apenas, quando muito, dar uma última olhadela, no caso de haver um elemento novo que me salte à vista, dado que o meu foco principal agora mudou.

O motor do camião que está dentro do armazém faz tanto barulho que só ouço as vozes do outro lado da porta momentos antes de a abrirem. A pequena casa de banho é o único esconderijo possível. Corro para a cabina do duche, puxando a cortina branca opaca no preciso momento em que a porta do escritório se abre e dois homens entram.

Agacho-me, encosto-me à parede e aproximo a cabeça o mais que me atrevo da cortina.

Da pequena fresta entre a cortina e a parede, tenho um vislumbre da entrada do escritório. A cadeira mais próxima de mim está ocupada, porém, não consigo ver mais do que a lateral da cadeira e uma parte do ombro do homem.

— Certo, vai lá chamá-lo.

A voz dele atinge-me como um soco na barriga. É o Ryan. O Ryan está aqui. Não foi ter com clientes no Luisiana, mas está, sim, sentado nem a dois metros de mim.

Ouçõ a porta a abrir e a fechar, e ficamos os dois sozinhos. Afasto a cabeça da cortina, não vá ele precisar de usar a casa de banho.

É desmazelado da minha parte, e eu nunca sou assim tão desmazelada, não obstante a opinião do senhor Smith sobre a minha última prestação. Se agora me visse, contudo, não o censuraria caso questionasse a minha capacidade de completar este trabalho com sucesso.

Como perdi visibilidade, apenas o farfalhar de papéis me indica que ainda está sentado à secretária.

Volvidos uns minutos, a porta volta a abrir-se e dois pares de botas diferentes arrastam-se pelo chão de cimento.

— O que é que estás a fazer cá hoje, meu? — diz um dos homens. Fala num tom alto, como se estivesse surpreendido, mas um tremor nervoso na voz denuncia-o. Está assustado.

Sem obter resposta, o homem continua a falar, como se as palavras fossem menos perigosas do que o silêncio que preenche a sala.

— Sei que só devia trabalhar às quintas, mas davam-me jeito umas horas extras esta semana. A minha ex voltou a pedir-me dinheiro. Quer enviar os miúdos para uma colónia de férias qualquer no Arkansas. E eu, porra, acho que não têm de ir até ao raio das montanhas Ozark para jogar à apanhada e fazer o que quer que se faça nestas coisas.

Silêncio.

— Desculpa, Ryan. Sei que não devia estar cá hoje. — A voz falha-lhe ao dizer o nome do Ryan, o que me deixa mais curiosa.

O Ryan ainda nem abriu a boca e este homem já está aterrorizado. Do Ryan, só conheço o seu lado doce. O Ryan romântico. O Ryan divertido.

Agora, o Ryan assustador é intrigante.

— Então, Freddie, achavas mesmo que era possível fazeres um negócio paralelo e trazeres os meus camiões para aqui quando eu cá não estou?

A voz baixou um tom.

— Não. Fui burro. Estúpido. Mesmo muito estúpido — responde o Freddie.

A terceira pessoa na sala ainda não abriu a boca.

Ouve-se um rangido, como se o Ryan se recostasse na cadeira e as molas precisassem de ser oleadas. Quase consigo imaginá-lo. Terá cruzado as mãos atrás da cabeça. Talvez tenha posto os pés ao alto, na secretária. Parecerá calmo, quase descontraído, mas a voz indica que é exatamente o contrário.

— Seth, vai buscar os cortadores de arame à secretária do Benny — diz o Ryan com uma voz enganadoramente calma.

Ouve-se o som de coisas a serem remexidas e então o Seth diz:

— Encontrei.

E nisto a voz do Ryan adquire um tom que nunca lhe ouvi antes.

— Vais dizer-me quem mais está envolvido ou o Seth terá todo o gosto em usar esses cortadores de arame nos teus dedos. — A cadeira range novamente e o Ryan acrescenta: — O que achas, Seth, um dedo por cada minuto que nos fizer esperar?

— Parece-me bem, chefe. Mas olhe que as lâminas estão bastante embotadas, é capaz de demorar mais de um minuto a cortar cada dedo.

Ainda o Seth não tinha acabado a frase e já o Freddie começava a desembuchar. Debita nomes e planos e datas a uma velocidade tal que espero que o Seth tenha posto os cortadores de lado e tenha ido buscar papel e caneta.

— Não me estás a contar tudo — diz o Ryan. — Tu e esses idiotas chapados são demasiado burros para fazerem isso tudo sozinhos. Diz-me quem mais está envolvido.

A voz do homem falha quando diz:

— Não há mais ninguém, juro!

Oiço a cadeira rolar brevemente e agora imagino-o a debruçar-se para a frente,

de cotovelos apoiados na mesa e as mãos juntas à frente. Oiço o que me parece ser uma pilha de papéis a cair ao chão.

— Achas que não percebo quando alguém se põe a vasculhar nas minhas merdas?

Oh, raios. Este pobre diabo pode estar a pagar por uma coisa que eu fiz.

— Seth, tira-lhe o telefone e leva-o para o armazém, ele que lá fique quietinho à espera. Vai chamar os outros. Vou avisar o Robert de que estão prontos para ele.

— Esperem! Esperem! Não é preciso chamar o Robert! — grita o homem. Parece ainda mais apavorado.

Pela informação que recolhi, o «Robert» a que se referem deve ser o Robert Davidson, um dos maiores clientes do Ryan. E, da pesquisa que fiz, o Freddie e os seus compinchas têm razão para ficar aterrorizados, caso o Robert seja metido ao barulho.

O Ryan espera um tempo desconfortavelmente longo antes de finalmente responder.

— Pensas que a carga que se preparavam para levar hoje ia simplesmente cair do céu? Achas que o Robert não ia descobrir que a sua mercadoria nunca tinha chegado ao destino? — A voz sobe um tom a cada frase, a entoação agudiza-se a cada palavra. — Tu e os teus amigos imbecis puseram em risco toda a minha operação por uns míseros milhares. Nem sequer sabem quanto vale a mercadoria que está no camião. Acham-se muito espertos para passar a perna a um comprador, mas são estúpidos como a merda, porque negociaram com um tipo que trabalha para mim. Fiquei a saber da vossa tramoia trinta segundos depois de o terem contactado.

— Merda, Ryan, lamento. Não era a minha intenção. Os outros é que me convenceram.

— Para de falar antes que me irrites a sério. — O Ryan fala tão alto que até estremeço. — Já não és problema meu. Escolheste o camião errado, meu amigo. O Robert quer dar-vos umas palavrinhas, a ti e aos teus camaradas. Seth, leva-o daqui para fora.

Depois dos últimos minutos, o silêncio quase fere os ouvidos. Nunca ouvi o Ryan falar com alguém com tamanha brutalidade. É difícil conciliar o homem que conheço com este que está ali ao lado.

Ele fica a trabalhar mais algum tempo à secretária enquanto eu continuo acorada no duche.

O Seth não demora muito a voltar e parece-me que se instala numa das outras cadeiras. Oiço-os a conversar, mas é só a cavaqueira normal de dois homens que se conhecem há muito tempo. Falam sobre as hipóteses de os Texas Rangers chegarem aos *play-offs*, e o Ryan espicaça o Seth a propósito de uma rapariga com quem este tem andado a sair. Encetam uma longa discussão sobre cerveja artesanal

que me dá vontade de bater com a cabeça na parede, se isso não me denunciasses logo.

Enquanto aguardo uma oportunidade para escapar, este novo Ryan começa a ganhar forma na minha cabeça. Uma pessoa tem de ser implacável nos negócios, especialmente quando se opera à margem da lei. Eu sabia que o Ryan não podia ter alcançado tanto êxito sem sujar um pouco as mãos. No entanto, se não o tivesse ouvido com os meus próprios ouvidos, nunca teria acreditado que fosse capaz de ameaçar mandar cortar os dedos a alguém, um por um. Por outro lado, os seus métodos podem ser um pouco bárbaros, mas parecem ter sido eficazes, visto que o Freddie denunciou os companheiros em poucos segundos. Ainda bem que vi esta sua faceta. Preciso de saber aquilo com que estou a lidar no que toca ao Ryan.

Quando os dois homens saem finalmente do escritório, espero mais uns minutos antes de abrir lentamente a cortina. Avisto-os pela janela, embrenhados numa conversa com um camionista que acabou de encostar, de modo que me retiro tal como entrei, arrepiando caminho até ao carro alugado que se encontra no parque de estacionamento adjacente.

Consulto o telemóvel e vejo que tenho uma mensagem da oficina de pneus a avisar-me de que o carro está pronto e outra que o Ryan me enviou há quinze minutos, dizendo-me que a reunião está quase a acabar e que espera fazer-se ao caminho em breve. Respondo-lhe, enquanto o observo, e digo-lhe que vou comprar jantar a caminho de casa. Menos de um minuto depois, ele tira o telemóvel do bolso de trás. Afasta-se uns passos dos outros dois homens e vira-lhes as costas, o que significa que está voltado de frente para mim. Há pouco, não lhe vi a cara, pelo que fico surpreendida por vê-lo tão cansado. E com ar um pouco desvairado. Vejo o movimento dos seus dedos sobre o ecrã e, ao fim de uns segundos, o meu telemóvel vibra na minha mão.

Ryan: Tive um dia horrível. Estou ansioso por estar contigo.

Tento ignorar os sentimentos que estas duas frases provocam em mim, lembrando-me de que o Ryan virá para casa esta noite, vestido com o fato com que saiu de manhã, e *mentirá* sobre por que razão teve um dia horrível. E eu mostrar-lhe-ei o recibo da oficina e queixar-me-ei sobre a fortuna que me cobraram.

Embora eu espere que ele me minta, esperará ele que eu lhe faça o mesmo?

CAPÍTULO 12

Hoje

Pego na chávena de chá e desço os degraus para o quintal. É um daqueles dias em que o céu está tão imenso e tão azul que é impossível ficar dentro de casa. O Ryan manuseia um corta-relva que parece ser mais velho do que ele, virando-o ao contrário como se o fosse submeter a uma cirurgia.

— Qual é o prognóstico? — pergunto, enquanto ele estuda o aparelho.

Ele olha para cima e descubro-lhe uma grande risca de óleo num dos lados da cara, percorrendo-a de cima a baixo.

— Vou declarar o óbito. — Consulta o relógio. — Hora da morte: dez e quarenta e cinco da manhã.

Eu rio-me e ele põe um trapo em cima da máquina como se estivesse a tapar um cadáver.

— Lá terei de ir à Home Depot.

— Queres companhia? — pergunto.

E, então, aquele sorriso.

— Sempre — responde. — Dá-me cinco minutos para me limpar.

Ele entra em casa e eu deixo-me ficar recostada a contemplar o céu. Já se passaram alguns dias desde que o espiei no armazém, e a caixa de correio continua vazia. Ontem à noite, houve outro avistamento do James e daquela mulher. De acordo com as redes sociais, estiveram numa cervejaria local a ouvir uma popular banda local. Já marcaram presença em todos os sítios da moda na cidade.

O bebedouro para pássaros que está pendurado no ramo de uma árvore ao lado do alpendre chama-me a atenção, e observo os colibris a bater as pequeninas asas no seu entra e sai para beberem água. Todas as manhãs, o Ryan reabastece o bebedouro, tal como a avó costumava fazer.

A minha mãe teria adorado esta casa.

Passámos muitas noites a fantasiar com a casa dos nossos sonhos, que um dia haveríamos de construir. Costumava pensar que ela detestava a caravana. Ou que esta a envergonhava. Só mais velha percebi que a minha mãe ambicionava para nós mais do que apenas um telhado maior sobre a cabeça. Ela queria uma vida

diferente. Uma vida em que não tivéssemos de andar a contar os tostões para ir à mercearia. Uma vida em que ela não tivesse de se preocupar com o que me aconteceria quando ela me faltasse.

— Pronta? — pergunta o Ryan da entrada do quintal.

— Sim. — Olho uma vez mais para os pássaros e depois levanto-me de um salto, seguindo-o para dentro de casa, pela porta da cozinha que nos conduz à garagem.

Percorremos lentamente os corredores da Home Depot, enquanto o Ryan estuda cada corta-relva, verificando as críticas que pesquisa no telemóvel antes de restringir a seleção.

— Vou dar uma vista de olhos à zona das plantas — digo, depois de ele analisar os mesmos três corta-relvas durante vinte minutos.

— Vai buscar um carrinho. Precisamos de uma planta para o alpendre da frente. — Ele tira a custo os olhos das máquinas à sua frente para olhar para mim.

— Uns fetos, talvez?

— Para pendurar? — pergunto.

Ele encolhe os ombros e depois assente, dando-me a entender que a decisão é minha porque, na sua cabeça, a casa também é minha. Somos o epítome de um casal caseiro. Só nos faltam os copos da *Starbucks* e andar de mãos dadas.

A secção de jardim é um oásis num mar de ferramentas, madeira e equipamento elétrico. Passeio sem pressa por entre tabuleiros de gerânios, petúnias e amores-perfeitos, e penso no que gostaria de juntar aos canteiros no jardim da frente se fossem mesmo meus e pudesse arranjá-los como me apetecesse. Se ficasse para os ver florescer. Distraída com as hortênsias mais bonitas que já vi, o meu carrinho colide de lado com outro que vem na direção oposta.

— Oh, lamento!

E então quase congelo quando vejo que é o James e a mulher que finge ser eu.

— Oh, olá! — diz ela. — Penso que nos conhecemos naquela festa do *derby*!

Torço para que o sorriso que simulo esconda o revirar de olhos mental perante a sua escolha de palavras. Acenando com a cabeça para os dois, digo:

— Sim, pois foi.

Haverá a possibilidade de ela não saber quem realmente sou? Que foi enviada como uma ameaça, para me substituir? Porque ela é boa. É muito boa. Nem um lampejo de reconhecimento ou um olhar demorado de avaliação dirigido à sua óbvia adversária. Existe a possibilidade de ainda estar a «aguardar informações» sobre a missão, mas será que as semelhanças inegáveis entre nós as duas não a perturbam como me perturbam a mim? Mesmo tendo eu o cabelo mais escuro, é sinistro.

— Costuma ser o meu pai a renovar os canteiros, mas, como ele agora está temporariamente incapacitado, pensámos em tratar do assunto por ele. Está o dia

perfeito para isso — explica o James, apontando para as plantas que tem no carrinho.

— Oh, que filho extremoso — digo, rangendo os molares.

— James, como vai isso, meu? — oiço o Ryan dizer atrás de mim. Dá uma corridinha e os dois dão um passou-bem, e depois o Ryan cumprimenta a mulher com um aceno de cabeça.

— Lucca. — Olha para ela, depois olha para mim e volta a olhar para ela.

Ele também vê as semelhanças.

O Ryan tossica e vira-se para mim, dizendo:

— Escolhi um modelo e pedi que o trouxessem à caixa da secção de jardim. Achei melhor vir ajudar com as plantas.

O James ri-se.

— Caramba, quando é que ficámos tão velhos que um dia magnífico de primavera é passado a trabalhar no jardim? Devíamos estar no lago a beber umas jolas fresquinhas.

— Podes crer — concorda o Ryan, embora eu saiba que, se lhe for dado a escolher, ele prefere ir daqui diretamente para casa e passar o dia no quintal, deixando o lago e a cerveja para quando o trabalho estiver concluído.

— Fica para outra altura — diz o James.

A conversa de circunstância prolonga-se por mais uns minutos, enquanto eu e ela nos limitamos a olhar uma para a outra. Quando eles se preparam para se afastar, ponho uma mão no braço do James, detendo-os.

— Estava aqui a pensar... têm planos para esta noite? — Olho de relance para o Ryan e depois novamente para eles. Ela anda a dançar fora do meu alcance há demasiado tempo. — Adoraríamos que viessem jantar lá a casa.

Ela fica radiante com o convite.

— Teríamos muito gosto. — O James responde pelos dois. — Que podemos levar?

— Nada! Nós tratamos de tudo. — Olho para a mulher. — Mal posso esperar!

Nome falso: Izzy Williams — Oito anos antes

Este é o primeiro trabalho com um nome falso e uma história que corrobora o nome. Até pesquisei o meu novo nome no *Google*, Isabelle Williams, cujo diminutivo é Izzy, e descobri que consta da lista de membros de uma equipa de corta-mato que há uns anos competiu a nível estadual em representação de uma escola secundária local. A imagem que acompanhava o artigo incluía uma fotografia de grupo com baixa resolução, e podia jurar que eu era a terceira rapariga a contar da direita, com cabelo loiro curto, tal como a peruca que estou a usar.

Isto faz-me pensar no número de pessoas que o senhor Smith terá a trabalhar para si. Não apenas pessoas que são enviadas para o terreno, como eu, mas que trabalham nos bastidores, modificando imagens que depois aparecem em pesquisas na Internet e criando identidades de raiz.

A única pessoa com quem já falei, além do senhor Smith, é o Matt, mas parece-me que, seja esta a organização que for, não se resume ao Matt e ao senhor Smith.

Este trabalho exigiu uma grande preparação. Fui instruída quanto ao modo de apanhar o meu cabelo natural e de o prender por baixo da peruca, a fim de impedir que a mais pequena madeixa se solte. Foi-me igualmente dito que aplicasse uma camada grossa de ligadura líquida na ponta de cada dedo para não deixar impressões digitais em lado nenhum, a qual devo reaplicar de duas em duas horas. Esfrego os dedos uns nos outros, ainda a precisar de me habituar à ausência de sensação na zona. Eu própria apliquei a maquilhagem para delinear os contornos do rosto e pus as lentes de contacto coloridas. A minha mãe ensinou-me como algumas pinceladas de pó podem alterar o formato e o visual de todo o rosto — embora com isto pretendesse que eu usasse estes truques para realçar o rosto, não para o tornar irreconhecível.

É o primeiro dia do meu primeiro trabalho para o senhor Smith e devo admitir que estou um pouco nervosa. Para o Greg e a Jenny Kingston, eu sou a nova ama do filho, o Miles. Mas a verdade é que o Greg tem na sua casa uma coisa que o meu chefe quer e eu vim buscá-la.

Há também uma batelada de instruções sobre como manusear os artigos.

Assim que estiver na posse do artigo pelo qual fui enviada, tenho de o deixar num sítio previamente designado logo que possível. É mais difícil sermos descobertos se, quando nos apanharem, não estivermos na posse do que roubámos.

Caminhando na direção do alpendre da frente, aliso o polo e as bermudas antes de tocar à campainha.

O Greg abre a porta de imediato, como se estivesse à minha espera. Veste um fato cinzento com uma gravata cinzenta num tom mais escuro e parece usar o mesmo penteado que usava em miúdo. Curto e com risco ao lado, não há um fio de cabelo fora do sítio.

— Isabelle Williams? — pergunta, olhando-me de alto a baixo. Estou vestida exatamente de acordo com as instruções que recebi. De bermudas caqui, cinco centímetros acima do joelho, e um polo cor-de-rosa. Pareço pronta para uma partida de golfe.

Estendo a mão e damos um passou-bem.

— Sim, senhor Kingston. Pode chamar-me Izzy.

Ele assente e faz-me sinal para que entre. Olha para o relógio pela segunda vez desde que abriu a porta e depois dá um grito na direção das escadas que sobem em curva a partir do *hall* de entrada.

— Jenny! Ela chegou!

Ficamos ambos a olhar para o patamar superior enquanto esperamos que a Jenny apareça.

Não aparece.

Enquanto esperamos, o Greg vocifera o seu nome mais algumas vezes.

Está irritado. E ligeiramente envergonhado.

— Dê-me um minuto — murmura entre dentes e dá meia-volta. Subindo dois degraus de cada vez, desaparece em segundos.

— És a nova *babysitter*?

Viro-me e dou de caras com o Miles atrás de mim. Está debaixo de um vão de porta que dá para a sala de jantar, que, por sua vez, há de levar à cozinha, de acordo com a planta que estudei.

Caminho devagar na sua direção, paro a meio metro e agacho-me para ficar à sua altura.

— Sou. Chamo-me Izzy. E tu? — pergunto, embora já saiba o seu nome e praticamente tudo sobre ele. Quando aceitei trabalhar para o senhor Smith, o Matt deu-me um pacote com informações detalhadas sobre esta família. O Miles tem cinco anos, é filho único e eu sou a quarta ama que teve este ano.

Assim que me diz o nome, volta a pôr o polegar na boca, apesar de já ser um pouco crescido para chuchar no dedo.

Aponto-lhe para a sua *T-shirt*.

— O meu preferido é o Homem de Ferro.

Ele afasta a *T-shirt* do corpo para olhar para baixo, como se precisasse de se lembrar do que tem vestido. É uma *T-shirt* com todas as personagens da *Marvel* nas respetivas poses de combate.

— Eu gosto do Hulk. Ele esmaga coisas — diz, e depois rosna e cerra os punhos.

Abro a boca para fazer outra pergunta, mas somos interrompidos pelo movimento nas escadas.

O Greg localizou a Jenny e arrasta-a agora pelas escadas abaixo. Ela por pouco não tropeça depois do último degrau, como se desconhecesse que a escada acabava ali.

— Izzy, esta é a minha mulher, a senhora Kingston. — Aperta-lhe o braço, o que parece ser a única coisa que a mantém de pé.

A Jenny olha para mim e sorri com a boca, mas não com os olhos.

Outra coisa que eu sei: a Jenny gosta de tomar *Xanax* de manhã, beber *Chardonnay* à tarde e uma dose de vodka, ou três, à noite.

Estendo uma mão, que ela agarra com as duas.

— Izzy, muito gosto em conhecer-te!

Agarra-me mais tempo do que me é confortável. Felizmente, o Miles aproxima-se, desviando-lhe a atenção.

— Aqui estás tu, querido! Já tomaste o pequeno-almoço?

O Miles diz que sim com a cabeça, mas não diz nada.

— Muito bem, tenho de ir para o escritório — diz o Greg, virando-se para mim. — Ficas responsável pelo Miles. O horário dele está afixado no frigorífico, com o meu número em baixo. Ele pode fazer-te uma visita guiada pela casa e mostrar-te o sítio das coisas. Estou de volta às seis.

Afaga o Miles na cabeça, despenteando-o, e rodopia na direção da porta. Não se despede da Jenny nem sequer olha na sua direção.

Nós os três ficamos uns segundos no *hall*, com ar acanhado, até que a Jenny se baixa e dá um beijo na bochecha do Miles. Mostra-me um grande sorriso e regressa ao piso de cima.

— Queres que te mostre a casa? — pergunta o Miles.

— Sim, faz-me uma visita guiada — peço, seguindo-o pela porta por onde ele tinha entrado há pouco.



A minha mãe costumava dizer que eu haveria de reconhecer a vida que me estava destinada. Olho à minha volta, nesta casa, e penso como seria se a minha identidade fosse real e eu *fosse* a Izzy Williams, estudante universitária e ama do Miles Kingston.

Uma coisa é certa, esta vida não é definitivamente para mim.

Volvidos cinco dias, ainda não encontrei o que vim procurar.

Aquilo que *descobri* foi que quem gere esta casa é o Miles. Sabe a que horas chega a mulher a dias, sabe onde é que se guarda o dinheiro para as compras da semana e sabe quando é que a Jenny faz a transição dos comprimidos para a bebida. Com o álcool, vêm também as lágrimas, e nós tratamos de ficar invisíveis.

No que diz respeito ao Miles, ela é toda melancolia; já no que me toca a mim, é quase mordaz. Desfaz-se em sorrisos com o Greg por perto, mas põe as garras de fora mal ele sai. Não me quer na sua casa. Não quer que eu passe tempo com o seu filho. Mas está demasiado bêbada e pedrada para mudar o que quer que seja.

Eu e o Miles brincamos com legos. Construímos fortalezas. Cantamos. E eu farto-me de procurar.

Não vou mentir: o trabalho fica mais difícil de dia para dia. Porque assim que deitar a mão àquilo que vim buscar, vou-me embora. E quem é que vai tomar conta do Miles?

Mas é perigoso pensar desta forma. Portanto, todos os dias, ponho mais um tijolo na parede que construo dentro de mim, na esperança de me isolar desta criança loira de olhos azuis que é demasiado crescida para a idade.



Ao oitavo dia, consigo entrar no quarto da Jenny.

Até que enfim.

Não costumo ter acesso a esta parte da casa, uma vez que é aqui que a Jenny passa a maior parte do tempo. Sempre que ela se aventura para fora do quarto, o Miles gruda-se a mim como cola. Neste preciso momento, ele dorme a sesta e a Jenny toma um banho de imersão, do outro lado de uma fina porta.

Ficará ela horas a fio dentro da banheira ou será um banho rápido? Sabe-se lá. Mas não me posso dar ao luxo de desperdiçar a oportunidade só por não saber o que esperar.

Vagueio pelo quarto, olhando para tudo com olho crítico. Ando à procura de uma *pen*, uma que seja exatamente igual à que tenho no bolso e que deixarei no seu lugar. O que não faltam são sítios onde se pode esconder algo assim tão pequeno. Procurei em todas as gavetas, recantos e vãos no escritório do Greg, sem resultado. Vasculhar-lhe-ia a gaveta das meias se guardasse aí os seus bens valiosos.

Começo a pensar que, lá porque a planta da casa não mostra um cofre embutido na parede, não há razão para não terem mandado construir um depois de comprarem a casa, pelo que agora é isso que procuro. O que não quero é falhar logo na minha primeira missão.

Há várias joias da Jenny espalhadas aleatoriamente sobre o tampo de um delicado aparador antigo. São peças requintadas e eu ponho-me mentalmente a desgastar as pedras e a calcular a quantia que arrecadaria por cada uma.

Porém, não é para isso que aqui estou, por isso obrigo-me a deixá-las para trás.

Abro gavetas e revisto todos os recantos do quarto. É tão grande que tem uma zona de estar num recanto perto da porta que dá para a casa de banho. Avançando devagar para lá, mantenho-me em silêncio enquanto oiço a Jenny a cantar desafinada na banheira.

O retrato emoldurado dos Kingstons que está pendurado na parede mostra um trio perfeito que não reflete aquilo que realmente se passa nesta casa. Tenho a certeza de que a Jenny partilhou esta fotografia nas redes sociais, para que toda a gente acreditasse que as coisas são tão cor-de-rosa como a imagem sugere. Levanto um dos cantos da moldura, tal como tenho feito com todas as obras de arte penduradas nesta casa, e procuro não desatar aos saltos quando a moldura se move para fora, revelando um pequeno cofre encastrado na parede. Puxo o manípulo, mas o cofre continua trancado.

Fitando o teclado com os dez números, começo a transpirar. Há muita coisa que eu consigo fazer, mas decifrar códigos de cofres não é uma delas. Saco do telemóvel que o Matt me deu apenas para emergências.

Isto é uma emergência.

Por sorte, ele atende ao primeiro toque.

— Que se passa?

— Nada, nada — sussurro. — Descobri um cofre. Tem um teclado numérico e não tenho muito tempo. Que faço?

— Tira uma foto e manda-ma.

Faço como diz e aguardo que a receba.

— É dos simples. Não parece estar ligado a um sistema. Tenta um número de quatro dígitos e vê o que acontece.

Digito 2580, porque li uma vez que é o código mais usado por ser a única combinação de quatro dígitos na vertical.

— Emitiu um bipe e a luzinha piscou uma vez, vermelha.

O Matt fica uns segundos calado e depois diz:

— Tenta o aniversário do miúdo.

Li todas as datas importantes do pacote que me enviaram antes de começar e não tenho problemas em lembrar-me da data exata. Pressiono 1017. 17 de outubro.

— Um bipe e a luz vermelha piscou duas vezes.

— Merda — cospe o Matt do outro lado da linha. — Aposto que o sistema bloqueia ao fim de três tentativas erradas. É provável que reinicie após algum tempo. Vinte e quatro horas, talvez. Não faças nada e tenta novamente amanhã.

E desliga.

Que desânimo. Tenho de me ir embora desta casa. Fico paralisada quando oiço chapinhar na casa de banho, mas depois oiço a Jenny cantar a mesma música idiota que anda a cantar há dois dias. Abre novamente a torneira; já ali está há tanto tempo que a água deve ter ficado fria.

Fito o teclado numérico, enquanto puxo pela cabeça, revendo todas as datas e números importantes do ficheiro dos Kingston. Então, penso no Greg. Apesar de não ser um pai muito interativo, dá para ver que adora o filho. Envia-me várias mensagens ao longo do dia a perguntar como está o Miles e parece geralmente interessado em falar com ele quando chega a casa à noite. No entanto, o código não é o aniversário do filho.

A Jenny dá uma gargalhada. Nem quero imaginar o que ali se passará quando toma banho de imersão sozinha.

Porque é que o Greg ainda não a pôs na rua? É óbvio que tem dinheiro de sobra para contratar toda a ajuda necessária. Só fala com a Jenny quando tem de ser, embora já tenha dado com ele a fitá-la com uma expressão triste. Uma expressão que mostra que ainda há amor algures, mesmo que deteste aquilo em que ela se tornou. Poderá o código ser o aniversário dela? O aniversário do casamento? O Greg bem tenta esconder, mas sei que dorme no quarto de hóspedes e, ao lado da cama, só há uma fotografia. Do Greg e da Jenny. Jovens e sorridentes, têm os rostos juntinhos, bochecha com bochecha. Atrás, fogos de artifício enchem o céu. É bastante provável que a fotografia tenha sido tirada da primeira vez que saíram juntos, no piquenique do 4 de Julho, no clube de campo.

Olho fixamente para o teclado, sustenho a respiração e digito 0704. Durante alguns segundos, nada acontece e depois a luz pisca, com a cor verde, e oiço a fechadura abrir-se.

Expiro aliviada e quase grito de alegria. Consegui!

Abro a porta e a única coisa que se encontra lá dentro é a *pen* vermelha com tampa azul, igual à imitação com vírus que tenho no bolso e que deixarei no seu lugar. Qualquer computador em que seja inserida ficará inutilizado. Quando o Greg se passar e questionar o que correu mal, não saberá que foi feita uma troca.

Quando estou a substituir uma *pen* por outra, a Jenny ri novamente, mas agora mais perto do que antes. Ela está no quarto a olhar para mim.

— Tenho andado a observar-te durante a última semana, a bisbilhotar a minha casa.

As palavras saem-lhe arrastadas e tem os olhos meio fechados. No pavimento de madeira maciça, forma-se uma poça com a água que lhe pinga do corpo nu, que o roupão aberto deixa à mostra.

Isto é mau. Muito mau. Ela apanhou-me em flagrante.

— Não é o que pensa — digo.

Ela balança o corpo e solta uma gargalha esgançada.

— Claro que é. É exatamente o que penso.

A Jenny cambaleia na minha direção, com as mãos estendidas como se me quisesse agarrar — ou atacar —, mas o pé enreda-se-lhe no cinto do roupão e ela cai desamparada. A cabeça embate no chão com um forte ruído seco e um fio de sangue escorre sob o seu cabelo loiro. Perdeu os sentidos.

— Oh, merda — murmuro, baixando-me ao seu lado. Pressiono-lhe o pescoço com os dedos à procura de pulsação.

Ligo novamente ao Matt.

— Já a tenho — digo, mal atende. — Mas a mulher apanhou-me. Está bêbada, tropeçou e caiu. Está a sangrar da cabeça.

— Está morta? — pergunta tranquilamente.

— Não, mas precisa de ajuda. Chamo o 112?

— Para que ela possa dizer à Polícia que te apanhou a roubá-los? — atira o Matt. — Pisga-te e traz a *pen*.

— E o Miles? — Eu e a Jenny podemos não morrer de amores uma pela outra, mas aquele rapazinho merece melhor.

— Sai já daí! Não podes ser apanhada nessa situação. O Kingston não tem por onde pegar se desapareceres — grita o Matt, tão alto que ecoa pelo quarto. — Evapora-te dessa casa.

E então a ligação cai.

Tenho medo de tocar nela novamente. Posso deixá-la assim? Posso deixar o Miles? Mas, se ficar, talvez me prendam. Ela vai dizer que estava a roubá-los. Até talvez me culpem pela queda. Ela dirá que a empurrei.

Tiro o outro telemóvel do bolso, o número para onde o Greg telefona para saber do Miles. Aquele que só ligo quando chego à casa dos Kingstons.

— Estou — responde o Greg.

— Há um problema. Vim ao piso de cima avisar a senhora Kingston de que tenho uma emergência familiar e preciso de sair imediatamente, mas encontrei-a inconsciente no chão. Deve ter caído. O Miles está a dormir no sofá no quarto dos brinquedos. Tem de vir para casa. Eu tenho a minha própria emergência familiar, não posso ficar.

— Espera...

Mas já desliguei. Ponho a *pen* falsa no cofre e fecho-o, antes de ajeitar a moldura no sítio. O Miles é o único motivo por que me arrisco desta forma.

O Greg que chame o 112. Ele que venha para casa e lide com isto. Tenho de confiar no meu nome falso, nos passos que dei para ocultar a minha identidade. Corro escadas abaixo e espreito o Miles uma última vez. Tem o rosto pequenino perdido no sono e com a mão minúscula agarra no cisne de *origami* que lhe ensinei a fazer, tal como a minha mãe me ensinou a mim. Há de ficar bem. O pai há de

chegar, não tarda. Ele não é problema meu.

Saio disparada pela porta dos fundos e sigo rente à lateral da casa até chegar à rua principal e entrar no carro que o Matt me deu para este trabalho. Assim que transponho o portão do condomínio, uma ambulância passa por mim com a sirene ligada, seguida por um carro da Polícia.

Mantenho-me de cabeça baixa e respeito o limite de velocidade. Irão eles consultar as imagens do portão do segurança? Arranjar uma fotografia minha neste carro? Faltará muito até os polícias começarem à minha procura?

Demoro dez minutos a chegar à AAA — AGÊNCIA DE MEDIAÇÃO E FIANÇAS. Disseram-me para nunca mais voltar aqui, mas esta não é obviamente uma situação normal.

O Matt está na rua à minha espera, a andar de um lado para o outro.

Ainda antes de o carro parar completamente, já ele abre bruscamente a porta do meu lado.

— Por que raio demoraste tanto tempo?

Puxa-me para fora do carro e arrasta-me para o interior do edifício. Só paramos quando entramos no seu gabinete.

— Vim assim que pude — digo, entregando-lhe a *pen* e pousando na secretária o telemóvel que usava para falar com o Greg. Não menciono o último telefonema que lhe fiz — o que apaguei do histórico antes de ter desligado o telemóvel, não vá ele verificar.

Questiono-me se o Miles terá acordado e encontrado a mãe antes de o pai chegar.

Não. Não posso pensar nele.

O Matt tem a *pen* na palma da mão e digita furiosamente no telemóvel. Lê qualquer coisa no ecrã e estremece quando o aparelho toca.

— Estou. — Olha para mim, fulminando-me com o olhar, e depois passa-me o telemóvel.

Hesito apenas um segundo, antes de pegar nele.

— Estou — murmuro.

— Põe-me ao corrente dos acontecimentos desta tarde. Não deixes nada de fora. — A voz disfarçada do senhor Smith esconde a fúria que a voz real transmitiria.

Conto-lhe tudo, incluindo como decifrei o código do cofre. Tudo, exceto o telefonema para o Greg.

— Sentes-te culpada por teres deixado a Jenny Kingston esvair-se em sangue no chão.

Apesar de não ser uma pergunta, respondo que sim.

— Era só uma questão de tempo até acontecer alguma coisa. Se não fosse hoje, seria amanhã ou depois. Ela já caminhava nesse sentido há algum tempo.

Fico em silêncio. Até pode ser verdade o que diz, mas não consigo evitar pensar que nada disto teria acontecido se eu não tivesse estado no quarto dela, a remexer no cofre deles. Ela teria saído da casa de banho e ter-se-ia atirado para a cama, tal como fazia todos os dias. De modo que, se hoje ela for *bem-sucedida*, a culpa é minha.

— Sim, eu sei — respondo-lhe.

— Fizeste o trabalho, mas foste imprudente. Arriscaste com o cofre. Deixaste que aquela bêbada te apanhasse com a mão na massa. És melhor do que isso.

E ele tem razão. Sou melhor do que isso. Devia ter reparado que ela tinha parado de cantar. Devia ter ouvido os seus passos desajeitados no chão da casa de banho. Devia ter ouvido a maçaneta da porta a girar.

— Que terias feito se ela não tivesse caído? — pergunta.

— Não sei — respondo de imediato. E é a verdade. Até onde teria ido para garantir que conseguia escapar? Acho que nunca o saberei.

— Eu respondo por ti. Terias feito o que fosse preciso para te salvars a ti e ao trabalho. Porque nunca te podes esquecer de que isto é um trabalho. Não fazes parte daquela família. Aquela não é a tua vida. Não é o teu mundo. És um fantasma que está temporariamente de passagem. Aquelas pessoas estão-se nas tintas para ti, logo, tu também te estás nas tintas para elas.

Fico calada enquanto ele continua a descarregar em mim. As palavras dele são como facadas no peito.

— Há algum tempo que te observo. Chegaste onde chegaste sozinha, porque és desembaraçada e tens uma boa capacidade de reação. Além disso, tens aquela intuição natural que não se pode aprender. São dons. Dons que hoje quase desperdiçaste. Compreendo que tenhas sentido a necessidade de telefonar ao Matt em busca de ajuda quando descobriste o cofre, mas *telefonar deve ser o último recurso*. Pedir ajuda torna-se numa muleta. Preciso de pessoas que consigam resolver problemas sem assistência, porque a ajuda não está sempre disponível. Aquela mulher caiu à tua frente, porque a tua preocupação era despachar o trabalho e apoiars-te no Matt para te ajudar. Devias ter dado um passo atrás. Pesquisado sobre o cofre. Determinado como o abrir sem o código. Não denunciar a tua identidade ao fazeres a merda de um telefonema enquanto a porra da mulher dele está metida na banheira, paredes-meias.

As obscenidades parecem ainda mais vulgares se proferidas por uma voz mecânica.

Apesar de não ser a conversa motivacional que esperava, foi, surpreendentemente, a conversa motivacional de que precisava. E ele tem toda a razão. Eu queria despachar o trabalho. Não queria passar nem mais um dia a afeiçoar-me ao Miles.

De futuro, terei de fazer melhor. *Serei* melhor. Foi uma lição difícil de

aprender.

É dilacerante ouvi-lo pôr as cartas na mesa como pôs. Apesar de eu me lembrar do Miles e deste trabalho para o resto da vida, o miúdo vai certamente esquecer-se de mim. Mas o senhor Smith está enganado. Não sou apenas um fantasma temporariamente de passagem pela vida dos Kingstons.

Sou um fantasma temporariamente de passagem pela minha própria vida.

A única pessoa que se importa comigo sou eu. A única pessoa a certificar-se de que sobrevivo sou eu.

Estou por minha conta.

Por fim, ele diz:

— O dinheiro será transferido para a tua conta como pagamento pelo trabalho concluído. Durante a próxima semana, receberás instruções para o trabalho seguinte. Tira uns dias para fazeres as malas, uma vez que serás recolocada. Não posso arriscar que te cruzes com os Kingstons.

— Sim, senhor.

— A ambulância já levou a senhora Kingston da residência e a Polícia está a interrogar o marido neste preciso momento. Da próxima vez que te pedir para me contares todos os pormenores, não me omitas a porra de nenhum detalhe.

Inspiro fundo e sustenho a respiração até sentir um ligeiro ardor no peito e a cabeça um pouco tonta. Soltando o ar num sopro silencioso, murmuro:

— Farei melhor da próxima vez. Sem erros. — Em silêncio, acrescento: *e nunca mais me afeiçoarei a ninguém em trabalho.*

— Sem erros — ele repete.

CAPÍTULO 13

Hoje

Este jantar vai ser bastante diferente do que demos há umas semanas. Estou a pôr a mesa no quintal das traseiras e não na sala de jantar, porque faz bom tempo e os mosquitos ainda não estão a atacar em força. O Ryan está a refrescar a cerveja e o vinho que comprámos, pondo-os no balde galvanizado decorativo que tem o nome Sumner gravado na parte da frente. A Sara deu-lhe o balde de gelo pelo último aniversário; se há coisa que aprendi ao longo dos anos é que os sulistas acreditam que uma prenda personalizada é a melhor prenda.

O James e aquela mulher chegam no preciso momento em que o Ryan acende o lume.

Cumprimentamo-los quando sobem os poucos degraus para o alpendre. O Ryan pega numa das embalagens de doze cervejas que o James traz e ela passa-me uma travessa tapada com papel de alumínio, dizendo:

— Sei que disseste para não trazer nada, mas a mãe do James e eu fizemos demasiados *brownies* esta tarde.

Levanto um canto da folha de alumínio para espreitar.

— Hum, cheiram divinamente.

Já estou a visualizar a publicação no Facebook que a senhora Bernard já deve ter feito.

— Como anda a perna do teu pai? — pergunta o Ryan ao James enquanto apertam as mãos.

— Vai melhorando — responde o James. — Ou, pelo menos, a sua capacidade para não se queixar.

A mulher solta uma gargalhada ao mesmo tempo que dá uma pequena cotovelada ao James.

— Não digas isso. Ele é um doente bem melhor do que o filho alguma vez seria. — Depois vira-se para mim. — Agora que está em casa, passa o tempo a jogar póquer. Já não tem amigos com vontade de apostar para perder com ele. — Deixa cair a mão com delicadeza no braço do Ryan. — Eu sei que ele adoraria que nos visitasses. Estarias disposto a perder uma ou duas mãos só para o animar?

Mal chegou e já tem os dois homens presos a cada palavra que profere.

— Para o Ryan, não é difícil perder às cartas! — diz o James.

Solto uma gargalhada com a medida certa para que pareça genuína e depois faço sinal para que se sentem à mesa, enquanto o Ryan junta a cerveja que o James trouxe ao balde de gelo.

— Já venho — digo, entrando em casa para ir buscar os canapés que fiz antes.

Quando me volto a sentar, inspiro fundo e assimilo tudo à minha volta. Está uma noite linda, um tempo com que o Luisiana raramente é agraciado — quente e com uma brisa agradável, sem humidade. É uma pena desperdiçar uma noite assim tão perfeita a trabalhar.

A conversa flui bem, sobretudo graças ao empenho dos rapazes. Ela parece ter a mesma abordagem do que eu neste tipo de situação: ouvir e aprender.

— Estamos a monopolizar a conversa — diz o Ryan com uma gargalhada, ao fim de algum tempo, virando-se depois para a mulher sentada ao lado do James.

— Adoraria saber mais sobre a recém-chegada a Lake Forbing.

— Pois é, não tivemos grande oportunidade de falar na festa do *derby*... Lucca.

— É difícil dizer o nome dela em voz alta. O meu nome. Deixa-me, como pensava, um travo amargo na língua.

Ela dá de ombros e sorri de forma calorosa para o James.

— Não há muito a dizer. Conheci o James há uns meses. Trabalhávamos ambos em Baton Rouge. Eu sou avaliadora de seguros e encontrava-me na cidade a dar seguimento aos pedidos de ativação na sequência do tornado que assolou a região no outono passado.

— Pois, foi um dos grandes — comenta o Ryan. — Tenho alguns clientes lá. Muitas casas ficaram destruídas.

— Foi uma tragédia. — Ela estica o braço e desliza a mão sobre a do James. — Faz-nos dar valor ao que temos.

Preciso de uma grande dose de autodomínio para manter o meu sorriso doce e a expressão interessada.

— Portanto, andas de desastre em desastre? — pergunto.

Ela encolhe-se.

— Basicamente, sim. Às vezes, é difícil. Mas há intervalos pelo meio, como agora. Não tenho de estar em lado nenhum, por isso, posso tratar da papelada em qualquer parte. — Outro olhar amoroso para o James e outro aperto de mãos, mas ele está demasiado ocupado a emborcar o resto da cerveja com a mão livre e nem repara.

Ela é boa. Tem uma história sólida. Um papel irrepreensível. Os movimentos faciais correspondem às emoções que transmite. Estou impressionada.

Já o James precisa de preparação, embora eu tenha a certeza de que não passa de um peão. Ela é polida, ao passo que ele parece estar preso por um fio. Não

consigo imaginar qualquer outra circunstância em que esta relação pudesse ser genuína.

Já estive no lugar dela. A forçar algo só por causa de um trabalho. O facto de continuar a olhar para ele como se o venerasse faz-me respeitá-la mais do que aquilo que quero.

Ela vira-se para mim e diz:

— O James disse que vives aqui há pouco tempo, Evie. O que te trouxe a Lake Forbing?

— Oh, tenho andado feita salta-pocinhas. Os meus pais morreram num acidente de viação e precisei de uma mudança de cenário. — Mordo o lábio inferior e olho na direção do Ryan, numa breve manifestação de vulnerabilidade antes de a reprimir novamente. Ele aproxima-se, pousando a mão na minha coxa. — Acabei por vir aqui parar e por me apaixonar por isto. Tenho um fraquinho por cidadezinhas pitorescas — digo, com uma gargalhada nervosa.

— E por tipos jeitosos com conhecimentos básicos de mecânica — acrescenta o Ryan, entre risos. — Peçam-me para fazer qualquer outra coisa além de mudar um pneu e terei de chamar reforços.

Ela debruça-se para a frente, com um sorriso de orelha a orelha.

— Por falar em cidadezinhas pitorescas, quem é a tua amiga da faculdade que é natural de Eden, Evie? Devo conhecê-la ou à família. Numa cidade daquele tamanho, será difícil não saber quem é.

A cabra.

Devolvo-lhe o sorriso.

— Regina West. Tem uma irmã mais nova, a Matilda, e um irmão mais velho, o Nathan, deves conhecer. Ficámos em casa dela, mas não te sei dizer em que rua ou bairro.

Vejamos se é assim tão boa e quão minucioso foi o pacote de informações que recebeu sobre mim. Andei na escola com a Regina West, mas a família mudou-se quando estávamos no sétimo ano. Fomos as melhores amigas até essa altura, e adoraria saber quanto do meu passado é do conhecimento do senhor Smith. O Nathan voltou para Eden há cerca de cinco anos, depois de terminar o curso de Medicina, onde abriu uma clínica daquelas sem necessidade de marcação prévia. Não há muitos médicos de família na área, pelo que é bastante conhecido e respeitado na comunidade.

A testa enrugando-se-lhe como se estivesse a tentar puxar pela cabeça.

— Esse nome é-me familiar... — Diminui o volume da voz, deixando a frase por acabar.

Não. Bato-a aos pontos. É óbvio que não fez a sua própria pesquisa e se baseou apenas nas informações que o senhor Smith lhe forneceu. E teria sido informada sobre o Nathan caso a minha amizade de infância com a Regina tivesse sido

descoberta, uma vez que éramos inseparáveis antes de ela se mudar. Suponho que o senhor Smith não terá desvendado muita coisa sobre mim no período anterior à escola secundária.

— Ainda te sentes em casa em Eden? — pergunta o Ryan. — Não diria que a tua empresa te mandaria para tão longe em trabalho.

— Agora vivo em Raleigh. Eden é um ótimo sítio, mas é um pouco pequeno de mais, sabes? — Ela encolhe os ombros e olha para mim, para ver se concordo. — A minha empresa tem falta de pessoal, por isso, estamos todos um pouco sobrecarregados. Envia-me para onde for necessário.

— Vocês as duas já se fartaram de andar por aí — diz o James com uma sonora gargalhada. — Evie, suponho que planeies assentar durante algum tempo, agora que vives com o Ryan. Acabou-se a fase como salta-pocinhas? Ou é apenas uma paragem temporária?

— James, estás a pô-la numa situação desagradável. — A voz do Ryan denota um laivo da amargura que lhe ouvi há uns dias no escritório em Glenview.

Ela aperta-lhe a mão com força suficiente para que o James solte um queixume. E depois este baixa a voz e diz-lhe calmamente:

— Pensava que querias saber se ela ia ficar.

Pois, é impossível que ele também trabalhe para o senhor Smith. Ele não é nada bom nisto e ela tem de se esforçar mais para manter o seu peão na linha.

— É uma pergunta legítima — digo, ignorando aquele último comentário. — Não teria aceitado o convite do Ryan para me mudar para cá se planeasse seguir viagem. — O polegar do Ryan roça suavemente na minha perna, indicando-me que ficou satisfeito com a minha resposta.

— Assim que vir os meus planos para criar uma horta e uma estufa, ela não vai a lado nenhum. Será uma operação a quatro mãos, não me pode abandonar.

Volto a minha atenção para o Ryan.

— Vais cultivar uma horta?

Ele abana a cabeça lentamente e alarga o sorriso.

— Não. — Faz uma breve pausa e diz: — *Nós* vamos cultivar uma horta. Disseste que sempre quiseste ter uma.

O rubor que me sobe às faces é genuíno, e desejo não ter de partilhar este momento com as outras duas pessoas à mesa.

Ela inclina-se para a frente, quebrando o encanto entre mim e o Ryan, e pergunta:

— Podes dizer-me onde fica a casa de banho mais próxima, Evie?

Mas o Ryan põe-se imediatamente de pé.

— Eu mostro-te. Tenho de ir buscar os bifés. Se não os pusermos na grelha já, só os comemos ao pequeno-almoço.

Ela segue-o para dentro de casa, e eu sei que vai aproveitar a ocasião para

bisbilhotar as nossas coisas. Seria precisamente o que eu faria, mas sobretudo *é o que quero que ela faça*. Deixei-lhe uma lembrança que espero que encontre e reporte ao senhor Smith. É uma jogada perigosa, mas preciso que ele ponha todas as cartas na mesa. Estou farta de surpresas.

O interessante desta situação é que não consigo asseverar se ela sabe que eu estou aqui em trabalho, tal como ela. Ou estará a manipular-me, tal como faria a qualquer alvo incauto? Será que as instruções que recebeu referiam que mencionar Eden, na Carolina do Norte, me deixaria desconfortável?

— James, como gostas da carne? — pergunta o Ryan quando regressa com uma travessa de bifes marinados e um avental que diz: *Não tens de me beijar, mas podias ir buscar-me uma cerveja*.

— Média — responde e depois encaminha-se para a grelha.

Eu fico a bebericar o vinho enquanto dou àquela mulher mais uns minutos para remexer à vontade nas minhas coisas, e depois levanto-me da mesa.

— Parece que te esqueceste dos vegetais. Vou buscá-los.

O Ryan responde-me com um aceno de cabeça e depois volta-se para o James.

Entro na cozinha, à espera de a ver, mas nem sinal. Espreito o relógio. Está a demorar muito.

Sem fazer barulho, começo a subir as escadas. Assim que chego lá acima, ela sai da casa de banho do corredor.

— Estava com medo que te tivesses perdido — digo.

Ela dá um grito agudo e salta ligeiramente para trás, levando a mão ao peito.

— Oh, não te vi! — Depois, a expressão muda e ela retoma o seu sorrisinho encantador. — Apanhaste-me a admirar estas fotografias amorosas da família na parede da escada! O Ryan era um rapazinho adorável!

Olho para as imagens em questão, atrás de mim, e sou obrigada a concordar. Era mesmo encantador.

E pontos de bónus para ela pela forma como deu a volta à situação. É uma boa desculpa.

Ela avança na direção das escadas e fica à espera de que eu vá à frente, mas eu afasto-me para o lado.

— Vou ter convosco lá abaixo. Preciso de ir buscar uma coisa ao quarto.

Hesitando por breves instantes, passa por mim a sorrir. Assim que a perco de vista, vou até ao quarto no fundo do corredor. Há apenas uma coisa aqui que ela poderia ter encontrado, e espero que tenha conseguido.

Vou até ao toucador e abro a gaveta. Tinha disposto duas canetas e um lápis de uma forma muito específica em cima de uma resma de papéis, e ela teria de os afastar para o lado se quisesse ler o que estava lá escrito — e é óbvio que foi exatamente o que fez. Fecho a gaveta e desço.

Regresso ao quintal com os vegetais, entregando a travessa ao Ryan, depois

acendo as velas que espalhei por todo o lado, visto que o sol já se pôs completamente.

— O jantar está quase pronto — avisa o Ryan.

Com um aceno de cabeça, digo:

— Perfeito. Vou buscar o resto à cozinha.

Pouco depois, o Ryan põe um bife em cada prato, juntamente com uma dose de vegetais grelhados, enquanto eu ponho o pão de alho e uma saladeira grande no centro da mesa.

— Tem tudo um aspeto delicioso — diz ela. — Vocês esmeraram-se.

Corto uma pequena porção do bife e levo-o à boca, mastigando devagar.

— Adoramos receber — digo, olhando de soslaio para o Ryan. Ele faz-me aquele sorriso afetado dele, pois ambos nos lembramos de como precisou de semanas para me convencer a dar o último jantar.

— Até quando vão ficar por cá? — pergunta o Ryan.

Ela olha para o James como se não soubesse a resposta.

— Talvez mais umas semanas — diz ele. — Logo que o meu pai for capaz de andar pelo seu próprio pé, poderei ir-me embora de consciência tranquila.

— Ainda bem que conseguiste tirar este tempo de licença do trabalho — comenta o Ryan e depois bebe um gole de cerveja. Este aspeto foi algo que mencionou esta tarde: está preocupado com a verdadeira razão por detrás do regresso do James. Se o James se orientou por fim e manteve um emprego, como disse, impunha-se a questão: como é que conseguiu tirar tanto tempo de licença?

— Vantagens de trabalhar remotamente — diz, com uma gargalhada. — Dá para trabalhar de qualquer lado.

— O que é que fazes, James? — pergunto.

Ele olha para a mulher, como se apenas ela soubesse a resposta. Ela devolve-lhe o olhar, com uma expressão que só pode ser descrita como a de quem tem a esperança de que ele não deite tudo a perder com a resposta.

Por fim, ele vira-se para nós.

— Na verdade, a Lucca arranjou-me emprego na sua empresa. Trabalho para ela.

Ele tê-lo-ia vendido melhor se não soasse tão desconsolado. Em vez de transmitir a ideia de que são colegas, fá-lo parecer um caso de caridade.

O Ryan não ficou radiante por eu os ter convidado para jantar. Foi para a garagem, onde andou a bater com as coisas durante uma boa hora, e depois passou o resto da tarde a esconder alguns dos bens obviamente valiosos — e facilmente amovíveis —, incluindo as minhas joias e quaisquer medicamentos sujeitos a receita médica que encontrou no armário. As amigas do Ryan haviam mencionado que o James o roubou da última vez que veio de visita, porém, comigo, o Ryan nunca o admitiu. E, pela forma como interagem hoje, não é possível dizer se estão

desavindos.

Os preparativos para esta noite causaram uma tensão entre nós como ainda não havíamos sentido.

Independentemente dos medos do Ryan e dos motivos do James, a minha única preocupação é com ela.

O resto do jantar foi passado com conversa de circunstância. O Ryan acompanha o James cerveja atrás de cerveja até ficarem os dois bem tocados. Ela e eu levantamos a mesa, enquanto os rapazes se põem a fazer lançamentos com uma velha bola de futebol americano, no pátio escurecido, falhando mais bolas do que aquelas que apanham.

Ela segue-me para dentro de casa, tratamos dos pratos e guardamos os restos. O senhor Smith disse-me o porquê de ela estar aqui, mas ela é um ativo demasiado bom para servir apenas como lembrete. E agora que andou a mexer nas minhas coisas, sei que tem um papel ativo; não é uma simples observadora. Decido passar à ofensiva.

— Já recebeste as instruções seguintes ou ainda tens de ir ver o correio todos os dias? — O meu tom é casual e, pela forma como o prato lhe escorrega dos dedos e cai no lavatório, sei que a apanhei desprevenida.

Mas não tarda a recompor-se. Simula uma expressão confusa, perguntando:

— Instruções?

— Não espero que respondas. Mas espero que transmitas o recado: estou aqui para fazer o meu trabalho e não gosto de interferências. — A sua linguagem corporal diz-me que está genuinamente surpreendida com as minhas palavras, pelo que assumo que desconhecia o facto de partilharmos o mesmo chefe. Inclino o corpo, aproximando-me um pouco mais. — Temos mais coisas em comum do que pensas.

A descrença no seu rosto ainda é visível, mas agora já é mais controlada.

— Desculpa, não sei mesmo do que é que estás a falar.

— O Sheetz, que fica na North Van Buren, em Eden... Como se chama a rua lateral?

Abre ligeiramente a boca, mas não diz nada.

— East Stadium Drive. É a rua que vai dar à escola secundária. Uma rua que toda a gente em Eden conhece sem ter de pensar — digo. — Já lhe enviaste uma foto daquilo que encontraste lá em cima ou esperas até chegar a casa dos Bernards?

Ela encolhe-se perante o meu tom de voz.

— Não sei...

Aproximo-me ainda mais.

— Podemos passar à parte em que respondes diretamente à minha pergunta?

Depois de um minuto tenso, ela diz:

— Já lhe enviei uma foto.

Ela não podia saber que aquilo que encontrou não tem utilidade alguma, apenas sabia que não era algo que se guardasse numa cómoda e que tinha um ar suspeito. Era quanto bastava para o enviar ao senhor Smith.

E eu não consegui resistir à oportunidade de lhe transmitir o que penso sobre a presença dela aqui. Ele sabe que eu jamais guardaria informações confidenciais nesta casa. Portanto, criei uma folha de cálculo intitulada «Angariação de Fundos da Associação da Ópera», com uma lista de nomes falsos e números de cartões de crédito para simbolizar aquela que teria obtido naquele leilão no clube de campo, se não tivesse sido apanhada nessa noite. Foi o suficiente para lhe chamar a atenção, e o senhor Smith saberá que a plantei para que ela a encontrasse. Não me agrada que envie outra pessoa para o meu espaço.

Ela faz menção de se afastar, mas hesita.

— Como soubeste?

— Estava à espera de que me revistasses as coisas e deixei-o para que o encontrasses. Mas, se não esperasse, não desconfiaria de nada. — Não sei porque é que senti a necessidade de lhe fazer este elogio, uma vez que não estamos do mesmo lado.

— É melhor ir ver do James — diz ela.

Quando já estamos junto à porta para o quintal, digo ainda:

— Um último aviso. Não é preciso muito para passarmos de estar no trabalho a ser o trabalho. Há mais coisas que quero dizer, mas já falei de mais, e o senhor Smith não vai gostar desta conversa franca.

Ela empurra a porta e diz naquela voz melosa:

— James, querido, estás pronto?

— Estou, querida. Vamos embora quando quiseres — responde.

Eu e o Ryan acompanhamo-los lá fora, e reparo que as coisas não estão tensas apenas entre nós as duas, mas também entre ele e o James.

As despedidas são secas, comparativamente às amabilidades que trocámos ao jantar. Ela senta-se atrás do volante, dado que o James mal conseguiu caminhar até ao carro pelo seu próprio pé, e os nossos olhares cruzam-se quando ela liga o motor.

Ficamos a vê-los fazer marcha-atrás.

— Aconteceu alguma coisa com o James? — pergunto.

O Ryan fica tenso ao meu lado.

— A mesma treta de sempre.

Assim que a luz dos faróis desaparece ao virar da esquina, caminhamos de mão dada para casa.

CAPÍTULO 14

Hoje

Acordei mais cedo do que é costume aos domingos de manhã. Os acontecimentos da véspera geraram um rol interminável de perguntas, resultando numa noite mal dormida. Deslizo para fora da cama, tentando não acordar o Ryan, e esgueiro-me para a cozinha no piso inferior. Tenho de usar as horas seguintes para refletir no que fazer enquanto aguardo a próxima jogada do senhor Smith.

Ligo a máquina de café antes de acender o pequeno televisor no canto onde tomamos o pequeno-almoço. Um filme antigo a preto e branco rumoreja em plano de fundo enquanto olho fixamente para o gotejar contínuo do líquido escuro.

O estrondo de alguém que desce as escadas a correr faz-me virar subitamente na direção do som. O Ryan derrapa cozinha adentro, de telemóvel encostado à orelha. Estala os dedos na minha direção e aponta para a televisão. Tapando o microfone com a mão, diz:

— Põe no três. — Parece em pânico. — Já te ligo de volta.

Mudo de canal e a apresentadora do noticiário local enche o ecrã. Está na berma da estrada, com o brilho suave do sol nascente atrás de si, realçando a ponte sobre o lago.

— O acidente ocorreu pouco depois das onze da noite de ontem. As autoridades dizem que a viatura circulava a alta velocidade quando resvalou para fora da estrada, rompendo os guarda-corpos da ponte e caindo no lago. À pergunta sobre se o condutor estaria sob o efeito de substâncias, a Polícia respondeu que só poderá dizê-lo depois de terem os resultados do exame toxicológico.

A câmara afasta-se para captar uma imagem panorâmica da cena e sinto uma onda de náusea a percorrer-me. O mesmo carro que saiu de marcha-atrás da nossa entrada, ontem à noite, está neste momento a ser içado da água por um grande rebocador. Depois, surge uma imagem do James e da mulher na festa do *derby*.

— James Bernard e a companheira, Lucca Marino, estavam de visita, vindos de Baton Rouge. Foram ambos declarados mortos no local, tendo a família Bernard sido notificada pouco depois — informa a repórter.

Que grande merda.

Em seguida, passam para a mesa do pivô.

— Chrissy, deve ser horrível para a família do senhor Bernard.

E então a Chrissy surge num ecrã dividido.

— É verdade, Ed. O pai do senhor Bernard encontra-se atualmente em casa a convalescer de uma queda, e o filho, James, tinha vindo ajudar a mãe. A família pede privacidade nesta altura difícil. Contactámos a nossa estação afiliada na cidade natal de Lucca Marino, Eden, na Carolina do Norte, e divulgaremos informações sobre a vítima no noticiário da noite.

O Ryan fita o pequeno ecrã com a mão na boca. Tem uma expressão vazia, como se ainda estivesse a processar o que vê.

Quando as notícias passam para a história seguinte, desligo o televisor. O Ryan deixa-se cair na cadeira mais próxima, com a cabeça entre as mãos. Vou ter com ele, passando os meus dedos pelas suas longas madeixas.

— Não acredito. A noite de ontem não acabou bem, e agora isto. Ele foi um falhado toda a vida. Sempre a meter-se em sarilhos, a roubar-me... mas pensei que talvez estivesse melhor. E depois, quando estávamos a jogar à bola ontem à noite, ele pediu-me dinheiro. Eu estava com os copos e passei-me. Disse-lhe que não lhe aturava mais merdas.

Não digo nada, continuo apenas a afagar-lhe o cabelo enquanto penso nas circunstâncias que podem ter levado ao acidente e no seu significado.

— Temos de ir ver os pais dele — diz ele, levantando a cabeça para mim. — Ela estava embriagada? Devíamos tê-la impedido de conduzir?

Abano a cabeça e preciso de um segundo para conseguir falar.

— Não. Ela bebeu dois copos a noite toda. Estava em condições de conduzir.

— Não permitirei que ele se culpe seja pelo que for.

Isto parece dar-lhe algum alívio, mas é de pouca dura. Levanta-se de um salto da cadeira, como se estivesse sentado em cima de uma mola.

— Tenho de ir ver os pais dele. A mãe deve estar de rastos. O pai também. Porra, a Polícia vai querer falar connosco. — Ele estreita os olhos. — Fomos os últimos a vê-los com vida. Hão de querer fazer-nos perguntas.

Está a divagar e tenho de o centrar. E conseguir, assim espero, dissuadi-lo de falar com a Polícia. A última coisa que quero é fornecer dados meus à Polícia.

— Uma coisa de cada vez. Vamos vestir-nos e visitar os pais do James. Ver se precisam de ajuda com o funeral. Preocupamo-nos com o resto depois.

Ele assente, enquanto rodopia no meio da cozinha.

— Sim, vamos fazer isso. — Depois estaca. — E a Lucca? Não devíamos telefonar aos pais dela? Ainda manténs o contacto com a tua amiga do secundário que tem família lá? Talvez os conheça.

Respira fundo. Sustém a respiração. Exala lentamente.

— Vamos começar com os pais do James. Talvez até já tenham contactado a

família dela.

Ele assente novamente e corre para as escadas.

— Estou pronto em dez minutos.

Deixo-me cair na cadeira que o Ryan deixou vazia.

Foge.

Mentalmente, vejo-me a fugir desta cidade sem olhar para trás.

Respira.

Preciso de pensar bem nisto. Tenho de pensar nisto como se fosse o senhor Smith. Estaria ele disposto a empregar o tempo e a energia necessários para a preparar para este trabalho, e a usar os contactos que tivesse de usar para a pôr aqui, só para a assassinar pouco depois de ter chegado?

Este cenário só me parece plausível na eventualidade de ela ter concluído a tarefa para a qual foi enviada e depois ter deixado de ter utilidade. Não vejo como é que isso tenha sido possível.

Aceitei este trabalho sabendo que era um teste — e não foi o primeiro teste a que ele me submeteu durante os oito anos que trabalho para ele —, portanto estava à espera de que fosse mais intrincado do que aquilo que me foi dito originalmente. A única coisa que tenho como certa é que a chegada desta mulher aqui estava associada à insatisfação do meu chefe com o meu desempenho no último trabalho e que agora ela está morta.

Para já, vou acompanhar o Ryan à casa dos pais do James, onde os consolaremos, dizendo-lhes o quão felizes foram as últimas horas de vida do James. Vou tentar saber tudo o que puder sobre a mulher que foi enviada para se fazer passar por mim. Segurarei na mão do Ryan, enquanto ele chora a perda do seu melhor amigo. Independentemente das palavras duras, sei que o Ryan preferiria que o James não tivesse morrido no acidente de ontem. A morte tem o poder de dissipar os ressentimentos.

Mas, sobretudo, vou terminar o que comecei.



Quando chegamos, estão duas viaturas da Polícia estacionadas à frente da casa dos pais do James. Apesar de saber que era uma possibilidade, tinha esperança de que já tivessem chegado e partido.

O Ryan estaciona na rua, duas portas abaixo, no lugar mais perto que consegue encontrar.

Os Bernards vivem num bairro mais antigo na outra margem do lago, no lado oposto à casa do Ryan, onde as casas foram construídas em meados da década de 1980, em tijoleira de vários tons de castanho, com telhados esconsos baixos e caminhos estreitos de acesso.

Há um fluxo constante de pessoas que se encaminham para a porta da frente, tal como nós.

— O que faz aqui tanta gente? Parece o tipo de ajuntamento que se forma na funerária — sussurro ao Ryan, enquanto ele me guia por entre a multidão, rumo à parte lateral da casa. Eu sabia que ele e o James tinham crescido juntos e que ele tinha passado muito tempo aqui em miúdo, pelo que não me surpreende que o Ryan evite entrar pela porta da frente.

— A maior parte devem ser vizinhos e membros da igreja que frequentam. O velório vai ter o dobro das pessoas. Muitas destas mulheres têm um guisado pronto no congelador só para estas ocasiões. — Ele olha para mim por cima do ombro e revira os olhos, acrescentando: — Além disso, estão aqui para coscuvilhar.

O Ryan introduz-nos pela porta lateral e atravessamos o exíguo corredor dos fundos em direção à área social principal. As pessoas ocupam toda a extensão de uma parede a outra e os tetos baixos intensificam a sensação claustrofóbica. Um grupo de mulheres mais velhas, com crachás com o nome ao peito e aventais a condizer, com um ar bastante oficial — se as minhas suspeitas estiverem corretas, devem pertencer à brigada da Bíblia da igreja dos Bernards —, corre a oferecer água ou café às visitas e garante a limpeza e a arrumação do espaço.

— Eles não estão aqui — murmura o Ryan, puxando-me de volta para o corredor e por outra porta que leva a um pequeno escritório.

O corpo franzino e débil da Rose Bernard está espremido no canto de uma cadeira excessivamente grande, ao passo que o Wayne Bernard está ao seu lado, enfiado numa poltrona de orelhas, com a perna lesionada apoiada numa pequena otomana. Um agente fardado está sentado num banco à frente do casal e há mais dois agentes atrás dele.

Assim que surgimos à entrada, os polícias dirigem-nos de imediato a sua atenção.

Eu e o Ryan recuamos um passo.

— Desculpem, não queríamos interromper...

Ao ver o Ryan, a senhora Bernard solta um grito angustiado.

— Não te vás embora — grita. — Ryan, como é que isto sucedeu? Ele estava bem em tua casa ontem à noite? Aconteceu alguma coisa?

O Ryan entra e agacha-se a seu lado, agarrando-lhe nas mãos.

— Não aconteceu nada. Ele estava ótimo! Estavam os dois ótimos. Não os teria deixado ir embora se não me parecessem bem.

Os agentes entreolham-se ao compreenderem que o falecido esteve em nossa casa antes da colisão. Passámos de umas visitas quaisquer a possíveis testemunhas do seu estado de espírito antes do acidente.

A senhora Bernard inclina-se um pouco para a frente para que o Ryan a possa

abraçar.

O senhor Bernard engole em seco, agarrando na mão da mulher, num gesto de apoio.

Eu não devia ter vindo. Devia ter deixado que o Ryan tratasse disto sozinho. Devia tê-lo convencido de que era um assunto privado, não para uma estranha como eu, mas estava de tal maneira desesperada por qualquer migalha de informação sobre a mulher que ignorei o risco que podia correr aqui.

Agora compreendo que cometi um erro crasso. O agente sentado no banco tem agora os olhos postos em nós. E como, aparentemente, a única coisa que impede a senhora Bernard de se desmoronar por completo são os braços do Ryan à sua volta, é comigo que o agente fala primeiro.

— Bom dia — cumprimenta, virando as páginas do bloco de notas. — Sou o comissário Bullock. Estou a tentar recolher o máximo de informação possível. Importa-se que lhe faça algumas perguntas?

Estou feita. Não posso dizer que não sei nada, porque é óbvio que eles estiveram connosco ontem à noite. E, por mais que gostasse de responder a estas perguntas nos meus próprios termos, terei de o fazer agora.

— Com certeza — digo, assentindo na direção do Ryan. — Viemos assim que soubemos. O James e a Lucca estiveram em nossa casa ontem à noite.

Com a caneta a pairar sobre a folha branca, ele pergunta:

— E o seu nome é...?

Hesito apenas um segundo antes de responder:

— Evie Porter. — Oficialmente, acabei de mentir à Polícia.

— Evie é o seu nome ou é algum diminutivo?

— Evelyn.

— Muito bem, menina Porter. Como conheceu o senhor Bernard e a menina Marino?

O Ryan desprende-se da senhora Bernard, prometendo-lhe regressar em breve, e põe-se de pé a meu lado. Envolva-me a cintura com o braço direito, e eu não tenho a certeza se tenta mostrar uma frente unida ou se precisa que o conforto.

— Viva, chamo-me Ryan Sumner. O James era um velho amigo meu. A Evie e eu convidámo-los para jantar ontem à noite.

O comissário Bullock rabisca umas notas e não ergue os olhos do bloco quando faz a pergunta seguinte.

— A menina Marino bebeu ontem à noite?

O Ryan olha para mim antes de responder, e a pausa faz com que a caneta do comissário pare e os seus olhos se desloquem do bloco para nós.

— Ela bebeu um copo de vinho quando chegaram, por volta das seis, e outro durante o jantar. O James bebeu consideravelmente mais, por isso é que foi ela a conduzir — respondo.

O comissário Bullock faz um compasso de espera antes de retomar as notas.

— Diria que ela parecia estar no controlo das suas faculdades quando saíram de vossa casa?

— Sim — responde o Ryan.

— É possível que ela tenha bebido mais do que aquilo que testemunharam? Talvez tenha bebido um ou dois copos pela calada?

— É possível, mas parece-me improvável. Ela esteve connosco a noite toda, exceto quando foi à casa de banho.

Conduzir sob o efeito do álcool é a razão mais óbvia para um acidente deste género.

A questão da quantidade de álcool ingerido será provavelmente esclarecida com os resultados da autópsia, porém, eu sei que ela não pode ter bebido mais do que dois copos.

— O senhor Bernard ofereceu alguma resistência por não estar em condições de conduzir? — pergunta o agente.

Ao ouvir esta pergunta, a senhora Bernard agarra-se ao peito. O Ryan, apercebendo-se da sua aflição, faz sinal para que passemos para o corredor.

— Não, de todo. O James dispôs-se de bom grado a sentar-se no lugar do pendura — diz o Ryan por fim, quando saímos do escritório.

O comissário assente. Escreve mais do que fala, mas a forma como o bloco está inclinado não me permite ver os seus apontamentos.

— Como estavam as coisas entre o senhor Bernard e a menina Marino ontem à noite? Houve alguma discussão? Alguma briga?

— Não, nada disso — respondo.

— Aconteceu alguma coisa que pudesse ter contribuído para que a menina Marino estivesse distraída? Aborrecida? — O agente olha para o Ryan, encolhendo os ombros ao acrescentar: — Falaram de namoradas antigas? Bem sei como os amigos de longa data gostam de recordar o passado quando se reencontram. Se calhar, ela foi obrigada a ouvir histórias sobre os tempos áureos do senhor Bernard e não gostou do que ouviu?

— Não, não aconteceu nada do género — refuta o Ryan, com uma ponta de raiva na voz. — Nenhum de nós jamais poria a Lucca ou a Evie numa situação desconfortável.

O agente ergue uma mão.

— Certo, entendido, mas tenho de perguntar. Estava apenas a tentar compreender o que ia na cabeça da menina Marino enquanto estava ao volante na noite passada.

Eu sei o que lhe ia na cabeça. Não só lhe passei a perna como ainda a ameacei de que o senhor Smith se viraria contra ela tão depressa como se virou contra mim. E o Ryan tinha acabado de dizer ao James que não lhe dava mais dinheiro.

Nenhum dos dois estava lá muito animado.

— A que horas saíram de vossa casa? — pergunta.

— Um pouco antes das onze — digo.

Respondemos a todas as perguntas, descrevendo como foi a noite, desde o convite para jantar feito nesse dia de manhã na Home Depot até as luzes dos faróis do carro terem desaparecido ao fundo da rua. O comissário Bullock apenas ergue o olhar quando o Ryan hesita numa resposta, mas a sua imprecisão quanto aos pormenores da noite deve-se sobretudo ao facto de ter acompanhado o James cerveja atrás de cerveja, e estou certa de que terá memórias difusas da noite.

— Quando foi a última vez que estive em contacto com o senhor Bernard antes do seu regresso à cidade?

O Ryan fixa o olhar num ponto distante, parecendo perdido em pensamentos. Finalmente, responde.

— Há um ano, talvez. Ele precisava de dinheiro, eu dei-lho. — Restringe as informações ao mínimo indispensável e não menciona os pedidos recentes de ajuda financeira.

O comissário olha para mim.

— E quando foi a última vez que interagiu com o senhor Bernard antes do regresso dele?

Abano a cabeça.

— Conheci-o na semana passada.

Antes que possa impedi-lo, o Ryan acrescenta:

— A Evie mudou-se para cá vinda de Brookwood, no Alabama, há uns meses. Ela não conhecia o James.

Oh, merda. Vejo-o escrevinhar este último bombom de informação fornecido pelo Ryan, torcendo para que o contexto que foi montado em torno da Evelyn Porter se agunte.

Por fim, o comissário guarda o bloco e a caneta no bolso.

— Entraremos em contacto se tivermos mais perguntas.

Assinto, mas o Ryan detém-no antes de se ir embora.

— Já notificaram a família da Lucca? — O seu braço, que ainda está enganchado na minha cintura, puxa-me para si. — Pensei que talvez possam querer falar connosco, por termos sido os últimos a vê-la com vida.

— Já contactámos a Polícia local em Eden e estamos à espera de que nos liguem de volta. Estão a tentar localizar os seus familiares.

Não há familiares da Lucca Marino em Eden, Carolina do Norte, mas ele vai descobrir isso não tarda.

— Bem, se tiverem perguntas ou simplesmente quiserem falar, fazia o favor de lhes dar o meu número? — pergunta o Ryan.

O comissário Bullock assente.

— Claro que sim.

Após a saída da Polícia, ajudamos os Bernards a regressarem à sala de estar. Apesar de haver uma fila de gente à espera para apresentar condolências, a senhora Bernard cola-se novamente ao Ryan. Ele senta-se ao lado dela no sofá, enquanto ela fala com cada uma das pessoas à espera de vez. Ao que parece, não vamos conseguir sair daqui tão cedo. Opto por ajudar na cozinha, para onde migrou grande parte das senhoras da igreja. Para mexeriquices, não há como mulheres tementes a Deus de caçarola em punho, portanto, instalo-me ao pé da cafeteira, oferecendo-me para reabastecer todas as chávenas que vejo vir na minha direção, e fico à espera de ouvir alguma fofoca interessante até ter uma aberta para ir bisbilhotar o quarto onde o James e a mulher dormiam.

Há três mulheres comigo na cozinha. A Francie parece ser a cozinheira do grupo e tomou as rédeas da confusa panóplia de comida que as pessoas foram trazendo, dividindo-a em doses individuais que depois condiciona no frigorífico para os Bernards comerem mais tarde. A outra metade é oferecida às visitas, disposta ao estilo de um bufete na mesa da sala de jantar. A Toni é aquilo a que a minha mãe chamaria uma «barata tonta». É ótima a transmitir a impressão de que está ocupada, sem realmente fazer nada que se veja. E a Jane é a dona das listas. Há uma lista de pessoas a quem telefonar. Uma lista de coisas a comprar. Uma lista dos pratos que as pessoas trouxeram. Uma lista das pessoas que apareceram. E uma lista das pessoas que escreverão bilhetes a agradecer aos que trouxeram comida ou apareceram em pessoa.

A morte requer muita organização.

A Francie desaparece na pequena lavandaria junto à cozinha, ressurgindo minutos depois com um grande cesto de roupa dobrada.

— Vou pôr esta roupa no quarto do James — anuncia.

Como o cesto pesa claramente mais do que ela consegue suportar, agarro a oportunidade.

— Eu ajudo-a. Posso levar o cesto se me indicar a direção certa — digo eu, já com as mãos no cesto.

A Francie parece ficar aliviada.

— É muito gentil da sua parte, querida. São as roupas do James e da Lucca. Não queria que a Rose ainda tivesse de lidar com isto. É o segundo quarto à direita — diz, apontando para o corredor que sai da cozinha.

Saio disparada para o corredor. É aterrador ver o quarto tal como o deixaram ontem, pensando que voltariam. Depois de pôr o cesto de roupa em cima da cama por fazer, remexo nos papéis em cima da pequena secretária, mas não encontro nada de relevante.

Há duas malas abertas no chão, uma ao lado da outra, a transbordar de roupa. A bancada da casa de banho está repleta de artigos de higiene e maquilhagem.

Começo por vasculhar na mala da mulher, mas encontro apenas roupa e sapatos.

Surpreende-me que nunca tenham desfeito as malas, nem usado o roupeiro vazio ou a cómoda, tendo em conta o tempo que já passara desde que chegaram. Passo os dedos pelo rebordo interior da mala dela e detenho-me ao sentir uma zona rugosa, com relevo. Investigo o forro e encontro o fecho de velcro e, depois, a familiar tonalidade castanha de um envelope de papel pardo assim que abro o fecho.

O mesmo tipo de envelope de papel pardo em que recebo as instruções.

Tiro-o e abro-o, e o meu coração acelera-se ao ver a única folha de papel que ainda contém.

Indivíduo: Evie Porter

Tendo sido feito o contacto inicial, prepara-te para voltar a interagir com o sujeito.

Se se apresentar uma oportunidade de entrares na residência do sujeito, aproveita para revistar os seus pertences. Concentra-te no seu espaço pessoal e nos seus bens. Reporta qualquer coisa, seja o que for, que pareça suficientemente importante para esconder. Em caso de dúvida, documenta-o e envia-me o que encontrares. Procede com a máxima cautela ao revistares as suas coisas e não deixes vestígios.

Estudo o exterior do envelope e vejo o endereço de uma loja de remessa e o apartado número 2870. Ele deve estar desesperado para tê-la mandado revistar as minhas coisas. Ele sabe que eu jamais guardaria nada de valor na casa do Ryan.

Volto a guardar as instruções no envelope, dobro-o e enfio-o no bolso de trás das calças.

— Tudo bem por aqui? — pergunta a Francie da entrada, sobressaltando-me.

Olho por cima do ombro, enquanto agarro numa pilha de roupas que tinha tirado da mala. — Pensei que podia poupar a senhora Bernard ao trabalho de arrumar as roupas da Lucca, pois deve ter de as devolver à família. Não queria que ainda tivesse de tratar disso.

Isto granjeia-me um grande sorriso.

— Que boa ideia. Eu ajudo-te a despachar isso. Quero esconder-me da Jane, senão ainda me põe a lavar os pratos.

Eu e a Francie passamos os trinta minutos seguintes a arrumar todos os pertences deles, distribuindo-os pelas duas malas. Continuo à procura das instruções anteriores e da descrição detalhada que terá recebido sobre mim, mas não encontro mais nada.

Vou ter com o Ryan à sala. Tenho de sair daqui e de ir falar com a única pessoa que me pode ajudar a decidir o que fazer a seguir.

Nome falso: Mia Bianchi — Seis anos antes

Muitas pessoas tentam ser os melhores e mais brilhantes assistentes do Andrew Marshall. Ser bajulador e lamber botas são as duas qualidades principais de cada funcionário e voluntário. Decido enveredar pelo caminho oposto. É arriscado, por certo, mas, sem prejuízo do tamanho do seu ego, a honestidade pura e dura tem mais valor do que a reverência cega, e se o Andrew teve esperteza suficiente para chegar até aqui, ele sabe bem que é verdade.

Estou atualmente envolvida na campanha política do Andrew Marshall, na sua corrida a governador do Tennessee. Quando recebi as primeiras instruções para este trabalho, nas quais constavam a minha nova identidade como Mia Bianchi e o endereço do meu novo apartamento em Knoxville, no Tennessee, havia uma nota escrita à mão no fundo da página que dizia: «*Subiste à primeira liga. Não estragues tudo.*»

Embora já trabalhe para o senhor Smith há pouco mais de dois anos, ainda não o conheci pessoalmente nem voltei a falar com ele ao telefone desde o trabalho dos Kingstons, portanto, assumo que aquela nota de rodapé tenha sido acrescentada pelo Matt.

Tudo passa pelo Matt.

O segundo conjunto de instruções chegou uma semana depois de me ter instalado em Knoxville. Indicava que o alvo era o Andrew Marshall e informava-me de que a Mia Bianchi começaria a trabalhar na campanha dele na semana seguinte. O meu cabelo, a maquilhagem e as roupas deviam ser irrepreensíveis. Eu devia ser a pessoa mais inteligente na sala. Devia revelar-me indispensável. Tinha sete dias para mergulhar de cabeça na vida do Andrew Marshall e de todos aqueles que faziam parte da sua esfera de influência, incluindo os seus adversários, de molde a preparar-me para o meu primeiro dia de trabalho. Subir na carreira é tudo o que sempre quis, portanto, não havia dúvida de que estaria preparada.

Percorri um longo caminho desde o primeiro trabalho. Fui imprudente, tal como disse o senhor Smith. Meti os pés pelas mãos. E tive a sorte do meu lado. A Jenny esteve uma semana em coma medicamente induzido. A pancada na cabeça, aliada à ingestão de álcool e comprimidos, resultou numa péssima combinação. Quando voltou a si, não conseguia recordar todo o período de vinte e quatro horas

anterior à queda. Safei-me de boa. Ou melhor, a Izzy Williams safou-se de boa.

Ao longo dos últimos dois anos, procurei algumas vezes ter notícias do Miles. Os Kingstons divorciaram-se e, ao que parece, o Miles está a viver com o pai e a nova senhora Kingston. Da última vez que bisbilhotei a página de Facebook da nova mulher, ela tinha partilhado uma publicação de uma empresa de *design* de interiores que havia contratado para apagar todos os vestígios da Jenny. A publicação mostrava fotografias da casa recém-renovada, incluindo do quarto do Miles. Quando ampliei a imagem na área da estante, vislumbrei um cisne de *origami* numa das prateleiras. Nunca saberei se é o mesmo que fiz com ele naquele dia ou se terá aprendido a fazê-lo sozinho, mas ver aquele cisne ali exposto, como se fosse um objeto importante, é a prova de que existi na sua vida, mesmo tendo sido por um breve período.

Talvez eu não seja o fantasma que pensava.

O trabalho em torno do Andrew Marshall é o primeiro que me obriga a instalar-me, pois, de acordo com o que me foi inicialmente dito, apenas receberia as instruções seguintes passados alguns meses. É também o primeiro trabalho que se faz acompanhar de um maço chorudo de notas para cobrir as despesas, como a renda, a água e a luz, e outros imprevistos necessários para encarnar a Mia Bianchi. Este próximo degrau é bastante fácil.

Foram precisos três meses, mas agora é a mim que o Andrew Marshall recorre seja para o que for, desde que gravata usar até aos eventos a que deve assistir. Um meneio de cabeça ou um rápido aceno da minha parte é quanto basta para arrasar o plano que outra pessoa cuidadosamente delineou para ele.

O Andrew Marshall é o único que lida bem com isso.

Não preciso de ter olhos na nuca para ver que tenho um alvo pintado nas costas. O seu pessoal passou o meu passado a pente fino, à procura de qualquer coisa que me derrubasse do meu trono, mas saiu de mãos a abanar.

Eu sou a Mia Bianchi. Apesar dos meus vinte e dois anos de idade, os meus documentos nos Recursos Humanos dizem que tenho vinte e sete. As roupas e a maquilhagem certas são fundamentais. Licenciiei-me na Universidade de Clemson — *Força, Tigers!* —, distingui-me nas aulas de Ciência Política e fui o melhor elemento da equipa de debates. Não sei como é que alguém conseguiu adicionar a minha imagem à fotografia de um debate contra a Universidade da Carolina do Norte há uns anos, mas a verdade é que ela existe. Suficientemente granulosa para me encontrarem se estiverem à minha procura, mas não tão nítida a ponto de chamar a atenção dos estudantes que estiveram efetivamente presentes.

Depois de dois anos a trabalhar com o Matt, eu sei que ele não tem as competências necessárias para me inserir tão profundamente nesta vida inventada, o que me faz ficar cada vez mais curiosa a respeito da equipa por detrás do senhor Smith. Questiono-me sobre o número de pessoas que ele empregará em trabalhos

como este.

Mas isto são considerações para outro dia.

Hoje, o tópico em debate para o Andrew Marshall é o evento da Ordem dos Advogados americana num hotel luxuoso em Hilton Head, na Carolina do Sul. Trata-se de uma conferência durante o fim de semana, que concede créditos de formação contínua a advogados — incluindo aqueles que, como o Andrew, deixaram de exercer, mas ainda mantêm as licenças válidas —, entre uma ronda matinal de golfe e a *happy hour* da tarde. É tanto um evento de confraternização e *networking* como de cursos intensivos de meia hora sobre, por exemplo, os últimos avanços tecnológicos para pequenas empresas. E dado que o terceiro conjunto de instruções chegou finalmente, deixando bem clara a necessidade de o Andrew estar presente, faço pressão para que tal aconteça.

Porém, surgiu-lhe outra oportunidade para o mesmo fim de semana que seria bem mais vantajosa para a sua campanha e que terá lugar em Memphis. E como se candidata a governador no Tennessee e não na Carolina do Sul, estou numa posição difícil.

A mulher do Andrew, a Marie, está farta de mim. Não lhe dei o mínimo motivo para pensar que estou interessada no seu marido, mas as mulheres são uma espécie rara. Não preciso de lhe dar uma razão para desconfiar de mim.

O facto surpreendente sobre o Andrew Marshall é ser um bom homem. Examinei todos os ficheiros e registos pessoais a que consegui deitar a mão. E como não suspeita de mim, tive acesso ao repertório completo. Não há qualquer insinuação de roubo ou desvio de dinheiro, de negociações por portas travessas, de promessas que não faria em público, continua tão apaixonado pela mulher como no primeiro dia em que a conheceu e trata bem os seus funcionários. Até os seus cães foram adotados.

Todos os meus trabalhos anteriores se concentraram na obtenção de alguma coisa que o senhor Smith queria ou da qual precisava — fossem ficheiros informáticos, documentos ou qualquer outro bem material ou propriedade. Mas este trabalho foi diferente desde o início.

Agora, sei por que razão estou aqui. O Andrew Marshall *será* o próximo governador do Tennessee e o senhor Smith quer ter poder sobre ele desde o primeiro dia.

Como não encontrei qualquer forma de chantagem, terei de a criar.

O seu chefe de gabinete acabou de expor todas as razões que abonam a favor do evento de Memphis em detrimento do de Hilton Head. As minhas razões para escolher a convenção já foram apresentadas. O evento de Hilton Head é um evento regional, não apenas para a Carolina do Sul, e contará com a presença de alguns nomes sonantes, visto que o orador principal acabou de anunciar a sua candidatura à presidência, o que garante uma cobertura mediática a nível nacional. Há mais

oportunidades de fazer *networking* e de angariar novos doadores para a campanha. E com as redes sociais a transformarem o panorama político, para se ser o governador do Tennessee, é preciso ser-se maior do que o Tennessee.

A sala está em silêncio, todos esperam que o Andrew aceite ou recuse o convite para o evento de Memphis.

O Andrew sabe qual é a minha escolha. Ele olha para mim e eu tenho uns segundos para decidir se vou contribuir para a ruína de um homem íntegro.

Abano rapidamente a cabeça e selo o seu destino.



O Andrew julga que parti para Hilton Head um dia antes do resto da comitiva para ultimar os preparativos que nos permitirão tirar o máximo partido da estada. Mas não só tive outra razão para rumar a leste com um dia de antecedência, como, além disso, fui para a Geórgia e não para a Carolina do Sul. Na sexta de manhã, encontro-me em Savannah, a sul de Hilton Head, a uma hora de carro de distância, à espera do primeiro autocarro *hop on-hop off* do dia das excursões Old Town Trolley.

Quando é altura de subir a bordo, dirijo-me para o fundo do autocarro e escolho o lugar junto ao corredor na última fila do lado do condutor, fazendo figas para que ninguém me peça para passar para o lugar à janela.

A empresa que organiza estes passeios turísticos é bastante eficiente e o autocarro enche e arranca em poucos minutos. Um homem mais velho fala ao microfone com entusiasmo e a sua voz ressoa tão alto que não só os ocupantes do autocarro como também todos os transeuntes ficam a conhecer todos os factos importantes sobre Savannah.

Quando terminamos o primeiro circuito, sou a única passageira que resta do grupo inicial, já que os restantes foram ficando pelo caminho.

Na segunda paragem da terceira volta, vejo entrar um homem negro, alto e magro, que percorre o corredor com um passo pachorrento, detendo-se por fim à minha frente.

Usa uma *T-shirt* e um chapéu dos Atlanta Braves e esconde os olhos atrás de uns óculos de sol escuros.

— Esse lugar está livre? — pergunta, apontando para o lugar à janela que tenho estado a guardar.

Recolho as pernas e faço-lhe sinal para que passe.

Ele passa por mim, senta-se e põe a mochila ao colo.

— Presumo que sejas o Devon — digo. — Por mais que aprecie o mistério e o secretismo, tenho mais que fazer e andar duas horas às voltas num autocarro não estava nos meus planos.

Ele acena com a cabeça na direção das colunas instaladas no tejadilho do autocarro e eu reparo, pela primeira vez, na minúscula luz vermelha escondida atrás da rede.

— É possível saber muito acerca de uma pessoa pela forma como se comporta quando é deixada demasiado tempo à espera.

Dirijo-lhe novamente a minha atenção.

— Assumo que passei no teste.

Ele sorri-me brevemente.

— Passou com distinção, senhora Smith.

Pode ter sido pateta da minha parte, mas não resisti a usar o mesmo pseudónimo do meu chefe. Encontrei o Devon na Internet há um ano, quando andava à procura de uma forma de obter um determinado equipamento tecnológico de que precisava para um trabalho. É a primeira vez que nos encontramos em pessoa, daí ter-me feito andar às voltas antes de se dar a conhecer.

Não obstante, estou-lhe grata pela paranoia.

— Do que é que precisa, senhora Smith?

É aqui que as coisas se complicam.

— Ainda não sei exatamente. Tenho um trabalho em Hilton Head, mas, como só vou receber as instruções finais quando lá chegar, não consigo antecipar as minhas necessidades. Assim que as conhecer, terão de ser satisfeitas rapidamente, por isso quero perguntar-te se poderias disponibilizar bens e apoio, conforme for necessário.

Ele olha pela janela e não diz nada. É um pedido e tanto, razão pela qual quis fazê-lo em pessoa, em vez de usar os nossos canais habituais de comunicação *online*.

Desde aquela noite em que quase fui presa no clube de campo, compreendi o valor de ter pessoas a postos caso as coisas deem para o torto. A ajuda que o senhor Smith disponibiliza, contudo, protege-me apenas na medida em que não o prejudique a ele. Tenho de ter outra pessoa que zele por mim e *apenas por mim*. Está na altura de criar a minha própria equipa.

Por fim, o Devon encara-me.

— E se precisares de alguma coisa que não consigo providenciar a tão curto prazo?

— Nesse caso, espero que consigamos resolver o problema juntos e que ofereças outra solução.

Ele olha novamente pela janela, enquanto o autocarro recebe uma nova leva de passageiros.

— Parece que estás à espera de ter problemas — diz.

Eu assinto, apesar de ele não estar a olhar para mim.

— E estou. Tenho um pressentimento. Este trabalho está a ser planeado por uma pessoa que não compreende os intervenientes tão bem quanto eu. Estou a

tentar antecipar-me ao momento em que, ao receber as instruções, constatarei que o plano não funciona.

— Eu não costumo trabalhar assim — contrapõe.

— Compreendo. Compensar-te-ei pelo teu tempo. Além disso, se alguma vez precisares da minha ajuda, podes contar comigo.

Ele compreende o que lhe proponho — uma parceria. No último ano, tivemos uma relação profissional sólida; ele sabe que pago bem e eu sei que ele corresponde.

— Estamos num período probatório, senhora Smith. Ao primeiro indício de chatices, eu salto fora.

Assinto, passando-lhe uma folha que tirei da mala com todas as informações pertinentes para o fim de semana.

— Não esperaria outra coisa de ti.

Assim que o autocarro para, faço a última pergunta antes de sair.

— Como é que passei no teste com distinção?

— Ficaste aqui sentada como se tivesses todo o tempo do mundo, quando eu sabia que não era o caso. E isso diz-me tudo o que preciso de saber.

O Andrew Marshall e o resto da equipa chegaram a Hilton Head. Assim que instalo o Andrew na sua *suite*, acomodo-me no meu próprio quarto, muito mais pequeno, quatro pisos abaixo. Tinha acabado de me descalçar e de abrir o fecho da mala quando batem à porta.

Um homem com a farda do hotel sorri-me quando abro. Olho para o prato com a tampa abobadada em cima do carrinho à sua frente.

— Não pedi serviço de quartos, deve ter-se enganado no número — informo, preparando-me para fechar a porta.

O homem empurra o carrinho o suficiente para impedir que a porta se feche.

— O Matt envia cumprimentos. — A sua voz é baixa e grave.

Fico sem reação. Nunca conheci mais ninguém que trabalhasse para o Matt. À primeira vista, este homem parece estar na casa dos trinta. Usa o cabelo curto, com algumas madeixas grisalhas nas têmporas, e é pouco mais alto do que eu. O nome, no crachá da farda, é George. Tem feições e uma complexão física suficientemente vulgares para que nos esqueçamos dele com facilidade. Porém, o seu olhar penetrante assegura-me de que não o vou esquecer.

Abro mais a porta e faço-lhe sinal para que entre. Estaciona o carrinho no centro do quarto e depois sai sem dizer mais nada.

Ao levantar a tampa abobadada, vejo uma fatia de bolo de cenoura e um envelope similar ao que costumo encontrar na caixa de correio.

É perturbador que saibam que o bolo de cenoura é o meu bolo favorito.

Levo o bolo e o envelope para a mesa pequena, para que me possa refastelar a

comer enquanto me inteiro dos planos para o fim de semana.

Contudo, a leitura das instruções confirma-me a suspeita: as hipóteses de este plano funcionar são escassas. É um plano fraco. Muito fraco.

Tal como temia.

O Matt vangloriou-se de ter sido encarregado deste trabalho, o que me levou a concluir que o senhor Smith queria ver do que o Matt era capaz. Parece que não fui a única a ser promovida. Mas depois de lidar com o Matt nos últimos dois anos, desconfio que não esteja pronto para ter rédea solta desta forma, daí ter recorrido ao Devon.

Da próxima vez que batem à porta, já sei o que esperar. Em vez do George fardado, desta vez é um pacote que entra com um carrinho de bagagem, descarregando em seguida três grandes caixas. Dou-lhe gorjeta e ele sai. Instalo os monitores, conecto o portátil e inicio sessão na página indicada no papel que recebi anteriormente. O ecrã enche-se com pequenos blocos, os quais exibem todos os ângulos do quarto e da varanda do Andrew.

Não sei como, mas o Matt conseguiu que a mulher do Andrew, a Marie, fosse convidada para um evento bastante cobiçado em Nashville, garantindo que ela não estará por perto quando, durante o *cocktail* desta noite, uma mulher abordar o Andrew e o aliciar para que este a leve para o seu quarto. E eu estarei aqui a certificar-me de que as câmaras registam tudo.

A idiotice deste plano é quase ofensiva.

Porque aquilo que o Matt não compreende é que, mesmo que a oportunidade se lhe apresente, o Andrew não trairá a mulher. Não importa quantas mulheres bonitas e seminuas o tentem seduzir. Não importa o facto de ter um quarto só para si. Não importa quantas bebidas lhe sirvam. Ele não trai a mulher.

Está visto que o Matt não fez o trabalho de casa.

No entanto, não posso sair deste fim de semana de mãos a abanar. Tenho consciência de que estou a jogar numa liga superior com muita coisa em jogo. Há muito que me deixei dos furtos de pouca monta.

A única coisa que me impede de entrar em pânico é o alívio por ter trazido o Devon a bordo. Telefonei-lhe e, no espaço de uma hora, temos um novo plano. Um plano melhor.

Enquanto o Devon se esfalfa para arranjar aquilo de que precisamos, ligo ao Andrew do meu telemóvel. Ele atende ao segundo toque.

— Olá! — cumprimenta. — Já está instalada?

O quarto do Andrew é uma das maiores *suites* deste hotel. Além do quarto, dispõe de uma enorme sala de estar e jantar. E através das câmaras que cobrem cada canto, observo-o a andar de um lado para o outro, com o telemóvel encostado à orelha.

— Sim, já estou instalada. E o Andrew?

Ele senta-se numa das amplas cadeiras junto à janela.

— Sim. Por aqui tudo bem. Estou desejoso de ter uns momentos mortos, uma vez que apenas terei de comparecer na conferência amanhã de manhã. Acho que vou passar aquela coisa do *cocktail* esta noite e juntar-me ao pessoal apenas ao pequeno-almoço. Tenho tempo de sobra para confraternizar na conferência e no jantar de amanhã à noite. Vou pedir serviço de quartos e dormir bem, espero eu.

E este é o Andrew Marshall. Sem mácula absolutamente nenhuma e um bocadinho enfadonho.

— Sabe que o meu trabalho é preencher cada minuto do seu tempo aqui com eventos favoráveis à sua campanha — digo, rindo-me para o telemóvel. — Especialmente porque irritámos toda a gente ao vir para cá e não para Memphis.

Vejo-o baixar a cabeça.

— Mia, preciso de uma noite de folga.

Bolhas de culpa surgem à superfície até que lembro do trabalho dos Kingstons. *Este não é o meu mundo. Sou apenas um fantasma de passagem.* É o que me basta para reprimir os sentimentos de culpa e prosseguir.

— E se fizéssemos o seguinte? Vi peixes graúdos na lista de participantes. Porque não convidamos uns quantos, escolhidos a dedo, para um *cocktail* privado durante uma hora na sua *suite*? Uma coisa discreta. Confraterniza durante uma hora e depois eu escorraço toda a gente e deixo-o ter o resto da noite para si.

Agora, com a cabeça apoiada no espaldar da cadeira, esfrega o rosto com a mão.

— Uma hora.

— Combinado! Vou pedir ao serviço de quartos para mandar umas bebidas e algo para picarem. — Desligo a chamada e ponho o resto do plano em ação.

Todos os homens que convidei para a festa privada do Andrew deliraram com o convite. Fui muito precisa na minha seleção, tendo incluído homens de todo o Sul, visto tratar-se de uma conferência regional e não apenas da Carolina do Sul. E dado que todos os meus trabalhos nos últimos dois anos foram realizados no Sul, estou a par do clima político de cada estado e conheço o lado bom e o lado mau de todos os nomes influentes que estão presentes.

Tal como o Andrew, há uns quantos advogados que também foram eleitos para uma série de cargos, desde gabinetes governamentais locais até ao Senado. Contudo, eu só convidei os bandidos com apetência para a brincadeira. Os mesmos que, no próximo comício, vão citar a Bíblia e proclamar o seu grandioso amor pela família, pela fé e por Deus.

Já que estou nisto, aproveito para capitalizar a situação a nível político para ele.

O Andrew analisa a sala com um olho no relógio, contando os minutos para isto acabar. O álcool jorra livremente, graças às raparigas que pus a servir. Levo uma cerveja ao Andrew e ele assente em jeito de agradecimento. Raramente bebe,

mas, quando o faz, é sempre uma *Miller Lite*. Apenas uma.

Beberica da cerveja e depois diz calmamente:

— Não sei se teria convidado o senador Nelson ou o congressista Burke.

O seu comentário não me surpreende. São ambos uns cretinos egoístas, mas os outros convidados não são diferentes.

— Eu sei, mas faz parte. Goste ou não goste, tem de admitir que são eles quem puxa a carroça.

Faço sinal com a cabeça a uma das raparigas e o volume da música aumenta. Os homens começam a desapertar as gravatas. As mãos não param quietas.

Sentindo a mudança de ambiente na festa, o Andrew olha para mim, confuso. Está também a suar um pouco. Tem os olhos vítreos. Inclina-se para mim.

— Se calhar, devíamos dar a noite por encerrada. Não me sinto bem.

Sorrio-lhe de forma empática.

— Não está com boa cara. Vamos lá para fora apanhar ar fresco.

Conduzo-o à varanda e ajudo-o a sentar-se na cadeira reclinável. Mal pousa a cabeça no encosto, adormece. A cerveja na sua mão cai para o chão; o líquido no qual misturei um sonífero espalha-se pelos ladrilhos.

— Lamento, Andrew — murmuro, apressando-me a regressar à festa.

Está na hora de as meninas passarem à ação.

CAPÍTULO 15

Hoje

Assim que termino de arrumar as coisas da mulher, conseguimos finalmente sair de casa dos Bernards, depois de prometermos que regressaremos amanhã para ajudar a planejar o serviço fúnebre do James. Aí está uma visita que deixarei de bom grado para o Ryan, pois já recolhi todas as informações sobre a Lucca que consegui encontrar.

O Ryan conduz enquanto eu consulto o Instagram, detendo-me na publicação mais recente da *Southern Living*, que exhibe um alpendre encantador com um baloiço branco de madeira e fetos suspensos. É uma imagem lindíssima. Clico no botão dos comentários e digito: *Que lugar perfeito para um encontro de amigos com um copo de vinho! São cinco da tarde algures!*

Continuo a percorrer o *feed* enquanto o comentário é carregado, até não ter publicações novas para ver, e então guardo o telemóvel na bolsa.

Assim que entramos em casa do Ryan, ele atira-se para o sofá no escritório, de barriga para baixo. Quando me sento ao seu lado, ele levanta um pouco a cabeça para que eu me ajeite e ele possa pousá-la no meu colo. Fecha os olhos enquanto lhe faço festas no cabelo. Nenhum dos dois sente necessidade de dizer o que quer que seja.

Enquanto olho para ele, penso neste último desenvolvimento, agora que o choque inicial com as suas mortes diminuiu.

Das duas, uma: ou a colisão foi um acidente terrível que ceifou a vida a duas pessoas, ou então a morte delas foi uma jogada deliberada do meu chefe.

O meu instinto diz-me que se trata da segunda opção, ao passo que o meu cérebro tenta coligir as razões para tal jogada. Aparentemente, ela não tinha ainda terminado este trabalho. Terá recebido uma formação intensiva para assumir esta identidade — a minha identidade — e parece prematuro tirá-la de cena agora. E porquê matá-los, se podia simplesmente afastá-los do trabalho? O momento escolhido não faz sentido.

Qual o objetivo das duas mortes? A Lucca Marino de Eden, na Carolina do Norte, está morta.

Nunca escondi de ninguém que sempre protegi a minha verdadeira identidade com unhas e dentes. Naquele primeiro ano, o Matt iniciava todos os telefonemas com conversa de circunstância, antes de me inteirar sobre o trabalho seguinte, e fui idiota a ponto de acreditar que éramos amigos. Os meus planos para um dia reclamar a minha identidade e viver como Lucca Marino foram o único tema que se manteve constante. Cheguei inclusivamente a contar-lhe sobre a casa que queria construir e a horta que queria cultivar.

Mas a morte dela não me impede de reclamar a identidade da Lucca Marino. Dificulta a empreitada, não a impossibilita. Assassinar-la foi uma jogada extrema que nem eu nem o Devon antecipámos. O senhor Smith disse que a enviou à laia de lembrete, mas eu não precisava de ser recordada do quão perigoso é este jogo.

O que me traz de volta à possibilidade — e à esperança — de, realmente, não ter sido mais do que um acidente.

E depois há o Ryan.

No caso de não se ter tratado de um acidente, que repercussões tem isso para este trabalho?

Ele afrouxa o aperto de mão e oiço um ronco suave. Este dia deixou-o de rastos.

Desprendo-me lentamente do abraço do Ryan e deslizo por baixo dele, substituindo o meu colo por uma almofada. Entre a ressaca desta manhã e o stresse do dia, nem sequer pestaneja.

Um olhar de relance para o relógio do forno diz-me que está na hora de ir andando. Espero que o Devon esteja à minha espera, para que possamos recapitular tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

Em seis anos de trabalho em conjunto, eu e o Devon já percorremos um longo caminho. Ele sabe exatamente quem sou e de onde venho, e consegui um lugar na sua lista extremamente curta de pessoas a quem confiou a sua verdadeira personalidade e pormenores do seu passado. De facto, estou convencida de que há apenas três pessoas nessa lista.

Saco do telemóvel e abro o Instagram. Tenho zero publicações e meia dúzia de seguidores que são sobretudo *bots*, mas sigo a conta fictícia do Devon e outras quarenta e sete contas, das quais noventa por cento são negócios ou personalidades famosas que publicam diariamente. Destas quarenta e sete contas que o meu perfil fictício segue, trinta e duas são também seguidas pelo Devon. E apesar de eu ter comentado a última publicação da conta da *Southern Living* para o informar de que precisava de me encontrar com ele hoje, às cinco da tarde, ele vai responder-me através de um comentário numa conta completamente diferente, de modo que ninguém consiga associar os nossos comentários à nossa linha de comunicação.

A sua paranoia não tem limites.

Contudo, não o censuro. Sabe-se lá quantas vezes não fomos já salvos pelos seus protocolos sem que nos tenhamos apercebido.

Percorrendo o *feed*, detenho-me ao chegar à conta dos New Orleans Saints e ao ver o comentário do utilizador skate_Life831043. Este comentário do Devon é o único visível no meu *feed*, dado que nos seguimos mutuamente e seguimos os dois a mesma conta, poupando-me à procura do seu comentário no meio de centenas de outros.

O comentário dele é: *Como é que é!? É mesmo o meu terceiro jogador preferido!#!*
#ÀHoraCerta

A primeira coisa que o Devon faz quando recebo os detalhes sobre um novo trabalho é arranjar cinco sítios que considere seguros para nos encontrarmos. O terceiro da lista que me deu quando chegámos a Lake Forbing é o café na Main. Os seus *hashtags* confirmam sempre se concorda com a hora que propus para o encontro; caso contrário, dá-me uma alternativa. Tenho meia hora para lá estar, visto que ele vai chegar #ÀHoraCerta.

Arranco uma folha de papel do bloco junto ao frigorífico e deixo uma nota ao Ryan a avisar que fui buscar comida, e depois saio sem fazer barulho.

Chego cinco minutos antes da hora, mas o Devon já cá está.

Foram precisos dois anos para o Devon partilhar comigo detalhes pessoais pela primeira vez. Estávamos a analisar a planta de um edifício de escritórios onde eu tinha de entrar fora das horas de expediente, e ele reconheceu um nome da lista de pessoas com escritórios no piso em questão.

— É um tipo da informática. Deu uma palestra no MIT quando lá estudei — disse.

Embora não me quisesse intrometer, estava mortinha por saber tudo o que pudesse sobre ele, por isso tentei fazer uma piada, na esperança de lhe arrancar mais informações.

— Resolveste alguma equação difícil que ele afixou no quadro do corredor?

O seu olhar espantado fez-me pensar que tinha optado pela abordagem errada, mas então ele riu-se. Uma gargalhada a sério. E isso quebrou o gelo entre nós. Ainda continua a dar-me informações sobre si a conta-gotas, mas agora já faço uma boa ideia da pessoa que se esconde sob aquela fachada.

O Devon está sentado ao balcão que percorre a parede do fundo. São lugares usados sobretudo por pessoas sozinhas ou casais, pois a configuração não é propícia para conversas com outras pessoas além daquela que está sentada mesmo ao lado. Está embrenhado num daqueles livros com complicados *puzzles* *Kakuro* que adora resolver e tem uns auscultadores enormes na cabeça; move a cabeça e os ombros ao ritmo de uma batida, mas eu sei que não está a ouvir música.

Tem um QI fora de série. Quando está acordado, tem de manter o cérebro ocupado, por exemplo, com o livro que tem nas mãos. Entrou no MIT aos dezassete anos, mas contou-me que sabia que não se aguentaria muito tempo; não por não ter capacidade para gerir a carga académica, mas antes por se *aborrecer de*

morte. Palavras suas. O que acabou por ser crucial para a decisão de ficar ou sair foi o facto de um professor tê-lo incumbido da criação de um sistema de redes para uma empresa de publicidade *online* fictícia, tendo ele pouco depois descoberto que, afinal, se tratava de um negócio real e que o dito professor punha os alunos a trabalhar gratuitamente nos seus próprios biscates.

Dadas as características do sistema de livre iniciativa, o Devon abordou diretamente o cliente, tendo acordado com ele vender-lhe o mesmo serviço, sem intermediários, a um preço ligeiramente reduzido. Depois disso, pôs os outros alunos da turma ao corrente, que consequentemente o seguiram.

Foi nessa altura que iniciou a sua atividade. Não tardou a perceber que os trabalhos mais rentáveis nem sempre são legais. O seu maior trunfo era obter informação de que as pessoas não sabiam que precisavam, oferecendo-lha a um preço atrativo. Adora movimentar-se nesses meandros obscuros. Vibra quando consegue contornar sistemas que foram concebidos para o manter de fora. E quem lhe for leal receberá, por seu turno, a sua lealdade eterna.

Peço um *cappuccino* e encaminho-me para o sítio onde está sentado. Escolho um banco que deixa um lugar de permeio entre nós. Sem olhar na minha direção, diz:

— Tenho acesso ao gabinete do médico-legista, por isso, far-te-ei chegar uma cópia dos registos dentários assim que forem carregados. Não creio que encontrem correspondência, mas nunca se sabe.

Faço um leve aceno de cabeça, também sem olhar para ele. Não hão de encontrar correspondência. O senhor Smith não seria assim tão desleixado. Detesto a possibilidade de nunca virmos a saber quem ela realmente era.

— E temos a certeza de que é mesmo ela? Que morreu mesmo afogada? — É um facto que ele já deve ter verificado, mas tenho de perguntar.

Ele assente, e não preciso de mais nada para saber que se certificou de que o corpo na morgue é dela.

— Encontrei as últimas instruções que ele lhe deu — informo.

O Devon vira uma página no seu livro enquanto pergunta:

— Que diziam?

Tiro-as do bolso de trás e enfio-as numa revista que alguém ali deixou e que atiro para o banco entre nós. Ele só pegará nela quando me for embora.

— Podes ver por ti mesmo, mas ele, basicamente, disse-lhe que estabelecesse contacto e que revistasse o meu quarto, caso tivesse oportunidade. Foi bastante vago. E ela fez exatamente o que ele pediu. Deixei-lhe uma coisinha para ela encontrar.

— Não gosto disto. Nadinha — diz calmamente.

— Não crês que tenha sido um acidente?

Ele abana a cabeça subtilmente em resposta.

— Mas porquê? Achas que ela terminou o trabalho, nós é que não sabemos?

— Talvez tenha metido os pés pelas mãos e ele arranhou forma de a eliminar.

— Qual o papel do James nisto tudo, na tua opinião?

— Um peão — diz o Devon sem hesitar. — Com sérios problemas de dependência do jogo e das drogas. Precisava urgentemente de dinheiro. Ridiculamente fácil de manipular. Não me surpreenderia se o Smith estivesse por detrás da perna partida do pai, para o trazer até aqui.

Meu Deus. Não me tinha ocorrido essa possibilidade.

— E achamos que, no meio disto tudo, o Ryan é mais do que um alvo inocente?

Antes de ser enviada e de saber quem era o alvo, conversámos sobre isto e discutimos também a possibilidade de todo o trabalho não passar de um ardil. Assim que ficámos a saber que o Ryan era a minha missão, o Devon escavou o mais fundo que pôde na vida dele. As notas que o senhor Smith envia num trabalho não se comparam às que o Devon me dá. Ficámos assim a conhecer o seu negócio e os bons resultados que tem apresentado. Fazia sentido que alguém o pudesse cobiçar. Uns anos antes, o senhor Smith tinha usado os serviços de transporte do Ryan para deslocar mercadoria no âmbito de alguns trabalhos dos quais fiz parte, por isso, é fácil perceber como é que o Ryan entrou no seu radar.

O Devon sacode os ombros para trás e para a frente algumas vezes, como se tentasse determinar o que pensa do assunto.

— Primeiro, sabemos que tudo é possível, certo?

— Certo.

— Então, sabendo que tudo é possível, continua, na minha opinião, a ser pouco provável. Por mais obscuros que os negócios do Ryan sejam, ele está demasiado enraizado nesta comunidade, o que vai contra tudo aquilo que o senhor Smith procura nas pessoas que recruta.

Eu, sem família ou amigos, não era ninguém. Se desaparecesse, ninguém daria o alarme. Se as coisas dessem para o torto, ninguém exigiria que fosse feita justiça por mim. O mesmo não se aplica ao Ryan. Ele vive numa casa, cujos vizinhos literalmente acompanharam o seu crescimento.

— Lidamos com factos e não temos nada que aponte nessa direção — remata.

Ficamos em silêncio durante mais ou menos um minuto, refletindo sobre este último desenvolvimento. Por fim, digo:

— Encurralei-a na cozinha. Disse-lhe que sabia para quem trabalhava. Disse-lhe que poderia vir a encontrar-se na minha posição de um dia para o outro.

O lápis dele deixa de se mover pela primeira vez desde que me sentei.

— L, mas porquê?

«L» é o mais próximo que ele alguma vez chegará de me chamar Lucca, visto ser um nome bastante invulgar e qualquer pessoa que o ouvisse agora assumiria que me chamo Elle. Mas, mesmo com essa precaução, é muito raro o Devon

dirigir-me a palavra diretamente, o que me faz sentir o peso da circunstância.

— Tinha de saber se ela pensava que eu era um alvo aleatório ou se sabia que eu também trabalhava para ele. Não sabia, já agora. Ficou visivelmente surpreendida. E não desvendei um grande segredo. Ele até já tinha admitido tê-la enviado.

O lápis do Devon retoma o trabalho e ele abana a cabeça ao ritmo imaginário.

— O maior feito do Smith é manter os seus subordinados na linha, mantendo-os na ignorância quanto a tudo e todos na sua organização. Ninguém sabe quem ele é, ninguém sabe que lugar ocupa na cadeia.

O senhor Smith é o *puzzle* que o Devon tenta decifrar há anos.

— E a Polícia já está a par do nome Evie Porter de Brookwood, no Alabama — acrescento, praticamente num sussurro, como se estivesse a confessar os pecados.

Esta afirmação fá-lo virar a cara para mim.

— Podes desenvolver?

Ponho-o ao corrente da visita aos Bernards e da conversa com a Polícia, enquanto ele trabalha com diligência na página à sua frente.

Quando termino, ele diz:

— Não gosto disto. Não me agrada quando não consigo ver até onde isto nos leva. Acho que devemos abortar.

Isto faz-me vacilar. Já nos encontrámos numa série de situações em que duvidámos do resultado positivo, mas ele nunca antes havia falado em abortar.

— E depois? Sabíamos desde o início que ele ficou pior que estragado por eu não ter obtido a informação para chantagear o Connolly. Também sabíamos que tentou apurar, por todos os meios, se eu teria conseguido *obter* a informação, guardando-a, no entanto, para mim. Se o senhor Smith me quiser tirar de cena, abortar não vai impedi-lo, mas limita gravemente o meu horizonte de ação, especialmente agora que a Lucca Marino já não existe.

— Continuo a não gostar — repete. — Serás uma presa fácil enquanto esperas pelas instruções seguintes. E se nunca chegarem?

— A única coisa que posso fazer é seguir em frente.

Ficamos ambos em silêncio durante cerca de um minuto, perdidos nos nossos pensamentos. Então pergunto:

— Como está a Heather?

Ele baixa a cabeça e penso que me vai ignorar, mas lá acaba por responder:

— Está boa. Está tudo bem.

— Mantemos o plano, Devon. É a única opção que nos resta.

Ele hesita um momento e então diz:

— Tenho informações pormenorizadas sobre o próximo grande carregamento que chega à Transportes Glenview esta quinta. Está na revista *People* à tua frente.

— Ótimo. Vai confundir o Smith, ver que continuo a trabalhar, mesmo depois da morte daquela mulher.

Algures entre a primeira e a segunda ronda de fornecimento de informações sobre o negócio do Ryan ao senhor Smith, comecei a ter remorsos quanto ao meu papel na história. Se calhar, foram os devaneios acerca da possibilidade de a casa do Ryan ser realmente minha ou o desejo de que esta identidade fosse real, mas, num momento de particular fraqueza, alterei alguns elementos-chave sobre as finanças e os nomes de clientes antes de os entregar. Não os alterei a ponto de o senhor Smith se aperceber, apenas o suficiente para proporcionar ao Ryan a possibilidade de lutar pelo seu negócio.

Planeio fazer modificações semelhantes ao último bloco de informações antes de o entregar.

O Devon não sabe que o fiz e sinto-me mal por lho esconder. Ele iria pensar que estava a correr um risco desnecessário.

— Deixá-las-ei na caixa de correio a caminho de casa.

A cabeça do Devon gira subtilmente na minha direção.

— Não é a tua casa, L.

Estremeço ao ouvir as suas palavras, depois agarro na revista à minha frente e enfio-a na mala. Pego na chávena e levanto-me do banco.

— Estarei em contacto.

Mal me começo a afastar, ele ainda murmura:

— Tem cuidado, por favor.

CAPÍTULO 16

Hoje

Depois de eu ter regressado do encontro com o Devon, o Ryan e eu passámos o serão a atafulharmo-nos de comida pré-cozinhada, a ver uma maratona de episódios de séries da Netflix e a tentar esquecer o dia horrível que tivemos. O rol de telefonemas e mensagens dos amigos do Ryan foi de tal forma incessante que ele acabou por desligar o telemóvel, algo que raramente faz. Como nenhum de nós tinha dormido muito, só a muito custo nos arrastámos para fora da cama nesta manhã de segunda-feira.

Apesar de o Ryan ter metido baixa, tem um dia longo pela frente, uma vez que se voluntariou para ajudar a planear o funeral do James. Já eu, embora talvez também tivesse conseguido tirar o dia, não quero estar disponível para visitar os Bernards outra vez, nem quero ser obrigada a engendrar uma desculpa para desaparecer à hora de almoço para me encontrar novamente com o Devon.

Estou na cozinha a encher um termo para cada um de nós quando o Ryan desce as escadas.

— Vou passar primeiro pela casa dos Bernards com alguns dos rapazes — diz.
— A senhora Bernard pediu-nos para contactar o trabalho do James, dando conta do sucedido. Em seguida, iremos para a casa funerária.

— Pois, não te invejo o dia de hoje. — Dou-lhe o seu café e começo a preparar a bolsa com tudo o que preciso para o dia. — Bolas, deixei o telemóvel no carregador lá em cima.

Quando volto a descer, o Ryan está à espera junto à porta com a mala a tiracolo, o termo numa mão e as chaves na outra.

— Não conto chegar tarde.

Pego nas minhas coisas, que estão em cima da cadeira.

— Nem eu. Liga-me quando estiveres a voltar para casa e tento escapulir-me mais cedo — digo, seguindo-o até à garagem.

Mesmo antes de abrir a porta do meu *4Runner*, o Ryan puxa-me para si e beija-me com delicadeza.

— Estou apavorado com o dia de hoje — diz, baixinho. — É muito mau da

minha parte não querer ir?

Acaricio-lhe uma face com a mão, depois passo-lhe um braço à volta do pescoço, mantendo-o junto a mim. Ele enterra o rosto num dos lados do meu pescoço.

— Lamento muito — murmuro-lhe junto à orelha. Sinto o telemóvel a vibrar na bolsa, mas espero que seja o Ryan a tomar a iniciativa de desfazer o abraço.

Não sei quanto tempo ficamos assim, agarrados um ao outro, mas ele lá acaba por se afastar, dando-me um último beijo antes de me largar e caminhar para o seu carro.

Ao mesmo tempo, cada um de nós entra no seu veículo. Quando a porta da garagem se abre, ele faz-me sinal com a cabeça para que eu saia primeiro em marcha-atrás. Faço a manobra lentamente, pois é uma passagem estreita, atenta ao espelho do lado do passageiro para garantir que não risco a porta do carro dele.

Como raramente recebo notificações seja de que tipo for, consulto o telemóvel de relance assim que saio para a rua. É uma mensagem de texto de um número desconhecido, o que me faz acelerar o coração. O Ryan deve estar a perguntar-se porque é que parei a meio do caminho.

Abro a mensagem.

Número desconhecido: SOS

Merda. É o sinal de aviso do Devon para me pirar imediatamente. Levanto a cabeça e vejo o Ryan a sair do carro, atento a movimentações na rua atrás de mim.

Olho para o espelho retrovisor, com medo do que poderei ver.

Atrás de mim, estão paradas três viaturas da Polícia, bloqueando os nossos dois carros.

Bastam-me poucos segundos para tomar consciência de que não tenho forma de passar por eles. Ocorre-me também que, se não me tivesse deixado ficar abraçada ao Ryan na garagem, teria visto a mensagem do Devon mal a recebi. Aqueles poucos minutos podem ter-me custado uma fuga sem incidentes.

O Ryan caminha agora na direção da minha porta, tentando abri-la, mas o carro está trancado, pois ainda tenho a marcha-atrás engatada. Faço um rápido inventário mental das coisas que tenho dentro da viatura e que me poderão causar problemas, mas sei que não há nada.

Ele bate na janela.

— Evie, abre. — Segue com o olhar os agentes que se aproximam.

Com movimentos lentos e deliberados, ponho o carro em ponto-morto e desligo o motor. Assim que o Ryan ouve a porta destrancar-se, abre-a e puxa-me para fora.

No seu rosto, não há sinal de qualquer expressão. Apesar de não lhe ter visto a cara enquanto falava com o funcionário que o vigarizou, imagino que teria a

mesma expressão de agora.

Será que ele pensa que a Polícia está aqui por causa dele, por terem descoberto as suas atividades no Texas Oriental? Fico-lhe grata pela atitude, quando se interpõe entre mim e os agentes, mas a mensagem do Devon diz-me que vieram por minha causa e, portanto, pode fazer o que quiser que não me pode salvar do que aí vem.

— Não te preocupes — murmura. — Eu trato disto.

Ele pensa realmente que vieram por sua causa.

O mesmo agente que esteve em casa dos Bernards, o comissário Bullock, é o primeiro a vir na nossa direção. Aposto que até os olhos lhe brilham por trás dos óculos de sol espelhados.

— Menina Porter — diz, pousando as mãos no coldre descaído na cintura. — Preciso que me acompanhe à esquadra para responder a umas perguntas.

O Ryan põe as mãos nas ancas, formando um bloco sólido entre mim e a Polícia.

— Que vem a ser isto?

O comissário Bullock olha por cima do Ryan, para mim.

— Há um mandado em seu nome emitido pela Polícia de Atlanta, considerando-a testemunha material da morte de Amy Holder.

Como vejo dois agentes a aproximarem-se, não quero agravar ainda mais a situação. Os Rogers, os vizinhos do lado do Ryan, acabaram de regressar da caminhada e assistem à cena, assim como mais pessoas do outro lado da rua. Alguns carros pararam ao fundo do quarteirão.

Nunca esta pacata rua arborizada viu tanta excitação junta.

Ponho uma mão no ombro do Ryan, o que faz com que se vire para mim.

Sem falar, limito-me a assentir, deixando implícito que não vou resistir. Ele fita-me durante um instante, numa tentativa de compreender, pela minha expressão, o que está a acontecer. Os agentes tratam-me com delicadeza enquanto me conduzem ao carro-patrolha mais próximo. Felizmente, ninguém se interessa pelo meu carro, portanto espero que ainda aqui esteja quando sair.

A Amy Holder foi o alvo do meu último trabalho, aquele que não concluí como o senhor Smith gostaria. Mas o meu pseudónimo para este trabalho, Evelyn Porter, deveria ser uma identidade limpa, sem qualquer relação com a Amy Holder ou a sua morte. O facto de me levarem para me interrogarem sobre a sua morte indica-me que fui comprometida e que isto deve fazer parte, de alguma forma, do passo seguinte do plano que o senhor Smith tem na manga para mim, qualquer que ele seja.

Ficar sentada completamente imóvel requer mais concentração do que se possa imaginar. Não bati com o pé no chão, não me remexi na cadeira nem olhei para mais lado nenhum que não fosse a parede cinzento-clara à minha frente. Continuo a respirar naturalmente, inalando pelo nariz e exalando pelos lábios escassamente afastados. Pisco os olhos a um ritmo suave, nem demasiado depressa, nem demasiado devagar.

Sei que me observam através da parede espelhada à minha esquerda, mas recuso-me a dar-lhes o mais pequeno tremor do dedo mindinho, porque não me consigo esquecer daquilo que o Devon me disse da primeira vez que o conheci pessoalmente: *É possível saber muito acerca de uma pessoa pela forma como se comporta quando é deixada demasiado tempo à espera.*

Trazerem-me até à sala de interrogatórios e sentarem-me a esta mesa causou uma grande comoção. Houve uma procissão de agentes sem farda e detetives à civil a entrar e a sair, cada qual procurando ter parte ativa nisto. Perguntaram-me se queria beber alguma coisa, se precisava de ir à casa de banho. Fizeram-me perguntas atrás de perguntas, às quais respondi sempre com o mínimo indispensável. A última pergunta foi feita por mim. Pedi um advogado.

Pedi a Rachel Murray, embora aposte que o Ryan já lhe tenha telefonado.

Algum tempo depois, a Rachel chega e senta-se à minha frente, do outro lado da mesa. Fico calada enquanto ela me estuda sem disfarçar. Não sei bem o que esperar dela — deleite por me ver detida, medo de se sentar à mesa com alguém que pode ou não estar envolvido num assassinio ou ainda incerteza sobre a razão de a ter solicitado como minha advogada? —, mas não sinto nenhuma destas coisas. O seu rosto está tão inexpressivo como o meu e estou satisfeita com o caminho que decidi tomar.

Ela deixa-me tomar a iniciativa de falar, o que respeito.

— Aceitas representar-me? — pergunto. Recuso-me terminantemente a dizer-lhe seja o que for que não esteja protegido pela relação entre advogado e cliente.

— Aceito — responde, e depois tira um documento da mala aos seus pés. — Imaginei que não fosses falar comigo sem isto.

É um acordo padronizado que declara o início de uma relação profissional, no qual se estipula que a Rachel é agora a advogada que me representa. Assino ao fundo e depois observo-a enquanto rabisca o seu nome por baixo do meu.

— Parto do princípio de que tens condições para me pagar? — pergunta.

— Claro que sim — assinto.

Ela volta a enfiar o documento na mala e depois dirige-se para a porta. Abrindo-a ligeiramente, informa:

— Sou a advogada que representa a Evelyn Porter, portanto, desliguem os microfones e a ligação por vídeo à sala.

A porta fecha-se e ela vai até à janela para baixar as persianas.

Agora, tenho de confiar neste sistema e esperar que ninguém oiça o que lhe vou dizer. Este rasgo de privacidade faz-me mudar de posição na cadeira, numa tentativa de restabelecer a circulação do sangue onde é preciso.

Ela semicerra o olho esquerdo enquanto me observa.

— O Ryan ligou-me assim que a Polícia arrancou contigo no banco de trás. Quando me solicitaste, já eu cá estava. Fiquei surpreendida, para dizer pouco.

Por fim, pergunto:

— Sabes o que têm a meu respeito? Porque julgam que sou uma testemunha material?

— Depois de ter saído de casa dos Bernards, o comissário Bullock pesquisou o teu nome em associação com Brookwood, Alabama. Foi aí que surgiu o mandado. Telefonou para lá e hoje de manhã falou com o agente responsável pelo caso da Amy Holder. Têm motivos para crer que estiveste presente por ocasião da morte dela e, das duas, uma: ou tens informações sobre o que aconteceu nos momentos anteriores à sua morte ou terás assistido ou contribuído para a sua morte. Pediram que fosses detida, por isso, os polícias locais foram buscar-te a casa do Ryan.

Evie Porter e Brookwood, Alabama, não deveriam ter *qualquer* ligação com a Amy Holder, *seja de que maneira for*.

— Que prova têm de que estive presente?

— Disseram-me que há uma foto tua no local. A Polícia de cá diz que a Polícia de Atlanta não partilhou a foto, por isso não ma puderam mostrar. Não sei se será verdade. Seja como for, pedi que me arrandassem uma cópia e disseram-me que está a caminho.

Assinto, pensando no que acabei de ouvir.

— Como é que eles sabem que a pessoa na imagem é a Evie Porter, especificamente?

A Rachel inclina a cabeça para o lado.

— Não sei se percebo a tua pergunta.

E eu sei que ela se deve estar a questionar acerca do motivo pelo qual me refiro a mim mesma na terceira pessoa.

— Existe algum processo sobre a Evie Porter? Alguma coisa além da sua presença no local onde a Amy Holder morreu? — pergunto, denotando frustração na voz. Não estou preparada para lhe contar tudo, mas tenho de saber tudo o que ela sabe. Ainda não cheguei ao ponto de poder reclamar a identidade da Lucca Marino e preciso de a proteger mais um pouco até saber exatamente o que se passa. Por enquanto, a Lucca Marino está morta e eu estou confinada à Evie Porter.

A Rachel inclina-se para a frente e apoia os braços na mesa.

— Queres dizer-me o que se passa? Não te posso ajudar se me mantiveres na ignorância.

— Eu conhecia a Amy Holder. — Ela não se mostra surpreendida com esta

afirmação. — Mas, quando a conheci, o meu nome não era Evie Porter.

Ela inclina a cabeça para o lado.

— Qual era?

— Regina Hale.

— Regina Hale — repete.

Assinto e ela fita-me.

— És a Regina Hale? — pergunta.

Abano a cabeça negativamente.

— A Regina Hale é uma pessoa real que personificaste? — pergunta depois.

— Não.

— Estás a ser vaga de propósito? É que se for mais importante guardares segredo do que confiares em mim, não estou aqui a fazer nada.

Caramba, ela é um osso duro de roer. Mas é exatamente disso que preciso.

— Regina Hale foi o nome que usei quando vivi fora de Atlanta. Pensava que a morte da Amy tinha sido considerada um acidente.

A Rachel recosta-se novamente na cadeira, cruzando os braços enquanto me estuda abertamente.

— O teu nome verdadeiro é Evie Porter? — pergunta.

A minha hesitação é suficientemente prolongada para lhe dar a resposta, mas ainda assim ela espera que responda.

— Não.

— Qual é o teu nome verdadeiro? — pergunta.

— Não é Evie Porter — respondo. Não estou pronta para lhe contar tudo. Ainda não.

Observamo-nos mutuamente, tentando determinar qual das duas soçobrará primeiro. Por fim, a Rachel baixa-se e tira uns papéis da pasta.

— Isto é o resultado da minha pesquisa pessoal. Posso tentar apurar se a Polícia tem mais dados.

Embora soubesse que ela iria fazer a sua própria pesquisa sobre mim, não estou preparada para o primeiro *item* que pousa à minha frente. É uma fotocópia de um cartão de estudante da Universidade do Alabama com o nome Evelyn Porter e a minha fotografia, datado de há sete anos.

— O que é isto? — pergunto. Reconheço a fotografia. É do meu primeiro trabalho. Do trabalho dos Kingstons, sob o nome Izzy Williams, mas aqui está num cartão escolar da Evelyn Porter.

A Rachel não diz nada, mas entrega-me outra folha de papel. É uma fotocópia de uma carta de condução de há seis anos. Uma vez mais, trata-se de uma fotografia minha, mas o nome que consta na carta de condução é Evelyn Porter. A imagem é uma que usei para o trabalho do Andrew Marshall, com o nome Mia Bianchi.

Na mesa, aterrada outra página. O passaporte da Evelyn Porter, cuja data de emissão remonta a quatro anos atrás. Mais uma fotografia minha que se destinou ao trabalho na Florida sob o nome Wendy Wallace.

Três novas folhas. Uma fatura da eletricidade, uma multa por excesso de velocidade e uma declaração de um consultório médico. Três novas provas de que sou a Evelyn Porter.

Passei oito anos a ocultar a minha identidade verdadeira, enquanto o senhor Smith passou oito anos a criar uma nova identidade ativa para mim.

Eu e o Devon somos bastante minuciosos ao pesquisarmos sobre uma nova cidade e um novo alvo, mas não termos investigado a fundo os nomes que me foram atribuídos foi uma grande falha.

A Rachel espera uma reação da minha parte. Quando se dá conta de que não terá nenhuma, reclina-se na cadeira e exala de forma audível.

— Continuas a querer dizer-me que não és a Evelyn Porter?

Remeto-me novamente ao silêncio. Calma. Ponderada. O meu cérebro pode estar a disparar num milhão de direções diferentes, mas recuso-me a deixar que isso transpareça.

— Se não fores a Evelyn Porter e te recusares a dizer-me quem és, como esperas que te ajude?

— Preciso de sair daqui. Preciso de uns dias para esclarecer isto.

Ela põe-se a abanar a cabeça.

— Posso tentar, mas não tenhas grandes expectativas. Andam à tua procura há algum tempo e não querem correr o risco de desapareceres. Tudo o que têm, ficas desde já a saber, é a intimação formal para te interrogarem enquanto potencial testemunha material, não enquanto suspeita da sua morte. No entanto, não me parece que te deixem sair daqui hoje. Talvez consiga tirar-te daqui a um ou dois dias, mas será sempre sob a condição de ires imediatamente a Atlanta para seres interrogada.

Mais do que qualquer outra coisa, do que eu mais preciso agora é de tempo. Faço um compasso de espera, avaliando as opções que tenho ao dispor, e depois pego no caderno e na esferográfica dela. Escrevo um nome e devolvo-lhos. Não quero dizer em voz alta, para o caso de as paredes terem ouvidos.

— Liga para este homem. Explica-lhe que a tua cliente esteve em Hilton Head em junho de 2017. Diz-lhe para me tirar daqui. Hoje.

A Rachel debruça-se para a frente, com o rosto ligeiramente empalidecido.

— Queres que telefone a *este* homem e mencione Hilton Head, em junho de 2017, e depois... lhe peça para puxar uns cordelinhos para te pôr em liberdade...

Não é uma pergunta, portanto não me dou ao trabalho de lhe responder.

Ela faz um rápido aceno de cabeça e sai da sala. Surpreende-me que não me atormente até lhe explicar a minha mensagem críptica, mas começo a

compreender que não dei à Rachel o crédito devido.

Apesar de nunca ter pretendido estar onde estou, a enfrentar semelhantes provas, era algo para o qual estava preparada. É chegada a altura de usar o favor a que tenho direito.

A porta abre-se devagar, mas é demasiado cedo para que seja a Rachel. Relaxo na cadeira, pronta para jogar com os detetives. Nisto, a cabeça do Ryan espreita pela nesga da porta, como quem não sabe se está no sítio certo.

Ao pensar que a Polícia tinha vindo por sua causa, o seu instinto foi proteger-me. Agora é apreensão que vejo no seu olhar.

— A Rachel convenceu a Polícia a deixar-me ver-te um minuto. Acho que têm medo de lhe dizer que não. Contudo, ela avisou que é provável que voltem a ligar as câmaras e os microfones.

É provável que o queiram aqui comigo para ver se eu digo algo que possam usar contra mim.

Ele vacila, mas não tarda está ao meu lado, envolvendo-me nos seus braços. Fico admirada com o dilúvio de emoções que me inunda. É um alívio vê-lo. Ele estreita-me contra si, num abraço apertado, murmurando serenamente:

— Que raio, Evie.

Devia afastar-me. Suspender o contacto com ele.

Mas não o posso largar.

Não o quero largar. Acho que este longo dia contribuiu de algum modo para baixar a guarda... e os últimos longos dias.

— Estás bem? — pergunta.

— Sim — respondo. — Melhor, agora que estás aqui.

Ele afasta-se para olhar para mim.

— A Rachel diz que está a tomar providências para te tirar daqui.

— Ainda bem. São boas notícias.

Ele tem um ar cansado. As últimas vinte e quatro horas não foram fáceis. Primeiro, perde o amigo de infância; depois, a namorada é levada pela Polícia.

Entrelaça os dedos nos meus.

— O que se passa, Evie? Aquele polícia disse que és procurada como testemunha material no caso da morte de uma mulher em Atlanta. Achrom que estavas lá quando aconteceu.

— Sim, foi também o que me disseram. Fiquei tão surpreendida quanto tu por quererem falar comigo. Não fazia ideia de que havia um mandado em meu nome — digo, certificando-me de que não digo nada que não diria também à Polícia, pois devem estar a ouvir.

— Significa isso que têm suspeitas quanto à sua morte? Caso contrário, porque precisariam de emitir um mandado para falar contigo?

Inspiro e expiro fundo.

— Não sei porque pensam que sei alguma coisa.

Ele vai assentido enquanto eu falo, como se avaliasse a veracidade das minhas palavras.

Antes de poder continuar, a Rachel abre a porta e entra na sala. Os seus olhos deslocam-se ora para um ora para outro, é claro o julgamento que faz. Estou a mentir ao amigo.

— Evie — diz ela, pondo a ênfase no meu nome —, fiz o telefonema. Parece ter corrido bem. Em breve, teremos a confirmação.

Assinto, porque estou convicta de que vai resultar.

Ela olha para o Ryan.

— Podes dar-nos um momento? Tenho de recapitular umas coisas com a Evie.

Ele olha para o espaço entre nós as duas, questionando-se decerto sobre o que haverá a recapitular que ele não possa ouvir.

Quando não digo que ele pode ficar, ele concorda:

— Claro. Estou lá fora. — E sai.

Ela acena, gesticulando para a sala.

— Os microfones e as câmaras estão novamente desligados.

Anuo e espero que me diga o que mais ninguém pode ouvir.

— Vais contar-lhe quem realmente és? — pergunta.

— Contratei-te para tratares dos aspetos legais da minha vida, não dos pessoais.

Ela não se dá por vencida.

— Ele é meu amigo.

Não respondo e fitamo-nos por uns instantes, até que continua:

— Voltarei assim que for emitida a ordem para te libertarem. Caso aconteça.

— Vai acontecer — insisto.

Ela olha-me brevemente antes de sair da sala.

Recosto-me na cadeira e esvazio a mente. Preciso de traçar um plano.

Lucca Marino — Seis anos antes

Faço de carro o percurso de Hilton Head para Raleigh, na Carolina do Norte. Não tenho pressa, as últimas doze horas ainda ressoam na minha cabeça. Não me devia importar o que o Andrew Marshall pensará agora de mim, mas importa.

Estou incontactável. O Matt já me ligou um milhão de vezes e enviou mensagens com um sem-fim de ameaças, mas não me ralo.

Quase quarenta e oito horas depois de ter deixado o Andrew naquele *resort* na Carolina do Sul, estaciono diante do edifício da AAA — AGÊNCIA DE MEDIAÇÃO E FIANÇAS a meio da manhã de segunda-feira, embora da última vez tenha recebido instruções claras para nunca mais voltar a pôr cá os pés.

Como tal, o Matt não está à minha espera.

Da última vez que aqui estive, estava aterrorizada. Tinha acabado de fugir da casa dos Kingstons depois de deixar a Jenny Kingston a esvair-se em sangue no chão do quarto e o Miles a dormir no sofá.

Hoje é diferente.

Hoje, entro pelo escritório adentro como se me pertencesse.

Há algumas pessoas dispersas na sala de espera e a mesma rapariga na receção. Ela mostra-me um sorriso amarelo quando me vê caminhar na sua direção, mas muda rapidamente de expressão quando passo pela receção sem parar e entro no corredor.

— Espere! Tem de dar o nome! — grita, correndo atrás de mim.

Escancaro a porta do escritório do Matt e ela detém-se imediatamente antes de chocar com as minhas costas.

— Onde raio estiveste? — grita o Matt assim que me vê, olhando depois para a rececionista atrás de mim. — Volta já para o teu posto!

Ela dá meia-volta ao mesmo tempo que fecho a porta.

Sento-me na mesma cadeira à frente da sua secretária, tal como há dois anos.

Ele parece não pregar olho desde sexta — desde a última vez que falámos. Desde a última vez que conseguiu ver a transmissão de vídeo que preparou. Imediatamente antes de eu ter desligado as câmaras.

— A minha miúda andou à procura do Andrew a porra do fim de semana inteiro! Chegou a ir bater-lhe à porta! Onde raio se meteram? Desapareceram

como que por magia! — Tem o rosto vermelho e fios de saliva voam-lhe da boca.

Respondo com toda a calma.

— O teu plano era estúpido. Melhorei-o.

Ele range os dentes e os seus olhos frenéticos inspecionam-me de alto a baixo.

— Que queres dizer com isso? — pergunta por fim.

— Põe o senhor Smith ao telefone — ordeno. E agora olha para mim como se me quisesse matar.

O Matt dá a volta à mesa e agiganta-se à minha frente. Baixa o tronco, pousando as mãos nos braços da cadeira onde estou sentada, com o intuito de me encurralar.

— É a mim que respondes — diz.

— Não, não é. Já não. — Ergo o braço e olho para o relógio. — Tens cinco minutos, caso contrário, vou-me embora. E tu não queres que eu me vá embora.

É uma jogada arriscada, mas tenho de seguir o meu instinto. Nunca me desilude.

Fitamo-nos durante um longo e tenso momento.

Algo mudou em mim quando assumi as rédeas daquele trabalho. E não vou voltar ao que era antes.

— Quatro minutos.

Ele empurra a cadeira com tanta força que quase tombo para trás. Esperneio para recuperar o equilíbrio. Ele pega no telemóvel. De costas voltadas para mim, fala em voz baixa com o senhor Smith.

Segundos depois, gira nos calcanhares com o telemóvel em alta voz.

— Fala — ordena o Matt.

Do outro lado, silêncio, mas não deixo que isso me impeça.

— O Andrew Marshall é tempo perdido. Ele jamais trairá a mulher. É demasiado perfeito. E se o forcarem a fazer alguma coisa, isso causar-lhe-á uma vergonha tal que abandonará a corrida por completo. Não vale de nada terem com que incriminar alguém sem influência. Basta passar dez minutos com ele para perceber isso. — Os olhos do Matt perfuram-me enquanto deixo que o silêncio do senhor Smith preencha a sala. — No entanto, arranji-lhe alguém melhor. O senador Nelson. Há dezoito anos que detém o mesmo cargo na Geórgia. Faz parte de todos os comités que interessam. É temente a Deus, adora a mulher e o país. Também adora levar umas chicotadas de mordança na boca. É todo seu. Só tem de dizer-me para onde devo enviar a *pen*.

É óbvio que, ao não permitir que seja o Matt a reencaminhar esta informação, estou a excluí-lo. Apenas não acrescento que o Andrew Marshall agora é meu. Será governador em breve e tomou consciência de como esteve perto de ficar nas mãos de outra pessoa — e também de quem o salvou disso.

Olho para o Matt e ele olha para o telemóvel. Há uma película de suor a

cobrir-lhe a testa.

A conversa com o Andrew foi difícil. Quando acordou na manhã seguinte, ainda na varanda, tinha muitas perguntas. E eu não deixei nenhuma sem resposta. Vigilante. Foi como o aconselhei a ser de ora em diante. Acabou-se a confiança cega, mesmo se a pessoa provar ser de extrema confiança. Foi uma lição dura de aprender. Ele agradeceu-me e depois ofereceu-se para me ajudar a deixar esta vida, na medida do que estivesse ao seu alcance. A fim de viver uma vida honrada, longe do crime. Porque o Andrew Marshall é essa pessoa.

Abracei-o, agradei-lhe e deixei-o sem mais delongas.

Também sei que, se alguma vez precisar dele — precisar mesmo dele —, ele não me deixará desamparada.

Quando perco a esperança de ouvir a voz do senhor Smith hoje, continuo.

— Pode não gostar da mudança de estratégia e os resultados podem não ser aqueles que esperava, mas o plano do Matt teria ido por água abaixo. E o senador Nelson é melhor do que um plano falhado e recursos desperdiçados. Se quiserem continuar a recorrer aos meus serviços, a partir de agora reporto diretamente a si. Não ao Matt. Sou boa no que faço. Sou melhor do que ele. E o senhor sabe disso.

Silêncio.

O Matt está furioso. Um forte rubor vermelho sobe-lhe pelo pescoço e tem o maxilar cerrado. Por fim, o senhor Smith toma a palavra.

— Matt, passa o telemóvel à Lucca e espera no corredor. Lucca, quando ele sair, fecha a porta e tira-me da alta voz.

Os olhos do Matt parecem prestes a saltar-lhe das órbitas. Sai do escritório, batendo com a porta.

Pego no telemóvel e prima o botão para dar privacidade à chamada.

— Estou aqui — digo.

— Disseram-me que houve uma festa de arromba na *suite* do Andrew Marshall na sexta à noite.

Não hesito.

— Sim. Assim que percebi o plano do Matt, convidei algumas pessoas influentes para um *cocktail*. Sabia que, sendo impossível apanhar o Andrew em falso, mais valia virar-me para outra pessoa igualmente ou ainda mais importante.

Silêncio.

As perguntas chegam ao fim de algum tempo.

— Onde estava o Andrew Marshall durante a festa? Se tens o que dizes ter, ele testemunhou o comportamento do senador?

— Pus o Andrew fora de combate e deixei-o inconsciente numa espreguiçadeira na varanda. O senador Nelson levou uma das raparigas para o quarto e foi aí que a ocorrência se deu.

De novo, silêncio. O compasso de espera entre as suas perguntas e as minhas

respostas é enervante, mas tenho a certeza de que é esse o objetivo.

— As instruções do Matt foram-te entregues às dezasseis e trinta e tu enviaste convites para o *cocktail* no quarto do Marshall às dezassete e quarenta e cinco. Como conseguiste arranjar a tecnologia e o pessoal para implementar o plano num tão curto espaço de tempo? Ou já andarias a arquitetar um plano para agires por conta própria assim que recebesses as instruções?

Foi ingénuo da minha parte assumir que ele aceitaria a minha explicação sem questionar.

— Tal como o senhor disse anteriormente, eu sou uma pessoa expedita, que pensa pela própria cabeça. Este é só mais um exemplo disso mesmo. Não comecei o fim de semana convicta de que teria de alterar o plano, mas teria sido pouco profissional da minha parte não me preparar para qualquer eventualidade. Quando recebi as instruções, era evidente que o Matt tinha tomado a dianteira do trabalho. Foi desmazelado e amador.

— E queres que acredite que te vieste embora sem teres absolutamente nada sobre o Marshall? Que efetivamente não descobriste uma única coisa durante todo o tempo que estiveste com ele que possa ser usada como trunfo contra ele?

— Nada mais que a verdade. Não vai encontrar ninguém moralmente tão irrepreensível como ele.

Intuo que não acredita em mim. Passado um minuto, consulto o ecrã do telemóvel para ver se a ligação ainda se mantém.

— Apesar de ver utilidade no senador Nelson, não te mandei atrás dele. Mas sei reconhecer e aprecio que tenhas salvado um trabalho — diz. — De ora em diante, passarás a reportar diretamente a mim. Veremos como corre. Fica assim por enquanto. És uma caixinha de surpresas. Ainda estou para ver se isso é bom ou mau.

Ignoro a ameaça implícita nesta última parte.

— Os meus honorários serão ajustados de acordo com a minha nova posição, correto?

Não estava à espera do risinho.

— Não te inibes de esticar a corda, pois não?

— Respeitar-me-ia se não o fizesse?

Ele ignora a pergunta.

— Vejamos se és assim tão boa como pensas. Há uma situação na Florida em que poderás ajudar. Uma pacata cidadezinha universitária com muito dinheiro. Preciso que vás até lá.

— Com certeza — digo, sem hesitar. Apesar de não saber em que consiste o trabalho, sei que é a minha oportunidade de provar que mereço a promoção.

— Vai ter ao Holiday Inn Express perto do aeroporto. Faz o *check-in* com o teu pseudónimo atual e aguarda instruções.

Nisto, desliga o telefone.

— Já terminei — grito na direção da porta fechada, a qual o Matt abre, segundos depois, arrancando-me o telemóvel da mão.

— Vais arrepender-te disto — diz ele.

Encolho os ombros e depois tiro o minúsculo cisne de papel do bolso, pousando-o no canto da secretária.

— Que merda é essa?

— Uma coisa para te lembrares de mim — digo, dirigindo-me para a porta.

No preciso momento em que saio do edifício, são entregues pequenas caixas brancas em vários locais. Em cada caixa, está um cisne de *origami* semelhante ao que acabei de dar ao Matt. Quando se abre o cisne, vê-se uma imagem que mostra o destinatário numa posição bastante comprometedora, com a legenda «Hilton Head 2017» escrita por baixo a marcador vermelho. Apenas isso.

Acabei de aumentar um pouco mais a minha equipa, embora os novos membros não tenham tido propriamente voto na matéria. Na noite em que quase fui detida em Raleigh, alguém pediu um favor e foi tudo o que bastou para me ilibar.

Chegará a altura em que precisarei destes homens e eles ajudar-me-ão sem pestanejarem. Agora, tenho uma mão-cheia de políticos reputados e tementes a Deus na algibeira. Um senador, uns quantos congressistas, vários presidentes de câmaras municipais e legisladores federais. E o pobre juiz McIntyre do Luisiana, que foi à festa a reboque de um amigo.

CAPÍTULO 17

Hoje

O juiz McIntyre superou a prova com distinção, como eu previa. Eu e o Ryan regressamos juntos a casa, e a Rachel segue atrás no seu carro. Dado que aceitou assumir a responsabilidade pelas minhas ações, parece que terei de me conformar com a sua presença.

Para poder ser libertada, tive de concordar em encontrar-me com os detetives em Atlanta na sexta de manhã, a fim de responder às suas perguntas sobre as circunstâncias em torno da morte da Amy Holder. Se me recusasse a fazê-lo, permaneceria detida na esquadra em Lake Forbing até a escolta de Atlanta chegar e me levar à força. Se não comparecer à reunião na sexta de manhã, emitirão um novo mandado, desta feita para a minha detenção por não comparecimento.

Se, ontem, o plano do senhor Smith não era claro, hoje já não há sombra de dúvidas quanto ao que pretende. Sempre pensei que poderia voltar a ser a Lucca Marino, contudo, depois deste dia, ser-me-á impossível descolar-me da identidade da Evie Porter. Como condição para ser libertada, fotografaram-me e colheram-me as impressões digitais, pelo que agora, além de já estar *no sistema*, estou-o enquanto Evelyn Porter.

Tive tanto cuidado para manter a Lucca Marino sem cadastro e fora do radar — uma lousa em branco que pudesse modelar na hora certa — que agora não tenho provas que atestem que sou efetivamente a Lucca Marino. Em contrapartida, a Evie Porter tem todo um histórico dotado de fotografias, incluindo as impressões digitais acabadas de carregar no sistema e o mandado para ser interrogada enquanto testemunha material no caso da morte da Amy Holder.

Há oito anos, o senhor Smith salvou-me de uma possível detenção. Agora, foi o próprio a orquestrá-la.

Hoje é segunda-feira e, como o dia vai a meio, sobram-me três dias completos para resolver isto.

No carro, ninguém fala.

De todas as perguntas às voltas na minha cabeça, neste momento, aquela que mais me atormenta é: *Porque é que o senhor Smith elevou a fasquia desta vez?* Posso

estar temporariamente presa a esta cidade e identidade, mas o meu trabalho aqui está feito. Será que alguma vez foi um trabalho a sério ou apenas um estratégia para me confinar a um sítio?

— Podes perguntar-me qualquer coisa — acabo por dizer quando o silêncio se torna avassalador.

— Como é que ela morreu? — pergunta o Ryan. — A mulher sobre a qual te querem interrogar.

— Num incêndio.

Ele encolhe-se ligeiramente, os olhos ainda postos na estrada.

— Como é que a conhecias?

— Do trabalho — respondo. O que é verdade. Ela foi o meu último trabalho.

Estamos a poucos minutos de chegar a casa dele e ele ainda não fez mais perguntas, por isso faço pressão.

— Não me vais perguntar se estava lá? Se sei alguma coisa sobre o que lhe aconteceu? Se tive algum papel na história?

— Não. E não é por não querer as respostas. — Ele vira-se e olha para mim por uma fração de segundo antes de dirigir novamente a atenção para a estrada. — É porque não estás preparada para me dizer a verdade e prefiro que não me mintas.

— Não tens medo de poderes estar a partilhar o teu teto com uma criminosa? — pergunto, sem qualquer ponta de diversão na voz. — Não tens medo de que possa pegar fogo à tua bela casa?

Pressão e mais pressão.

A sua gargalhada triste preenche o interior do carro.

— A rua em peso viu a Polícia levar a minha namorada. Passei o dia na esquadra a fazer o que estivesse ao meu alcance para a libertar. E agora, no caminho para casa, ela arma uma discussão comigo porque me recuso a entrar no seu joguinho. — Olha novamente para mim. — Se os acontecimentos me deixam feliz? Não. Se estou aqui a apoiar-te? Sim. Se tenho medo de ti? Não. Sou suficientemente paciente para esperar até estares pronta para falar comigo sobre isto. Mas não pretendo ter contigo conversas hipotéticas sobre o assunto.

As suas palavras atingem-me de uma forma que não esperava.

O Ryan estende a mão e entrelaça-a na minha, suavizando o ambiente.

— Vamos a Atlanta e dizemos-lhes que não sabes de nada, respondemos às suas perguntas e depois podemos voltar à normalidade. — Di-lo com uma determinação tal que quase acredito que é uma opção de que disponho.

Não faço ideia do que seria a normalidade.

Entramos na garagem, mas o Ryan mantém o motor ligado.

— Tenho de ir ao escritório buscar umas coisas, já que não consegui lá ir mais cedo — informa, olhando fixamente pelo para-brisas.

Saio do carro antes que diga algo de que me venha a arrepender. Aquele seu

pequeno discurso deu-me vontade de lhe contar tudo o que não devo, e agora ele foge de mim. Já estou quase dentro de casa quando oiço a Rachel fechar a porta do seu carro, os saltos altos a matraquearem o cimento atrás de mim.

— Evie, temos de rever algumas coisas — diz ela, seguindo-me pela porta dos fundos.

Assinto, mas não me viro para a encarar.

— Primeiro, preciso de um duche. E de algum tempo. Dá-me uma hora. — Diriço-me para as escadas antes que ela tenha oportunidade de dizer o que quer que seja.

Paro espedada à frente da porta fechada do nosso quarto. Nunca fechamos esta porta se não está ninguém lá dentro. Recordo os acontecimentos desta manhã quando nos estávamos a preparar para o dia, cada um a arrastar-se para seu lado a passo de caracol, grogues do fim de semana. Fui a primeira a descer e o Ryan juntou-se a mim pouco depois, mas voltei cá acima a correr para vir buscar o telemóvel que estava a carregar ao lado da cama.

A porta estava aberta quando saí do quarto.

Rodo lentamente a maçaneta e depois empurro a porta.

A cama está feita, que é outra coisa que raramente fazemos e que certamente não teríamos feito esta manhã, dado o estado em que nos encontrávamos. Inspecciono o quarto com o olhar e falta-me o ar ao ver o que está à minha espera na mesa de cabeceira do meu lado da cama.

Um cisne de *origami*.

Está encostado ao candeeiro e é suficientemente pequeno para não chamar a atenção de mais ninguém além de mim.

Fico a olhar mais tempo do que devia, dando-lhe poder que não merece.

Finalmente, pego nele e abro-o. Dentro do cisne, há outro bocado de papel. De um dos lados, estão impressas duas fotografias. Isto é o que os polícias de Atlanta têm a meu respeito, cortesia do senhor Smith, por certo. E fê-lo chegar a mim da mesma forma que eu fiz chegar ao juiz McIntyre as provas que tenho contra ele.

Na imagem de cima, estou no exterior de um hotel na Baixa de Atlanta e a Amy Holder está a escassos metros de mim; tem o rosto crispado e uma mão no ar, mostrando-me o dedo do meio. Na segunda imagem, estou a seguir a Amy para dentro do hotel. O mesmo hotel que, apenas minutos mais tarde, as câmaras de todos os telemóveis que havia na rua da frente apanharam, exibindo as nuvens pretas de fumo que saíam da janela da varanda do seu quarto. Estas fotografias evidenciam que havia um problema entre nós e que entrei no hotel atrás dela.

Lembro-me perfeitamente deste momento. Das suas palavras exaltadas. Dos olhares das pessoas ali perto que ouviram o que ela me gritava. E, mais tarde, do som das sirenes dos carros dos bombeiros irrompendo pelo ar, das pessoas a gritar, do odor acre do fumo.

A prova perfeita, que me coloca no local num momento de confronto com a falecida. Conhecendo o senhor Smith como conheço, deve haver outras fotografias, tiradas de outros ângulos, que são igualmente incriminatórias e que podem ser enviadas à Polícia de Atlanta quando ele considerar oportuno. Isto não passa de um aperitivo para abrir o apetite.

O verso da folha é esclarecedor quanto ao que quer de mim.

É uma fotografia minha tirada nesse mesmo dia, mas noutro local.

Estou a sair de um banco que fica a alguns quarteirões de distância do hotel onde a Amy estava hospedada.

No fundo da folha, está um número de telefone. Tiro o telemóvel da bolsa e ligo-lhe de imediato.

— Não esperava ter notícias tuas tão cedo. Conseguiste sair mais depressa do que julguei que serias capaz — diz o senhor Smith ao atender, o tom robótico um pouco mais alto do que habitualmente.

— Sempre me subestimou. — Preciso de me concentrar para imprimir um toque de jovialidade à minha voz.

— Vais devolver aquilo que obtiveste da Amy Holder em Atlanta ou isto não terá um fim agradável para ti.

Fecho os olhos com força e inspiro fundo em silêncio.

— Já lhe expliquei o que aconteceu. Não consegui obtê-lo. Desapareceu. Queimou-se no incêndio.

— Então é o que é que está no cofre?

Olho novamente para a fotografia que me mostra nos degraus à frente do banco.

— Diga-me, por favor, que não me armou uma cilada por causa desta fotografia.

— Agora és tu que me estás a subestimar — escarnece. — Tenho a gravação do sistema de videovigilância das câmaras de segurança no interior da sucursal do Wells Fargo na Peachtree Street. Arrendaste o cofre ainda antes de os bombeiros terem extinguido as chamas que engoliram o corpo da Amy Holder. Nunca tens nada de importante em tua posse, e este seria o sítio mais rápido e próximo para guardares em segurança o que quer que tenhas recuperado. Só estamos a ter esta conversa porque não sei o número do cofre, nem tenho os dados da subscrição do serviço bancário.

— Não é o que pensa — digo. — Não tem nada que ver com a Amy ou com a sua morte.

O grunhido mecânico causado pelo modificador de voz faz-me estremecer.

— Agora não é o momento para te armares em parva comigo. Vais voltar para Atlanta, mas quero-te lá na quarta. Há um quarto reservado em teu nome no hotel Candler, na Baixa de Atlanta. Vais ser recebida no átrio às dez da manhã de

quinta-feira por um dos meus representantes, que te acompanhará ao banco e ao interior da caixa-forte. Será ele próprio a retirar o conteúdo do cofre. Se o que dizes é verdade e o conteúdo não tem nada que ver com o trabalho da Amy Holder, então resolveremos o assunto de uma vez por todas e prosseguiremos como sempre. E verás que os detetives em Atlanta rapidamente perderão o interesse em ti.

— E quer que acredite que deixará de me perseguir se lhe mostrar o conteúdo do cofre? E este trabalho? Devo simplesmente abandoná-lo a meio? Sendo alguém que detesta o fracasso, porque é que o aceita neste trabalho?

— No meio de toda a merda que me arranjaste, é isso que queres saber? A única coisa que importa é recuperar o que a Amy Holder tirou. *Na totalidade.* — Cala-se um instante e depois acrescenta: — Houve uma altura em que foste a minha melhor agente. Vê bem até onde desceste.

— Continuo a ser a sua melhor agente e ambos sabemos isso.

A gargalhada explosiva sobressalta-me.

— Foste direito aos polícias e falaste com eles. Agora, há uma pasta com o teu nome. Por acaso ofereceste resistência quando te pediram as impressões digitais? Há um vídeo de quando estiveste na sala de interrogatórios. Mereces um louvor pela tua compostura. — As palavras são como balas, cada qual atingindo o alvo.

— Quantos juízes McIntyre tens escondidos na manga?

Solto uma gargalhada que oxalá não soe forçada.

— Os suficientes para me permitir esquivar-me às bolas curvas que me atira.

— Infelizmente, Lucca, fizeste a tua escolha, portanto, agora eu faço a minha — grunhe.

— Não aja como se não me andasse a armar uma cilada desde o início. Todos estes anos. Fui uma das melhores agentes que teve, no entanto, andou à espera do momento certo para se virar contra mim.

Ele estala a língua à laia de desaprovação.

— Podes crer que andei. Julgas que não teria um plano de contingência a postos para o caso de um dos meus agentes sair do trilho? Não me venhas com sentimentalismos. Trabalho é trabalho.

— A mulher que se fez passar por mim sabia o que lhe ia acontecer quando aceitou o trabalho? Disse-lhe que era uma sentença de morte?

— Aquela mulher foi uma baixa infeliz. Tinha potencial. Contudo, estou sempre preparado para tomar as decisões difíceis. O trabalho Holder é mais importante.

Cá está ela. A confirmação de que as mortes deles não foram um acidente.

— Ela chegou a terminar o trabalho para o qual a enviou? Ou também o desiludiu?

— Ela foi enviada para te enfraquecer. E foi o que fez. Foi enviada para ser

reconhecida como a Lucca Marino. E foi o que fez. Foi enviada ao jantar naquela noite para garantir que tu eras a última pessoa a vê-la com vida, de modo que a Polícia não tivesse alternativa senão pôr em causa a noite que passaram juntos. Julguei que teria de intervir para me certificar de que tomavam conhecimento do mandado que havia em teu nome, mas acabaste por me facilitar a vida. Mandeia vasculhar nas tuas coisas para te irritar, porque sabia que detestarias. Mas fizeste-me rir com a folha de cálculo que lhe deixaste para que a encontrasse. Foi bem jogado.

Invade-me uma vontade irresistível de desatar aos berros e de atirar o telemóvel ao chão até se partir em mil bocadinhos, mas não lhe posso mostrar o quão desesperada estou.

— Que garantias tenho de que não acabarei como ela? Ela veio fazer um trabalho e é assim que lhe agradece? Com um mergulho de cabeça da ponte abaixo.

— Posso garantir-te que *terás* o mesmo destino se falhares a entrega do que eu quero pela segunda vez. — O seu tom suaviza-se ao acrescentar: — Eu sei que farás o que for necessário para teres o fim de conto de fadas que sempre desejava. Uma casa grande e um jardim que tu e a tua mãe andaram tantos anos a planear, enquanto ela ia definhando naquela vossa unidade móvel. Ainda podes ter tudo isso. Se me deres o que quero, posso tornar a Evie Porter numa memória distante e trazer a Lucca Marino de volta dos mortos.

Será que ele pensa realmente que eu acredito na possibilidade de tal desfecho?

— Não sei quantas vezes terei de lhe dizer que Atlanta foi um fiasco. Fosse o que fosse que quisesse da Amy Holder, ela levou-o consigo para o túmulo. Aquele cofre não tem aquilo que pensa.

Ele faz um compasso de espera e depois diz:

— Este número ficará fora de serviço assim que esta chamada terminar. Sabes como funciona. Se não te encontrares com o meu associado no átrio do hotel à hora designada, serei forçado a dar à Polícia de Atlanta tudo o que tenho. Aquelas fotografias são apenas um cheirinho do espetáculo principal. Podes fugir, mas já não és um fantasma. — Antes de desligar, acrescenta uma última coisa: — E a Polícia não vai ser a única atrás de ti.

Então, a ligação cai. Não faço qualquer tentativa de telefonar de volta, porque ele não faz ameaças vãs.

Levo para a casa de banho a folha que me deixou, deposito-a no lavatório e depois saco do isqueiro que guardo junto à banheira para acender as velas. Minutos depois, a folha está transformada em cinzas. Abro a torneira para limpar todos os vestígios antes que o fumo ative os alarmes.

Rodando a torneira do chuveiro para a temperatura mais quente que consigo aguentar, dispo-me e ponho-me debaixo do jato, numa tentativa desesperada de

me purificar das últimas horas.

Há muitas perguntas que precisam de respostas.

Há muitas emoções que preciso de filtrar. A raiva pelo facto de o homem para quem trabalhei durante todos estes anos se ter virado contra mim de uma forma que jamais imaginei. A desilusão que me invadiu depois de o ouvir admitir que criou uma identidade para mim desde o início com a única finalidade de me aniquilar. A amargura que me preencheu ao descobrir que anda a planear o meu desaparecimento desde o primeiríssimo trabalho. Tudo isto me atinge com mais força do que julguei ser possível. Com mais força do que aquela para a qual me tinha preparado.

Mas o que mais me custa é a morte da mulher. Ela apenas fez o seu trabalho. Eu sou a culpada pela sua morte. Pela morte do James. Se eu não tivesse entrado no jogo do senhor Smith, ela ainda estaria viva.

Esfrego cada milímetro do meu corpo. Lavo o cabelo com champô. Lavo a cara. Qualquer coisa que me faça sentir limpa.

A morte dela pesa-me nos ombros, preenche-me os pulmões, tolda-me a visão.

A porta da casa de banho abre-se, rangendo, sobressaltando-me, embora esteja à espera de que o Ryan venha ver como estou mal volte do escritório.

O vapor embaciou o vidro, por isso só consigo discernir que é ele quando abre a porta do chuveiro. Enquanto me fita, desenha-se-lhe uma linha no centro da testa. Não consigo decifrar a sua expressão. Quando penso que está prestes a virar costas, começa calmamente a despir-se e junta-se a mim. Tira-me a luva do banho antes de me virar para a parede do duche. Apoia uma mão no meu quadril, para me manter no sítio, enquanto, com a outra, começa a passar a luva, descrevendo movimentos longos e circulares nas minhas costas e ombros.

Viro-me para ele e enterro o rosto no seu peito, enquanto a água jorra à nossa volta. E choro. Assim que começo, não consigo parar. Soluços enormes e angustiados que me destroçam.

O Ryan sussurra-me ao ouvido. Tolices. Carinhos. Promessas.

A sua voz suave encontra as fendas na minha armadura.

Dez minutos para me desmoronar. Dez minutos para me impregnar do conforto que ele me oferece, quer sinta ou não que o mereço. Uso esses dez minutos e depois recomponho-me.

Como a água começa a arrefecer, o Ryan fecha a torneira e depois consegue, não sei como, pegar na minha toalha sem me largar. Fico quieta enquanto ele me enxagua.

— Queres deitar-te? Ou preferes comer primeiro? — pergunta, enquanto eu visto umas *leggings* e uma *T-shirt* muitos números acima.

— A Rachel ainda cá está? — pergunto.

Ele assente, enquanto se seca.

— Está, sente-se pessoalmente responsável por ti. Tenciona manter-se por perto até chegarmos a Atlanta.

Inspiro fundo. Novamente.

— Não tens de ir comigo a Atlanta.

O Ryan sacode os ombros.

— Claro que tenho. Mas não vamos falar sobre isso hoje. Fazemos planos amanhã.

Agora que sei o que enfrento, já tenho a cabeça a mil, a rever todos os cenários possíveis. Irei a Atlanta depois de fazer algumas paragens.

— Que se passa nessa tua cabecinha? — pergunta.

Não me agrada que ele me consiga ler tão bem. Mostra o quanto baixei a guarda no que lhe diz respeito.

— Estou só a pensar no que irão perguntar. E no que farão quando não souber responder.

O Ryan estreita-me contra si.

— Estarei contigo o tempo todo. Assim como a Rachel. Estamos do teu lado. Se há alguma coisa em que podes acreditar é nisto.

Agarro as suas mãos nas minhas e levo-as à boca, beijando-lhe cada nó dos dedos.

— Tenho fome. Mas preciso de um minuto para me recompor.

Ele sorri e aperta-me as mãos.

— Vou buscar o jantar. Desce quando estiveres pronta.

O Ryan sai do quarto e eu sento-me na cama.

Já tive o meu momento de autocomiseração. Agora, está na hora de arregaçar as mangas.

CAPÍTULO 18

Hoje

O senhor Smith quer-me em Atlanta depois de amanhã e a última coisa de que preciso é ter a Rachel à perna.

Desço as escadas e vejo que instalou um pequeno escritório na sala de jantar. Tem o portátil numa ponta da mesa e arquivos espalhados por todo o comprimento da sua superfície.

— Onde está o Ryan? — pergunto, em vez de a cumprimentar.

Ela não olha para mim, ocupada a organizar uma série de pastas ao lado do computador.

— Foi buscar comida.

Observo-a até a deixar desconfortável. Interrompe o que está a fazer e concede-me finalmente a sua atenção exclusiva, sentando-se na cadeira à cabeceira da mesa.

— Temos de estar em Atlanta por volta das nove da manhã de sexta, portanto temos de partir na quinta — anuncia. — Estive a ver e há um voo direto às quatro e meia da tarde de quinta-feira. Podemos reservar dois quartos num desses hotéis perto do aeroporto. Os dias de hoje e de amanhã estão reservados para fazermos uma recapitulação e nos prepararmos.

Sento-me na cadeira ao seu lado, desviando a papelada para me poder apoiar na mesa.

— Encontro-me contigo em Atlanta às oito e meia de sexta, mas primeiro preciso de tratar de alguns assuntos. Sozinha.

Ela põe-se a abanar a cabeça ainda antes de eu terminar a frase.

— Sou responsável por ti. Se não compareceres, sou eu que dou a cara. E se não tenho dúvidas de que não terás dificuldade nem remorsos ao desapareceres, eu vivo aqui. Toda a minha vida está aqui.

— Eu não faria isso ao Ryan — respondo calmamente.

Ela revira os olhos.

— Ele nem sequer sabe qual é o teu nome verdadeiro.

A Rachel está a provocar-me e está bastante perto de o conseguir.

— Isto não está sujeito a discussão. Podia livrar-me de ti a qualquer momento

sem que o conseguisses antecipar. Mas estou a ser simpática dizendo-te que me encontrarei contigo em Atlanta na sexta. Só tens de me dizer onde.

Fitamo-nos, cada uma à espera de que a outra ceda. A porta das traseiras abre-se, alertando-nos para a chegada do Ryan com o jantar, e eu tenho de fechar o assunto antes que ele se intrometa.

— Sei que pode não significar grande coisa para ti, mas dou-te a minha palavra. Lá estarei. E quando dou a minha palavra, não falho. Nunca.

Ela exala, contrariada.

— Não achas necessário que nos sentemos a rever o teu caso.

Preciso de me preparar, sim, mas terá de ser com o Devon, não com a Rachel.

— Não.

A cabeça do Ryan espreita à entrada da sala de jantar. O seu olhar voa de mim para a Rachel e novamente para mim.

— Tudo bem por aqui? — pergunta.

— Tudo bem — diz a Rachel.

— Claro — respondo eu.

— Venham comer — chama ele, e seguimo-lo para a cozinha.

Vou buscar os pratos e os talheres, enquanto o Ryan dispõe a comida em cima da ilha, para que cada um se sirva.

— Como não sabia o que queriam, comprei várias coisas.

Enquanto eu e o Ryan estamos numa roda-viva a preparar o jantar, a Rachel observa-nos atentamente. Observa a forma como nos movimentamos na cozinha, como estamos sempre conscientes da presença um do outro. Está cansada de mim e imagino que, à luz do que sabe, seja difícil assistir a esta cena.

Estou a servir-me de uma grande dose de frango *à parmegiana* quando finalmente me lembro de que hoje o Ryan tinha ficado de ir a casa dos Bernards.

— A senhora Bernard ficou aborrecida por não teres lá ido?

Ele dá um longo trago na cerveja antes de me responder.

— Eu liguei-lhe e expliquei que tinha tido um imprevisto e que não conseguiria passar por lá.

Sento-me ao seu lado na mesa da cozinha.

— Como o funeral é esta semana, acho que devias mesmo ficar por cá em vez de ires comigo para Atlanta.

— Já disse aos Bernards que não estarei presente devido a uma emergência fora da cidade.

Abano a cabeça.

— Não podes faltar ao funeral. Eu e a Rachel trataremos de tudo em Atlanta.

Ele deixa cair o garfo no prato e o som ressoa pela cozinha.

— Parece-me que sou perfeitamente capaz de decidir o que fazer.

Estamos a fazer uma cena em frente à Rachel, portanto, decido adiar a conversa

até estarmos sozinhos no quarto. Ela já sabe que tenciono sair desta casa sozinha. Olho para ela e digo:

— Presumo que não te importes de também faltar ao funeral?

— *Yep* — responde, com um estalido no pê. — A última vez que falei com o James foi há uns dois anos, quando me ligou a pedir dinheiro. Dei-lho na condição de se tratar. Até já tinha uma vaga para ele apalavrada num centro de reabilitação. Ele deixou de me responder às mensagens assim que recebeu o dinheiro. Fui uma das poucas pessoas do nosso grupo que não o viu quando regressou à cidade há umas semanas.

O Ryan resmoneia:

— Pois, tenho uma série de histórias parecidas.

O resto do jantar é passado a conversar sobre assuntos sem importância e não tardamos a recolher-nos: nós para o nosso quarto, a Rachel para o quarto de hóspedes lá em baixo.

Em pé no centro do quarto, exalo longa e lentamente. Para me centrar.

— Tenho de tratar de uns assuntos sozinha — digo ao Ryan quando este puxa os lençóis para trás, sem reparar que alguém nos tinha feito a cama. A sua expressão agrava-se, mas eu insisto. — Vou encontrar-me com a Rachel em Atlanta. Também podes ir ter comigo lá.

O Ryan observa-me enquanto se despe e se enfia na cama.

— Não quero falar mais sobre isto hoje. — Levanta os lençóis do meu lado, convidando-me a juntar-me a ele.

Devia teimar no assunto, mas também estou farta de falar, de modo que apago as luzes e junto-me a ele.



Estou sentada à mesa da cozinha, com o meu bloco de notas à frente, quando a Rachel entra. Tiro as duas folhas em que estava a escrever, dobro-as de modo a caberem no bolso de trás das calças e depois guardo o bloco na mochila, antes de ir até à cafeteira para encher o meu termo.

— Onde estão as chávenas? — pergunta a Rachel.

Indico o armário por cima da cafeteira. Vagarosamente, ela tira uma chávena.

— Estás de partida?

Olhando de relance para o relógio, respondo:

— Saio em menos de uma hora.

Consulto o meu Instagram e detenho-me na publicação mais recente da Food Network, que mostra o Bobby Flay à frente de um grelhador com o seu presunçoso sorriso de marca. Comentário: *Beat Bobby Flay é o meu programa #1 favorito!! É impossível vencê-lo em 45 minutos! #AsMelhoresReceitasEstãoAnotadas*

Normalmente, daria ao Devon mais do que quarenta e cinco minutos para ir ter comigo ao primeiro local da sua lista predefinida, mas, depois do dia de ontem, tenho a certeza de que, tal como eu, está a atualizar o *feed* de poucos em poucos minutos. E o *hashtag* apenas fará sentido para o Devon, mas precisa de saber que tenho algo para lhe dar, para que me diga onde o deixar.

A Rachel junta açúcar e um pacotinho de natas ao café e depois vira-se para mim sem deixar de mexer o café.

— O Ryan está a par?

— Está — digo, continuando a percorrer e a atualizar o *feed*.

Passados poucos minutos, o Devon faz um comentário na última publicação do *Spotify*: *See you soon dos Coldplay é subvalorizada #AssimComoOsTwinkies*

Parece que terei de procurar bolinhos *Twinkies* quando chegar ao ponto de encontro.

Fecho a aplicação e vou para cima, para fazer a mala. Reúno umas peças de roupa e entro na casa de banho para recolher os meus artigos de higiene. Quando regresso ao quarto, o Ryan tem a sua própria mala em cima da cama, aberta e cheia até metade.

— Achas que preciso de levar fato? — pergunta.

Depois de deixar cair as coisas que trago nos braços na minha mala, vou buscar os sapatos ao armário.

— Tenho de fazer isto sozinha. — Não consigo encará-lo.

— Compreendo que penses que tens de fazer isto sozinha, mas já não estás sozinha. — O seu olhar detém-se no meu do outro lado da cama. — Vou contigo.

Retribuo-lhe o olhar.

— Mas terias de faltar ao trabalho na quinta e sei como são importantes os compromissos de quinta. — Estou a apalpar terreno, avaliando o que posso usar para me libertar dele.

Ele põe a cabeça de lado, estreitando os olhos.

— Conto-te os meus segredos, se me contares os teus. — Fala num tom grave e um pouco desconcertante. — Começas tu. — Vislumbro um lampejo do homem que comandou as operações naquele armazém.

Limito-me a cruzar os braços e a fitá-lo.

Ao ver que não aceito a proposta, o Ryan ergue os braços no ar.

— Não faço perguntas. Não me assusto facilmente. E não te quero sozinha a fazer o que quer que tenhas de fazer. — Fitamo-nos por mais algum tempo, até que finalmente acrescenta: — Além disso, as minhas competências podem vir a dar jeito num aperto. — E, então, faz aquele seu sorriso. Aquele que o torna incrivelmente charmoso.

E por mais que neste momento me pareça impossível sorrir-lhe, retribuo o sorriso.

— E que competências são essas?

Ele encolhe os ombros e continua a fazer a mala.

— Leva-me contigo e verás.

Estou dividida sobre o que fazer com o Ryan. O senhor Smith decidiu dar-me este trabalho enquanto jogamos este jogo macabro e preciso de saber porquê.

O senhor Smith esperará que compareça sozinha. Até este momento, esforcei-me por ser cem por cento previsível e agora tenho de ser precisamente o oposto. Para mais, o Ryan teima em vir comigo, mesmo faltando ao funeral do James e a uma semana de trabalho. Muito intrigante.

Suspirando de forma forçada, faço de conta que desisto.

— Eu é que tomo todas as decisões. Se precisar de me ausentar para tratar de um assunto sozinha, não quero discussões. Nem uma palavra a esse respeito.

Ele assente.

— Nem te atrevas a deixar-me pelo caminho — diz ele, com um sorriso dengoso. — Vê-se na tua cara que o ponderas.

Ambos sabemos que essa opção está sempre em cima da mesa.



A Rachel está chateada porque o Ryan vai comigo, mas ela não.

Ponho as nossas malas na bagageira do meu *4Runner*, enquanto, junto à casa, o Ryan enfrenta a Rachel numa conversa acalorada. Fecho a porta da bagageira e viro-me na direção da estrada, gravando-a na memória. Vai fazer-me mais falta do que quero admitir.

Instalo-me no lugar do condutor à espera do Ryan. Ao ouvir o motor em funcionamento, ele olha para mim por cima do ombro. Quando se encaminha para o carro, a Rachel estende a mão para o alcançar. Ela sabe coisas sobre mim que ele desconhece, coisas que ela não lhe pode dizer, uma vez que estou protegida pela relação entre cliente e advogado, e está desesperada para o impedir de me acompanhar.

Mas ele não vai na conversa.

O Ryan entra no lugar do pendura e desce a janela, enquanto a Rachel se aproxima do seu lado. Ele queria ir no seu *Taboe*, mas é o meu espetáculo e, caso decida deixá-lo alures pelo caminho, precisarei do meu próprio carro.

A Rachel lança-me um olhar que não me agrada particularmente, voltando então a concentrar-se nele.

— Não estou a brincar, Ryan. No máximo, às oito e trinta da manhã de sexta-feira, em Atlanta. Estou a tentar persuadir os detetives a marcarem o encontro fora das instalações da Polícia e, assim que se decidir onde, dir-vos-ei.

— Já mencionaste tudo isto uma série de vezes — replica ele. Com o olhar

cravado no para-brisas, ele encosta a cabeça no descanso do banco. A mão dela agarra-se à janela aberta como se tentasse impedir fisicamente o carro de arrancar.

Remexo-me no assento, pronta para arrancar. Não sou pessoa de despedidas. De todo.

O Ryan deve sentir a minha agitação, porque me acena, e então eu engato a marcha-atrás, soltando o travão devagar, obrigando a Rachel a retirar as mãos e a recuar.

— Eu ligo-te — diz-lhe o Ryan assim que começamos a avançar às arrecuas.

— E não te admires se ela me abandonar algures e tiveres de me ir buscar.

Claramente, ela não acha graça à piada.

Depois de subir o vidro, quando já nos encontramos na estrada, ele pergunta:

— Queres que reserve um quarto num hotel em Atlanta? Isto é, assumindo que é para onde vamos.

— Já está tratado — respondo.

Deixando o bairro para trás, entro numa das ruas movimentadas que atravessam a cidade de uma ponta a outra e depois viro para um posto de gasolina.

— Abasteces enquanto eu compro uns *snacks* para o caminho?

Ainda nem terminei a frase e ele já saiu do carro.

— Traz-me uma *Coca-Cola* e umas batatas. Com sabor a *barbecue* — diz ele, antes de eu desaparecer dentro da loja.

Percorro o corredor dos *snacks*, agarrando nuns quantos pacotes de batatas diferentes e num pacote de *M&M* de manteiga de amendoim, e vislumbro o Devon a encher um copo na máquina dispensadora de bebidas. Tiro as folhas dobradas do bolso de trás e enfio-as debaixo dos *Twinkies*. Quando estou a pagar na caixa, ele dirige-se ao corredor dos *snacks* para obter a carta manuscrita que o porá a par dos acontecimentos do dia anterior e lhe dará informações detalhadas sobre o plano que engendrei. Não é a melhor forma de comunicação, mas é suficientemente antiquada para não ser detetada. Se tudo correr de acordo com o previsto, encontrar-nos-emos pessoalmente muito em breve.

Ao regressar ao carro, sento-me no lugar do pendura.

O Ryan olha para mim através da janela aberta do lado do condutor, onde ainda está a encher o depósito.

— Suponho que chegou a minha vez de ir ao volante?

— Sim, se não te importares — respondo, antes de dar um gole na minha *Dr. Pepper* sem açúcar.

— Se vou eu a conduzir, terás de me dizer para onde vamos — diz ele, de volta ao carro.

— Apanha a interestadual e segue para leste.

Andamos durante uma hora sem trocar palavra. O silêncio no carro é sepulcral. Não há música a tocar. Ninguém conversa. Apenas lhe dou indicações, quando é

necessário.

A paisagem torna-se mais plana ao entrarmos no delta do Mississípi, onde o panorama é dominado por linhas de plantações a perder de vista. Saímos da estrada interestadual principal, com o carro aos solavancos por estradas secundárias, atravessando as cidadezinhas que surgem mais ou menos de hora em hora. Trata-se do tipo de cidades no qual o limite de velocidade se reduz abruptamente de oitenta para cinquenta quilômetros por hora, levando o condutor desprevenido a acionar os radares de velocidade, cujas receitas sustentam toda a comunidade.

Fazemos uma nova paragem para pôr combustível e o Ryan insiste em pagar desta vez. Eu insisto que pague com dinheiro. Ele saca de um porta-moedas a abarrotar de notas de vinte dólares, como se me quisesse mostrar que estava mais preparado para esta viagem do que eu pensava, e eu recordo-me de que ele é tão desonesto quanto eu.

— Lamento que vás faltar ao funeral do James — digo, quando retomamos a viagem.

Ele solta um longo suspiro.

— Eu também lamento.

Quando julgo que não vai dizer mais nada, acrescenta:

— Passei anos a ajudar o James... a salvar o James. Dei-lhe dinheiro, roupas, um sítio para ficar. Pu-lo em reabilitação mais do que uma vez. Era a sua muleta. Ele sabia que eu nunca lhe faltaria. Que o salvaria. Então, de que vale endireitar a vida se sabes que há sempre alguém disposto a ajudar-te?

Passam-se alguns minutos até que digo:

— Não preciso de ser salva.

A sua cabeça vira-se abruptamente na minha direção. Fita-me enquanto eu olho fixamente para a frente e depois concentra-se novamente na estrada.

— Eu sei. Podes precisar de muita coisa, mas ser salva não é uma delas.

Isto suscita em mim a vontade de lhe fazer perguntas. Tantas perguntas. Contudo, ele deixou as regras bem claras: ele mostra-me o seu jogo, mas eu tenho de lhe mostrar o meu primeiro. Portanto, em vez de o encher com perguntas, digo:

— Vira à esquerda daqui a três quilómetros.

Nome falso: Wendy Wallace — Seis anos antes

Adoro esta cidadezinha. Noutra vida, ter-me-ia mudado para cá para estudar na universidade, logo depois de acabar o secundário. Teria assistido a todos os eventos desportivos, peças de teatro e exposições de arte. Os intervalos entre as aulas seriam passados no relvado, onde, com outros colegas, lamentaria a injustiça das notas do último exame.

Mas essa vida não é minha.

Estou instalada no hotel do aeroporto em Raleigh há apenas um dia quando batem à porta. Abro e dou de caras com um tipo com a farda da UPS. Porém, quando o vejo de perto, percebo que é o mesmo tipo que me entregara as últimas instruções do Matt.

— És o George — digo.

Ele parece confuso.

— Desculpe, quem? — pergunta.

Aponto para o espaço na minha *T-shirt* onde prenderia um crachá com o nome, caso o tivesse.

— George. Era o nome na tua farda no hotel em Hilton Head. — Ele parece surpreendido por me lembrar. — Mas aposto que não é o teu nome verdadeiro.

Entrega-me um pacote castanho, simples, sem endereço nem etiqueta de envio, e diz:

— Não, não é.

Tenho a certeza de que não o mandaram falar comigo, apenas fazer a entrega.

— Vais dizer-me o teu nome ou terei de continuar a chamar-te George?

Ele encolhe os ombros.

— Acho que pode ser George.

— Certo, George será.

Ele faz menção de se ir embora, mas detém-se ante a minha pergunta:

— Vens para a Florida comigo? Ou tens mais entregas para fazer?

Outro encolher de ombros.

— Terás de esperar para ver.

Dito isto, desaparece.

Rasgo o pacote e encontro uma carta de condução do estado da Florida no

nome de Wendy Wallace, juntamente com uma folha com o endereço de uma remessa e da loja de armazenamento, incluindo o número da caixa de correio, e o nome de um complexo de apartamentos e o respetivo número. Há ainda um porta-chaves com duas chaves, sendo uma muito maior do que a outra. Por último, a fotografia de um homem na casa dos trinta anos, a caminho dos quarenta. No verso da fotografia, o seu nome, Mitch Cameron, e «Sabe tudo o que pudes sobre ele» escrito por baixo.

É fácil dar com o Mitch Cameron. Toda a gente conhece o Mitch Cameron, pois é o principal treinador da equipa de futebol americano de uma universidade na Florida Central. É adorado e odiado em igual medida.

O Mitch tem trinta e sete anos e é casado há dez com a Mindy. O Mitch e a Mindy. Que adorável. O Mitch é também pai de duas crianças, um rapaz chamado Mitch Jr. e uma rapariga chamada Matilda.

Estimados espectadores, esta família é-vos apresentada pela letra M.

Bastam-me quatro dias para saber tudo sobre o Mitch e o seu dia a dia, no entanto, longe de mim perceber por que raio um treinador de uma equipa universitária de futebol americano é o alvo. Nunca me dizem quem é o cliente, mas adoraria descobrir o que se passa com o Mitch a ponto de levar alguém a recorrer aos serviços do senhor Smith.

Esta semana, fui todos os dias de bicicleta até ao campo de treino, de modo a poder observá-lo a trabalhar. Hoje, estendi uma manta e rodeei-me de manuais escolares, tal como meia dúzia de outros estudantes que estudam ao ar livre nesta tarde outonal, com o sol da Florida a conferir à minha pele um bronzado fantástico. Nunca passei tanto tempo no exterior.

O Mitch parece ser respeitado pelos jogadores. É duro com eles, mas também sabe encorajá-los e não se coíbe de os elogiar sempre que se esforçam.

Como em qualquer outro dia, quando o treino chega ao fim e o Mitch manda os jogadores para os balneários, faço a mala e vou até à central de encomendas ver se recebi correio.

Tenho encontrado a caixa de correio sempre vazia, mas hoje estou com um bom pressentimento.

Solto um pequeno guincho de excitação ao ver o pequeno envelope no interior. Finalmente! Enfio-o no cós dos calções e tapo-o com a *T-shirt*, saindo da loja o mais depressa possível.

Não o abro antes de me encontrar na segurança do meu apartamento.

Lá dentro, há uma única folha de papel com cinco nomes e, ao lado de cada um, uma data e uma hora.

Ao segundo nome que pesquisei no *Google*, começo a divisar um padrão. Cada pessoa na lista é finalista da escola secundária, vive num raio de cem quilómetros a partir da universidade e teve, até à data, uma carreira de sucesso no futebol

americano. É muita a especulação sobre a equipa em que cada um acabará por jogar no próximo outono.

À primeira vista, parece-me absurdo. Porque é que estou aqui? Para vigiar um treinador de futebol americano e uma mão-cheia de miúdos de dezoito anos?

Estudo a fundo o mundo do futebol americano nas escolas secundárias. Dou-me conta de que as universidades arrecadam milhões e milhões de dólares às custas destes jogadores, antes de os mesmos se profissionalizarem. Isto se tiverem essa sorte.

É um grande negócio.

Correm também rumores sobre a existência de pagamentos por baixo da mesa para que os jogadores escolham uma universidade em detrimento de outra — histórias de angariadores que deixam sacos cheios de dinheiro durante a noite e que comunicam por meio de telemóveis com cartões pré-pagos; ainda mais espantosos são os patrocinadores das equipas universitárias, ou seja, velhos alunos que gastam rios de dinheiro na esperança de que a sua *alma mater* ganhe um campeonato. Injetam dinheiro nos programas e esperam resultados. Caso não os obtenham, o dinheiro para de jorrar. Há uma dúvida legítima sobre quem gere estes programas: o diretor desportivo ou os ricalhaços que passam os cheques. Para se ter uma ideia geral, basta procurar no *Google* «T. Boone Pickens» e «Universidade Estatal de Oklahoma».

Tem sido feita uma enorme pressão para mudar as regras e permitir que os atletas universitários lucrem com o seu nome e a sua popularidade. De facto, a maior parte dos representantes da indústria acredita que a NCAA autorizará que os atletas universitários aceitem apoios já em 2020 ou 2021, mas tal ainda é estritamente proibido. Se forem apanhadas a pagar aos jogadores, as escolas recebem multas avultadas e podem inclusivamente perder a oportunidade de participar em jogos da Taça no final da época, o que arrasará os esforços de recrutamento. Contudo, são os atletas quem sofre a pior represália. Deixam de ser elegíveis para jogar — seja onde for.

Nos últimos trabalhos, usei este período de acalmia — entre obter informação e continuar à espera de instruções exatas — para me deitar a adivinhar o que é que o cliente espera que façamos.

Uma vez que recebi os nomes dos potenciais jogadores, aposto que têm um papel qualquer nisto. Será o Mitch um recrutador vigarista? Será o cliente uma escola rival que quer comprometer o programa do Mitch?

Concentro-me nas datas e nos nomes. Traço num mapa a localização exata da residência de cada jogador, decoro as suas estatísticas, esquadrinho-lhes as redes sociais.

Cinco nomes. Cinco datas. A primeira é daqui a uma semana. Vou precisar de alguma tecnologia e de ajuda para a instalar, pelo que sigo a sequência de passos

que o Devon traçou para o contactar e peço-lhe que venha até à Florida.



O meu plano inicial era observar o Mitch Cameron a cortejar os jogadores, mas não considere os treinadores de outras escolas que também os visitam. Estes tipos são a nata da nata da região e todos os querem. A universidade onde o Mitch treina tem boa reputação, mas não muito longe daqui há outras maiores e melhores, pelo que a competição é forte.

Depois de o Devon chegar com o equipamento necessário, foi mais fácil do que pensava entrar em casa de cada um dos jogadores para instalar o nosso sistema. Todas as casas se situavam em bairros pobres com poucos ou nenhuns mecanismos de segurança. É difícil ignorar a quantidade de dinheiro que está em jogo quando as universidades vencem a época; por outro lado, estes rapazes não deviam aceitar sequer jantares pagos por pessoas associadas à escola. Não parece justo.

Depois de uma semana a espiá-los, recebo outro bilhete na caixa de correio.

Todos os registos, vídeos e imagens dos indivíduos da lista anterior que documentem reuniões, conversas ou discussões (até mesmo discussões entre membros da família) relacionadas com qualquer programa de futebol americano devem ser submetidos. Uma transportadora irá ao teu apartamento todas as noites, às 22h00, para a recolha. Não os deixes na caixa de correio.

Eu sabia que o senhor Smith iria manter-me debaixo de olho, só não sabia até que ponto. Há uma forte probabilidade de o cliente ser de uma escola rival. O senhor Smith não quer apenas conversas entre os jogadores e o Mitch: quer todas as conversas com todos os treinadores. Só que os treinadores não são os únicos que vêm falar com estes miúdos.

Deduzo rapidamente quem é o jogador mais valioso: Tyron Nichols. O Tyron vive numa das comunidades negras mais pobres desta cidade universitária. A casa dele consiste em três pequenos quartos e uma casa de banho exígua, mas nela vivem o Tyron, os pais, a avó e cinco irmãos mais novos. Os pais trabalham bastante e é a avó que trata das crianças que ainda não têm idade para ir à escola. É evidente que os pais não sabem como lidar com toda a atenção que o Tyron tem recebido.

Contudo, o Tyron é esperto. Apesar de já lhe terem oferecido dinheiro, ele nunca aceitou. Porque, na hora da verdade, o Tyron é quem tem mais a perder. Se perder elegibilidade, não joga. Se não fizer primeiro uma carreira de sucesso na equipa universitária de futebol americano, as hipóteses de ir para a NFL, onde seria finalmente recompensado pelo seu verdadeiro valor, são praticamente nulas.

No meu pequeno ecrã, observo homens aperaltados a bater à porta do Tyron. Reparo em como ele se comporta na presença deles e oiço, mais tarde, as conversas que tem com o irmão, um ano mais novo, sobre as ofertas que lhe fazem.

Por volta da segunda semana, estou exausta. Apesar de trabalhar a quatro mãos com o Devon, precisamos do dia inteiro para ver as gravações das cinco localizações e separar as partes relevantes, antes de o George me bater à porta na sua farda da UPS.

A única coisa boa no meio disto tudo é que o George parece começar a sentir-se mais à vontade comigo. As primeiras duas entregas foram estritamente profissionais, mas agora demora-se junto à porta e trocamos dois dedos de conversa. Até lhe dei umas fatias da piza de ontem para ir comendo pelo caminho, dado que parecia tão exausto como nós. Questiono-me sobre a área que cobrirá num só dia, se tem de voltar aqui todas as noites.

Apesar de ter encontrado informação que incrimina os outros treinadores, em todas as reuniões com potenciais jogadores, o Mitch Cameron não pisou a linha uma única vez. Não esconde o desejo de os ter na sua equipa, é gentil para com a família e tece elogios à comida ou à bebida que lhe põem à frente, seja qual for. É o convidado perfeito.

Tenho lembranças vívidas do período que passei com o Andrew Marshall e sinto um ligeiro desconforto interior quando penso no que me poderão pedir que faça.

Estou desejava de saber qual é a minha função em concreto.

Depois de outro longo dia a ver vídeos, ponho a *pen* num envelope e consulto o relógio. O George deve chegar a qualquer momento.

Ao ver as últimas instruções, o Devon recusou-se a voltar ao apartamento por não gostar da ideia de o George andar por perto. Portanto, além de tudo o que tenho de fazer, ainda tenho de contar com uma viagem diária para ir buscar as gravações do Devon. Os pontos de encontro mudam todos os dias.

Duas pancadas na porta avisam-me da chegada do George.

— Olá, George — cumprimento, entregando-lhe o pacotinho.

Ele enrug a testa.

— Não estás lá com muito bom aspeto.

— És sempre tão encantador. — Reviro os olhos. — Passa o dia a ver gravações de videovigilância e depois veremos com que aspeto ficas.

Ele entrega-me um envelope castanho.

— Hoje, trouxe-te uma coisa. Já que tinha de passar por cá de qualquer modo, pensei que te poderia poupar uma ida à caixa de correio. Só não dês com a língua nos dentes.

Não escondo o alívio.

— Finalmente. E não te preocupes, o teu segredo está a salvo comigo.

Estou desejosa de rasgar o envelope, mas dou-me conta de que o George ainda está no corredor.

— Há mais alguma coisa?

Ele assente uma vez e depois diz, quase a sussurrar:

— Como é o primeiro trabalho em que reportas diretamente *a ele*, se te parecer um teste, é porque é.

Fito-o de olhos esbugalhados, suplicando-lhe em silêncio para que me dê mais informações. Mas, com aquelas palavras crípticas, vai-se embora.

Rasgo o envelope com impaciência.

O Cameron tem de ser destituído do cargo sem consequências negativas, de ordem financeira ou pública, para si mesmo, para a universidade, para o programa ou para futuros jogadores. Sem escândalo.

Tinha várias teorias quanto à natureza do meu trabalho, mas isto não constava sequer das primeiras dez. E apesar de o resultado pretendido e de os parâmetros serem bastante claros, estas instruções continuam a parecer-me muito vagas.

Se parecer um teste, é porque é.

Bem, cá vamos nós.



Precisei de alguns dias para rever as minhas opções e avaliar o potencial de sucesso face aos riscos de violar uma das regras do senhor Smith.

Não posso carregar pornografia infantil no computador do Mitch e usá-la para o levar a abdicar do cargo, chantageando-o, porque, primeiro, nada me garante que isso não se converterá num escândalo e, segundo, se ele se despedir, abdicará do direito ao resto do dinheiro que, por contrato, lhe pertence — seis milhões de dólares —, o que o deixaria numa situação financeira desfavorável.

Chantagear a mulher leva aos mesmos resultados e chantagear qualquer outro membro da universidade dá azo a escândalos, além de também os prejudicar financeiramente, uma vez que teriam de comprar a parte do Mitch no contrato.

Sinto-me entre a espada e a parede.

Sinto que vou falhar neste teste.

A única coisa a fazer é recomeçar da estaca zero. Ele não me poria em posição de falhar redondamente, o que me faz concluir que me está a escapar alguma coisa. Como ele quer que eu dê provas das minhas competências, tem de haver uma maneira de executar este trabalho — resta-me encontrá-la.

O concessionário da Ford é novo e reluzente; a sala principal é uma grande divisão aberta com muitos ornamentos de vidro e crómio. Os comerciais rondam as portas da frente, quais tubarões, mas passo por eles sem hesitar e sem estabelecer contacto visual com nenhum deles.

Há uma jovem loira na receção que me tira rapidamente as medidas e depois cola um sorriso gigantesco no rosto.

— Bem-vinda à Southern Ford! O que posso fazer por si?

— Preciso de falar com o Phil Robinson.

— Não sei se ele está disponível...

— Dê-lhe isto. — Pouso um envelope branco no balcão à sua frente.

O Phil é dono de cinco concessionários da Ford, espalhados por toda a Florida Central, mas é neste que tem o escritório principal.

Pouco depois, a rececionista regressa e conduz-me até ele. O Phil está à espera junto à porta. Percorre-me com o olhar, desde a biqueira dos sapatos ao topo da cabeça. Muno-o dos detalhes que quero que ele retenha, que grave na memória. As minhas roupas são de boa qualidade, mas não demasiado ostensivas. O meu casaco parece ter sido feito à medida para mim, mas é óbvio que a saia é de um pronto-vestir. As minhas joias são minimalistas, mas denotam bom gosto. Tenho o cabelo apanhado e uso mais maquilhagem do que usaria numa situação normal. Passo facilmente por uma mulher de trinta anos.

Estendo a mão ao aproximar-me e ele hesita um instante antes de ceder.

— Senhor Robinson, obrigado por me receber — digo, enquanto apertamos as mãos.

Ele faz-me sinal para que entre e eu passo rapidamente os olhos pelo escritório. É um superfã e um dos maiores patrocinadores da universidade. Há molduras com camisolas da equipa e bolas usadas em jogos. Fotografias com jogadores e treinadores, incluindo o Mitch Cameron. O Phil senta-se na cadeira atrás da secretária, ao mesmo tempo que me insta a ocupar a cadeira do outro lado da mesa.

— Que significa isto? — pergunta. Ele tinha aberto o envelope e tirado a fotografia de um monte de notas em cima da bagageira de uma carrinha *Ford* com um autocolante do logótipo do seu concessionário no vidro traseiro.

Vamos direito ao assunto.

— Estou aqui por causa do Roger McBain.

O rosto do Phil denota confusão, mas, por baixo do colarinho branco engomado, a pele começa a ruborizar.

— Não conheço ninguém chamado Roger McBain.

Enrugo a testa, como se realmente acreditasse no que diz e apenas estivesse

confusa, e então mostro-lhe mais fotografias. Imagens que o mostram na companhia do Roger.

— Hum, vocês os dois parecem muito íntimos aqui.

Nisto, pouso o meu *iPad* em cima da secretária, virando-o para ele. Primo a tecla *play* no vídeo aberto no ecrã. É a gravação de um jantar com o Phil, o Roger e meia dúzia de outros mecenas generosos. A discussão ganha vida e ouvimo-los debater em pormenor acerca dos potenciais jogadores da escola secundária que o Roger deve abordar e quanto dinheiro oferecerão a cada um. O Phil chega mesmo a oferecer-se para juntar à oferta uns quantos automóveis, se for necessário. «Qualquer coisa que os demova de irem para a Florida State», diz. Segue-se ainda alguma bazófia sobre o sucesso do ano passado, quando conseguiram recrutar alguns dos melhores jogadores. Interrompo o vídeo logo depois de o Phil dizer: «Ter doado aquele *F-250* valeu a pena pelos doze *touchdowns*.»

O Phil olha fixamente para o ecrã, do outro lado da secretária, e consigo ver o seu rosto a ficar sem pinga de sangue.

O único grupo que não foi mencionado na folha do senhor Smith foram os patrocinadores. O alvo: protegido. A universidade: protegida. O programa: protegido. Os potenciais jogadores: protegidos.

Mas nem uma palavra sobre estes patrocinadores abastados e excessivamente envolvidos.

O senhor Smith sabia que eu não veria apenas os jogadores a falar com os treinadores, mas que também apanharia homens como o Roger McBain a abordá-los em nome de patrocinadores como o Phil Robinson.

— O Roger trabalha para si. O Phil diz-lhe que jogadores quer levar para a sua *alma mater* e abastece-o com fundos para ele os aliciar. — Tenho comprovativos das transações, e ele sabe. Está calado, entretido a mexer numa esferográfica preta. — Como tenho várias fotos suas com o diretor desportivo, o reitor e metade do pessoal de treino, será razoável assumir que a universidade terá tido conhecimento das suas atividades e que as terá inclusivamente tolerado. Será que a NCAA a vai suspender por três ou quatro épocas nos jogos da Taça? — Este é o meu único *bluff*, pois não estou autorizada a envolver a universidade, porém, o Phil não sabe disso. Preciso de o assustar o suficiente para ligar a instituição às suas atividades. A última coisa que ele quer é ser a pessoa que deu cabo de todo o programa.

Ele fala, por fim.

— O que é que quer?

Embora eu soubesse que o Phil jamais prejudicaria a equipa devido a uma ação sua, fico aliviada por vê-lo completamente subjugado perante a minha ameaça.

— Queremos que se livrem do Mitch Cameron. O Phil e os seus amiguinhos vão insistir para que ele seja dispensado, mas fá-lo-ão de uma forma simpática. Alegarão não concordar com os pontos de vista do Mitch. Dirão que está na hora

de uma reestruturação. E depois pagar-lhe-ão tudo aquilo a que, contratualmente, ele tem direito. Não há motivo para ser a universidade a arcar com seis milhões de dólares quando a culpa é vossa.

Ele enrola os lábios para dentro, arreganhando os dentes, como se me quisesse rosnar.

— A menina está a sobrestimar o meu poder.

— Não seja modesto. Acredito em si, Phil — digo com jovialidade. — Acredito que consegue fazer isto.

— Porquê? — pergunta. — Porquê o Cameron?

— Tal como o Phil, nós queremos o melhor para a instituição. Estamos todos na mesma equipa, Phil.

Ele não gosta da minha resposta e não faz mais perguntas. Reúno as minhas coisas, demorando-me a guardá-las novamente na mala.

— Espero um anúncio oficial na segunda-feira de manhã, o mais tardar.

Dito isto, vou-me embora.



Três dias depois, estou de volta ao meu apartamento, com um olho na programação da ESPN e outro nas imagens de vídeo que continuam a ser transmitidas a partir das casas dos potenciais jogadores. Não tem havido bilhetes na caixa de correio nem recolhas noturnas por parte do George. Estou à espera para ver se morderam o isco. Não é inédito que patrocinadores se queiram livrar de um treinador e que estejam dispostos a angariar dinheiro para lhe pagarem a transferência. Porém, isso costuma ocorrer no fim de uma época sem vitórias, quando o treinador tem uma má prestação.

As notícias de última hora na ESPN desviam-me a atenção das imagens de vídeo granuladas da casa de um dos jogadores e foco-me nas palavras que surgem a piscar em rodapé.

TREINADOR MITCH CAMERON FORA DO CAMPEONATO NA FLORIDA

Seguem-se os detalhes. A universidade rescindiu o contrato com ele e o dinheiro angariado pelos patrocinadores compensá-lo-á pela saída antecipada. A razão dada prende-se com o facto de o treinador Cameron e o diretor desportivo terem maneiras diferentes de ver o futuro do programa.

Só isso.

Nem um minuto depois, batem à porta, fazendo-me saltar da cadeira. Alisando o cabelo e puxando-o para trás, inspiro profundamente algumas vezes antes de

abrir. À minha frente, o rosto familiar na farda castanha da UPS, um pacote na mão estendida.

— Olá, George! — Pegó no pacote. — Pelos vistos, passei.

— Parece que sim. — Ele sorri e encosta-se à ombreira. — Qual é a sensação?

— Bastante boa — respondendo.

Ele deixa-se ficar na mesma posição durante mais uns segundos e depois endireita-se.

— Até breve. — E vai-se embora.

Rasgo o pacote mal fecho a porta. Lá dentro, há uma folha datilografada, um comprovativo de pagamento e um telemóvel de tampa dobrável.

Na folha, lê-se:

O saldo relativo aos teus honorários foi depositado. Detalhes incluídos. Mantém o telemóvel carregado e serás contactada para o trabalho seguinte.

É tudo. Consulto o comprovativo do depósito e releio a nota. Olho uma vez mais para o número no comprovativo. É muito dinheiro. É meu.

Faço rapidamente uma mala com o que preciso, porém, não vou voltar para a Carolina do Norte. Preciso de arranjar um sítio onde não me encontrem, um sítio seguro para descansar entre trabalhos. Prestei atenção ao longo dos anos e sei como é importante ter um pé-de-meia para os tempos difíceis que inevitavelmente chegarão. Talvez me consiga refugiar noutra cidadezinha universitária como esta. Onde me possa perder no mar de estudantes.

Ponho-me a imaginar como será. Visualizo-me numa pequena cidade adormecida igual a esta. Uma casinha adorável numa rua pacata. Um sítio seguro.

Agora, resta-me concretizá-lo.

Antes de partir, ainda tenho de fazer uma coisa. Paro o meu «novo» *Honda* em frente à pequena casa e tranco a porta antes de percorrer a curta distância através do pátio minúsculo.

Poucos minutos depois de bater, é o Tyron quem vem abrir.

— Olá, podes vir cá fora num instante?

Ele está nitidamente confuso, mas faz o que lhe peço. Caminho de volta ao carro e encosto-me à bagageira, enquanto ele fica de pé na beira do passeio ao meu lado. Temos aqui mais privacidade do que teríamos dentro de casa.

— Não me conheces, mas tenho alguns conselhos para ti. Tens um futuro risonho à tua frente e és um rapaz esperto, mas tens de ser mais esperto ainda. Deves partir do princípio de que há alguém a ouvir. Sempre. Deves partir do princípio de que alguém te vai denunciar. Eu sei que gostas de falar com o teu irmão mais novo sobre as propostas que recibes... e sobre os incentivos extra... mas tens de parar com isso. Guarda as opiniões para ti.

Ele arregala os olhos. Como quem está assustado.

— E tira o máximo partido de cada situação. Não faças promessas e assina pela equipa onde queres jogar, independentemente do que qualquer outra equipa te ofereça. Quanto a isso, também tens de ser esperto.

Continuo a debitar conselhos durante mais alguns minutos, e ele parece absorver tudo o que lhe digo. Faz perguntas e eu respondo como posso. Aconselho-o a investir o dinheiro, para que cresça. A ser discreto. A nunca confiar na tecnologia. Quando faço menção de me ir embora, ele pergunta:

— Quem és?

Sorrio e digo:

— Alguém que teve de se fazer à vida depressa, tal como tu. — Estou prestes a dar meia-volta, mas faço uma última pergunta. — Já pensaste onde queres jogar?

Ele encolhe os ombros.

— Ainda não tenho a certeza. Provavelmente, vou para onde o treinador Cameron for.

Assinto.

— Pois, ouvi dizer que ele anda à procura de universidade.

— Sim, ele disse que esperava que isto acontecesse, para não me preocupar.

Algo na forma como o diz faz-me prestar atenção.

— Quando é que ele te disse isso? — Vi todas as interações entre o Tyron e o Mitch nesta casa e nunca o ouvi dizer semelhante coisa.

— Cruzei-me com ele há cerca de uma semana. Estava meio críptico e isso, mas percebi o que quis dizer. Queria que eu soubesse que continuava interessado em treinar-me, mesmo que não seja na Florida.

Cruzou-se com ele.

Há uma semana.

O Mitch Cameron foi dispensado esta manhã. Na semana passada, ele não devia saber que isto lhe ia acontecer.

Muito interessante.

CAPÍTULO 19

Hoje

Chegamos a Oxford, no Mississípi, ao final da tarde.

Oxford é uma pitoresca cidade universitária onde tudo parece possível. Dou ao Ryan as direções de um hotel na praça, que os estudantes adoram frequentar. Estudam no átrio durante o dia e depois entram no elevador e sobem ao terraço para uns *cocktails* ao pôr do sol.

— De todos os sítios onde podias levar-me, não tinha pensado neste — comenta o Ryan ao virarmos para o parque de estacionamento.

Nesta cidade fica a universidade do Mississípi, conhecida como Ole Miss, uma das rivais da *alma mater* do Ryan.

— Já cá estiveste? — pergunto, sobretudo para o manter distraído. Foi uma viagem longa e silenciosa, e quero evitar falar sobre o verdadeiro motivo que nos trouxe até aqui.

— Já, viemos uma vez quando a LSU aqui jogou. — Ele deixa o carro em ponto-morto e vira-se para mim. — Vamos passar cá a noite?

Abano a cabeça.

— Não. Preciso que vás para o bar no terraço. Come qualquer coisa. Bebe uma cerveja. Paga em dinheiro. Encontramo-nos no carro daqui a uma hora.

Abro a porta e saio. Ele alcança-me num instante.

— Devíamos manter-nos juntos — diz.

Um grupo de raparigas carregadas com mochilas e bolsas de mão, com letras gregas espalhadas pelas camisolas, olha-nos com curiosidade. Espero que passem e depois reduzo a distância entre nós, pondo-lhe a mão no peito.

— Falámos sobre isto. Ter-te aqui comigo, nesta cidade, enquanto trato do que tenho a tratar, é um passo de gigante para mim. Sei que pensas que estou a excluir-te, mas és a única pessoa que deixei entrar em anos. No entanto, preciso desta hora. Não me obrigues a consegui-la de outra forma.

Fitamo-nos durante mais um minuto, após o qual ele me puxa para si, beijando-me na testa.

— Uma hora — diz. — Precisas das chaves?

Se o senhor Smith andar a rastrear o meu carro, o que é bem possível, quero que saiba que estamos em Oxford, mas não quero dar-lhe a localização exata. Pelo menos, ainda não.

— Não, não vou para longe e apetece-me esticar as pernas.

O Ryan dirige-se para o hotel e eu caminho na direção oposta. Viro numa rua sossegada, não muito distante da praça, e paro diante de uma casa branca, muito bonita, com um alpendre a toda a volta. À frente da casa, botões cor-de-rosa rebentam nos arbustos de hortênsias e colibris esvoaçam à volta dos bebedouros pendurados nos ramos do enorme carvalho.

Vasos a transbordar de flores primaveris encavalitam-se nos degraus de tijoleira. Há uma pequena área de descanso no lado esquerdo do alpendre e um baloiço à moda antiga pendurado do lado direito. Detenho-me à porta, olhando em volta, passando depois para a zona de descanso, onde há um pequeno sofá e uma cadeira de baloiço, ambos nas cores típicas da universidade, vermelho e azul, e com o lema das claquas «*Hotty Toddy!*» impresso nas almofadas. Dou umas pancadinhas nalgumas almofadas, fazendo saltar uma fina camada de pólen que se instala em tudo o que é superfície nesta altura do ano, e demoro-me um pouco mais a dispô-las na cadeira de baloiço, exatamente onde as quero.

Esta é a casa dos meus sonhos, o porto seguro que sempre quis.

Lamentavelmente, não é minha.

Reprimo a onda de nostalgia e retomo o meu lugar à porta. Uns minutos depois de tocar à campainha, uma adolescente loira vem abrir.

— Olá — saúdo. — O teu pai está em casa?

— Está, vou chamá-lo — diz ela, fechando-me a porta de rede na cara. Ela grita pelo pai e depois oiço os passos pesados oriundos das profundezas da casa.

A porta de rede abre-se devagar e o Mitch Cameron pergunta:

— Em que posso ajudá-la?

Eu sabia que era arriscado vir até sua casa, mas, nesta altura do ano e do dia, ele não se encontraria noutro sítio. E eu não queria encontrar-me com ele noutro sítio.

— Pode despendar-me um minuto? Chamo-me Wendy Wallace e fui eu que o ajudei a ser dispensado do seu trabalho como treinador na Florida — digo.

Ele recua, como se eu o tivesse agredido fisicamente. Olha por cima do ombro, certificando-se de que estamos sozinhos, contudo, não quer que a família me veja, de modo que sai para o alpendre, deixando que a porta se feche atrás de si.

Também não esperava que me convidasse a entrar.

— Desculpe, não sei se percebo aquilo a que se refere...

Desloco-me para a zona de descanso e sento-me no meio do pequeno sofá, enquanto ele me observa, esforçando-se por perceber ao que venho. Fitamo-nos durante alguns segundos carregados de tensão e depois ele senta-se

descontraidamente na cadeira de baloiço ao meu lado.

— Ignoro completamente a razão de ser da sua visita, menina...

— Trate-me por Wendy. Mas acho que isso não é verdade.

Deixo que uma nuvem de embaraço se instale sobre nós, convocando-a como terceiro participante desta conversa. Deixo que esta nuvem se abata sobre o Mitch, subjugando-o.

Ele ergue as mãos e fala num tom ligeiramente mais alto do que o normal.

— Olhe, não sei porque é que está aqui nem o que quer, mas fui despedido. E fui apanhado de surpresa, por isso deve haver aqui algum equívoco.

Debruço-me para a frente e falo num sussurro.

— Vou deixar-me de rodeios e ir direito ao assunto. O Mitch contratou o meu chefe para o desonerar do contrato. Detestava o diretor desportivo. Além disso, aqueles patrocinadores eram uma pedra no sapato. Consigo perceber porquê, já que também conheci alguns. Mas, se se despedisse, abdicaria de uma maquia considerável, por isso contratou alguém que fizesse o trabalho por si. No entanto, como é um tipo mais ou menos honrado, não quis arrastar o programa consigo no processo. O que me leva a crer que lhe resta algum sentido de decência.

O Mitch está recostado na cadeira, apoiado nos cotovelos. Parece ter medo de mexer um músculo que seja.

— Dado que, na sua cabeça, perguntar-me aquilo de que preciso ou o que quero equivale a uma admissão de culpa, vou poupá-lo ao trabalho. Preciso de dinheiro. Fiz o que me mandaram. O Mitch safou-se com um cheque chorudo e não tardou a arranjar um emprego novo. Assumo que estaria à espera de que lhe oferecessem esse emprego. Parece-me mais que justo que me dê uma mãozinha agora, tal como eu lhe dei naquela altura.

Ele cerra o maxilar e os olhos percorrem-me da cabeça aos pés.

— Preocupa-o a possibilidade de usar uma escuta? — Levanto-me e abro os braços para os lados. — Esteja à vontade para me revistar.

Ele não acha graça. Porém, antes que tenha tempo para dizer o que quer que seja, o telemóvel dele toca. Tirando-o do bolso, olha de relance para o ecrã antes de lhe tocar. Poucos segundos depois, termina de ler e volta a guardar o aparelho no bolso.

Torno a sentar-me, pois não me parece que vá aceitar a proposta para me revistar. Fitamo-nos um ao outro, enquanto ele se baloiça para trás e para a frente na cadeira. Quase consigo ver o turbilhão de pensamentos na sua cabeça.

— Diga lá quem é que é realmente — diz, por fim.

— Não sou ninguém — respondo.

O Mitch Cameron está a fazer jus à fama de treinador com nervos de aço.

— Bem, menina Ninguém, cometeu um erro. Eu adorava o meu trabalho na Florida e teria lá ficado até me reformar se me tivessem deixado. Tive a sorte de

cair de pé e agora esta é a minha casa. E eu protejo a minha casa. É melhor ir-se embora. Já.

Afundo-me no sofá e ele aperta os lábios, impedindo-se de continuar a falar. Vejo-lhe nos olhos que tem pena de mim.

Levantando-me do pequeno sofá, caminho na direção dos degraus do alpendre. Ele deixa-se ficar sentado na cadeira de baloiço.

Quando estou prestes a descer o primeiro degrau, volto-me e deixo que a minha frustração venha à tona. A acumulação de oito anos de raiva e fúria para com o meu chefe abate-se sobre mim. E permito-me extravasar, em ondas de explosão.

— Sabe que mais? É um imbecil. Fiz-lhe um enorme favor e, agora que preciso da sua ajuda, o que é que faz? É um grande merdas. Vá-se lixar, seu parvalhão.

O seu rosto fica vermelho e ele põe-se de pé tão depressa que por pouco não vira a cadeira. Olho especada para a cadeira, mas felizmente endireita-se no último segundo. Não seria nada bom se tudo caísse da cadeira neste momento.

O Mitch lança perdigotos quando me grita.

— Tem trinta segundos para desaparecer da minha propriedade ou chamo a Polícia! Como se atreve a vir a minha casa falar-me nesses termos, minha menina?

— Entretanto, já não se importa de chamar a atenção.

Tenho de me certificar de que o deixo em ponto de rebuçado, pelo que lhe mostro o dedo do meio antes de me afastar, batendo com os pés no passeio em frente à casa. Missão cumprida. Ele afasta-se da cadeira e detém-se no primeiro degrau, de punhos cerrados. Já estou no passeio à frente da casa do vizinho quando ele finalmente olha em redor para ver se alguém nos terá ouvido.

Jogando pelo seguro, ainda grito um «Vá-se foder, Mitch!», após o que começo a correr rua abaixo.

Recupero a calma a algumas ruas dali.

A situação descontrolou-se. Foi irresponsável. Deixei-me levar pelo sabor do momento como nunca me tinha acontecido.

E foi uma sensação incrível.

Olho para o relógio. O Ryan já deve estar no parque de estacionamento do hotel à minha espera. Não olho para trás.

Quando chego ao carro, o Ryan está sentado ao volante com o motor ligado. Salto para o banco do pendura e ordeno:

— Arranca. — Tento disfarçar o sorriso que se forma no meu rosto.

Ele tem a mão apoiada na manete de mudanças, o rosto virado para mim. Faz um trejeito com a boca quando diz:

— A julgar pelo sorriso, não andaste a fazer das boas. Queres que recorra às minhas excelentes competências de condução e ponha prego a fundo, ou preferes dar-me uma indicação geral acerca do destino a seguir?

— Sai de Oxford e vai para norte, na direção do Tennessee. — Deixo que me provoque.

— Comprei comida — diz ele, apontando para o banco de trás.

Estico o braço para trás e pego no saco de plástico branco.

Lá dentro, está um hambúrguer de queijo com tudo menos cebola e um pacote de batata-doce frita.

— Obrigada — murmuro.

Ao sairmos do estacionamento, agarro no hambúrguer e ferro-lhe uma grande dentada. Ele fica calado enquanto como, mas custa-me a engolir devido ao nó que sinto na garganta.

Ter-me trazido comida comoveu-me. Assim como o facto de saber que prefiro a batata-doce frita às batatas normais. E que não suporto cebolas, a menos que estejam cozinhadas. No meu mundo, é raro haver alguém que se preste a estas atenções.

Como rapidamente e, quando termino, enfio o lixo dentro do saco original.

— Então, é Tennessee e nada mais? — pergunta.

Assinto.

— Sim.

Ele flexiona o maxilar e parece debater-se com a vontade de dizer alguma coisa. Por fim, desembucha.

— Tinhas razão ao dizer que as minhas reuniões de quinta-feira são muito importantes. Tenho um negócio em Glenview, no Texas. É uma atividade diferente da de Lake Forbing. Adquiro mercadorias de forma questionável e depois vendo-as com uma margem significativa. Ninguém sabe disto em Lake Forbing e gostaria que se mantivesse assim.

A sua confissão deixa-me sem palavras.

— No entanto, estás a contar-me — contraponho.

Ele olha para mim, estudando-me o rosto, antes de tornar a concentrar-se na estrada.

— Achei que devia começar primeiro.

Nenhum de nós diz mais nada. Continuamos assim durante vários quilómetros, ele de olhos cravados na estrada, eu a contemplar a paisagem desfocada do outro lado da janela.

— Vou contar-te tudo. Mas não agora. Depois, se tudo correr bem na sexta-feira. — Aquilo sai-me como um murmúrio, mas sei que ele ouviu cada sílaba. Porque, depois de sexta-feira, saberei tudo o que preciso de saber.

— Aceito essa condição — diz. — Mas, depois de sexta-feira, vamos pôr todas as cartas na mesa.

O meu telemóvel apita, salvando-me de ter de lhe responder, e sinto uma onda de alívio ao ver a notificação.

O Ryan olha de soslaio e dá-se conta da mudança de expressão.

— Boas notícias?

Com um aceno de cabeça, digo:

— Sim. Justamente aquilo de que precisava.

Desbloqueio o telemóvel e entro na aplicação que me permite ver a reprodução exata e em tempo real da atividade do telemóvel do Mitch. E, com efeito, ele fez exatamente o que esperava que fizesse. Contactou o senhor Smith para se queixar de mim.

Visitar o Mitch foi uma jogada arriscada. Não julguei que fosse convidada a entrar, mas nunca se sabe como reagem as pessoas de hábitos sulistas enraizados. Felizmente, porém, ele quis manter a distância entre mim e a família, pelo que ficámos no alpendre. E, quando se sentou na cadeira de baloiço, mesmo em cima do dispositivo que eu ali instalara momentos antes, bastou que abrisse a mensagem que o Devon lhe enviou para o telemóvel enquanto eu ainda ali estava para conseguirmos entrar no sistema.

O facto de ele só agora ter entrado em contacto com o meu antigo chefe é a prova de que ficou a matutar no assunto, o que diz muito sobre a sua capacidade de manter o sangue-frio.

Estou certa de que ponderou os prós e os contras de restabelecer contacto, mas a visita que lhe fiz constituiu uma ameaça bem maior, daí ter feito aquela cena antes de sair. No início, percebi que estava com pena de mim, o que não ia surtir o efeito que eu queria. Precisava dele furioso. E de lhe incutir algum medo em relação a mim. O suficiente para arriscar um contacto.

Há muitas coisas que não sabemos sobre o senhor Smith. Apesar das competências impressionantes do Devon, ele tem sido incapaz de descobrir o seu nome verdadeiro ou onde vive. A outra coisa que ainda não conseguimos descortinar é a forma de contacto e o meio de comunicação com os clientes. Já trabalho há tempo suficiente com o Devon para saber que não pode ser algo tão simples como um endereço de *e-mail* falso. Portanto, é aqui que o Mitch entra. De todos os trabalhos que fiz, este era o único em que conhecia com certeza a identidade do cliente, com base naquele deslize do Tyron Nichols. O Mitch Cameron sabia que ia ser despedido na Florida uma semana antes de eu ter interpelado o cabecilha dos patrocinadores. E quando disse ao Tyron que o queria na sua equipa, fosse ela qual fosse, sabia que devia falar com o jogador longe dos aparelhos de escuta instalados em casa deste. Havia apenas uma forma de explicar como sabia ele tudo isso.

O Mitch Cameron era o cliente.

Agora, está num grupo de mensagens criado em tributo a uma banda dos anos de 1970, chamada King Harvest. Intuo que a maior parte destas mensagens se destina ao meu chefe, existindo embora uns poucos fãs do único sucesso da banda,

Dancing in the Moonlight. A janela de mensagem abre-se e o Mitch começa a digitar.

Gridiron Boss: Hoje, ouvi *Dancing in the Moonlight* pela primeira vez.

Só isso. Deve ser assim que os clientes estabelecem o primeiro contacto com o senhor Smith.

— Está na hora de tomar uma decisão — avisa o Ryan, acenando com a cabeça para as placas à frente. — Seguimos para Memphis ou vamos para outro lado?

— Para Memphis não. Segue para noroeste — digo, e ele liga o pisca. — Vamos para Nashville.

Ele olha na minha direção.

— Não vamos para Atlanta?

— Ainda não.

Ele assente.

— Ainda é um esticão, vou parar para encher o depósito. E comprar mais *snacks*.

Na saída seguinte, o Ryan abastece e depois entra na loja.

Estou colada ao telemóvel, à espera de que alguém responda ao Mitch. E embora o senhor Smith possa estar reticente quanto a responder à mensagem, espero que sucumba à irresistível curiosidade sobre o que pretende o Mitch. Além disso, é altamente provável que nos esteja a rastrear e saiba que estivemos em Oxford. Preciso que reaja tal como espero, ou morro na praia.

Agora que sei onde procurar, abro o navegador e encontro o grupo de mensagens, onde posso bisbilhotar à vontade em vez de ver apenas o que o Mitch vê. Dado que o Devon também pode ver o ecrã do Mitch, tenho a certeza de que estará a fazer o mesmo. Há muitas mensagens iguais: *Hoje, ouvi Dancing in the Moonlight pela primeira vez*. Eu sempre soube que não era a única pessoa a trabalhar para o meu chefe, mas, a avaliar pela grande quantidade de publicações, a sua operação é muito maior do que pensei. Alguns nomes de utilizador podem corresponder a trabalhos que fiz no passado, porém, apenas consigo ver a mensagem inicial. Tenho a certeza de que as conversas com o senhor Smith foram transferidas para *chats* privados.

Passado mais ou menos um minuto, recebo a notificação de resposta à mensagem do Mitch.

Kingharvestmegafan: Em que posso ajudá-lo?

Gridiron Boss: Apareceu uma rapariga na minha casa. Disse que trabalhava para si.

Wendy qualquer coisa. Pediu-me dinheiro! Estava descontrolada.

Quando lhe pedi que se fosse embora, mandou-me à merda. Aos

gritos para que os vizinhos ouvissem. Não lhe paguei aquela quantidade toda para que aquela doida varrida me venha bater à porta!!

Kingharvestmegafan: As minhas desculpas pela visita inesperada. Garanto-lhe que me encarregarei dela e que o senhor não voltará a ser incomodado.

— Bingo — murmuro. — Apanhei-te.



Já é tarde quando chegamos a Nashville. O Ryan estaciona em frente a um motel decrépito às portas da cidade. Abro a porta ainda antes de ele desligar o motor.

— Espera aqui. Vou arranjar um quarto para nós — digo, com um pé de fora. Ele desliga a ignição.

— Tens a certeza? Eu posso...

— De certeza. Espera aqui.

Ele está frustrado comigo desde que deixámos Oxford, porque me esquivei a todas as suas perguntas.

Regresso minutos depois e indico-lhe o número do quarto. Como pedi um quarto no rés-do-chão, estacionamos mesmo à porta. Apesar de termos dinheiro para acomodações mais simpáticas, prefiro a possibilidade de uma fuga rápida, caso seja necessário.

Fizemos uma mala com pouca coisa, por isso não demoramos muito a instalá-los.

— Vou tomar um duche — diz o Ryan. — Depois, vou comprar comida.

Assim que oiço a água correr, vou buscar o telemóvel e percorro o *Instagram* até encontrar um comentário que me indique a hora a que nos encontraremos amanhã. Comento numa publicação diferente para informar o Devon de que recebi a sua mensagem.

Quando a porta da casa de banho se abre, o Ryan sai com uma única toalha a cobrir-lhe o corpo.

Podia passar horas a contemplá-lo. O corpo dele faz mesmo o meu género — em forma e delineado, mas sem ser demasiado musculado. O Ryan deve aperceber-se do brilho nos meus olhos, porque, em vez de ir até à mala, gatinha em cima da cama na minha direção. A sua disposição melhorou bastante.

E eu concedo-me este momento. Afasto os planos que andam às voltas na minha cabeça. Ponho o calendário em pausa. Deleito-me com estes breves momentos roubados durante os quais podemos ser normais.

Puxo-o para mim e sinto o peso do seu corpo em cima do meu. As minhas mãos passeiam-se pelo seu cabelo ainda húmido do duche.

— Tem sido uma semana e peras — diz ele, os lábios a milímetros dos meus.

— E ainda é terça-feira — respondo. Dito isto, ponho-me séria. — Estás arrependido de teres embarcado nesta viagem de carro comigo?

— Ainda não — diz ele, com uma gargalhada.

O Ryan beija-me naquele ponto no pescoço que sabe que adoro, e a sensação percorre-me o corpo até aos dedos dos pés.

— E se eu for culpada? E se estiver implicada na morte da Amy Holder? — As minhas palavras murmuradas ficam suspensas no ar por cima de nós. Isto é autossabotagem pura e dura.

Ele fica imóvel. Então, levanta a cabeça e crava os olhos nos meus.

— Não preciso da resposta a essa pergunta.

O Ryan aproxima-se ainda mais, pousando delicadamente os lábios nos meus. Pouco depois, estamos pele com pele e deixo-me levar pelo calor do momento, à medida que as mãos e a boca dele me percorrem lentamente o corpo, para baixo e para cima.

As suas mãos agarram-me com mais força, ele puxa-me para si como se tivesse medo que eu desaparecesse, depois afunda o rosto naquele ponto sensível em que o pescoço e o ombro se juntam. Saem-lhe palavras sussurradas, frases fragmentadas que não deviam fazer sentido, mas fazem.

Absorvo cada palavra, enquanto lhe cravo as unhas nas costas. Mostro-lhe, sem precisar de o dizer, que o sentimento é recíproco.

Nome falso: Helen White — Quatro anos antes

Para este trabalho, sou a Helen White e nunca me tinha deslocado tanto para oeste: Fort Worth, no Texas.

Sempre me questioneei acerca do motivo por que todos os trabalhos que me são atribuídos ficam no Sul, mas julgo que o senhor Smith deve ter outras pessoas alocadas a outras partes do país, portanto, assumo que o Sul é o meu território.

Parece uma estrutura digna de uma grande empresa.

Mas não conheço o Texas. Aqui, tudo me parece diferente. Sem dúvida maior e mais barulhento, mas não só. É quase um choque cultural.

À superfície, o trabalho de Fort Worth consiste numa simples recuperação. Um quadro qualquer, avaliado em milhões de dólares, foi roubado há uns anos e crê-se que está escondido na ampla mansão do magnata do petróleo Ralph Tate. Ao que parece, a pessoa que nos contratou para este trabalho, quem quer que seja, terá feito várias tentativas para o comprar ao Ralph. Como o Ralph se recusa a vender, teremos de lho roubar.

Porém, não serei a única a tentar o roubo.

O senhor Smith adora estes joguinhos, e este trabalho é o exemplo por excelência da sua mente retorcida. Disse-me que não sou a única a tentar recuperar o quadro, mas não disse ao certo quantos somos. Porque se trata de um concurso e a primeira pessoa a tirar o quadro da casa recebe um bónus. Um bónus chorudo.

Dou-me conta de que quero desesperadamente ganhar. Com base nos meus últimos trabalhos, sinto que estou cada vez mais próxima do cimo da escada, mas conseguir sacar aquele quadro sem ser apanhada confirmar-me-ia como a sua melhor agente.

Depois de investigar a obra de arte em questão, fiquei ligeiramente desapontada por não ser uma das grandes, como o quadro dos girassóis do Van Gogh que continua desaparecido. Aquele que quero encontrar vale cerca de cinco milhões e não é nada de especial. Recebi os pormenores sobre este trabalho há trinta e seis horas e, quanto mais investigo, mais me convenço de que o senhor Smith quer o quadro para si, daí ter transformado a sua recuperação num jogo.

Não seria o primeiro trabalho em que não há cliente.

O sistema de segurança da casa Tate é um pesadelo que não faz sentido algum.

De forma nenhuma. Antes parece um percurso de obstáculos. Por mais tempo que passe, jamais entenderei os ricos.

O velho Ralph está convencido de que o seu sistema é inviolável, mas eu tenho o Devon na minha equipa. Não há nada que ele não tenha conseguido fazer, e o mesmo pode ser dito de mim.

Entro no Buffalo Wild Wings e esquadrinho o restaurante à sua procura. Ele meneia a cabeça assim que estabelecemos contacto visual e eu furo por entre a multidão até ao compartimento onde ele aguarda.

Deslizo para o banco à sua frente e ele passa-me uma cerveja. Se estivéssemos a sós, enlaçá-lo-ia com os meus braços, num abraço apertado, porque há muito que não nos víamos, mas ele insiste que num lugar público não corremos o risco de chamar a atenção. Em troca, recebo um pequeno sorriso, que retribuo de forma mais efusiva.

— Essas cores ficam-te bem — elogio.

Ele veste uma camisola dos Cowboys, apesar de eu saber que os detesta. Usou-a porque sabia que mais de metade da clientela deste restaurante estaria a usar o equipamento da equipa da casa. Olhando de relance para a sala, tudo o que vejo é um campo de azul, branco e prateado.

— Não comeces. O que eu não faço por ti... — Revira os olhos e simula um vômito.

— Eu sei que me adoras. — Inclino a minha garrafa, batendo levemente no gargalo da sua. — Tchim-tchim!

— Pois, pois — resmunga, dando um gole na sua cerveja. — É a primeira vez que te destacam para o Texas. Não sei se me agrada.

As reticências do Devon quanto a qualquer elemento novo são a única constante na minha vida.

— Talvez seja um sinal de que o meu território se está a expandir — digo, com uma gargalhada. Ele inclina a cabeça para o lado, com a expressão de quem tem as suas dúvidas, mas não diz mais nada até a empregada se aproximar da nossa mesa.

— Ora viva — cumprimenta. — Querem comer alguma coisa?

Olho para o Devon e ele diz:

— Eu pedi o hambúrguer com batatas fritas. É bom. Vais gostar.

Assinto e digo:

— Quero o mesmo.

Assim que ela se afasta, tiro um envelope castanho da bolsa e entrego-lho, pondo-o ao corrente das informações de que disponho. Beberico a cerveja enquanto ele lê, o meu primeiro momento de descontração desde que cruzei a fronteira com o Texas. Sei que o Devon chegou, pelo menos, uma hora antes de mim e varreu o sítio à procura de escutas ou gravadores, apesar de ninguém saber

que estamos aqui.

A nossa comida chega e eu observo as pessoas enquanto o Devon lê cuidadosamente cada página.

A poucos metros da nossa mesa, um miúdo detém-se e diz:

— Este telemóvel não presta para nada. Não consigo descarregar a imagem.

Ele e o amigo examinam o aparelho e afastam-se.

Rio-me entre dentes e o Devon levanta os olhos na minha direção. Aponto para o pequeno dispositivo preto em cima da mesa.

— Qual é o alcance da zona morta que criaste?

Ele ri-se, olhando na direção do miúdo.

— Um raio de sete metros e meio.

Nisto, concentra novamente a atenção nas plantas à sua frente.

Examinio a sala, verificando que toda a gente experiencia problemas semelhantes nos seus dispositivos. O Devon está a criar o caos à nossa volta.

— A malta está passada.

— Estou a impedir muita gente de tomar más decisões agora mesmo. — Olha brevemente para a desordem junto ao bar, não muito longe de nós. — Se pudessem, agradecer-me-iam mais tarde.

Por fim, vira a última página e olha para mim.

— Nunca vi um sistema de segurança como este.

— Consegues aceder-lhe?

O Devon põe a cabeça de lado, fulminando-me com o olhar. Um olhar como quem diz: «Não te atrevas a insultar-me.»

— Desembucha lá — digo, com um sorriso.

Ele vasculha no monte de papéis e tira uma planta.

— Esta configuração é magnífica. Arrasadora. Não há qualquer razão que a justifique, o que a torna requintadíssima. — Ele aponta para uma secção e indaga: — Crê-se que o quadro está nesta sala, no centro da casa, correto?

— Sim, é a sala dos troféus, onde guarda os animais exóticos embalsamados que matou em África. Encontrei algumas imagens do interior. Há também um daqueles humidores comerciais de charutos e uma coleção de garrafas de tequila de fazer crescer água na boca. — Tiro uma folha da pilha. — E este desenho mostra o acrescento que fez à sala pouco depois de o quadro ter sido dado como desaparecido. Parece haver uma parede falsa que recolhe. Aposto que o quadro, e o que mais tenha obtido por via ilegal, possam ser escondidos atrás dessa parede, no caso de haver pessoas na sala em quem não confie para o verem.

O Devon analisa o desenho do acrescento e depois regressa às plantas originais.

— Tens de estar junto do teclado numérico que há no lado de fora da sala onde crês estar o quadro. — Depois, desloca o dedo pela página, traçando linhas imaginárias que representam cabos e fios. — Enquanto isso, eu vou estar aqui, no

sistema de *backup*, para evitar que se ative de imediato. Também não é possível aceder-lhe remotamente. É devastadoramente simples, mas caótico. E terás apenas uns cinco minutos. Cinco minutos dentro de uma sala que não vimos antes, por isso não há como saber se terás alguém lá dentro à tua espera. Não há outra forma de contornar o sistema. É magnífico, na verdade.

O Devon não tem uma pessoa especial na sua vida, mas, se algum dia tiver, espero que sinta por ela o mesmo que sente por um sistema de segurança bem projetado.

— Porquê apenas cinco minutos depois de estar lá dentro? O alarme não fica desativado?

Ele abana lentamente a cabeça.

— Não. O Tate implementou um sistema que regista cada segundo do que acontece naquela sala e há um alarme que é ativado se a transmissão for interrompida por mais de cinco minutos. Só que não posso anular ou contornar o sistema, porque este está dentro da sala e não é possível aceder-lhe remotamente.

Ele aponta para duas áreas e fornece uma descrição complexa dos fios que têm de ser curto-circuitados e de uma série de outras coisas que não compreendo.

— O *timing* tem de ser perfeito. Absolutamente perfeito. Cronometrado ao segundo. O alarme toca apenas na casa dos guardas, por isso só saberás que o acionaste quando já for demasiado tarde.

Sem tirar os olhos das plantas, o Devon movimenta a cabeça para trás e para a frente como se não acreditasse no que vê.

— Por mais que me fascine, algo não bate certo. Quero dizer, quem é que se presta a uma coisa destas? Não gosto que estejas envolvida. Aqui há gato.

— Penso que é um jogo. Já me disseram que não serei a única a tentar obter o quadro.

— Mas porquê? — pergunta. — O Smith enviou mais gente ou há outras pessoas metidas ao barulho?

— É apenas ele, julgo eu.

— Mas porquê? — repete o Devon. — Não faz sentido.

Encolho os ombros.

— Não seria a primeira vez que faz algo do género. Penso que se entedia e decide começar com joguinhos. Os ricos são pessoas esquisitas.

O Devon põe a cabeça de lado.

— Podes recusar o trabalho?

Isto faz-me vacilar.

— Desaconselhas-me de aceitar?

— Não sei. — Ele morde o lábio inferior enquanto estuda os desenhos.

Debruço-me para a frente na tentativa de ver o mesmo que ele.

— Não tenho a certeza se posso recusar. Nunca declinei um trabalho.

— Preciso de mais tempo para analisar isto. Quando pensas avançar?

Enfio algumas batatas fritas na boca enquanto reflito sobre os passos seguintes.

— Tenho de ir uns dias a Austin. Este fim de semana, o Tate vai dar uma grande festa pelo 4 de Julho na sua casa. Poderá ser a melhor altura para pôr o plano em prática, se até lá conseguires perceber como. Providencia o que for necessário enquanto estiver fora.

É um risco adiar o plano, uma vez que não sei quem ou mesmo quantas pessoas estão envolvidas no roubo do quadro. Por outro lado, é um risco que vale a pena correr, sobretudo se o Devon precisar de mais tempo para tratar das suas coisas.

Faço uma pausa antes de acrescentar:

— Tens de arranjar forma de irmos à festa. Desta vez, não podes estacionar a carrinha lá perto e fazer a tua magia a partir dela.

Ele assente.

— Eu sei.

O Devon trabalha melhor no escuro e nos bastidores, mas isso não será possível neste trabalho.

Dou-lhe um pontapé amigável por baixo da mesa.

— Tu consegues.

Ele tira uma batata de baixo de uma montanha de molho de cebola e alho.

— A ver vamos.

*

Esta versão de *Sweet Home Alabama* seria bastante boa se o vocalista não fosse desafinado e esganiçado, porque o resto da banda está no tom certo. Ainda assim, movimento a cabeça ao ritmo da música.

Cheguei a Austin momentos antes de a banda subir ao palco e fiquei na fila da frente desde o início do espetáculo. O vocalista reparou em mim. Há duas músicas que não para de olhar para o meu peito. Para lhe facilitar o trabalho, puxei o decote um pouco mais para baixo.

Assim que chegam ao fim do repertório, os nossos olhares cruzam-se e ele faz-me sinal com a cabeça para que vá ter com ele aos bastidores.

Acotovelo-me por entre a multidão e encontro-o do outro lado do pano. Ele puxa-me para si e beija-me num arrebate, abdicando em absoluto das apresentações. Dou-lhe tempo antes de me afastar.

— Vocês arrasaram — digo, passeando as mãos pelo seu peito enquanto ele afunda os dedos no meu cabelo, que recentemente pinteí de um belíssimo azul-cobalto.

— Gosto da cor — diz ele.

— Sou uma grande fã dos Blue Line. — Roço-me nele. — Vocês são os

maiores.

Ele acena na direção da porta dos fundos do clube.

— Queres dar de frosques?

Os restantes membros da banda ouvem e gritam:

— Sawyer! Não nos vais deixar na mão antes de arrumarmos o equipamento todo!

Ele estreita-me contra si e põe-me a mão na cintura. Enterro os dedos no cóis das suas calças de ganga, arranhando-lhe suavemente a pele com as unhas.

— Isso, baza — digo.

— Tenho de ir! Fico a dever-vos uma — grita ele, sem olhar para trás.

— Vai-te foder, Tate!

Acredito que já teria sido escorraçado da banda há muito, não fosse o paizinho, o Ralph Tate, a bancar esta sua brincadeira, pois é capaz de ser o pior membro em termos de talento e utilidade.

— Como é que te chamas? — pergunta, ignorando os membros da banda que ficaram para trás.

Helen White não vai pegar.

Franzo o nariz e mordo o lábio inferior. Ele não tira os olhos da minha boca, tal como já esperava. Então, sussurro:

— Kitty.

Ele faz um som a imitar um gato. Tenho de me controlar para não revirar os olhos.

O Sawyer sorri-me, ao mesmo tempo que me agarra no rabo com uma mão e abre a porta dos fundos com a outra. Este vai ser difícil de domar. Mas se há coisa que sei é como lidar com herdeiros ricalhaços com egos maiores do que eles.

A festa do 4 de Julho na propriedade Tate é uma grande pândega com caça ao porco, concursos de enlaçamento de novilhos e um espetáculo de fogo de artifício de trinta minutos ao pôr do sol. Não é um convite nada fácil de arranjar.

Exceto quando se é a *groupie* da banda do filho.

Eu e o Sawyer, juntamente com vinte amigos mais próximos, chegamos com uma hora de atraso. Fiz, tanto quanto possível, a minha própria investigação no seio desta grupeta, na esperança de perceber se alguém o está a usar para entrar na casa, mas, como ainda estão todos pedrados desde ontem à noite, julgo ser a única infiltrada. Naturalmente, não custou nada aparecer com certas substâncias comestíveis para garantir que assim se mantêm.

Encostamos junto ao serviço de estacionamento, seguidos pelos outros quatro carros que compõem a caravana. O Sawyer atira as chaves ao pobre adolescente borbulhento que gere o serviço.

— Estaciona aqui perto. Não vamos ficar muito tempo.

Ponho-me discretamente ao seu lado, deslizando uma mão pelas suas costas, e encaminhamo-nos para a mansão.

— Mas prometeste-me que víamos o fogo de artifício — digo, fazendo beicinho.

— Do teu fogo de artifício trato eu, gatinha Kitty — diz, ao mesmo tempo que põe a mão no meio das minhas pernas. Pode ser a forma mais fácil de entrar na festa, mas é também a mais nojenta.

Assim que entramos em casa, oiço alguém gritar: «Sawyer!»

Viramo-nos e damos com o Ralph Tate a olhar para nós do cimo das escadas. Ciente de que não passaria despercebida enquanto par do Sawyer, empenhei-me ao máximo no meu papel. Os meus calções de ganga são tão curtos que deixam à mostra um pouco das nádegas e, na parte de cima, o biquíni com a bandeira dos Estados Unidos dá pouco azo à imaginação. Tenho o cabelo azul em honra do meu país no dia do seu aniversário, mas também para expressar o meu grande amor pela banda do Sawyer, os Blue Line. Para completar o visual, umas tatuagens temporárias em sítios estratégicos, olhos esfumados e batom vermelho-vivo. Estou escondida à vista de todos.

O Ralph Tate aproxima-se devagar e sinto o Sawyer a ficar tenso ao meu lado. Está pronto para armar confusão. Quer passar a ideia de que se está nas tintas para o dinheiro do pai, mas eu sei que basta o papá ameaçar deserdá-lo para meter o rabinho entre as pernas. Estes tipos são tão previsíveis.

— Se não me engano, disseste-nos que trarias alguns amigos. — Desvia o olhar para o grupo atrás de nós. — É mais gente do que tínhamos combinado.

O Sawyer abre os braços.

— Ou entramos todos ou não entra ninguém.

Que idiota. Sustenho a respiração, torcendo para que o Ralph não nos ponha na rua só para pôr o filho no lugar. Felizmente, a senhora Tate aparece para pôr água na fervura.

— Temos sempre espaço para ti e para os teus amigos, meu querido!

Sendo apenas seis anos mais velha do que ele, ela não é a sua mãe, mas gosta de fazer de conta que sim, assim como o Sawyer. O Ralph desaparece para o exterior, enquanto a mulher nos direciona para o sítio dos comes e bebes. Tiro o telemóvel do bolso de trás e envio uma mensagem rápida ao Devon: *Tiquetaque*.

Quando o Sawyer é abalroado por um grupo de amigas de infância, aproveito para me esgueirar para o bar, bamboleando-me o suficiente para parecer que estou tão pedrada como o resto da malta com quem vim.

— Um vodca com sumo de arando — peço.

O Devon está atrás do balcão. Se não soubesse que era ele, não o reconheceria. Está a usar a mesma farda que os outros empregados, mas tem um bigode todo estiloso e rastas em vez do cabelo curto que normalmente usa. Quando me

comunicou o seu plano elaborado, fiquei admirada por estar disposto a interagir com tanta gente, mas feliz por vê-lo sair da sua zona de conforto. Tem estado na sombra há demasiado tempo.

O Devon entrega-me uma bebida sem álcool, de acordo com o combinado, e depois consulta o relógio.

— Não houve mudanças. As câmaras desligam-se às quatro e dezassete.

Como sabíamos que não íamos ser os únicos a tentar a nossa sorte neste trabalho, ele entrou no sistema de segurança poucas horas depois de sairmos do Buffalo Wild Wings e anda a vigiar a casa desde então. Ontem à noite, enviou-me uma mensagem com o número quatro, referindo-se ao número de tentativas falhadas para roubar o quadro até à data. Ainda não tenho os detalhes, mas, como disse não haver mudanças, assumo que mais ninguém tenha tentado uma abordagem parecida à nossa.

— Quantos temos a bordo? — pergunto.

— Três, mas devem aguardar até ao fim do espetáculo — responde.

Assinto e vou-me embora.

Deixamo-nos estar por ali, à espera de que o fogo de artifício comece para podermos entrar em ação, à semelhança do que, na opinião dele, farão as outras três pessoas que querem roubar o quadro. No entanto, sabemos que, se esperarmos, poderemos ter de enfrentar concorrência. Assim, vamos tentar roubar o quadro em plena luz do dia.

Sento-me numa cadeira junto à porta que dá para o pátio e olho para o relógio. Cronometrámos o plano ao segundo, portanto, assim que o ponteiro marca as 16h17, pouso o copo na mesinha de apoio e entro em casa. Certificando-me de que não há ninguém na zona principal, caminho com determinação para a casa de banho situada ao fundo do corredor. Memorizei a planta da casa, é impossível enganar-me. Tranco a porta por dentro e tiro a bolsa que o Devon escondeu previamente no armário. Lá dentro, há uma peruca preta e uma farda de criada, um par de luvas, um relógio e um grande saco do lixo preto. Ponho tudo por cima dos calções e do biquíni em tempo recorde. Não se prevê que seja apanhada por câmaras, mas a Kitty é demasiado vistosa caso me cruze com alguém no corredor. Assim que saio da casa de banho, escrevo ao Devon: **Avança.**

Atravessando a casa, percorro o corredor do fundo e viro à esquerda para a sala dos troféus do Tate.

Depois, viro à direita.

Mantenho a cabeça baixa ao passar pela cozinha, segurando no saco do lixo como se fosse um escudo. Pareço-me com alguém que vai deitar o lixo fora, logo, ninguém perde tempo a olhar para mim.

Mais umas mudanças de direção e vejo-me diante da porta da lavandaria.

Envio outra mensagem: **Tudo a postos.**

Há um pequeno teclado numérico do lado de fora da porta, e a luz pisca intermitentemente, ora vermelha, ora verde. Abro a porta e entro, pouso o saco do lixo em cima da secadora e depois tiro um pequeno aparelho preto de dentro do saco. Levanto-o à altura das portas do armário ao lado da máquina de lavar roupa, inserindo a sequência de números que o Devon me enviou por mensagem. Do lado de fora, não é possível perceber que este armário está trancado, mas passados uns segundos ouço um clique e as portas abrem-se.

Dentro do armário, há um varão cheio de roupa de caça. Pegando em vários cabides ao mesmo tempo, tiro todas as roupas do armário e depois encosto a caixa preta ao painel que estava oculto atrás das roupas. O Devon envia-me outra série de códigos que digito no aparelho.

Segundos depois, o painel abre-se e dou de caras com um quadro muito caro, mas também muito feio.

Tiro o quadro, deixando no seu lugar a réplica que trouxe dentro do saco do lixo. Por sorte, o quadro não é muito grande. Assim que arrumo os cabides de volta no varão, o Devon ajuda-me a fazer o caminho inverso, trancando todas as portas tal como estavam.

No espaço de minutos, estou do lado de fora da lavandaria, de volta ao corredor, a dirigir-me para a garagem. O meu coração bate a mil à hora quando um dos homens contratados para fazer a patrulha da casa dobra a esquina, praticamente esbarrando comigo. Para não cair, segura-se ao meu braço.

— Desculpe. Não devia ter dobrado a esquina tão depressa — diz.

Respondo com uma gargalhada adequada à situação.

— Não há problema — digo.

Ele acena com uma garrafa de água quase vazia e depois baixa a cabeça, atentando no saco do lixo na minha mão. Abro o saco e ele atira a garrafa lá para dentro.

— Obrigado — diz.

— Sempre às ordens — respondo, e torço para que o quadro aguente uns salpicos de água.

Mantendo a cabeça baixa, transponho a porta lateral para a garagem, onde os sacos do lixo estão armazenados. Dispo a farda, ficando em calções e biquíni, e enfio as roupas e a peruca no saco, ao pé do quadro, e depois ato-o antes de atirar tudo para o contentor. Assim que me vejo no pátio, envio uma mensagem ao Devon: **Deitei o lixo fora.**

Ele recuperará o saco antes de voltar a ligar as câmaras.

Vinte minutos depois de ter pousado a bebida na mesinha de apoio, tenho-a novamente na mão. O gelo mal derreteu. Dou um grande gole e depois vou à procura do Sawyer. Ele está sentado à beira da piscina e eu enfio-me entre ele e uma loira, que não fica nada feliz por lhe ter roubado o lugar.

— Onde estiveste, fofinha? — atabalhoa ele.

— Andava à tua procura.

Ele envolve-me com um braço, puxando-me para si, e depois começa a falar com a rapariga que está do outro lado.

Dou outro gole da minha bebida e inspiro fundo.

Se não fosse o Devon, não teria conseguido. Ele chegou a Austin um dia depois de nos termos encontrado no Buffalo Wild Wings.

Fui dar com ele no piso de literatura infanto-juvenil da Biblioteca Pública Central a ensinar três raparigas do segundo ciclo a jogarem xadrez no tabuleiro em tamanho real. Para quem se rege por tantas regras e procedimentos, é um coração de manteiga no que toca a crianças. Sento-me numa das muitas cadeiras que há por ali e espero que a partida chegue ao fim. Assim que as raparigas começam a alinhar as peças sobredimensionadas para jogarem de novo, ele pega num tubo de cartão e faz-me sinal para me juntar a ele numa das salas de estudo privadas. Com a caixa preta ao nosso lado que assegura que ninguém ouve a nossa conversa, debruçamo-nos sobre as plantas pela segunda vez.

— Tens a certeza de que o quadro está naquela sala? — perguntou.

Debrucei-me sobre a mesa e tentei ver o que ele via, mas nada me saltou à vista.

— É a sala mais fortificada de toda a casa. A parede falsa que foi acrescentada sugere que há alguma coisa ali. Disseste que o sistema é... que palavra usaste? Requentado? Tudo leva a crer que o quadro está nessa sala.

— Mas não é um jogo, como disseste? No qual não és a única atrás do quadro? Anuí e ele apontou para um pequeno canto da casa.

— Vês isto aqui?

Aproximando-me, semicerrei os olhos, como se isso me ajudasse a ver melhor. Não ajudou.

— Explica-me como se fosse totó — acabei por dizer.

Ele tamborilou com o dedo no espaço designado como «Lavandaria».

— Vês os fios que convergem para esta sala? — Assenti novamente. — É um exagero para uma sala que não tem mais do que uma máquina de lavar roupa e outra de secar.

De repente, fez-se luz.

— Crês então que a sala dos troféus é um engodo. Enviar toda a gente para uma sala protegida com um sistema exagerado, impossível de contornar. Assim que fizerem com que este dispare... o que será inevitável... os guardas recebem um alarme silencioso e vão atrás deles. Enquanto isso, o quadro está escondido ao lado da arca congeladora.

O Devon sorriu de orelha a orelha.

— É exatamente o que penso.

— Continuas a querer vir comigo? A querer desempenhar um papel? — perguntei.

Ele assentiu.

— Até já estou a tratar do meu disfarce. — Não esperava ouvir o tom de excitação por detrás destas palavras.

E ele tinha razão. Por esta altura, o Devon já está na posse do quadro, longe da propriedade dos Tate. Quanto a mim, vou ficar até o Sawyer querer e depois desvenço-me dele assim que sairmos.

Tiro o pequeno cisne de papel branco que esta manhã enfei no bolso de trás e ponho-o na água. Balança e avança aos ziguezagues pela piscina.

Beberico a minha bebida. O fogo de artifício deve começar não tarda.



Apesar de estar à espera da chamada, dou um salto quando o telefone toca. Quando cheguei da festa, o telemóvel descartável estava à minha espera na mesa da cozinha.

— Estou.

— O cabelo azul fica melhor do que pensei — diz o senhor Smith na sua voz mecânica.

— Vai ser um pesadelo livrar-me desta tinta.

Ele ri baixinho.

— Vamos buscar o pacote em breve e forneceremos os detalhes do trabalho seguinte juntamente com a confirmação do teu depósito, o bónus incluído.

Abro o portátil e entro na minha conta, na qual o dinheiro já foi depositado. Dou início ao processo de o movimentar, como sempre.

— Cá estarei.

Quando acho que ele vai desligar, acrescenta:

— Devo dizer que estou impressionado por teres conseguido.

— Quantas pessoas derrotei? — Lancei o anzol, mas, como não acho que vá responder assim tão facilmente, não largo o osso. — Ou seria eu o elo mais fraco? Quero saber quantos degraus ainda me falta subir até chegar ao topo da escada.

Ele deixa escapar um leve riso.

— Sempre tiveste um problema de ego, Lucca.

— Chamo-lhe confiança e, até ver, tem resultado — ronro para o telemóvel.

O silêncio prolonga-se, mas espero que seja ele a quebrá-lo. Se não mo quisesse dizer, já teria desligado. Por fim, diz:

— Apenas te vou dizer isto agora por teres sido a grande vencedora e teres a ousadia de perguntar.

Quando passa um minuto sem que ele tenha dito mais nada, falo eu:

— Abriu-me o apetite, estou aqui em pulgas. Não me provoque agora.

Aquele riso de novo.

— Digamos apenas que precisava de saber quais dos meus ativos chegariam ao topo em circunstâncias longe de serem as ideais. E quais conseguem reconhecer quando o caminho mais óbvio é o caminho errado. Parabéns.

— Houve um cliente, sequer? É que não me pareceu um trabalho a sério.

— O trabalho é sempre a sério, mas o objetivo final nem sempre é do vosso conhecimento. — Sem me dar tempo para responder, o senhor Smith remata: — Vai atender a porta. Entrarei brevemente em contacto.

A chamada termina e dirijo-me à porta. Ao espreitar pelo olho mágico, vejo o meu contacto no seu traje habitual da UPS com uma pequena caixa na mão.

— Mesmo a tempo — digo, abrindo a porta. Ele entrega-me a pequena caixa e eu dou-lhe o quadro embrulhado em papel pardo. — Queres entrar? Bebemos qualquer coisa? Podemos embebedar-nos e revelar todos os segredos um ao outro — digo, piscando-lhe o olho. — Já te apetecia, George.

— Sabes que não posso, por mais que me apeteça.

Ao longo dos anos, eu e o George desenvolvemos uma relação de simples camaradagem. É difícil fazer amizades neste sector de atividade, dado que nunca paro no mesmo sítio.

O Devon é o único amigo a sério que tenho, mas chegamos a estar meses sem nos vermos. O George é a única outra constante na minha vida. Bem, sem contar com o senhor Smith, mas não sei se alguma vez será, para mim, mais do que uma voz mecânica.

— Com que então, cabelo azul? — pergunta.

Sacudo a cabeça de um lado para o outro.

— Gostas?

— Gosto do cabelo loiro que tinhas em Nova Orleães. É capaz de ser o meu preferido.

Rio-me.

— Bem, talvez volte ao loiro depois de me livrar desta cor.

— Muito bem, Lucca, tenho de levar isto ao chefão. Não te metas em sarilhos.

Debruçando-me para o corredor quando ele se afasta, grito:

— Um dia destes ainda te venço pelo cansaço e te convenço a beber um copo comigo!

Ele detém-se mais à frente e vira-se para mim.

— Se alguém poderia convencer-me a violar as regras, serias, sem dúvida, tu.

— Ele recua uns passos, aproximando-se, e acrescenta: — Mas lembra-te: quanto mais importante for o trabalho, mais apertado é o cerco. Há olhos em todo o lado.

Fico a vê-lo afastar-se enquanto reflito sobre o aviso. Não é a primeira vez que me alerta. Oxalá não seja a última.

CAPÍTULO 20

Hoje

O Ryan segue-me até à porta do quarto do motel, mas não sai. Viro-me e beijo-o com ternura.

— Não demoro — digo com voz melosa.

Os seus braços envolvem-me, puxando-me para si.

— Ficas bem de certeza? Não queres que vá contigo? Podes precisar de outro motorista que te ajude na fuga.

A minha gargalhada é alta o suficiente para parecer real.

— Quem me dera, mas tenho de tratar disto sozinha. Além disso, sei que precisas de ver como estão as coisas no escritório. Tens de manter as tuas velhotas felizes.

Ele criva-me de beijos rápidos enquanto as mãos me percorrem o corpo.

— Liga-me se precisares de mim.

Um último beijo e vou-me embora.

O Ryan fica a ver-me da porta aberta até eu desaparecer da sua vista. Hoje é um dia importante e preciso de refrescar as ideias e de me lembrar da razão pela qual aqui estou. Como ainda tenho tempo antes da próxima paragem, dou umas voltas de carro, sem rumo certo, com o intuito de me focar.

Mas também para identificar se estou a ser seguida e despistá-los.

Porque sei que há alguém a seguir-me. Desde o trabalho do Tate, há sempre alguém a seguir-me.

Os meus pensamentos regressam a esse trabalho, enquanto ando às voltas pelo quarteirão em piloto automático. Recordo o complexo sistema de segurança que guardava alguns animais embalsamados, um armário com charutos e pouco mais. Não se tratou bem de um trabalho, antes de um jogo perverso que pôs toda a gente a competir entre si.

O Devon vigiou aquela casa religiosamente, tal como a mãe de Victor Newman o vigiava em *The Young and the Restless*, a famosa telenovela americana — sem nunca falhar um segundo. Estudou quem entrava e quem saía, certificou-se de que me mantinha a par da localização de cada câmara, de modo a aparecer nos

ecrãs o menos possível, e identificou toda a gente que tentou roubar o quadro.

Depois de entregar o quadro e de receber o meu pagamento, estava na altura de passar ao trabalho seguinte. No entanto, não consegui evitar pensar em todos os outros que tentaram e falharam. Não fui capaz de pôr de lado a minha curiosidade sobre essas pessoas, sobre se quereriam mais da vida além de andar a saltar de trabalho em trabalho, como eu.

Sendo o Devon como é, enviou-me justamente o que eu queria antes de ser necessário pedir-lhe. Nem sequer olhou para mim de lado quando lhe disse que queria mais do que capturas de ecrã, queria nomes e moradas. O senhor Smith enviou seis pessoas para este trabalho e eu queria conhecê-las a todas.

Pela primeira vez, estava muito perto de conhecer outras pessoas que trabalhavam para ele e não queria deixar passar a oportunidade. Estava ciente da possibilidade de nem todas quererem falar comigo, mas tinha esperança de conseguir chegar à fala com, pelo menos, uma ou duas.

Podíamos ter sido concorrentes no trabalho do Tate, mas porque não nos poderíamos aliar de ora em diante? Não foi o primeiro trabalho em que tomei consciência do valor de ter uma pessoa na equipa que reporte apenas a mim. E, desta vez, se não fosse o Devon, eu também teria fracassado. Consegui convencê-lo de que não faria mal entrar em contacto. Quem sabe se não poderíamos congregar recursos? E alinhar estratégias?

Construiríamos uma comunidade.

Finalizada a pesquisa, o Devon deu-me apenas um nome e uma morada. Entre dois trabalhos, fui de carro até Cape San Blas, na Florida. Percorri a pé o caminho até à mais adorável casinha cor-de-rosa, com meia dúzia de espanta-espíritos pendurados no alpendre da frente e um tapete de entrada com um desenho de areia e *surf* e as palavras *Só queremos praia, praia, praia* impressas.

A pesquisa sobre os demais envolvidos no trabalho do Tate e a conversa com a única pessoa que consegui encontrar abriram-me os olhos.

Pela primeira vez, tive vontade de desistir deste trabalho, deste modo de vida. Quis fugir e começar uma vida nova, uma vida com propósito, tal como me disse o Andrew Marshall naquela manhã na Carolina do Sul. O verniz fulgurante desta vida desaparecera, deixando à vista os arranhões e as amolgadelas. Mas este não é um emprego que se deixe com um aviso prévio de duas semanas. Não. Pelo menos, se queria voltar a ser a Lucca Marino e tudo o que isso implicava.

De modo que fui ficando. Continuei a aceitar os trabalhos que ele me propunha como se não me restasse alternativa senão aceitá-los.

Quando fui enviada para o Luisiana e recebi o nome Ryan Sumner, julguei-me preparada para o trabalho que teria em mãos.

Em teoria, é fácil acreditar que conseguiria dar conta do recado, fosse qual fosse a tarefa.

Na prática, eu não tinha como me preparar para o que ele fez. O senhor Smith agrediu-me onde mais me doía.

Uma vez que é tarde de mais para fugir, tenho de levar isto até ao fim.

Chego finalmente ao meu destino e procuro um sítio para estacionar. Depois de meter algumas moedas no parquímetro, entro num quiosque *self-service* e compro um telemóvel pré-pago, uma embalagem de dose única de *Advil* e uma garrafa de água. Tenho de me antecipar à dor de cabeça que se começa a insinuar atrás do olho esquerdo. Encostada à mala do carro, equilíbrio o telemóvel no ombro assim que pressiono o botão de chamada, de modo a libertar as duas mãos para engolir dois comprimidos e empurrá-los com água.

O Devon atende ao segundo toque, mas não me cumprimenta.

— Sou eu — digo.

— Hotel 21C daqui a uma hora. Na cafetaria no átrio.

— Número?

— Quinhentos e quinze. — Dito isto, desliga.

É uma viagem curta até ao hotel e felizmente consigo estacionar na esquina, junto à entrada. O 21C não é apenas um hotel, é também um museu, pelo que o átrio está apinhado, obrigando-me a abrir caminho por entre a multidão, desviando-me de malas com rodas e pastas de executivo a baloiçar, até conseguir chegar à cafetaria que fica do lado direito da entrada principal. Uma enorme faixa suspensa sobre o corredor que conduz às salas de convenções chama-me a atenção.

QUEREMOS O ANDREW MARSHALL REELEITO

— CUMPRIR O PROMETIDO

Contorno a longa fila para o café e instalo-me numa mesinha de onde tenho uma boa vista para o átrio.

Três quartos de hora depois, estampa-se-me um sorriso no rosto ao ver o governador Andrew Marshall transpor a porta da frente com passos largos. Acompanham-no algumas pessoas, duas das quais reconheço do curto período que estive ao seu serviço. As sondagens apontam para uma vitória esmagadora da sua reeleição e já há quem avance o seu nome como uma possível candidatura à presidência.

Deixo o casaco na mesa, para que ninguém me tire o lugar, e caminho na sua direção. O Andrew avista-me quando estou a cerca de três metros e é notório que me reconhece, apesar de o meu visual de agora ser bastante diferente do de há seis anos.

Ele desmarca-se do grupo e aproxima-se.

— Mia?

— Sim, governador. Sou eu.

— Como tens passado? — pergunta. Entendo que gostaria de me tocar de alguma forma, de me abraçar ou apertar a mão, porém, dadas as circunstâncias, nenhuma destas hipóteses se afigura adequada, pelo que acaba por enfiar as mãos nos bolsos.

— Bem. Tenho acompanhado a sua carreira. Deixa-me muito orgulhosa. Ele encolhe os ombros.

— Tive bons conselheiros, o que me foi tremendamente útil.

Inspiro fundo e pergunto:

— Posso falar consigo em privado?

De repente, uma das suas assistentes materializa-se a seu lado.

— Lamento, mas o governador Marshall tem um calendário rigoroso. Esperam-no daqui a poucos minutos para falar antes de almoço. — Ela pousa-lhe uma mão no braço e faz menção de o puxar, mas ele detém-na.

— Margaret, está tudo bem. Ainda tenho uns minutos.

Gesticulo na direção da cafetaria e ele segue-me até à mesa onde marquei lugar.

Assim que nos sentamos, ele pergunta:

— Estás metida em sarilhos? É por isso que estás aqui?

Sorrio timidamente.

— Talvez um pouco. Mas estou bem. Por enquanto.

O Andrew debruça-se para a frente, os cotovelos pousados em cima da mesa, a voz transforma-se num quase sussurro.

— Ambos sabemos que estou em dívida para contigo. O que posso fazer para ajudar?

Abanando a cabeça, digo:

— Ainda não estou pronta para lhe pedir que me retribua o favor, precisava apenas de garantir que continua disposto a fazê-lo.

Fitamo-nos enquanto ele me estuda, mas não transpareço mais do que o necessário.

— Estando em meu poder ajudar-te, fá-lo-ei.

Assinto, ciente de que é o melhor que conseguirei do imaculado Andrew Marshall.

— Era o que precisava de ouvir. E agora chega de falar de mim e dos meus problemas. Como é que o governador está?

Ele reclina-se na cadeira sem afastar os olhos dos meus.

— Estou bem. Ocupado, a tentar conciliar o trabalho e a campanha de reeleição. Mas deixa-me perguntar-te, Mia, estás bem? Feliz?

Céus, se ele soubesse.

— Ainda tenho umas arestas para limar, mas estou lá perto.

Com isto, arranco-lhe finalmente um sorriso, embora mais pequeno do que

desejava. Ele olha para o relógio, sinalizando que o nosso tempo chegou ao fim.

— Tem de ir — digo, facilitando-lhe a despedida.

O Andrew põe-se de pé e tira um cartão do bolso, que me entrega. Analiso-o, enquanto me diz:

— É o meu número privado. Só tens de me dizer o que precisas que faça.

E vai-se embora.

Deixo-me cair na cadeira e fico a vê-lo afastar-se. Com o cartão na mão, leio-o vezes sem conta.

Um som agudo desvia-me a atenção do cartão e detenho-me no homem que arrasta a cadeira que o Andrew acabou de desocupar. É o George, mas, em vez da farda da UPS, veste um fato escuro.

Ele senta-se, registando a centelha de surpresa no meu rosto antes que eu consiga disfarçá-la.

— Fica-te bem o fato.

Ele sorri e diz:

— Devias estar em Atlanta.

— Estou a caminho. Precisava de fazer umas paragens antes — respondo.

— O que andas a tramar? — pergunta calmamente. A sua preocupação comigo é notória. — Estás a brincar com o fogo. O Andrew Marshall não vai sujar as mãos, ambos sabemos disso.

Não tiro os olhos do rosto do George.

— Não sei aquilo a que te referes. Estava só de passagem e pensei que seria interessante rever velhos amigos.

Franze o sobrolho.

— Podes mentir a toda a gente, mas não a mim. Não depois de tanto tempo.

— Nesse caso, não me faças perguntas para as quais sabes que não posso dar respostas.

O George esfrega a mão na boca e diz:

— O senhor Smith acha que precisas de mais um incentivo.

Solto uma respiração sonora e frustrada.

— Vão enviar aos detetives outra foto minha numa rua pública?

— Eu cá não envio nada — diz. — Não passo do mensageiro. Mas o próximo conjunto de fotos dificultar-te-á ainda mais a vida. Ele não está para brincadeiras.

Assinto devagar, sopesando as suas palavras.

— Mais alguma mensagem?

Os olhos enrugam-se-lhe nos cantos, como se estivesse a pensar no que dizer.

— Apenas uma, de mim para ti. Vai para Atlanta. Ainda consegues chegar ao banco e aceder àquele cofre amanhã à tarde. Dá-lhe o que quer. Não quero ter de fazer o que me pedirá, caso não o faças. Por favor, Lucca.

Por momentos, isto faz-me vacilar. Nunca foi tão franco comigo.

Tudo o que digo é:

— Obrigada pelo aviso.

Permaneço sentada, enquanto ele se levanta.

— E diz ao teu tipo que anda desleixado. Apanhei-o na entrada de serviço vestido com a farda dos técnicos.

Ele trata sempre o Devon por «o teu tipo». Ao longo dos anos, o Devon e o George têm andado num jogo do gato e do rato, numa tentativa de se desmascararem mutuamente, mas não creio que qualquer um deles tenha sido bem-sucedido. Pelo menos, sei que o Devon não foi.

— Gostava que tivéssemos bebido o tal copo — digo.

Ele ri-se.

— Põe esse rabo em Atlanta e talvez possamos. — Imediatamente antes de se afastar, ainda se vira e acrescenta: — Boa sorte.

Encolho os ombros e mostro um sorriso.

— Quem é que precisa de sorte?

A sua gargalhada acompanha-o até sair da cafetaria.

Permaneço paralisada na cadeira durante mais dez minutos, reproduzindo mentalmente a nossa conversa vezes sem fim.

O impulso de fugir percorre-me as veias.

Mas fugir significaria passar o resto da vida a olhar por cima do ombro, não só por causa do senhor Smith, mas também da Polícia.

Lá me levanto e dirijo-me aos elevadores. Assim que entro, carrego no botão para o oitavo andar. Percorro o corredor até chegar à porta para as escadas. Subo e desço escadas e depois apanho o elevador mais três vezes até acabar no quinto andar, convicta de que ninguém me segue. Conhecendo o Devon como conheço, ele deve ter posto as câmaras a vigiarem ininterruptamente este piso antes de ter posto o pé no hotel.

Bato à porta do quarto 515.

O Devon abre e diz:

— O teu ar chocado quando o George se sentou foi bem jogado.

— Ele disse-me em Fort Worth que «há olhos em todo o lado», mas, como nunca sei se é ele que me vigia ou outra pessoa, fiquei *mesmo* um pouco surpreendida quando o vi sentar-se. — Instalo-me na cadeira ao seu lado. — E ainda me disse que estás a perder qualidades. Que te viu entrar pela porta de serviço.

O Devon enrola o lábio superior.

— Pensará ele que foi uma coincidência ter entrado no edifício no preciso instante em que ele chegou? — Revira os olhos e acrescenta: — Ele só me vê quando eu deixo.

O Devon tem um monitor e uma impressora instalados na secretária do

quarto, e eu estudo as imagens que surgem no ecrã. Eu e o Andrew aparecemos, mas não somos o foco principal — o George, sim. Enquanto eu converso com o Andrew, o George está no átrio, sentado numa poltrona de orelhas, de jornal na mão e olhos postos em mim.

— Presumo que o George também estivesse a ouvir. Conseguiu ouvir tudo o que dissemos, eu e o Andrew?

O Devon carrega em mais botões e reproduz a conversa que tive com o Andrew.

— Pois, é o velhote com o boné dos Titans. Aposto que tinha um microfone na bengala. Depois de se ter levantado da mesa, foi entregá-la ao George no exterior do hotel.

Descubro o homem no ecrã e, lá está, a bengala apoiada na mesa, inclinada na minha direção.

— Não tinha a certeza acerca do modo como o Andrew iria reagir ao ver-me, mas foi a melhor reação possível — digo.

Foi arriscado vir até aqui, mas estava confiante de que conseguiria reacender o sentimento de dívida que o Andrew tem para comigo de há seis anos a esta parte. Apenas precisava que o dissesse em voz alta e o Andrew não me desiludiu. Além disso, assim, o senhor Smith interpretá-lo-á exatamente como quero que interprete. Em vez de pensar que o Andrew me vai ajudar simplesmente pela sua boa índole, pensará que é obrigado a fazê-lo, porque tenho algo que posso usar contra ele.

O senhor Smith capacitou-se sempre de que eu guardara para mim informações comprometedoras sobre o Andrew Marshall. É por isso que lhe é tão fácil acreditar que fiz o mesmo com a informação sobre o Victor Connolly. Julga que a obtive da Amy Holder e que, em vez de lha transmitir, a guardei para mim.

Ter arrendado o cofre parece ter sido o fator determinante que levantou dúvidas sobre a minha lealdade.

E um veredicto de culpada significa que a única coisa que me impede de mergulhar de cabeça nas águas mais próximas é o conteúdo de uma caixa retangular fechada a sete chaves atrás de uma porta blindada no banco.

— O Connolly está à espera para ver o que acontece ou será que temos de nos preocupar com ele? — pergunto.

Ele carrega numas teclas e o ecrã muda.

— Até ver, continua à espera, mas mantenho-o debaixo de olho.

Fito a imagem do homem em questão. De acordo com a pesquisa que fiz, sei que tem sessenta e sete anos, embora pareça mais velho nas imagens que o Devon recolheu. O pouco cabelo que lhe resta está completamente branco e os muitos anos de exposição solar não lhe fizeram bem à pele. Contudo, embora tenha o ar de um velhinho inocente, não há dúvida de que é um homem extremamente

perigoso.

Os negócios do Connolly têm, tal como se esperaria, um pé dentro da lei e outro fora. É preciso comprovar de onde vem todo o dinheiro para os carros luxuosos, os jatos privados e as casas espalhadas pelo país. Mas o rendimento substancial que comunica na declaração de impostos não é nada comparado com o que obtém por meios ilícitos.

É por isso que o senhor Smith faz das tripas coração para garantir que o Victor Connolly continua um cliente feliz.

E, no dia em que deixar de ser assim, não preciso que o senhor Smith me ofereça, qual cordeiro sacrificial, de bandeja ao Connolly.

Deste modo, por enquanto, estamos na ofensiva.

Eu sabia que o senhor Smith possuía ainda mais provas contra mim, mas não queria esperar pelo encontro com os detetives para descobrir quais são. Portanto, estou a obrigá-lo a usá-las já. Ele julga que me vai assustar ao partilhar com a Polícia as restantes provas que tem contra mim, mas é positivo que sejam divulgadas enquanto ainda posso fazer alguma coisa. Enquanto ainda posso fugir se tiver de o fazer.

— Falta-te muito para identificares o senhor Smith? — pergunto.

O desvio para Oxford teve três finalidades. Primeiro, queria transmitir a ideia de estar transtornada. Queria que o senhor Smith sentisse que eu estava fora de controlo, às apalpadelas. É mais difícil antecipar os passos de uma pessoa que apresenta um comportamento errático.

Em segundo lugar, queríamos determinar como é que os clientes o contactam. Eu sabia que o treinador Mitch recorreria a uma única pessoa quando eu lhe fosse bater à porta. *Cucu, King Harvest*.

E, por último, ainda nos falta conhecer a identidade verdadeira do senhor Smith, e precisamos dela mais do que qualquer outra coisa. Tendo descoberto a página de fãs e o nome de utilizador do senhor Smith, o Devon seguiu-lhe o rasto digital, na esperança de encontrar alguma coisa que nos conduza a ele.

— Está quase. — É tudo o que diz, e não insisto mais.

Ele saca das folhas manuscritas que lhe deixei ontem por baixo das embalagens de *Twinkies*.

— Não tens culpa de que ele tenha assassinado a mulher e o James.

Assinto, embora tenha a convicção de que era minha obrigação saber que as coisas chegariam ao ponto a que chegaram e ter dado mais informações à mulher naquela noite, antes de se irem embora. Tê-la avisado, de alguma forma.

— Ainda crês que devemos fugir?

Ele inspira fundo e depois solta o ar enquanto os seus olhos me estudam o rosto.

— Preferia que desistíssemos e nos reorganizássemos em vez de continuarmos

por um caminho em que tu, das duas, uma: ou acabas na prisão ou morta.

Começo a abanar a cabeça ainda antes de ele terminar a frase.

— Desistir não me salva de nenhuma dessas opções.

Um som proveniente do computador atrás dele não o deixa responder. Um alerta noutro ecrã mostra que conseguiu finalmente entrar no sistema da Polícia de Atlanta.

— Vou transferir o ficheiro sobre a Amy Holder, vejamos o que têm sobre o caso. — Algumas imagens preenchem o ecrã, e o Devon explica: — De acordo com as datas das entradas, estas imagens foram carregadas um mês antes de chegares a Lake Forbing, pelo que devem ser as imagens que sustentam o mandado enquanto testemunha material.

Aproximamo-nos do ecrã para ver melhor.

— Esta foto tua a arrastar a Amy do carro não abona em teu favor.

— Não tive outro remédio.

Ele continua a clicar nas imagens que se sucedem.

— Foste exímia a fugir às câmaras. Sabias onde estava a tua sombra?

Só muito raramente é que é o George a seguir-me durante os trabalhos, a menos que se trate de um trabalho particularmente importante, como naquela ocasião em que me vi sozinha, pela primeira vez, no trabalho do treinador Mitch. Ser a minha sombra implica muitos tempos mortos e ele terá, certamente, coisas mais importantes que fazer. Na maioria das vezes, acabo por localizar a pessoa que me vigia, mas, noutras, como na noite em questão, não. Estava tão escuro que não se via um palmo à frente do nariz.

Abano a cabeça e respondo:

— Não. Quero dizer, em grande parte das situações, tinha um bom palpite sobre a sua localização... onde estaria eu se me coubesse a mim estar de vigia.

— Muito bem, chegámos ao que interessa. Acabaram de ser adicionadas novas imagens ao processo, assim podemos ver o que é que o Smith enviou. Deves ter-lhe pisado os calos cá de uma maneira... É que não perdeu tempo.

A nota anexa às imagens dá a entender terem sido enviadas por um detetive de outro departamento, que, no curso de outra investigação, esbarrou por acaso neste elemento de prova importantíssimo. O Devon até conseguiria apagá-lo do servidor neste preciso momento, mas o senhor Smith limitar-se-ia a reenviá-lo.

Portanto, o melhor é deixar que cumpra o seu papel.

Um quantas teclas depois e eis a última prova contra mim.

É um vídeo.

O Devon prime o *play* e no ecrã aparece eu.

CAPÍTULO 21

Hoje

Viro para o parque de estacionamento do motel ao final da tarde. Pela janela aberta do nosso quarto, vejo o Ryan a andar para a frente e para trás, de telemóvel encostado à orelha. Desliga e sai para a rua assim que estaciono.

Ainda nem desliguei o motor e já ele está junto da porta do carro.

— Fartei-me de te ligar. — Está claramente agitado por tê-lo ignorado durante todo o dia.

— Enviei-te uma mensagem a dizer que liguei para a receção do motel a reservar mais uma noite — informo, inclinando-me para o beijar antes que possa responder. Ficamos enlaçados um no outro durante alguns minutos, o suficiente para dissipar quaisquer dúvidas quanto a problemas entre nós. — Desculpa, demorou mais do que julguei.

Depois de vermos o vídeo, houve decisões a tomar e planos a implementar. Honra lhe seja feita: ao senhor Smith só lhe falta, literalmente, trancar-me numa cela.

O Ryan segue-me para o quarto e fica a ver-me tirar uma muda de roupa da mala.

— Falei com a Rachel há pouco — diz. — Estará em Atlanta amanhã à tarde. Acha que devemos acordar cedo e pormo-nos logo a caminho para que vocês se possam preparar antes da entrevista na sexta. Ainda temos umas quatro a cinco horas de viagem pela frente.

— Está bem. — Volto à mala e pego na roupa. — Vou tomar um duche rápido.

— Estás com fome? — pergunta.

— Esfomeada.

— Há uma pizaria a seguir à bomba de gasolina. Vou lá enquanto tomas banho. — Ele dá-me um beijo rápido e depois sai.

Transportando as minhas coisas para a casa de banho, remexo no meu saco de cosméticos à procura de um *Advil*. A dor de cabeça desta manhã voltou. Basta-me o peso do frasco para saber que está vazio.

Hesito um instante. Ligo ao Ryan e peço-lhe que me traga uma embalagem ou vou eu mesma à máquina de venda livre que há no corredor dos elevadores, onde sei que encontrarei um sortido de caixas de doses unitárias como a que comprei de manhã?

Sinto a cabeça a latejar, por isso, decido-me pela máquina de venda livre, uma vez que a piza pode demorar.

Ainda estou vestida, só tenho de me calçar. Pouco antes de chegar ao meu destino, a conversa que tem origem no espaço aberto onde estão as máquinas faz-me parar. Pode ser qualquer um dos hóspedes alojados aqui, mas o meu instinto põe-me em estado de alerta.

Aproximo-me devagar. De costas apoiadas na parede de tijolos, sossego a respiração e fecho os olhos. Convoco os meus outros sentidos, com o intuito de identificar o que me pôs assim, alerta. Inspira fundo, expira.

São duas vozes, ambas masculinas. Uma muito mais grave do que a outra.

Relaxo o corpo, deixando que se integre no espaço. Acolho os sons que me chegam do lugar a poucos metros. As palavras flutuam na minha direção e é fácil filtrar as que me atingem como uma bomba: *Atlanta* e *Amy Holder*.

Tiro o telemóvel do bolso de trás e envio uma mensagem ao Ryan.

Eu: Fica no restaurante até te dizer que podes voltar. Não faças perguntas.

Carrego no botão para enviar.

E é então que oiço aquele toque familiar vindo da mesma direção das máquinas de venda livre.

Mas. Que. Raio.

O indistinto som de vozes continua enquanto vejo os três pontinhos de um lado para o outro, sinal de que está a escrever a resposta. Como o meu telemóvel está no silêncio, não emite som quando a mensagem entra.

Ryan: OK, diz-me o que fazer.

— Merda, ela assustou-se com alguma coisa. — A voz do Ryan preenche o espaço, paralisando-me. Agora estão mais perto de mim.

Logo a seguir, oiço outra voz que reconheço.

— Explicou o que se passa?

O George.

Ele está a falar com o George.

— Não. Tenho de regressar. Aviso-te quando chegarmos a Atlanta.

— E se ela não chegar a tempo amanhã? — pergunta o George.

Inspiro fundo. Não, não, não. Isto não.

— Espera que te diga o que quero fazer. Não me agrada ter aquela informação toda a andar por aí.

— Fico à espera de notícias tuas — diz o George. — Já agora, toma. Fui buscar isto, mas não consegui dar-to antes de saírem da cidade.

Afasto-me sem fazer barulho e depois desato a correr pela lateral do edifício, de regresso ao quarto.

O telemóvel vibra na minha mão, alertando-me para uma chamada no preciso momento em que abro a porta. A imagem do Ryan ocupa o ecrã.

Só respondo quando já estou no interior.

— Olá.

— O que se passa? Estás bem?

— Sim, sim, tudo bem. Apanhei um susto, só isso. — Falo como se estivesse sem fôlego, contudo, espero que o convença e não levante suspeitas.

— Vou voltar. Aguenta firme, estou a chegar — diz ele e desliga.

Desembaraço-me dos sapatos e das calças e entro na casa de banho. Ponho a água do duche a correr antes de me embrulhar numa das finas toalhas brancas. Faço um compasso de espera para inspirar fundo várias vezes, com a finalidade de abrandar o coração acelerado.

Então, oiço a porta a abrir.

— Evie!

Assomo a cabeça à porta da casa de banho.

— Aqui.

Põe-se ao pé de mim num ápice. Os seus braços puxam-me para si e estreitam-me contra o seu corpo, como um torno. Forço-me a fazer o mesmo.

— Que aconteceu? — Se não soubesse com quem estive a falar agora mesmo, ficaria lisonjeada com a sua preocupação.

Fecho os olhos e conto até cinco. Inspiro fundo, mais uma vez, e expiro todo o ar.

— Não é nada, juro. Ouvi um barulho lá fora. Afinal, era só o zelador a fazer uma algazarra de um lado para o outro.

Abro os olhos e vejo, refletidos no espelho da casa de banho atrás dele, os nossos corpos num abraço apertado. E uns papéis enrolados em forma de tubo, enfiados no bolso de trás. Deve ser aquilo que o George lhe deu.

Vejo o espelho desaparecer à medida que o vapor da água quente toma conta do espaço exíguo. Conto os segundos entre as gotas de água que pingam da torneira mal fechada.

Tenho de me separar deste momento. Tenho de me focar noutra coisa que não o desejo de reagir ao que acabei de ouvir. Preciso de algum espaço entre nós, nem que seja apenas na minha cabeça.

Sinto a boca do Ryan junto à orelha.

— Estás bem? — As suas ações espelham exatamente o comportamento que se espera dele e passo mentalmente em revista cada um dos momentos que partilhámos, começando no dia em que nos conhecemos no parque de estacionamento, com o meu pneu furado, e escrutinando-os agora à luz do seu envolvimento.

Assinto, sem me atrever a falar.

Ele esteve com o George. Falou com o George com a mesma familiaridade com que eu falaria com ele.

Foram tantas as vezes que senti que o Ryan estava na iminência de me confidenciar todos os seus segredos. Chegou até mesmo a falar abertamente sobre os seus negócios no Texas, no carro. Foram tantas as vezes que estive quase para lhe confessar tudo.

Contudo, enquanto eu estava pronta a arriscar tudo por ele, o Ryan andou a enganar-me.

O arrependimento tolda-me a visão. Os pensamentos. A alma.

As suas mãos sobem do meu corpo para o meu rosto. Ele afasta-se para olhar para mim. Os nossos olhos procuram-se.

— Não te assustas com facilidade — murmura. Tem razão.

Ter-me-á estudado como o estudei a ele? Terá existido uma folha a dizer: *Ela gosta de batata-doce frita e toma o café com dois cubos de açúcar?*

— Estive com uma dor de cabeça terrível o dia todo. Depois, ouvi um barulho e acho que me deixei levar pelas emoções. — Olho na direção do chuveiro. — É melhor entrar antes que a água quente acabe.

Ele passa as suas mãos pelas minhas costas, uma vez mais, e depois afasta-se.

— Dei ao operador de caixa uma nota de vinte a mais para nos virem entregar a piza, por isso, deve estar aí quando terminares.

Quando sai, não posso trancar a porta, porque não é o que a namorada dele faria. Meto-me debaixo da água a ferver e é o choque que me fazia falta. Tem o efeito de um murro na cara. Dissipa a névoa, mas não atenua a tristeza que se instalou nas minhas veias. Estou destroçada.

Concedo-me cinco minutos para fazer o luto pela possibilidade de um futuro com ele. Cinco minutos para carpir o que poderia ter sido. Cinco minutos para destruir a ideia de que eu poderia ser o tipo de mulher que vive numa casa perfeita com o homem perfeito numa rua perfeita.

E então recorro que este não é o meu mundo.

Sou apenas um fantasma temporariamente de passagem.

Quando regresso ao quarto com roupas lavadas e o cabelo húmido, encontro o Ryan a limpar a mesinha onde vamos jantar. Há meia hora, estava esfaimada e, agora, a simples ideia de comer dá-me vômitos.

No entanto, sento-me e engulo a custo uma fatia. Preencho o silêncio com

conversa de chacha. Porque é o que a namorada dele faria.

— Preocupa-me que não tenhas tempo suficiente com a Rachel para se prepararem para sexta — diz ele, depois de ir deitar as caixas vazias no contentor lá fora.

Já não tem aqueles papéis no bolso das calças, só espero que não os tenha deitado fora também.

— Eu e a Rachel teremos tempo de sobra. Prometo. — Enfio-me na cama, desaparecendo por baixo das mantas. — Está frio aqui. Podes baixar um pouco o ar condicionado?

O Ryan vai até ao aparelho por baixo da janela para ajustar a temperatura.

Depois, ciranda pelo quarto à procura de umas coisas durante alguns minutos, antes de entrar na casa de banho. A seguir, junta-se a mim na cama. Deixo que se aninhe. Não fala nem faz avanços. Temos os corpos colados da cabeça aos pés, e sinto-lhe a batida regular do coração através do peito em contacto com as minhas costas. Há instantes em que me parece que se prepara para dizer alguma coisa, mas as palavras nunca se formam.

Reproduzo a conversa entre o Ryan e o George vezes sem fim.

— Pareces distraída. Queres falar sobre o que te vai na cabeça? — A pergunta sussurrada tão perto do meu ouvido dá uma sensação de intimidade. Como se efetivamente estivéssemos nisto juntos.

— Estou cansada, só isso.

Ele não insiste. Em vez disso, faz-me festinhas no cabelo como sabe que gosto. Demora ainda muito tempo até que qualquer um de nós adormeça.

CAPÍTULO 22

Hoje

Levanto-me antes do nascer do sol.

Ontem à noite, demorei uma eternidade a adormecer e, quando finalmente consegui, tive um sono agitado. O Ryan dorme sempre um sono profundo naquela última hora antes de acordar de manhã, portanto, é a oportunidade ideal para procurar os papéis que ele tinha consigo depois do encontro com o George.

A firmeza com que o Ryan me abraçou foi diminuindo durante a noite, pelo que me é fácil sair da cama sem o acordar. Gatinho pelo chão até às suas malas. Tem um saco de lona com roupas, sapatos e artigos de higiene, e uma mala para o portátil onde guarda as coisas do trabalho. Já vasculhei esta mala inúmeras vezes, examinei os ficheiros no computador e consultei o histórico da Internet, mas, à exceção do material que já encontrei para o senhor Smith, ele é cuidadoso com o que deixa à vista.

Agora percebo que procedeu assim porque sabia que eu andaria à procura. Encontrei apenas o que ele queria que eu encontrasse. Fui mesmo parva.

Os papéis que o George lhe deu deveriam estar algures por aqui, a menos que os tenha lido e deitado fora quando foi depositar as caixas de piza no lixo.

O aparelho de ar condicionado por baixo da janela retoma a atividade e abafa o som do fecho da mala a abrir. Começo por tirar o portátil, pois é o que ocupa mais espaço. Encontro um bloco amarelo, no qual ele costuma tirar notas quando atende os clientes, e uma brochura de argolas sobre um fundo de investimento qualquer que já o ouvi impingir em alguns dos telefonemas que fez desde que iniciámos esta viagem.

Dentro do compartimento interior, há uma pilha de papéis. Analiso-os, folha a folha, a maior parte diz respeito ao negócio de serviços financeiros, e preparo-me para a possibilidade de os papéis que procuro não estarem aqui quando os cantos das folhas do fundo da pilha se enrolam, como se a sua memória muscular se tivesse subitamente ativado.

Eram as folhas que estavam enroladas.

Abro-as, alisando-as, e não demoro a reconhecer do que se trata.

Na minha cabeça, soam campainhas de alarme.

Trata-se da última remessa de informação que deixei para o senhor Smith. O Devon deixou-ma dentro daquela revista *People* e eu analisei-a ponto por ponto, atendendo às informações que queria fornecer. A pequena nota escrita à mão a tinta azul no canto inferior da última página, através da qual informo que consultarei o correio no dia seguinte, confirma-me que estou perante o original, não se tratando de uma cópia, já que a única caneta que eu tinha na bolsa escrevia com tinta azul.

Isto não deveria estar aqui.

Viro-me e registo o vulto do Ryan adormecido, e o *puzzle* começa a reordenar-se na minha cabeça. Mesmo considerando a hipótese de o Ryan estar alguns degraus acima de mim, ele não deveria estar na posse disto. Não do original. Não sendo-lhe entregue em mãos pelo George. Não quando parece que o George o recolheu na caixa de correio e lho trouxe diretamente, para ele.

A teoria de que o senhor Smith queria este negócio para si mesmo parecia o cenário mais provável, mas se e se for mais do que isso? Não há qualquer perigo de eu deitar a perder a aquisição hostil de um negócio que já é dele. Nenhuma razão para me manter num trabalho que não é trabalho nenhum.

Tenho a cabeça a mil à hora, tropeçando em teorias e especulações e suspeitas, enquanto o ar condicionado ronrona e o Ryan dorme.

O encontro de ontem entre ele e o George confirmou uma série de coisas. O George sabe onde estamos porque o Ryan lho disse. E a forma como interagiram denota uma proximidade que apenas se desenvolve ao longo do tempo.

Há anos que ando a tentar dar um rosto ao senhor Smith. Virando-me para olhar para o Ryan ali tão perto, é difícil acreditar que ele poderá ser o chefe que aprendi a desprezar.

Não. Isto não faz sentido. Ele é demasiado novo. A cronologia não bate certo.

Enquanto arrumo as coisas na mala exatamente como as encontrei, passo em revista cada conversa que tive com o senhor Smith.

A primeira vez que falei com ele foi há oito anos. O Ryan ainda estava na universidade e não tinha qualquer ligação com a Carolina do Norte.

O senhor Smith passou-me ao Matt, com quem lidei em exclusivo durante os dois anos seguintes. Só voltei a falar com o senhor Smith há seis anos, depois do trabalho do Andrew Marshall.

Há seis anos.

A avó do Ryan adoeceu com cancro há seis anos. O Ryan socorreu o avô no negócio de camiões — tanto o lado lícito como o ilícito —, permitindo que este ficasse em casa a cuidar da mulher, e acabou por assumir o negócio por inteiro quando o avô morreu pouco depois.

Terá sido tudo o que assumiu?

Não.

Não!

O Ryan vai comigo para Atlanta, onde tenho encontro marcado com vários polícias.

Expor-se-ia ele desta forma?

A minha mente viaja para a casa dos Bernards. Vejo diante de mim aquela salinha onde respondemos a todas as perguntas que nos fizeram. Onde aquele detetive ficou a saber que a Evie Porter era de Brookwood, no Alabama. Porque o Ryan lho disse. «A Evie mudou-se para cá vinda de Brookwood, no Alabama, há uns meses. Ela não conhecia o James.»

Não, não e não.

E depois aquela segunda-feira na garagem. Onde o Ryan me reteve. E eu ignorei a mensagem de alerta do Devon. Porque o Ryan não estava pronto para desfazer o abraço. Lembro-me de ter pensado: *Se não me tivesse deixado ficar com o Ryan na garagem, teria visto a mensagem do Devon mal a recebi. Aqueles poucos minutos podem ter-me custado uma fuga sem incidentes.*

Mas espera lá. Não. O senhor Smith respondeu ao Mitch naquele fórum depois de termos saído de Oxford. O Ryan estava a conduzir. Recordo o momento em que vi a mensagem entrar. Eu estava no banco do pendura do meu carro. O Ryan tinha acabado de atestar e entrou na loja para comprar mais *snacks*. Ele estava lá dentro enquanto eu assistia à conversa entre o senhor Smith e o Mitch.

A memória do momento entre o Ryan e o George ressurge e reproduz-a uma vez mais, com uma lente diferente. A familiaridade ainda lá está, a mesma que eu teria com o George. Mas quem toma as decisões é o Ryan. O George acata. O George entrega-lhe os papéis.

Este trabalho foi um teste. Um teste à minha lealdade.

E, caramba, o Ryan deve ter topado imediatamente que alterei a informação sobre o seu negócio antes sequer de a entregar. Ele tem uma prova direta de que não estava a fazer o que me era pedido. E andava eu preocupada com a possibilidade de ele perder o negócio para o senhor Smith.

Eu sabia que iria ser vigiada de perto.

Haverá melhor forma de me vigiar do que debaixo do mesmo teto?

Não.

Não vou por aí. Ainda não.

É fácil tirar conclusões precipitadas, mas também é deveras perigoso assumir seja o que for.

Retomo o meu lado da cama, tiro o meu telemóvel da mesa de cabeceira e abro o Instagram.

Percorrendo o meu *feed*, detenho-me na publicação da Skimm, com o resumo das cinco melhores *stories* de notícias do dia, e comento: *Notícias fresquinhas! Este*

calor mal se aguenta! #DeVoltaÀEstrada #ViajarSozinha

É bastante provável que o Devon veja isto apenas daqui a algumas horas, mas preciso que saiba que me vou pôr a milhas sem o Ryan.

Assim que o comentário é publicado, agarro na bolsa e nas chaves e deixo o resto para trás. Fosse como fosse, já tinha planeado parar na Goodwill para me abastecer do que vou precisar daqui para a frente, por isso é só acrescentar uns quantos itens à lista de compras.

O estalido da porta a abrir ecoa pelo quarto, mas felizmente o Ryan não se mexe. Poucos minutos depois, saio do parque de estacionamento. Mal entro na estrada interestadual, livro-me do telemóvel que tenho usado enquanto Evie Porter em Lake Forbing e, graças à caixinha preta do Devon, qualquer dispositivo de localização que possa existir no meu carro não vai fornecer informação alguma. Até agora, queria que o senhor Smith soubesse para onde ia. Agora, já não.

Depois de conduzir durante duas horas, paro para comprar um telemóvel pré-pago e ligo ao Devon.

— Olá — cumprimento.

— Que aconteceu? — pergunta.

Ponho-o ao corrente e ficamos ambos calados durante alguns minutos.

— Sabes o que é que eu penso — digo, por fim, sem querer verbalizar quem eu penso que o Ryan realmente é.

— Penso o mesmo, já sabes — responde ele. — Mas não nos vamos pôr a especular...

— Lidamos com factos apenas — adianto-me, cortando-lhe a palavra. Tem sido o nosso mantra.

Continuo no parque de estacionamento da loja onde comprei este telemóvel, caminhando para trás e para a frente junto ao carro. Digo a mim própria que preciso de mexer o corpo por ter passado tantas horas sentada, mas é o medo que me impede de estar quieta.

— Voltei a Lake Forbing — informa o Devon. — Eu trato da minha parte e tu tratas da tua. — Antes de desligar, acrescenta: — Estou a fazer progressos com o grupo de mensagens. Guarda esse telemóvel para que te possa contactar se for preciso, imagino que tenhas ficado sem acesso à tua conta de Instagram. Não há grande risco.

Nestas situações, não sei por que parâmetros se rege o Devon para medir a relação entre o risco e a recompensa, mas confio tanto nele que não questiono o seu raciocínio.

— Está bem. — Faço uma pausa e acrescento: — Se amanhã de manhã suspeitares que as coisas não vão ter o fim que esperamos, põe-te a andar. Larga tudo e desaparece.

— L, sabes bem que não te vou abandonar.

— Entre o senhor Smith e a Polícia, ambos sabemos que as probabilidades de me safar desta são mínimas. E há outras pessoas a considerar. A Heather, por exemplo, vai precisar de ti.

— O mesmo se aplica a ti — responde ele. — Nunca é demasiado tarde para desistires. Pões-te de pé e começa a andar, é simples.

— Darei notícias quando terminar o que tenho de fazer hoje — informo e desligo. Toda a conversa teve um sabor a despedida, de tal forma que nem fui capaz de efetivamente me despedir.



Passo a placa com a mensagem BEM-VINDOS A EDEN a meio da tarde. Foi uma viagem longa, com uma única paragem para comprar o telemóvel pré-pago para ligar ao Devon e depois em Winston-Salem, para me abastecer de roupa na Goodwill.

Os meus olhos devoram a cidade que já foi a minha casa. Sou de tal forma inundada por memórias que quase me afogo nelas. O restaurante de comida rápida onde costumava encontrar-me com os meus amigos e a retrosaria onde, todas as semanas, eu e a minha mãe passávamos horas a namorar os tecidos novos ainda existem, mas os respetivos edifícios acusam os estragos do tempo e da negligência. Viro na rua à frente da escola secundária onde andei e quase fico sem fôlego ao ver o caminho batido que atravessa a relva entre a porta lateral e o parque de estacionamento e que percorri milhares de vezes.

Parece que foi noutra vida que aqui estive pela última vez.

Por outro lado, também parece que foi ontem.

Mas, por mais familiar que me seja, continuo a ser uma estranha. Não há ninguém a quem possa ligar e fazer uma visita.

Uma última mudança de direção e chego à minha antiga rua. Entro no parque de caravanas e saio do carro sem desligar o motor. Estudo cada uma das casas móveis neste espaço, atafalhadas, comparando-as com aquelas que recordo e trazendo à memória os respetivos habitantes. Guardo a do meio, no lado esquerdo, para último lugar.

Encolho-me só de imaginar como a minha mãe ficaria envergonhada se alguém a visse neste estado. Apesar de nunca ter sido nada de especial quando era nossa, a minha mãe fez sempre por mantê-la limpa e arrumada e por haver flores plantadas nos canteiros estreitos junto aos degraus. Agora, estão cheios de ervas daninhas. No telhado, há um encerado azul a tapar os estragos e, junto à porta, uma carrinha de caixa aberta desmantelada, apoiada em blocos.

É doloroso recordar a pessoa que eu era quando vivia aqui. A rapariga que aqui se sentia em casa. Era feliz aqui. Realmente feliz. Mesmo quando a minha mãe

adoeceu, a menina ingénua que fui pensava que conseguiria tomar conta dela. Pensava que poderia salvá-la da morte.

Mas essa pessoa aprendeu muita coisa nesta caravana. Aprendeu que, por mais que se esforce, há alturas em que nada é suficiente. Aprendeu que a única pessoa em quem pode confiar, a única pessoa com quem pode realmente contar, é ela própria.

Uma mulher a espreitar atrás de uma cortina na caravana mais próxima lembra-me de que não fiz este caminho todo só para recordar o passado.

Há uma razão para ter regressado a Eden.

Entro no carro, dou meia-volta e regresso à estrada principal, parando na Sheetz para pôr combustível e trocar rapidamente de roupa na casa de banho. Em seguida, ponho-me num instante na zona nova da cidade, onde as lojas se sucedem numa longa fileira por trás de montras de vidro laminado.

Estaciono junto à clínica do Dr. Brown na extremidade da zona comercial e entro.

— Posso ajudá-la? — pergunta a rececionista quando me aproximo do balcão.

— Sim, venho da parte da gestão imobiliária. Estamos a fazer uma vistoria aos disjuntores de todos os lotes. Ontem à noite, reportaram um problema elétrico na loja de animais, mas felizmente alguém estava lá dentro para controlar os estragos antes que pegasse fogo. São só uns minutinhos. — Tive sorte por ter encontrado na Goodwill a camisa de uma farda e um par de calções caqui que dão mais credibilidade ao meu papel.

— Oh! — balbucia ela, fazendo-me sinal para passar. — Com certeza, avise-me se precisar de alguma coisa.

Mostro-lhe um grande sorriso e encaminho-me para o fundo da clínica. Felizmente, todos os funcionários estão a atender pacientes nos consultórios, de modo que ninguém dá por mim quando me esgueiro para a sala das máquinas. Contorno o quadro elétrico, encaminhando-me diretamente para o servidor principal e inserindo a *pen* que tirei da bolsa, e primo depois a sequência de teclas que o Devon anotou, garantindo que os ficheiros são carregados.

Cinco minutos depois e já estou cá fora. De volta à receção, aceno à rapariga ao balcão.

— Está tudo certo, tenha um bom dia.

Saio de Eden pela última vez volvidos dez minutos.

Ligo para o Devon e digo assim que atende:

— Está feito.

— Vais receber uma captura de ecrã — informa. — A jogada com o treinador resultou. Já sabemos quem é o Smith.

A minha frequência cardíaca dispara como um foguete e encosto o carro na berma enquanto espero que a imagem carregue. E então lá está ele. Apesar do

tamanho minúsculo do ecrã, o seu rosto familiar é a única coisa no meu campo de visão. Fico a olhar para ele mais tempo do que devia.

Por fim, volto a pôr o telemóvel ao ouvido.

— Agora, sim, estamos a lidar com factos — digo.

— Pois estamos. — Depois de uma pausa, diz: — Isto não tem de mudar nada, L.

Engulo em seco.

— Eu sei. Faz os telefonemas. Primeiro, quero explicar-me aos polícias. Depois disso, logo me preocuparei com o banco. Se não conseguir despistar a Polícia, o resto resolve-se por si. Portanto, essa é a minha prioridade.

— Tudo bem. Não te esqueças do que te disse. Nunca é demasiado tarde para desistir. É só começar a andar.

Assinto-lhe, embora não me consiga ver.

— E tu tratas das coisas em Lake Forbing?

— Já tratei. Entrei na casa sem problemas. Amanhã cedo, faço uma denúncia anónima à Polícia — diz ele. — E atira esse telemóvel ao próximo rio por que passares. Não o tenhas contigo quando te encontrares com a Polícia.

— Assim farei. Compro outro assim que chegar a Atlanta. Já só terás notícias minhas depois de resolver o assunto com os detetives. Se não te ligar, já sabes...

— Nem pensar, nada de discursos derrotistas. Fico à espera de notícias tuas. — Dito isto, o Devon desliga.

Fico uns minutos a olhar para a imagem dele. A seguir, apago-a.

Nome falso: Regina Hale — Seis meses antes

É a primeira vez que um trabalho me entedia. Estou em Decatur, na Geórgia, e a única coisa que me deram foi a minha nova identidade, um número de membro de um clube de campo local e o nome Amy Holder, além das instruções:

A Amy Holder está na posse de informações extremamente sensíveis relativas ao Victor Connolly e aos negócios da família Connolly. Ela ameaça usar essas informações contra o Victor e pede dinheiro em troca. Nunca é de mais frisar que é de extrema importância que recuperes essas informações antes que ela possa levar a ameaça avante. Confiamos-te este trabalho e é imperativo que mantinhas o sigilo. Nenhum de nós quer contrariar um homem como o Victor Connolly. Vais vigiar a Amy Holder e saber tudo sobre ela. Não interajas até que eu te diga, mas debes estar pronta para agir de um momento para o outro.

Às 17h25 em ponto, a Amy empurra as portas de vidro duplas do bar. Nas últimas duas semanas, tem ficado em casa até às 17h, mais coisa menos coisa, e depois percorre uns míseros três quilómetros até este clube de campo, onde se atasca em Vodcas Martínis até à hora de fecho.

A Amy tem 1,70 m de altura, porte atlético e cabelo loiro cor de mel que termina um pouco abaixo dos ombros. Maquilha-se pouco, não usa joias e ostenta uma expressão de quem parece estar sempre zangada.

Quando se instala no seu banco habitual ao balcão, um barista com o nome Morris escrito no crachá e uma camisa com o logótipo do clube cingida ao corpo serve-lhe a primeira de muitas bebidas com um sorriso caloroso e uma saudação bem-disposta. Não há dúvida de que, com os anos, o Devon ganhou à-vontade com o facto de ter um papel mais ativo.

— Gostaria de ver o *menu*, menina Holder? — pergunta ele.

— Talvez mais tarde — responde a Amy.

— Com certeza, basta pedir — replica ele, afastando-se.

Esta troca de palavras é também uma constante: a mesma pergunta, a mesma resposta. Ela não pedirá o *menu* e ele não voltará a perguntar-lhe se o quer ver, contudo, basta-lhe um ligeiro aceno de cabeça para que, no espaço de segundos, o

copo seja reabastecido.

Há onze dias que venho a este bar, mas é a terceira noite consecutiva que fico tanto tempo quanto a Amy. Já nem sequer me preocupo em esconder-me. Ela beberica a sua bebida e ignora toda a gente à sua volta. Caso tenha um telemóvel, nunca o tirou para fora e consultou uma vez que fosse. Não há uma única pessoa aqui, incluindo eu, que não tenha olhado para o telemóvel pelo menos uma vez, nem que fosse apenas para ver as horas.

Mas a Amy não.

A Amy fica sentada ao balcão e bebe entre quatro e seis martínis, depois pega na bolsa e mete-se no carro para percorrer a curta distância até casa, e há noites em que faz todo o caminho aos ziguezagues por cima da linha amarela. Vive numa moradia em banda sobreavaliada à conta da localização. Na manhã seguinte, acorda e reinicia todo o processo.

E dado que não há maneira de entrar em casa dela sem a perder de vista, não me resta alternativa senão vir ao clube.

De onde estou sentada, vejo grupos a entrar e a sair, noite após noite. A zona do bar enche-se de membros que, acabados de chegar dos seus jogos de golfe e ténis, vêm celebrar ou afogar as mágoas, conforme os resultados do jogo. Por outro lado, o restaurante destina-se a famílias. São ambas áreas barulhentas e caóticas.

Toda esta espera me enerva.

Normalmente, tenho algum tempo para me organizar antes de começar um trabalho, mas, neste caso, nem vinte e quatro horas depois de o senhor Smith mo ter atribuído, já eu transpunha a fronteira da cidade de Decatur. Com tanta pressa, parti do princípio de que iria estabelecer contacto de imediato. Contudo, fui instruída para fazer precisamente o oposto. E agora já lá vão duas semanas e ainda não fiz mais do que observá-la a degustar os seus jantares líquidos.

Tal não significa, porém, que não saiba o que se passa.

A razão para ser deixada neste limbo deve-se ao facto de haver outra pessoa a trabalhar nos bastidores, tentando negociar com a Amy a restituição da informação com o seu próprio acordo. Não por especial simpatia; é simplesmente a melhor forma de garantir que recuperam tudo o que ela roubou.

A única coisa que neste momento protege a Amy é o facto de ainda estar na posse do material que usa para fazer chantagem. E independentemente de ser ela a fornecer a informação de livre vontade ou de esta lhe ser arrancada, mal deixe de estar na sua posse, a Amy sentirá plenamente a ira do senhor Smith e da família Connolly.

E, de acordo com o aviso que recebi após o trabalho do Tate, não tenho ilusões de estar sozinha neste processo. Dado que a Amy Holder se converteu na prioridade número um para o senhor Smith, nada será deixado ao acaso.

Passo para o bar, sento-me, deixando três bancos livres entre nós, e faço sinal

para me trazerem outro copo de vinho.

O Devon pausa-o à minha frente e pergunta:

— Gostaria de ver o *menu*?

Com um sorriso, respondo:

— Não, obrigada.

E ele afasta-se na direção de um grupo que se encontra do outro lado do bar. Apesar de não saber se preciso dele para este trabalho, cheguei ao ponto de não conceber um trabalho sem a sua ajuda. Tornámo-nos inseparáveis.

— És nova aqui — diz a Amy.

Olho em redor para me certificar de que está a falar comigo. Quando não há dúvida de que sou eu a sua interlocutora, replico:

— Sim, acabei de me mudar para cá. — Viro-me no banco para ela, predispondo-me a conversar.

Ela olha-me de cima a baixo e depois volta a concentrar-se no seu martíni.

— Sei o que procuras, mas não o vais encontrar aqui. — Mexe a bebida com um dedo, que leva depois à boca, chupando o líquido. — Não o encontrarás! Diz isso às pessoas para quem trabalhas!

Encolho-me com a sua explosão, é mais forte do que eu.

A Amy leva o copo aos lábios e emborca tudo de um trago, brandindo depois o copo vazio no ar.

— Nunca, jamais o encontrarão! — Fala tão alto que várias cabeças giram na sua direção.

Rodando no banco para ficar de frente para mim, mostra-me um sorriso arreganhado, após o que se vira novamente para o bar.

— Foi um ar que se lhe deu — diz, num murmúrio gritado.

Identifiquei o tipo que foi enviado há uns dias para me vigiar a vigiá-la. Um homem mais velho que fica ao fundo da sala, no canto, vestido como se tivesse acabado de jogar golfe. Como sei que é bastante provável que esteja a enviar ao senhor Smith atualizações em tempo real do que se está a passar neste preciso instante, e dado que fui instruída para não interagir com a Amy, tenho de proceder com a máxima cautela. Não quero que me tirem deste trabalho.

— Creio que me tomas por outra pessoa. Não sei do que falas — digo, virando-me para o bar, de costas para ela, e dou um gole no vinho. O senhor Smith não vai gostar nada de que eu seja a razão do seu descontrolo.

Mantendo-a na minha visão periférica, vejo como os seus ombros se abatem, quase como se estivesse frustrada comigo. Observo-a durante alguns segundos, o rosto ilumina-se-lhe quando lhe servem outro *cocktail*.

— Morris! Meu herói! — guincha.

O interesse que os restantes presentes haviam demonstrado por ela desvanece-se e as conversas à nossa volta retomam o volume habitual.

Viro-me levemente na sua direção, apenas o suficiente para a observar com mais facilidade. Ela apercebe-se da rotação do meu corpo e faz o mesmo.

— Passaram quinze dias desde a primeira vez que apareceste aqui no clube numa segunda-feira, às seis e dezassete da tarde. Vestias uma saia de ténis azul-clara e um *top* branco de manga cava. Tinhas o cabelo apanhado. Pediste dois vodcas com sumo de arando. No dia seguinte, chegaste aqui às cinco e quarenta e cinco com um vestido florido de corte a direito. Bebeste dois copos de *Chardonnay*. — Aponta para mim com o palito de plástico com que se misturam as bebidas, enquanto vai debitando a hora exata a que cheguei de cada vez que vim ao clube, incluindo o que comi, bebi e vesti, falando cada vez mais alto. — E todas as noites o teu SUV *Lexus* azul-escuro segue-me até casa.

Até a matrícula recita.

Olho em redor, dando-me conta de que voltámos a atrair audiência. A minha sombra no canto do fundo olha para nós sem disfarçar. A única outra vez que fui confrontada desta forma foi por outra mulher ébria, a Jenny Kingston. A minha memória é assolada por imagens dela deitada no chão, uma poça de sangue a formar-se à sua volta, a par da pergunta que o meu chefe me fez a seguir: *Que terias feito se ela não tivesse caído?* É uma pergunta que me assombra há oito anos.

Tenho de tentar remediar esta situação.

— Sou nova na cidade e este pareceu-me o melhor sítio para conhecer pessoas.

— Compreendo — diz ela. — Sei que o querem de volta, mas ambas sabemos que estarei morta se o devolver.

Olho subtilmente à volta, à procura de câmaras ou microfones, de modo a determinar o que é que o senhor Smith vai ficar a saber sobre os acontecimentos desta noite. Apesar de não haver nada óbvio que me salte à vista, não posso descartar a sua existência, por isso continuo com a farsa.

— Não sei bem aquilo a que te referes, mas se precisares de ajuda, posso...

— Não estás aqui para me ajudar. Ninguém me pode ajudar. Mas não tive alternativa. Já estaria morta se não o tivesse roubado. — Ela não me dá tempo para responder, rematando antes de voltar a concentrar-se no *cocktail*: — Vai-te embora mas é.

Permaneço no bar até terminar o vinho e pagar a conta, após o que me levanto e saio do bar.

No carro, conduzo em piloto automático até ao pequeno apartamento que foi montado para mim. Não há dúvida de que o senhor Smith já deve ter tido conhecimento da cena que fizemos. Não creio que os acontecimentos desta noite sejam suficientes para me retirar do caso, mas agora vigiar-me-á com atenção redobrada.

Passam-se três dias até executar o passo seguinte. Estou escondida do outro lado da casa dela, à espera de que chegue. Recebi o segundo conjunto de instruções na manhã a seguir ao confronto com a Amy no clube de campo. Eu sabia. O senhor Smith não ficou satisfeito comigo.

Foi necessário antecipar o calendário devido à tua incapacidade de seguir instruções simples. Usa todos os meios necessários para localizar e obter qualquer dispositivo digital, incluindo telemóvel, computadores, *tablets*, discos rígidos, etc... Traz tudo o que servir para armazenar informação digital. Não deveria ser preciso relembrar-te do grau de confidencialidade desta informação e de como deves manuseá-la.

Já passámos a fase das cordialidades e o aviso é bem claro: apenas o senhor Smith e mais ninguém deverá ter acesso à informação que eu recuperar, caso contrário, ver-me-ei na mesma posição da Amy Holder. Não estou aqui para me tornar amiga dela, para me aproximar, para a fazer falar. Estou aqui para lhe tirar tudo. E já.

Os faróis do carro da Amy iluminam o quintal quando ela vira para o caminho de acesso estreito da sua casa, e o carro por pouco não raspa no contentor do lixo do lado direito. Foi decerto uma noite de cinco martínis, no mínimo.

O motor é desligado, mas a porta do condutor não se abre.

Os minutos vão passando e ela continua sem sair da viatura. Espero dez minutos antes de abandonar o meu esconderijo e descer devagar o caminho de acesso onde está estacionada. Assim que me aproximo o suficiente do carro, vejo-a tombada em cima do volante.

Abrindo a porta do lado do condutor, amparo-a antes de cair para o chão de cimento. Vasculho na sua bolsa à procura das chaves e meto-as no bolso. Segurando-a por baixo dos braços, arrasto a Amy para fora do carro e subo o caminho de acesso com ela. Primeiro perde um sapato, depois o outro. Combato a vontade de derrubar a câmara que sei estar apontada para mim e mantenho, tanto quanto possível, o corpo virado de costas para a estrada. Avançamos a passo de caracol até à porta da frente. Quando rodo a chave na porta e a abro, somos recebidas por um silêncio abençoadado.

Não paro até a levar para o sofá. Depois de a deitar, volto à rua para ir buscar os sapatos e a bolsa e revisto-lhe o carro. Está tão limpo e vazio como no dia em que o foi buscar ao concessionário.

Entro em casa e meto o nariz em tudo, pois, por esta altura, não me admiraria se o senhor Smith tivesse mandado alguém espreitar pela janela só para se certificar de que o faço. A casa está tão imaculada como o carro. Não há qualquer tecnologia. Há um telefone fixo, mas não há telemóvel, computador ou *tablet* de qualquer tipo. E não há carregadores que indiquem a existência de tecnologia que

possa estar noutro lado. A única televisão transmite apenas o que recebe da antena atarraxada na parte de cima. Verifico todos os esconderijos habituais, contudo, é como se nesta casa nada de novo tivesse entrado após 1980.

Procuo inclusivamente cadernos ou blocos de notas ou folhas de rascunho, para a eventualidade de ela ter enveredado pelos métodos antigos. Nada.

Sento-me numa cadeira e fico a vê-la dormir durante algum tempo, até dar a noite por terminada e ir para casa.



No dia seguinte, depois de lhe ter revistado a casa, a Amy mudou-se para um hotel na Baixa de Atlanta. Isso foi há quatro dias. Estou no carro a vê-la sair aos tropeções de um bar na esquina, como é seu apanágio a partir do quarto martíni.

Comecei a receber instruções quase diariamente, já que o comportamento da Amy muda com a mesma rapidez. Pelas últimas instruções, percebo que o senhor Smith esgotou a paciência.

A Amy está fora de controlo. Trá-la imediatamente. Isto não é negociável.

Trá-la imediatamente. Isto é uma novidade. E «trá-la» para onde? Pego nela e espero que alguém venha ter comigo? Ponho-a na mala do carro? O comportamento do senhor Smith é tão errático quanto o da Amy. Ele está de cabeça perdida, o que me faz concluir que o Victor Connolly deve estar a fazer uma pressão e tanto para resolver a questão.

Saio do carro e atravesso a rua, seguindo-a a uma distância razoável.

A Amy começa a atravessar a estrada mal o sinal para peões fica verde. O casaco vermelho-vivo adeja atrás de si à medida que ela embate nas pessoas que vêm na direção contrária e que não se afastam a tempo. Chegada ao outro lado, por pouco não tropeça no passeio.

Está a ser alvo de troça.

Ignorando o grupo de turistas mais adiante, abre caminho pelo passeio à frente do hotel onde está alojada.

Nisto, a Amy para abruptamente e eu desvio-me depressa para a direita, saindo do meio da estrada, mas sem me aproximar demasiado.

Está postada em plena zona de passagem e é empurrada pelas pessoas que tentam passar, fazendo-a rodopiar até parar, virada para mim. Os seus olhos ficam presos nos meus.

É visível o reconhecimento no seu rosto.

Ergue uma mão, apontando um dedo para mim.

— Tu! Que estás aqui a fazer? Disse-te que te fosses embora.

Recuo uns passos, batendo na esquina do edifício, mas, antes que consiga dar meia-volta, ela aproxima-se e grita:

— Podes dizer ao canalha do Smith que se vá foder. Ele não é tão esperto como julga. Há anos que anda a enganar pessoas e eu tenho todos os pormenores! Tenho tanta merda que o incrimina, mais do que ele pensa!

Então, franze o sobrolho e mostra-me o dedo do meio antes de rodar nos calcanhares e entrar descontraidamente no átrio do hotel, como se não tivesse acabado de perder as estribeiras no meio da rua.

O choque relativamente ao que acabou de dizer sobre o senhor Smith transfigura-me o rosto, mas logo a seguir volto a assumir aquela expressão vazia que tenho aperfeiçoado ao longo dos anos, porque sei que me estão a observar. Varro a rua com o olhar, à procura daquele homem mais velho que o senhor Smith pôs aqui. A primeira coisa a chegar-lhe aos ouvidos será que a informação confidencial que a Amy roubou não se restringe a um só cliente. Não tenho dúvidas de que ficará furioso ao saber disto. Pois se ele já mal me confia o teor da informação roubada sobre o Victor Connolly... Jamais me teria incumbido deste trabalho se suspeitasse da mais pequena possibilidade de a informação a obter ser sobre si. Em circunstância alguma deixaria que me chegasse às mãos qualquer coisa que pudesse ser usada contra ele — algo que *eu* pudesse usar contra ele.

Passei anos à procura de informações sobre ele, fosse o que fosse que me desse pistas sobre a sua identidade. Tem toda a razão em preocupar-se com o que eu faria caso viesse a estar na posse de tais informações.

Fazes o que for preciso para te salvars a ti e ao trabalho. O conselho que o senhor Smith me deu no início ficou gravado na minha memória. É o conselho por que me guio em todos os trabalhos.

E este trabalho está longe de estar terminado.

Mantendo-me fiel ao plano, sigo-a para o interior do hotel. Em poucos minutos, chego à porta de serviço das camareiras. Num dos armários de material, encontro um saco com uma farda do hotel. Mudo-me rapidamente e apanho o cabelo escuro num carrapito apertado. No fundo do saco, encontro ainda o microfone e o auricular. Assim que prendo o microfone à parte de dentro do colarinho da farda e enfio o auricular no ouvido, estou pronta para avançar.

O Devon não costuma aprovar o uso deste tipo de tecnologia, uma vez que é fácil detetar a frequência nas proximidades, mas desta vez não houve volta a dar.

— Estou pronta.

No auricular, oiço a voz do Devon:

— A costa está livre. Tem cuidado.

Ontem, ele entrou no edifício para aceder ao sistema informático do hotel e agora está a monitorizar a operação a partir de uma carrinha estacionada na berma, com um olho em mim e outro na transmissão do sistema de segurança do hotel. O

plano consiste em «congelar» a câmara no momento em que uma área pela qual eu tenho de passar estiver vazia e «descongelá-la» após a minha passagem. Avanço de forma intermitente, parando aqui, retomando acolá, invisível para as câmaras por cima de mim.

Os carros de limpeza estão encostados à parede, à espera de que o turno da noite os reabasteça, pois a esta hora a limpeza dos quartos já foi feita. Agarro no carro mais próximo, enfo o meu saco preto no cesto dos lençóis sujos e chamo um elevador.

— O elevador está vazio. Vou esperar que o corredor se esvazie para abrir as portas.

— Entendido — digo.

As portas abrem-se e empurro o carrinho lá para dentro, pressionando o botão do quinto andar. Quando as portas do elevador se abrem, avanço com o carrinho para o *hall*.

— Espera aí — avisa o Devon. — A Amy acabou de sair do elevador principal e está a caminho do quarto. Precisamos que a câmara a apanhe, portanto, vou esperar que ela entre até cortar a imagem.

Olho para o relógio.

— Porque está a demorar tanto? Já devia ter entrado.

O meu olhar transita entre uma ponta do corredor e a outra, rezando para que nenhum hóspede decida sair do quarto neste momento. Não quero que ninguém mencione a presença de uma camareira neste piso, com um carrinho de limpeza a esta altura do dia.

— Está à porta do quarto. Já é a quinta tentativa que faz para enfiar o cartão na ranhura.

— Santo Deus — balbucio.

— Pronto, já entrou. Podes avançar.

E lá vou eu, empurrando o carrinho pelo corredor fora e virando na direção do quarto da Amy assim que chego ao *hall* principal.

Deslizando até parar em frente à porta do seu quarto, bato levemente e exclamo:

— Serviço de quartos!

Menos de um minuto depois, a Amy abre a porta. Não lhe dou tempo para reagir. Empurro o carro pela porta aberta, obrigando-a a recuar, e depois deixo que a porta se feche atrás de mim.

CAPÍTULO 23

Hoje

Chego ao hotel Westin na Baixa de Atlanta mesmo a tempo. A Rachel está à minha espera no átrio, embora esteja visivelmente insatisfeita por ter chegado em cima da hora.

Dado que não compareci à reserva feita em meu nome no hotel Candler e faltei ao prazo estipulado no banco, tinha de calcular a minha chegada ao milésimo de segundo.

— Não tinha a certeza se conseguirias chegar a horas — diz ela, quando me aproximo.

Avisto um vulto a poucos metros.

— Dei-te a minha palavra em como estaria cá — digo-lhe.

— Posso falar contigo? — pergunta o Ryan, abeirando-se de nós.

A Rachel diz:

— Ele ligou-me a dizer que te vieste embora sozinha. — Não me passam despercebidos o tom nem o sobrolho franzido, mas ignoro-os.

Olho para a Rachel.

— Temos encontro daqui a minutos, certo?

A Rachel olha de relance para o relógio e depois faz um gesto para que a siga até ao elevador.

— Ryan, deixa-nos tratar disto e pensamos no resto depois, está bem?

Ela julga que é um simples arrufo de namorados. Não a corrijo.

O Ryan deixa-se cair numa cadeira no átrio e fica a olhar para nós até as portas do elevador se fecharem.

Quando chegamos ao nosso piso, afasto os pensamentos sobre o Ryan e concentro-me na tarefa em mãos.

— Como é que sacaste esta cartada? — pergunto à Rachel. Estou genuinamente fascinada por ter conseguido passar o encontro da esquadra para uma das salas de reunião deste hotel. Ela é boa, há que admitir.

— Não tínhamos conhecimento da existência de um mandado e viemos até cá para responder às perguntas da Polícia. Agimos de boa-fé com o intuito de pôr um

ponto final a este mal-entendido. Por conseguinte, era pedir muito que nos deslocássemos até à esquadra.

Estou grata por tê-la a meu lado, mas, depois de ver o vídeo que a Polícia deve ter recebido, aposto que só acederam ao pedido da Rachel para não me espantarem e não correrem o risco de eu não comparecer.

— Lembra-te — recorda, enquanto caminhamos pelo corredor das salas de reunião. — Não respondas a nada sem a minha permissão. Não lhes dês informação não solicitada.

Assinto enquanto ela me analisa. Estamos paradas do outro lado de uma porta com uma placa que indica «Sala 3».

— Ia também recomendar-te que não deixasses transparecer emoções, mas isso já tu sabes fazer bem.

Com isto, arranca-me um pequeno sorriso. Se ela soubesse da missa a metade...

Ela empurra a porta e sigo-a lá para dentro. Tinha imaginado uma mesa corrida com cadeiras de um lado e do outro, mas isto é mais acolhedor. Estamos numa sala pequena com um sofá e dois cadeirões agrupados à volta de uma mesa de apoio, junto a uma parede de janelas que vão do chão ao teto e proporcionam uma vista incrível para a linha do horizonte de Atlanta.

— O importante aqui é que estamos a colaborar e não temos nada a esconder — diz ela, encaminhando-se para o centro da sala. Registrando a minha surpresa com a sala, acrescenta:

— Gostei da decoração. Como pode alguma coisa de mal acontecer num espaço tão aconchegante e convidativo?

No centro da mesa de apoio, há uma cafeteira com café acabado de fazer e uma travessa de queques de mirtilo.

— Fica nessa cadeira — sugere a Rachel, apontando para a que está à direita do sofá. — E eu fico nesta. Os detetives que se ajeitem no sofá entre nós as duas.

Instalo-me, enquanto ela pousa a pasta no chão ao lado da mesa.

— Não vou mentir, sinto-me mal preparada. Não chegámos a conversar sobre o que aconteceu naquele dia e como vamos lidar com isto.

Recostando-me na cadeira, cruzo as pernas e digo:

— Preciso que confies em mim e que sigas as minhas deixas.

Ela observa-me do outro lado da mesa e tenho consciência de que tem uma miríade de perguntas, mas felizmente guarda-as para si. Antes que se instale um silêncio constrangedor, ouvimos bater à porta.

— É o teu espetáculo — diz a Rachel, e depois levanta-se para ir abrir a porta, afastando-se para deixar passar um homem e uma mulher. Permaneço no meu lugar, obrigando-os a vir ter comigo para as apresentações e os cumprimentos da praxe.

— Sou o detetive Crofton e esta é a detetive West — diz o homem, assim que

se apresentam à minha frente.

De pé à frente da outra cadeira, a Rachel faz sinal para o sofá e convida-os a sentarem-se. A detetive West olha para o sofá, depois para a Rachel e, por último, para mim. Compreende que não poderá olhar para as duas ao mesmo tempo.

Depois de uma breve hesitação, acabam por se sentar no sofá. Mais uns instantes para se reposicionarem e ficarem confortáveis antes de parecerem prontos para começar.

A detetive West é uma mulher branca, magra como um espeto, vestida com a farda que parece ter usado todos os dias na última década: camisa branca, *blazer* e calças pretas. Um anel simples de ouro no dedo anelar esquerdo é a única joia que usa. Tem aquelas rugas em torno da boca de quem adora dar umas passas num cigarro. O detetive Crofton é o extremo oposto. É um homem negro e alto que, a julgar pela estatura, deve ter sido defesa na sua vida anterior como jogador de futebol americano. Tem uma camisa com um padrão de cornucópias azuis e o cinto apertado que lhe sustém as calças bege indica que recentemente perdeu peso na cintura. À volta do pescoço, tem uma corrente de ouro simples com uma cruz pendurada. E o vislumbre que tive das suas meias, antes de se sentar, diz-me que é um homem com sentido de humor. Gatos montados em unicórnios num fundo rosa-pastel.

Ocorre-me se será uma representação fidedigna deles.

Ou serão como eu? Escondidos atrás de uma máscara.

É que, quando me vesti hoje de manhã, escolhi as roupas a dedo, com o intuito de lhes mostrar uma imagem específica. *T-shirt* branca lisa com calças de ganga. Nada de maquilhagem e o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Pareço, à vontade, cinco anos mais nova.

— Aceitam café? Um queque? — oferece a Rachel.

O detetive Crofton dá palmadinhas no abdómen.

— Para mim não. Tenho ordens rígidas para perder dez quilos e ainda me faltam dois e meio.

A detetive West tira um pequeno bloco de notas da bolsa e abre-o.

— Vamos começar — diz, ignorando a oferta de café e bolinhos, enquanto o detetive Crofton tira um pequeno gravador e carrega no botão vermelho redondo na parte de cima. A detetive West diz numa voz grave e áspera:

— Os detetives West e Crofton a interrogar a testemunha material, Evelyn Porter, no caso da morte de Amy Holder. — Acrescenta a data, o local e a hora, antes de olhar para mim.

A Rachel ergue a mão.

— Para que conste do registo, a morte da Amy Holder foi considerada acidental. E colaboramos voluntariamente com os agentes para ilibar a minha cliente, Evelyn Porter, de qualquer envolvimento nos acontecimentos relacionados

com a menina Holder.

— Nota registada — informa a detetive West. Depois, vira-se para mim. — Porque assumia a identidade de Regina Hale em Decatur, na Geórgia, por ocasião da morte da Amy Holder?

Pronto, vamos direito ao assunto. Obrigado a agir mais cedo do que previra, o senhor Smith assegurou-se de que facultaria à Polícia tudo o que servisse para me derrubar. Olho para a Rachel e ela encolhe os ombros levemente, lembrando-me de que é efetivamente o meu espetáculo.

— Estive numa relação muito tóxica e mudei de cidade para fugir do meu ex. Ele recusava-se a aceitar o fim da relação e eu tinha medo de que me perseguisse. Fui à Polícia, mas a única coisa que fizeram foi emitir uma ordem judicial de afastamento e todos sabemos como estas ordens, por vezes, são inúteis. Por isso, adotei um nome falso, na esperança de que ele não me encontrasse.

Isto dá-lhes que pensar. A Rachel arqueia subtilmente a sobrancelha esquerda, como se estivesse impressionada com a resposta.

— Onde vivia na altura desses acontecimentos? — pergunta a detetive West.

— Em Brookwood, no Alabama.

O meu chefe moveu mundos e fundos para me transformar na Evelyn Porter, residente vitalícia de Brookwood, no Alabama, portanto vou usar esta informação em meu benefício.

— Teremos de fazer um telefonema para confirmarmos a sua história com a Polícia de Brookwood — informa calmamente o detetive Crofton.

Assinto.

— Com certeza. O meu ex-namorado chama-se Justin Burns. O irmão dele trabalha lá na Polícia. É o capitão Ray Burns.

A detetive West anota a informação no seu bloco. Se chegarem a fazer o tal telefonema, ficarão a saber que existe um capitão Ray Burns e que este tem um irmão, chamado Justin, da minha idade. O Justin também tem cadastro. Foi apanhado umas quantas vezes a conduzir alcoolizado e houve queixas de perturbação da ordem por parte de vizinhos que chamaram a Polícia porque ele e a namorada se tinham posto a discutir no jardim da frente.

Mesmo que não encontrem registo de uma altercação comigo, não assumirão que não aconteceu... Assumirão que o irmão do Justin puxou uns cordelinhos para não acrescentarem mais um processo ao seu cadastro.

A primeira mentira é que conta.

Não se pode dizer que não me preparei.

A detetive West parece ser a responsável por me fazer perguntas e, apesar de as minhas respostas até agora lhe terem tirado o tapete de baixo dos pés, ela insiste.

— Em que circunstâncias conheceu a Amy Holder?

— Éramos ambas membros do Clube de Campo Oak Creek — respondo.

Ela consulta qualquer coisa no bloco, como se percorresse uma lista de perguntas predefinidas.

— A Amy Holder não teve serviço fúnebre. Era filha única e não era casada nem tinha filhos. Tem conhecimento de familiares ou amigos que possa ter tido?

A Rachel chega-se para a frente na cadeira.

— Não estamos aqui para responder a perguntas sobre a vida da Amy Holder. Disseram-nos que tinham provas muito específicas da presença da minha cliente no local do crime. Podemos ir direito ao assunto, por favor?

A detetive West folheia os papéis que tem no colo.

— Já lá vamos, senhora advogada — riposta para a Rachel, virando-se depois para mim. — Quando viu a Amy Holder pela última vez?

Cá vamos nós. Em tempos, aprendi a manter-me o mais fiel possível à verdade.

— Mudei-me de Decatur no início de setembro e tenho noção de que a vi antes da minha mudança, mas não posso precisar o dia.

Com efeito, podemos dizer a verdade se a formularmos da maneira certa, com a entoação certa. Eles assumirão pelas minhas palavras, por causa do tom que usei, que *não posso precisar o dia* porque não me lembro, em vez da verdade, ou seja, *não posso precisar o dia* porque isso me incriminaria.

— Às seis e doze da tarde do dia vinte e sete de agosto, a Amy Holder entrou no hotel American. Vinte e sete minutos depois, o quarto dela foi devorado pelas chamas — relata a detetive, num tom inexpressivo. — Alguma vez esteve nesse hotel?

— Já comi no restaurante do hotel. — O que é verdade.

O detetive Crofton apresenta um *iPad*, que pousa no centro da mesa de apoio, e eu e a Rachel debruçamo-nos para ver o que aparece no ecrã. Ele prime o botão *play* enquanto a detetive West diz:

— São imagens do sistema de segurança que mostram a menina Holder a entrar no hotel momentos antes da sua morte.

Todos vemos o vídeo granuloso da Amy a atravessar a estrada, acotovelando-se no meio de uma família de quatro pessoas e depois embatendo num homem que olhava para o telemóvel em vez de ver por onde ia, o que a faz girar em torno do próprio corpo. Aquele casaco vermelho destaca-a no meio da multidão, especialmente quando se põe a agitar os braços e me mostra o dedo do meio. Vista deste ângulo, estou no fundo e ligeiramente desfocada.

O vídeo chega ao fim e a detetive West olha para mim. A imagem no ecrã está congelada e o meu vulto mal se vê ao canto.

— Isto aviva-lhe a memória, menina Porter?

Antes de poder dizer alguma coisa, a Rachel responde por mim.

— Está a insinuar que aquele vulto desfocado ao fundo é a minha cliente? Metade das mulheres brancas no estado da Geórgia têm cabelo castanho. Podia ser

qualquer uma. — Inclina-se para a frente e prime o botão para reproduzir o vídeo. — O que eu vejo é uma mulher que está claramente embriagada. A Amy Holder era fumadora e morreu num incêndio causado por fumar embriagada na cama. Se tem alguma prova que sugira que a Evelyn Porter teve alguma coisa que ver com a morte da Amy Holder, e, por amor de Deus, uma fotografia a sério que mostre a minha cliente sem tirar nem pôr, gostaríamos de vê-la.

Muito bem, Rachel, estou impressionada.

O detetive Crofton toca rapidamente no ecrã e exhibe o vídeo seguinte.

— Isto foi filmado por uma testemunha ocular.

A Baixa de Atlanta não é um sítio particularmente movimentado durante a semana, bem ao contrário do fim de semana. O Devon localizou todos os vídeos que foram gravados nesse dia, desde os que foram gravados por câmaras de segurança até aos vídeos que foram publicados nas redes sociais, registados naquela localização ou num estabelecimento comercial ali perto. Ficámos a saber da existência deste vídeo há menos de quarenta e oito horas, o que me faz concluir que a tal «testemunha ocular» e eu temos o mesmo chefe.

O ângulo está diretamente alinhado com o quarto da Amy e apresenta uma visão desobstruída e em linha reta desde o edifício do outro lado da rua — ao contrário das verdadeiras testemunhas oculares na rua, que tiveram de erguer as câmaras no ar e, assim que o fumo começou a sair pela janela da varanda, apanharam apenas uma nesga do quarto em questão.

O vídeo começa com uma imagem panorâmica do edifício até que a câmara se detém nas portas abertas da varanda do quarto da Amy. Dado que a balaustrada é uma estrutura fechada, apenas é possível ver a metade superior do quarto, sem apanhar a cama.

O vídeo tem som, mas eu e o Devon julgamos que o áudio foi acrescentado posteriormente, para justificar a gravação naquele momento decisivo.

O detetive Crofton aumenta o volume e ouvimos a voz do autor do vídeo.

«Alerta camareira boa! Se calhar, temos direito a serviço de quartos noturno.»

E então apareço eu, vestida com a farda do hotel. Estou no fundo do quarto, mas perfeitamente à vista através das portas abertas da varanda. Baixo os olhos para o sítio onde estaria a cama, se fosse possível vê-la através da parede da varanda. E, ao contrário da que acabámos de ver, é uma imagem bastante clara da minha pessoa.

Lembro-me claramente daquele momento. Tinha acabado de tirar a caixa de fósforos do saco e estava prestes a acender um. Foi o momento imediatamente antes de a cama ter irrompido em chamas. Decorrem alguns segundos e as minhas memórias são reavivadas pelas imagens no pequeno ecrã. De repente, nuvens densas de fumo preto alastram-se pelo quarto, fazendo-me desaparecer.

CAPÍTULO 24

Hoje

Mantenho a calma e não deixo transparecer qualquer emoção, o que me é fácil, dado que não é a primeira vez que vejo este vídeo.

Muito bem, chegámos à hora da verdade.

Ambos os detetives olham para mim, expectantes.

— Essa é a Lucca Marino — digo, ao fim de alguns segundos de silêncio.

Os dois detetives olham um para o outro e depois novamente para mim.

O detetive Crofton pergunta:

— A Lucca Marino?

— Sim, a mulher nesse vídeo é a Lucca Marino.

Passei tantos anos a proteger a identidade da Lucca Marino. A certificar-me de que podia voltar ao passado e ser aquela pessoa. Até já tinha comprado o terreno onde ia construir a casa de sonho que eu e a minha mãe planeáramos. Já tinha os planos paisagísticos para o jardim que faria as delícias da minha mãe. Mas quando o meu nome ficou comprometido, compreendi que era apenas isso: um nome. Passei anos a proteger a ideia da Lucca Marino, porém, já não sou aquela rapariguinha ingénua. Apesar de me ter custado muito tomar finalmente a decisão de a deixar ir, a verdade é que ela já não existia há muito tempo. Não preciso de ser a Lucca Marino para manter viva a memória da minha mãe. Ou para fazer as coisas que ela teria querido que eu fizesse.

Todos os olhos estão postos em mim, incluindo os da Rachel.

— Vamos lá ver se percebi bem. Está a dizer que aquela pessoa não é a senhora — repete a detetive West.

Arqueio as sobrelhas e abro a boca. E depois ponho a cabeça de lado num assomo de perplexidade.

— A mulher naquele quarto de hotel é a Lucca Marino. Não sei de que outra forma posso dizer a mesma coisa. — Podiam ligar-me a um detetor de mentiras que passaria no teste sem problema.

A Rachel interrompe.

— A minha cliente está a referir-se a uma mulher que esteve recentemente em

Lake Forbing, no Luisiana. Esteve envolvida num acidente de viação e não sobreviveu.

Assinto e acrescento:

— A Lucca estava a viver aqui quando a Amy morreu. Elas conheciam-se.

— Sabe qual era a relação dela com a Amy Holder? — indaga a detetive West. Tirou o portátil e parece ter-se posto a pesquisar o nome Lucca Marino.

— Volto a frisar — intervém a Rachel — que não estamos aqui para responder a perguntas sobre os amigos da Amy Holder.

Levanto uma mão no ar e digo:

— Está tudo bem, Rachel. Posso responder a esta pergunta. — Tenho de dar o enquadramento perfeito. — A Amy andava com más companhias, entre as quais a Lucca. É tudo o que posso dizer-vos. — Uma vez mais, o tom é a chave.

Dão-me mais algumas fotografias, imagens que eu já sabia que estavam na posse da Polícia, incluindo aquela que me mostra a arrastar a Amy do carro para casa.

Olho para eles e encolho os ombros.

— A pessoa em todas estas imagens é a Lucca Marino.

A detetive West está absorta na informação que lhe aparece no ecrã. O detetive Crofton aproxima-se e balbucia:

— As semelhanças são impressionantes.

Presumindo que encontraram uma fotografia da mulher, espreito de esguelha e olho para o ecrã. Nem mais, é a fotografia que a mãe do James publicou no Facebook, sobre aquela sopa idiota. Ela tem o cabelo apanhado, está sem maquilhagem, usa calças de ganga e uma *T-shirt* lisa. Podíamos ser gémeas. O senhor Smith vai arrepender-se de ter encontrado uma correspondência tão perfeita.

Por esta altura, a detetive West também já deve estar a consultar os registos que o Devon criou, registos esses que mostrarão que a Lucca Marino arrendou um apartamento na baixa de Atlanta no período correspondente à morte da Amy. Para jogar pelo seguro, haverá igualmente uma série de multas de estacionamento para um veículo registado nesse nome e imobilizado uma rua abaixo da morada da Amy, fornecendo a prova de que a Lucca esteve na área.

Quando eu e o Devon nos separámos em Nashville, eu segui para a Carolina do Norte, mas o Devon voltou ao Luisiana. Quando estes detetives telefonarem para a Polícia de Lake Forbing e fizerem perguntas sobre a Lucca Marino e a sua estada ali, serão informados da pasta cheia de fotografias e informações relativas à Amy Holder que foi descoberta num saco esquecido no quarto do James. O saco que o Devon lá pôs. Foi também ele que telefonou à Polícia, fazendo-se passar por um prestável voluntário da igreja, alertando para o facto de haver mais um objeto pessoal da Lucca Marino a juntar aos que já haviam sido recolhidos, por forma a

garantir que ficava na posse da Polícia.

— Porque é que a Lucca Marino a seguiu para o Luisiana? — quer saber a detetive West.

Encolho os ombros.

— Não é uma pergunta a que possa responder.

Não estou aqui para lhes resolver o crime, apenas para garantir que seguem a direção que aponto.

O meu chefe esforçou-se bastante para encontrar alguém que fosse a minha cara chapada, que pudesse assumir a minha identidade e fazer-se passar por mim. Encheu as redes sociais com fotografias dela e certificou-se de que a cidade em peso falava sobre ela. Contemplou todos os cenários, sem deixar pontas soltas. E depois eliminou-a.

Eliminá-la inviabilizou qualquer possibilidade de a interrogarem, de modo que não há ninguém que possa refutar aquilo que conto aos detetives.

O senhor Smith julgou que apenas me estaria a dificultar a vida caso um dia quisesse retomar a minha identidade verdadeira, mas ontem preguei, por assim dizer, o último prego no caixão. Graças à farda que comprei na Goodwill e à minha última paragem em Eden, os registos dentários da mulher coincidem agora com uns registos de uma tal Lucca Marino num consultório dentário em Eden, Carolina do Norte, completando a identificação do seu corpo.

Se é para perder a Lucca Marino para sempre, terá de valer a pena.

Enquanto os detetives estão embrenhados no ecrã do computador, a Rachel olha para mim do outro lado da mesa. Devolvo-lhe o olhar.

— Detetives — diz por fim —, viemos até cá e, no entanto, não há absolutamente nada que associe a minha cliente à morte da Amy Holder. Agora, a menos que haja mais alguma coisa...

— Vamos verificar esta informação nova. Só para garantir que temos tudo o que precisamos da sua parte, pode dizer-nos onde estive na noite de vinte e sete de agosto? — Ainda não estão prontos para largar o osso.

Relaxo na cadeira. Serena. Controlada.

— Depois de a Polícia em Lake Forbing me ter informado de que havia sido emitido um mandado em meu nome, consultei o meu calendário para verificar onde me encontrava quando a Amy morreu. Nessa noite, tinha ido jantar a casa de um amigo. Ele e a mulher tinham acabado de ter um bebé e convidaram-me para o conhecer.

A única mentira na minha resposta foi a data do jantar. Aquele jantar tinha acontecido na semana anterior.

A detetive West segura na caneta sobre o bloco.

— Pode dar-nos o nome e o número da pessoa com quem jantou nessa noite?

— Sim, claro. Chama-se Tyron Nichols.

A cabeça do detetive Crofton surge subitamente por trás do ecrã.

— O Tyron Nichols que joga nos Falcons?

Sorriso.

— Esse mesmo, é um velho amigo.

Outra verdade.

Pegando no meu telefone, digo:

— Eu contei-lhe que me vinha encontrar convosco esta manhã e ele disse-me para lhe telefonar caso precisassem de verificar alguma coisa com ele. Quer que o ponha em linha? Se puder ser evitado, ele prefere não divulgar o seu número particular.

O detetive Crofton salta perante a hipótese de falar com um dos mais famosos jogadores dos Atlanta Falcons.

Opto por lhe ligar via *FaceTime*: ver para crer.

O Tyron surge no ecrã. Está sentado na sua cadeira no escritório lá de casa. A parede atrás dele está cheia de molduras com estampas, artigos e camisolas que retratam o período que passou a jogar futebol americano na escola secundária da Florida Central, seguido das temporadas na Ole Miss, sob a égide do treinador Mitch Cameron, e depois a ascensão à NFL. Percorreu um longo caminho desde os tempos em que não passava de um ingénuo rapaz de dezoito anos cujo maior sonho era ganhar uma bolsa de estudos integral para jogar futebol americano na equipa da universidade, na esperança de, um dia, poder dar à família uma vida melhor.

— Olha quem é ela — diz ele, na sua voz ribombante.

— Olá, Tyron. Tens um segundo para falar com os detetives? — Reviro os olhos, para compor o cenário.

— Claro, podes passá-los.

Entrego o telemóvel ao detetive Crofton, que está com um ar absolutamente estonteado.

— Sim, ora viva, senhor Nichols. Sou o detetive Crofton da Polícia de Atlanta. Precisamos de verificar o paradeiro da Evie Porter na noite de vinte e sete de agosto. Ela afirma que, nessa noite, esteve em sua casa.

Encosto-me na cadeira e dou com a Rachel de olhos novamente fixos em mim. Sorrio-lhe levemente.

— Com certeza — aquiesce o Tyron. — Ela esteve cá nessa noite. Foi na semana em que jogámos em casa contra os Saints. Durante a época, as terças à noite são o momento de jantar em família, de modo que era a melhor altura para cá vir conhecer o nosso filho.

O detetive Crofton dá-se por satisfeito, mas a West não se deixa deslumbrar e tem outra pergunta.

— A que horas é que a Evie Porter chegou e saiu da vossa casa nessa noite?

— Fui buscá-la depois do treino, o que deve ter sido por volta das cinco da tarde. Ela ficou até bastante tarde, porque fazia muito tempo que não nos víamos. Ela e a minha mulher abriram uma garrafa de vinho aí pelas nove ou dez, acho? — Ele dá uma sonora gargalhada. — E depois, como não podia deixar de ser, atiraram-se à máquina de *karaoke*. Minha nossa, aquelas duas julgam que sabem cantar.

Atar as pontas soltas.

O detetive Crofton remata:

— Obrigado. Temos tudo do que precisamos. Agradecemos a sua colaboração.

— Sempre às ordens — diz o Tyron.

O detetive Crofton devolve-me o telemóvel e eu olho para o Tyron no ecrã.

— Obrigada por ajudares a esclarecer.

Ele ri-se.

— Sem problema. Já que estás na cidade, vens cá jantar, certo? Nem vais acreditar como o Jayden está tão crescido.

— Claro que vou! Ligo-te assim que sair daqui e combinamos.

Termino a chamada e dirijo a minha atenção para os detetives.

Estão a olhar para mim, depois olham um para o outro, comunicando em silêncio.

A detetive West fecha o bloco.

— Penso que já abordámos todos os pontos que tínhamos para hoje. Entraremos em contacto, caso tenhamos mais perguntas para a menina Porter.

Arrumam os seus pertences num instante e saem.

Eu e a Rachel permanecemos sentadas frente a frente.

— Não sabias quem era a Lucca Marino da primeira vez que ela apareceu com o James na festa do *derby* — declara.

Abano a cabeça.

— Se a tua memória for boa, verás que comentei que ele apareceu com uma mulher. Não referi se a conhecia ou não.

É por estas e por outras que digo a verdade sempre que posso.

A Rachel levanta-se da cadeira e alisa a saia.

— Bem, quer-me parecer que resolvemos o assunto da melhor maneira possível.

Encolho os ombros.

— Estou aliviada por ter terminado, só isso. — Só que ainda não terminou. Pelo menos, não para mim. Acabei de superar uma das maiores ameaças que já enfrentei, mas um perigo maior ainda espreita.

A Rachel pega na pasta e encaminha-se para a porta, contudo, não a abre.

— Sim, eu também. Odiaria pensar que tiveste alguma coisa que ver com a morte daquela mulher.

Olhando diretamente nos seus olhos, digo:

— Se há coisa em que podes acreditar é que a Lucca Marino era a mulher que estava no quarto com a Amy naquele dia.

Fitamo-nos durante uns instantes e depois ela sai da sala sem mais uma palavra.

Enquanto a Rachel tem direito a ir-se embora e a não pensar mais no assunto, eu enfrento uma situação bem diferente. A minha partida não será tão tranquila como a minha chegada.

Tiro o meu novo telemóvel não rastreável da bolsa e ligo ao Devon assim que saio para o corredor.

— Tudo tratado com a Polícia — digo-lhe imediatamente.

— Ainda bem — responde. — Agora, falta tratar do outro problema.

— O Ryan já cá estava quando cheguei. Preciso dele fora daqui. Há alguma coisa que possas fazer a esse respeito?

Oiço os estalidos familiares de quem tecla furiosamente no teclado.

— O que é que ele traz vestido?

Puxo pela cabeça.

— Calças de ganga e uma camisa azul-escura.

— Muito bem, vou telefonar para a segurança do hotel e fazer queixa dele por comportamento suspeito. Não vai durar grande coisa, mas deverá dar-te tempo para saíres do edifício. Usa o auricular por *Bluetooth*. Quero estar em linha contigo.

Procuro na bolsa o pequeno auricular do tom da pele desenhado pelo Devon e sincronizo-o com o telefone. Desfaço o rabo-de-cavalo e enfito o auricular no ouvido direito. Condiz com o meu tom e, assim escondido por baixo da cabeleira, é difícil de detetar.

Guardo o telemóvel no bolso de trás e ponho-me a caminho. A insistência do Devon para manter esta linha aberta quando estou prestes a entrar na toca do lobo atinge-me com força. Ele está a pôr-se numa posição vulnerável por mim.

— No caso de não o poder dizer depois, obrigada por tudo. Obrigada por seres meu amigo.

Ele pigarreia.

— Não vamos fazer essa merda agora. Mantém a cabeça no jogo. E, se for preciso, põe-te a andar. Nunca é demasiado tarde para desistir.

Empurro a barra metálica na porta que dá para as escadas, ao fundo do corredor. O recinto cimentado é húmido e escuro e a minha voz ecoa nas paredes.

— Estou a descer.

Quando chego ao piso do átrio, empurro lentamente a porta no preciso momento em que dois seguranças fardados do hotel interpelam o Ryan. Aproximam-se, fechando o cerco e dizendo coisas que não consigo ouvir, enquanto ele olha em volta. Os seguranças fazem-lhe sinal para que os acompanhe, mas ele

argumenta, continuando a prestar mais atenção aos elevadores do que aos homens à sua frente.

Então, seguram-no pelos braços, um de cada lado, e ele parece querer resistir, mas acaba por relaxar e deixar-se levar. Enquanto o escoltam, ele ainda olha uma última vez para trás.

Assim que desaparecem, esgueiro-me para longe das escadas e sussurro:

— A caminho da saída.

— Tenho acesso às câmaras da rua, vou ver-te assim que saíres pela porta.

A saída mais próxima conduz para a rua lateral. Estou a meros passos quando oiço:

— Ei, Lucca.

Rodo nos calcanhares e paraliso ao ver quem é.

— Que curioso ver-te aqui, George.

— Leva-o para a rua — diz-me o Devon ao ouvido. — Não consigo ver-te aí dentro.

— Não te deveria surpreender, visto que faltaste ao encontro que tínhamos marcado ontem — contrapõe ele.

Aceno com a cabeça na direção da porta, para lhe dar a entender que pretendo continuar a conversa lá fora. Ele assente em concordância.

— Já te tenho. Caminha para norte, na direção do cruzamento — instrui o Devon.

Embora não consiga ver as câmaras, sinto um certo alívio por saber que há outra pessoa no mundo atenta ao que se passa comigo, mesmo que, neste instante, ele não possa fazer grande coisa por mim.

— És o plano B se não resultar com os detetives, é isso? — Exige um grande esforço da minha parte, manter a voz forte e firme.

O George dá uma gargalhada.

— Eu devia ser o plano A. Se lhe tivesses dado o que ele queria, não terias de te preocupar com a Polícia.

Encolho os ombros e olho para ele a caminhar ao meu lado.

— Até à próxima vez que voltasse a aborrecê-lo. Ele não teria problemas em jogar a mesma cartada. Quero dizer, os homicídios não prescrevem.

— Talvez devesse ter pensado nisso antes de acenderes aquele fósforo — diz ele calmamente.

— O Ryan saiu do hotel. — O Devon de novo.

Inspiro fundo e solto o ar lentamente. Mais uma vez.

— Tenho uma longa lista de arrependimentos e terei de viver com aquilo que fiz. — Então, olho diretamente nos seus olhos. — Não tens de fazer isto.

Paramos a poucos metros da passadeira e ele olha fixamente para mim, os seus olhos perscrutando-me o rosto.

— Não quero fazer isto. Mas tenho de obter o que está naquele cofre. Ambos sabemos que é a única opção em cima da mesa. Estou de mãos atadas, Lucca. Não me deste alternativa.

— E depois? — pergunto num sussurro.

Ele põe as mãos na anca e dá uns passos para trás, varrendo as ruas com o olhar. Vira-se de frente para mim.

— Se calhar, vou estar distraído enquanto estiver a verificar o conteúdo do cofre. Se calhar, não vou reparar que te evaporaste.

Ele quer que eu pense que me vai deixar escapar. E até me pode deixar escapar por agora, mas não tardará até que o tenha novamente à perna.

O semáforo pisca, indicando que podemos atravessar, e caminhamos ao longo dos dois quarteirões seguintes em silêncio até chegarmos ao edifício do banco.

— Se vais desistir, agora é o momento — diz-me o Devon ao ouvido. — Assim que entrares, não poderás voltar atrás.

O George começa a subir os degraus da entrada do banco, mas eu não consigo mexer-me.

— Vens? — pergunta.

Afasto o pensamento e sigo-o. Desistir nunca foi uma opção.

Nome falso: Regina Hale — Seis meses antes

Quando a cabeça do fósforo se inflama, sinto logo o nariz a arder do cheiro a enxofre. Seguro no fósforo um instante, para me certificar de que a chama se mantém acesa, e depois atiro-o para cima da cama. As labaredas espalham-se e crescem à medida que o fogo se alimenta das fibras sintéticas do edredão, ganhando intensidade quando alcançam o casaco vermelho.

Enfiando os últimos objetos pessoais da Amy no meu saco preto, lanço um último olhar em redor, por forma a garantir que não me esqueço de nada, e depois atiro o saco para cima do carro do serviço de quartos. As chamas escalam rapidamente e o quarto enche-se de fumo preto e espesso. Está na altura de me pôr a andar.

Abro a porta do quarto e empurro o carro para o corredor, dirigindo-me para o elevador de serviço que está à minha espera. Quando chego ao rés-do-chão, encontro o Devon. Tiro o saco e entrego-lhe o carro. Não há qualquer troca de palavras quando nos separamos, ele segue na direção da garagem, para sair do outro lado do quarteirão, e eu atravesso as cozinhas rumo à porta que conduz para o beco na lateral do hotel.

Destranco o carro e atiro-me para o lugar do condutor. Tenho as mãos a tremer quando tiro o telemóvel e digito o número que tenho para emergências.

O senhor Smith atende ao primeiro toque.

— Que porra aconteceu? — Ele já sabe do incêndio.

Exalo tremulamente na esperança de que me oiça.

— Ela já estava deitada quando entrei no quarto. Estava completamente embriagada e tinha um cigarro aceso pendurado na boca. Aproximei-me dela com uma seringa de *Robygnol*, mas ela ficou violenta assim que cheguei perto da cama. O cigarro caiu-lhe da boca e foi parar à colcha. Havia uma garrafa de vinho vazia ali ao lado, mas o líquido deve ter ensopado os lençóis, porque a cama foi devorada pelas chamas no espaço de segundos. Ainda tentei agarrá-la, mas ela... já tinha pegado fogo. As roupas dela... — A voz falha-me e deixo escapar um gemido. — Foi horrível. E tão rápido. Ela... tragada pelas chamas. — Falo num tom agitado. Assustado. A voz treme-me.

Do outro lado, ele está calado.

— Havia alguma coisa de útil no quarto? — pergunta por fim.

— Não sei. Ia procurar depois de a ter sob controlo, mas tive de sair assim que o alarme de incêndio soou. Não me foi possível recuperar nada.

— Não levaste nada contigo?

— Não. Nada. Enfiei o saco preto debaixo do casaco, ninguém me deve ter visto com ele.

Espero pela resposta ou por outra pergunta, mas há apenas silêncio. Finalmente, diz:

— Constatou-me que ela te ameaçou no passeio em frente ao hotel. Uma ameaça que me envolvia a mim pessoalmente.

— Ela estava completamente bêbada. Parecia tresloucada — observo, mas não desminto o que ela disse.

— Ser-te-ia deveras conveniente estares na posse de algo que pudesse ser usado contra mim e dizeres-me o contrário. — Sinto uma frieza no tom que nunca ouvi anteriormente.

Com uma voz trémula, respondo:

— Não sei que informações é que ela tinha contra si. Não encontrei nada em casa dela, nem no carro ou no quarto de hotel. Se o tinha com ela, deve estar transformado em cinzas por esta altura.

Silêncio. Um silêncio interminável.

Depois do que me parece uma eternidade, diz:

— Voltaremos a falar. — E então desliga.

Pouso a cabeça no volante e inspiro fundo. O coração martela-me o peito. A mão atrapalha-se quando tento rodar a chave na ignição. Demora alguns minutos, mas lá consigo pôr o carro a trabalhar e, quando arranco, começam a chegar vários camiões dos bombeiros.

Dali a dois quarteirões, estaciono em frente ao banco Wells Fargo, onde entro.

CAPÍTULO 25

Hoje

Entramos no banco e encaminhamo-nos para a receção onde devo anunciar o meu nome para entrar na caixa-forte.

— Bom dia, em que posso ajudar-vos? — pergunta a mulher.

Finjo um sorriso.

— Bom dia. Preciso de aceder ao meu cofre.

— Com certeza! Nome e número do cofre?

— Regina Hale. Número 3291.

Mostro o cartão de identificação que usei com a minha última identidade e a pequena chave que guardei durante meses. Ela abre o livro-mestre na página relativa ao meu cofre e assino por baixo da última — e única — vez que acedi ao cofre. No dia em que subscrevi o serviço.

— Tens companhia lá fora. Ele acabou de chegar. Está parado junto aos degraus. — Oiço o Devon sussurrar pelo auricular.

Respiro pausada e profundamente, enquanto eu e o George seguimos a funcionária pela caixa-forte até uma sala privada, cujas paredes estão forradas com pequenas portas de bronze e onde há, no meio, uma mesa comprida. A funcionária enfia uma chave numa ranhura enquanto eu enfio a minha chave na outra. Rodamos as chaves ao mesmo tempo.

Assim que a porta se abre, diz:

— Pode pôr a gaveta em cima da mesa e demorar o tempo que for preciso.

Nisto, sai e fecha a porta. O único som vem do relógio na parede. *Tiquetaque, tiquetaque*. Sinto como se a sala se fechasse sobre mim.

O George mete a mão dentro do cofre e tira a gaveta, o conteúdo ainda oculto sob a tampa fechada. Pousa-a em cima da mesa.

Olha para mim. Cinco segundos. Depois dez. Ambos sabemos que, doravante, as coisas não voltarão a ser como eram. Vislumbro-lhe um laivo de tristeza e porventura um certo arrependimento no olhar, contudo, recuso-me a mostrar qualquer emoção que seja. Por fim, ele volta a sua atenção para o cofre e começa lentamente a levantar a tampa.

A única coisa que está lá dentro é um pequeno cisne branco de *origami*.

Um olhar de confusão espalha-se-lhe pelo rosto durante um ou dois segundos.

A confusão transforma-se em raiva. Uma raiva que o consome de tal forma que parece sugar todo o ar da sala. Estreita os olhos e junta as sobrancelhas. Cerra o maxilar.

Tiquetaque, tiquetaque.

— Quer-me parecer que já não tenho de te chamar George — digo, quando mais não seja para abafar o som do relógio.

Ele pega no cisne, segurando-o por uma das pequenas asas, e gira-o.

Então, com todo o tempo do mundo, abre-o devagar, constatando que a folha está vazia. Não restam dúvidas de que neste cofre não há qualquer informação sobre ele ou sobre o Victor Connolly.

Tinha-me preparado para uma série de reações possíveis, mas não previ esta fixação com o cofre vazio.

— Costumava achar que escolheste o nome Smith por seres um grande fã do *Matrix* ou só por falta de imaginação, mas afinal és, literalmente, o senhor Smith. Senhor Christopher Smith. É genial, na verdade. O teu nome já é um dos nomes mais genéricos que existem.

Já estou a divagar.

Ele solta uma gargalhada sem qualquer pinga de divertimento.

Encara-me finalmente, ainda com o papel desdobrado na mão. Um passo, depois dois. Por cada passo que dá na minha direção, eu recuo outro.

O papel escorrega-lhe da mão e vai a pairar até ao chão.

Outro passo em frente.

E eu, outro passo atrás.

— Quando é que descobriste?

— Quando descobri que o meu chefe e o rapaz das entregas são a mesma pessoa? Quando descobri o teu nome verdadeiro? Ontem à tarde.

Ele meneia a cabeça na direção do cofre vazio.

— Mas isto estava à minha espera há muito mais tempo.

Assinto.

— Apesar de estar impressionado com a tua capacidade de descobrir o que muitos outros tentaram desvendar sem sucesso no passado, o facto de seres o meu nome não muda nada. — Há uma certa intensidade na voz que me faz intuir que deve estar a fazer das tripas coração para manter o controlo. — Onde está a informação que a Amy Holder me roubou? Saíste daquele hotel mal o quarto dela se incendiou e esta foi a primeira paragem que fizeste. Não me mintas outra vez dizendo que não a guardaste para ti. — Ele olha para a centena de outras caixas alinhadas nas paredes e consigo adivinhar o que estará a pensar: que tenho outro cofre e que deve estar aqui por perto.

— Oh, eu recuperei o que a Amy roubou, sim, mas não o deixei aqui — informo, gesticulando para a sala. — Mas eu sabia que ias pensar que sim. Foi uma das muitas lições que me ensinaste: *É difícil sermos descobertos se não estivermos na posse do que roubámos quando nos apanharem.*

Agora que estou encostada à parede, estamos a meros centímetros um do outro. As pegas metálicas das caixas atrás de mim cravam-se-me na pele. Uso a dor para me ajudar a concentrar. Posso estar à sua mercê nesta sala, mas do outro lado da porta há uma multidão. Não lhe vai ser fácil sair daqui sem mim, já que a mulher que nos deixou entrar está à espera para voltar a fechar a caixa à chave.

— Falhaste num trabalho para teu próprio proveito.

— Estás a assumir que falhei. Aquele trabalho foi concluído com sucesso, tu é que não compreendeste qual era o objetivo final. — Cuspo-lhe na cara as suas próprias palavras e, a julgar pelo olhar que me lança, sei que estaria morta se estivéssemos em qualquer outro sítio.

Ele cruza os braços.

— Parece que somos mais parecidos do que queres admitir. Em vez de concluíres o trabalho do qual foste incumbida, aproveitaste-te da situação.

As palavras surtem o efeito pretendido, mas não posso deixar que entre na minha cabeça.

— Aprendi... tanto contigo ao longo dos anos. Mas, provavelmente, a coisa mais importante que aprendi foi: *Fazer o que for preciso para me salvar a mim e ao trabalho.* Tentei sempre viver à altura destas palavras.

— Percorreste um longo caminho desde que saíste daquele parque de caravanas na Carolina do Norte. Tinha expectativas elevadas a teu respeito, mas foste uma desilusão — escarnece.

— Ambos sabemos que fui a tua melhor agente. Não sabes o que são desilusões.

Ele inclina-se sobre mim, numa posição que me obriga a pôr a cabeça de lado para olhar para ele de frente.

— Há quanto tempo planeias trair-me?

— Quatro anos — respondo, sem me dar ao trabalho de o corrigir. — Apenas há metade do tempo que andas a fazer o mesmo.

Percebo que está a recapitular mentalmente que acontecimento de há quatro anos terá desencadeado esta viragem abrupta. Por fim, diz:

— O trabalho Tate.

Assinto.

— O trabalho Tate.

Ele endireita o corpo e estica os braços para os lados.

— Vais explicar-me o objetivo de tudo isto? Presumo que haja uma razão para estas acrobacias.

— A Amy disse-te que tinha informação sobre o Victor Connolly e os crimes cometidos pela família, mas o que ela, na verdade, tinha eram provas de que *tu* é que andavas a enganá-los *a eles* há vários anos. Não é lá muito boa ideia intrujar uma das maiores famílias do crime organizado da Costa Leste. Ela tinha tudo: comprovativos de transferências, documentos e comunicações que mostram que tens andado a roubar-lhes dinheiro, a vender os seus segredos e a usar informação em teu próprio proveito, em vez de os beneficiar a eles. Levaste-os a crer que lhes ofereces proteção quando, na realidade, és a sua maior ameaça. Mas não adiantava ter material para te chantagear se não sabia o teu nome verdadeiro, Christopher.

Todo o sarcasmo se lhe desvanece no rosto.

— Deixa-te de merdas. O que é que queres, Lucca?

— Absolutamente nada. E agora sou Evie Porter. Já gastei demasiada energia contigo. Deixo-te um aviso amigável, em nome dos muitos anos que passaram desde que nos conhecemos. Tens uns velhos amigos à tua espera lá fora. Não devíamos fazê-los esperar muito mais. — Fito-o durante dois ou três segundos, antes de prosseguir. — Julgavas que não teria um plano de contingência?

Ele arqueia uma sobranceira enquanto me observa. Foi sempre exímio a usar o silêncio como uma arma, e agora não é diferente.

— O dia de hoje não termina como pensas — diz ele, com o rosto a centímetros do meu. — É melhor começares a olhar por cima do ombro, porque te prometo que um dia estarei atrás de ti quando menos esperares.

— O que me era mais precioso já mo tiraste. A Lucca Marino está morta e enterrada. Não há mais nada que possas usar contra mim.

Ele afasta-se de mim e faço um esforço sobre-humano para não desabar no meio do chão. Ele abre a porta com tanta força que esta embate contra a parede.

Mesmo antes de sair da caixa-forte, ainda lhe digo:

— Não me venhas com sentimentalismos. Trabalho é trabalho.

Mal chega ao átrio do banco, já está de telemóvel ao ouvido. A mulher que nos acompanhou à sala aproxima-se, mas eu aceno-lhe negativamente com a cabeça.

— A caixa já não vai ser precisa. A chave ficou lá.

— Com certeza, senhora Hale, preciso apenas que assine os documentos de fecho de conta...

Ignoro-a, porque quero seguir o senhor Smith até à rua e presenciar o momento exato em que se encontra com o Victor Connolly e vários membros da família Connolly que estão à sua espera nos degraus da entrada. Vacila alguns segundos antes de desligar o telemóvel, enfiando-o no bolso de trás. Tenho a impressão de que endireita os ombros antes de caminhar na direção do homem a quem tem roubado milhões de dólares. Não olha para trás, para mim, uma única vez.

Enquanto o escoltam para o banco de trás do SUV, o Victor Connolly acena-me com a cabeça antes de ele próprio se sentar no banco do pendura. Ontem à noite, tratámos de garantir que toda a informação recolhida pela Amy lhe fosse entregue no seu quarto de hotel, juntamente com a promessa de, hoje, lhe dar de bandeja o homem que andara a traí-lo. Acredito que, no passado, o senhor Smith se tenha livrado de vários imbróglis, mas não creio que se safe desta vez.

— Caramba, L, devia ter-te posto também uma câmara. Teria adorado ver a cara dele quando abriu a caixa — diz-me o Devon ao ouvido.

— Tenho vontade de vomitar. — Agora que chegou ao fim, a adrenalina que me deu forças dissipa-se vertiginosamente. — É difícil conciliar o tipo que conhecia como George com o senhor Smith.

— É de deixar o cérebro num oito. Apanha um táxi. O teu avião parte daqui a hora e meia.



Acabei de aterrar, envio por mensagem antes de atirar o telemóvel para o banco do pendura.

É meia hora de viagem até ao meu destino e estou exausta. Não sei se consigo chegar ao fim sem adormecer. Felizmente, não tardo a avistar o acesso para a casa. Depois da curva, percorro a sinuosa estrada de gravilha.

Está escuro como breu, portanto, agradeço ao ver que a luz da frente está acesa. Arrasto-me para fora do carro e subo a custo os degraus do alpendre. Encosto-me à campainha e só alívio a pressão quando a porta se abre de rompante.

— Um bocado exagerado, não achas? — diz o Devon ao escancarar a porta.

— Foram os três dias mais longos da minha vida. — Caio no sofá e descalço-me, atirando os sapatos ao ar. — Vou dormir três dias seguidos.

— Há um quarto ao fundo do corredor — diz ele. No entanto, como já sabe que não me vou mexer dali, tapa-me com um cobertor e desliga o candeeiro na mesa de apoio.

— Presumo que tenha corrido tudo bem?

Levanto a cabeça a muito custo. Ela está vestida com um pijama simples e tem o cabelo espetado em todas as direções. Depois da semana que tive, o meu lado mesquinho fica contente por tê-la acordado.

— Afinal de contas, não vou ser acusada pelo teu homicídio.

A Amy Holder dá uma gargalhada, ao mesmo tempo que começo a fechar os olhos e morro para o mundo.

O trabalho Tate em Fort Worth, no Texas, foi o primeiro que me permitiu saber com certeza que não era a única pessoa a trabalhar para o senhor Smith. Como o Devon vigiou o sistema de segurança durante vários dias antes de eu entrar em cena, conseguiu obter imagens das outras pessoas que foram enviadas com o mesmo propósito. Quando lhe pedi que identificasse todos os que tentaram recuperar o quadro da casa dos Tate, ele fez o que lhe foi possível.

E é por isso que agora me encontro numa pequena cidade na Florida, a olhar para uma adorável casinha de praia pintada de cor-de-rosa, rodeada de areia por todos os lados. Daqui, não vejo o oceano, mas consigo ouvi-lo.

O carreiro à frente da casa não é mais do que uma amálgama de pedras com formatos estranhos, dispostas numa linha desordenada que conduz ao alpendre. Se for como eu, ela já saberá que aqui estou.

A porta abre-se quando estou a poucos passos.

— Olá — digo, com um grande sorriso no rosto.

— Posso ajudar-te?

— És a Amy Holder? Tens um minuto?

Está na defensiva, como seria de esperar. Eu faria o mesmo no seu lugar. Pessoas como nós protegemos o nosso porto seguro a todo o custo e raramente temos visitas não anunciadas de estranhos.

— Podes dizer o que queres aí de onde estás.

Assinto e reflito sobre a melhor forma de prosseguir.

— Preciso de falar contigo por causa do trabalho Tate em Fort Worth.

A única reação que obtenho dela são sobranceiras levantadas.

— Temos o mesmo empregador — acrescento.

Ela cruza os braços ao peito.

— É melhor ires-te embora.

Raios. Consigo ver nos seus olhos que se prepara para fugir.

Levanto a mão como se quisesse impedi-la.

— Sentir-me-ia como tu se alguém me aparecesse em casa assim. Temos mesmo de falar, mas vou deixar ao teu critério quando e onde. — Vasculho na bolsa e tiro uma caneta e um recibo do posto de gasolina onde abasteci o carro há

pouco, em cujo verso anoto os meus dados de contacto. Fitando-a nos olhos para que perceba que estou a ser sincera, digo: — Está aqui o meu número. Assim como o meu nome verdadeiro, que só muito poucas pessoas conhecem. É importante falarmos. Estarei em Panama City Beach à espera de notícias tuas.

Regresso à estrada, ponho o papel na caixa de correio e vou-me embora sem dizer mais nada. Estou a correr um risco colossal, mas não tenho alternativa.

Ela estabelece contacto daí a cinco dias.

Avisa-me, apenas com quinze minutos de antecedência, de que vá ter com ela a um mercado biológico perto da praia. Com muita gente e muito barulho, é exatamente o sítio que eu teria sugerido se estivesse no lugar dela.

— A única Lucca Marino que corresponde à tua idade e etnia é mencionada no obituário da Angelina Marino, de Eden, na Carolina do Norte.

Assinto.

— E é a única coisa que será possível encontrar até eu decidir algo em contrário.

Caminhamos entre as bancas, desviando-nos das crianças que por ali andam, até que chegamos a uma pequena área com mesas de piquenique. Sentamo-nos a uma mesa livre, ao fundo, cada uma do seu lado.

— Desembucha.

Vou direito ao assunto.

— Tenho um amigo que me dá uma mãozinha nos trabalhos. Antes de eu avançar com o trabalho Tate, ele entrou no sistema de segurança. Tu apareceste logo a seguir a mim e levaste a imitação que eu lá deixei.

Ela fica calada durante uns momentos até que finalmente diz:

— Levei uma reprimenda por ter entregado uma falsificação sem me dar conta.

— Deve ter sido o quadro mais feio que já vi. É bastante compreensível que não tenhas concebido a hipótese de alguém o recriar — digo, para aliviar a tensão.

Ela dá uma gargalhada. É curta e apagada, mas convence-me.

Mas perco o sorriso logo a seguir quando penso no que tenho para lhe contar.

— Sabias que não fomos as únicas a tentar recuperá-lo?

Ela diz que sim com a cabeça.

— Sim, disseram-me que era uma espécie de teste idiota, em que o vencedor ganhava um bónus.

— Foi mais do que um teste, se queres a minha opinião — contrapus calmamente. — O meu amigo conseguiu identificar toda a gente. Fui à procura deles, tal como fiz contigo.

— E?

Aclaro a voz.

— E somos só nós. Sobrámos nós.

A Amy endireita-se.

— Como assim?

— O senhor Smith quis fazer uma limpeza e esta foi a forma que arranjou para separar o trigo do joio. E depois de tudo o que vimos e fizemos, não pode, simplesmente, despedir-nos.

Enquanto enumero os nomes das outras pessoas e as respetivas causas de morte, ela fita-me sem pestanejar.

— Da forma como vejo as coisas, foste poupada porque conseguiste resolver o *puzzle*. Percebeste que devias ir à lavandaria, apesar de teres saído com o quadro falso.

Quando pedi ao Devon que localizasse toda a gente que apanhámos em vídeo, fi-lo por razões egoístas. É uma vida solitária, sempre em movimento e com mentiras constantes sobre a nossa verdadeira identidade. Não via os outros como competição. Via-os como possíveis amigos. Outros que compreenderiam os desafios de viver e trabalhar desta forma. Um grupo no qual poderíamos ser nós mesmos e, quem sabe, ajudarmo-nos mutuamente, nem que servíssemos apenas de caixas de ressonância nos trabalhos mais difíceis. O Devon estava muito reticente quanto a localizar os outros, mas acabei por convencê-lo. No entanto, nenhum dos dois estava preparado para descobrir que, pouco depois daquele trabalho, toda a gente, à exceção da Amy, acabou vítima de algum acidente grave ou doença fatal repentina.

A Amy continua sem dizer nada.

— É apenas uma questão de tempo até falharmos num destes testes. Se não fosse pelo meu amigo, eu jamais descobriria que tinha de ir até à lavandaria. Ele salvou-me a vida, literalmente. — Ela desvia o olhar e fixa um ponto na multidão.
— E não vou ficar à espera de que ele me elimine.

Obtenho finalmente uma reação. Ela franze o sobrolho, como se ponderasse as minhas palavras e o que significam.

— E queres sair, é isso? Isso já eu tentei... mas é impossível. — A voz falha-lhe, e pressuponho que não me diz tudo o que pensa.

— Temos de nos livrar do senhor Smith — proponho.

Ela põe-se a abanar a cabeça e parece-me que se prepara para se levantar e ir embora. Assustei-a.

Só me resta insistir.

— Tenho andado a pensar nisto há algum tempo. Mas sozinha não consigo. Se alinhares, teremos de fazê-lo com calma. Reunir todas as informações que conseguirmos, seja o que for que possamos usar contra ele. Com a sua falta de escrúpulos, é certo e sabido que terá passado a perna a alguém. Quando tivermos todos os detalhes, entregamo-lo às pessoas que vigarizou. Elas que se livrem dele.

Com o maxilar tenso, a Amy olha para o lado, para um ponto no infinito.

Prossigo.

— E temos de descobrir quem realmente é. Não nos serve de nada denunciá-lo se não revelarmos a sua verdadeira identidade.

Ela abana a cabeça. É demasiada informação para processar.

— A ideia é protegermo-nos a todo o custo — acrescento. — Quando chegar a altura de virar o feitiço contra o feiticeiro, temos de ter tudo controlado ao mais ínfimo pormenor.

Ela levanta-se e dá o primeiro passo para se ir embora, e eu então pergunto:

— Tens família que ele possa usar para chegar a ti? Alguém por quem farias qualquer coisa?

Ela pondera demoradamente se deve ou não responder-me.

— Sim, há uma pessoa. — É tudo o que diz e eu não insisto.

— Nesse caso, temos de assegurar a proteção dessa pessoa.

Por fim, vira-se para mim.

— E tu?

— Não. Eu não tenho ninguém.

Observo-a, enquanto pensa no que dizer.

— Alguma vez lhe disseste que não a um trabalho? Alguma vez te recusaste a fazer alguma coisa que te tenha pedido?

Abano a cabeça.

— Não, nunca.

Ela faz uma careta, dando uma gargalhada de frustração.

— Não fazes ideia do que ele fará se descobrir o que andas a tramar.

Preocupa-me que ela não tenha dito «o que *nós andamos* a tramar», mas, por outro lado, não se foi embora. Ainda não.

— Ele tentará destruir-nos, mas, se nos adiantarmos, será uma daquelas explosões controladas — digo, por fim. — Como naqueles casos em que a única forma de desarmadilhar uma bomba é detoná-la. Controlaremos o máximo possível, de tal modo que, quando a bomba explodir, o que será inevitável, os estragos sejam mínimos.

Ela ri-se de novo, como se eu fosse ingénua. E talvez o seja.

— Então, vais mesmo com isto para a frente — diz a Amy, momentos depois.

— Não me parece que tenhamos outra opção — respondo.

CAPÍTULO 26

No ramo em que trabalho, há as vigarices de curta duração e depois há as vigarices de longa duração, e eu acabei de pôr termo à vigarice mais longa da minha vida. Agora que chegou ao fim, até me sinto meio deprimida.

Estava a brincar quando disse que iria dormir três dias seguidos, mas a verdade foi que estive quase dois dias adormecida. O Devon e a Amy andaram em pezinhos de lã à minha volta, garantindo que me alimentava e guardando para mais tarde as perguntas que estariam certamente mortinhos por fazer.

Para eles, este foi também um trabalho que parecia nunca mais acabar.

— Até que enfim, acordaste — diz o Devon, refastelando-se na cadeira ao lado do sofá.

— Ainda estou meio a dormir. Até parece que estou de ressaca, mas sem ter tido o proveito.

Ele ri-se.

— Sendo assim, ainda é muito cedo para abrir a garrafa de champanhe?

— Nunca é muito cedo para isso — exclama a Amy ao entrar na sala, sentando-se ao lado do Devon. — Bom dia!

— Só se for para ti. — Sinto a necessidade urgente de um café, mas a Amy passa-me uma chávena antes que tenha tempo de lha pedir.

Ficamos em silêncio durante um bocado e então a Amy diz:

— Gostava de ter visto a cara dele quando abriu o cofre.

O Devon ri-se.

— Eu disse a mesmíssima coisa.

Encolhendo os ombros, digo:

— Eu cá queria que ele tivesse ficado de queixo caído, assombrado por termos levado a melhor, mas apenas tive direito a uma sobranceira arqueada.

Na meia hora que se segue, faço-lhes um relato pormenorizado da reunião com os detetives, pois nem o Devon sabia.

— Céus, foi uma sorte ele ter, basicamente, arranjado uma sócia tua. Caso contrário, estavas feita ao bife — diz a Amy. — Mesmo com o álibi do Tyron, seria mais difícil convencê-los de que não eras tu naquelas imagens.

Encolho os ombros.

— Podíamos sempre ressuscitar-te dos mortos para me livrarem da prisão. Ao fim e ao cabo, não sou assassina.

A Amy ri-se.

— Bem visto.

— Ainda bem que a Amy já se tinha metido no cesto da roupa suja quando começaram a filmar. Antes de depositar no quarto o corpo que fui buscar à morgue, inspecionei o edifício e o quarto em frente estava vazio. — Franzindo o sobrolho, o Devon acrescenta: — Detesto quando se me antecipam daquela maneira.

Dou-lhe uma pancadinha amigável com o pé.

— Não te recrimines. Safaste-nos de boa mais vezes do que qualquer uma de nós gostaria de admitir. Não podes ser sempre perfeito.

Eu pensava que já tinha pedido tudo e mais alguma coisa ao Devon até lhe ter pedido que me arranjasse um cadáver. Um cadáver bastante específico. Que tivesse acabado de morrer. Que fosse de raça branca. Que fosse de uma mulher. Uma mulher não identificada que ninguém viesse a reclamar. Com cerca de 1,70 m de altura e cabelo aloirado comprido, cujo corpo vestimos com aquele inconfundível casaco vermelho.

Para que o nosso plano resultasse, era necessário que a Amy Holder morresse de forma aparatosa.

Quando nos começámos a preparar para este dia, o dia em que estaríamos livres do senhor Smith, nenhum de nós sabia o que seria preciso fazer para chegarmos até aqui.

Embora a execução do plano tenha demorado muito mais do que queríamos, o plano em si era francamente simples. Enquanto cada uma desempenhava as respetivas funções nos trabalhos que recebia, íamos procurando provas de que o Smith andava a enganar os clientes. Provas suficientemente fortes que, caso viessem a lume, o fizessem temer pela própria vida.

Sobretudo, tínhamos de descobrir a sua identidade verdadeira.

Mas a Amy tinha razão. Não fazíamos ideia de qual seria a sua reação mal começasse a pôr em causa a nossa lealdade.

Tínhamos de descobrir que informações podia usar contra nós, para adaptarmos o plano em consonância. Por fim, quando a Amy esbarrou na dupla traição ao Connolly, encontrámos aquilo de que precisávamos. Foi assim que a Amy se tornou no cordeiro sacrificial. Seria ela a agente descontente que um dia viraria a boneca. Se o senhor Smith tivesse algum trunfo para a pôr na linha, ver-se-ia então forçado a usá-lo.

E ele fez exatamente o que esperávamos.

Só muito tempo depois é que a Amy me contou sobre a irmã, Heather. Foram ambas dadas para adoção em pequenas, depois de a mãe ter morrido de *overdose* e

nenhum outro membro da família as ter reclamado. Enviadas para famílias diferentes, separaram-se e perderam o contacto. A Amy encontrou a Heather depois de ter começado a trabalhar para o senhor Smith, usando os mesmos recursos que nos eram disponibilizados no decurso das nossas funções. Sabíamos que, se a Amy tinha encontrado a irmã, era bem provável que o senhor Smith também o tivesse feito.

E foi exatamente aí que atacou. O senhor Smith estava munido de provas, prontas a usar, que mandariam a Heather para a prisão por consumo e distribuição de droga, resultando na subsequente institucionalização da sua filha pequena, a Sadie. O pior pesadelo das irmãs.

Assim que o senhor Smith brandiu a primeira ameaça, o Devon conseguiu tirar a Heather e a Sadie do sistema, realojando-as noutro estado sob nomes diferentes. Foi uma solução temporária, mas uma solução.

Aquela explosão estava controlada.

O facto de a Heather e o Devon se terem apaixonado até veio a calhar, pelo que ele tem pessoalmente garantido a proteção de mãe e filha desde então. Jamais alguém conseguiria chegar perto delas.

— E que consequências tem isto para a Heather e a Sadie? — pergunto agora à Amy. — Vão regressar a Tulsa?

— Ela gosta de viver em Phoenix, não me surpreenderia se ficassem por lá. A mudança de ares fez-lhes bem. — A Amy sorri e vira-se para o Devon. — Ouvi dizer que tu talvez também te mudes para Phoenix.

— Talvez — diz o Devon com um encolher de ombros, embora o sorriso o denuncie.

Assim que a Heather e a Sadie ficaram fora da linha de fogo, a Amy mudou-se para Atlanta, onde seguiria o plano de agir de forma errática e instável. O senhor Smith ver-se-ia limitado a uma única opção — enviar alguém para recuperar o que a Amy tinha na sua posse.

O maior risco que corremos foi assumir que o trabalho me seria atribuído. Programámos o desvario da Amy de forma a coincidir com a altura em que concluí um trabalho, deixando-me disponível. E, verdade seja dita, eu era uma das suas melhores agentes. É claro que tínhamos um plano de emergência, no caso de não ser eu a feliz contemplada, mas felizmente não foi preciso.

E, apesar de o senhor Smith ter pessoas a postos para me vigiarem a vigiar a Amy, estas mesmas pessoas não prestaram atenção ao empregado de bar que lhe servia as bebidas e, portanto, não repararam que o Devon não lhes adicionava álcool. Também não acharam estranho que, de cada vez que a Amy gritava comigo, certificando-se de que deixava escapar informação crítica exatamente quando precisávamos, isso ocorresse sempre num ambiente público — o que nos garantia que tudo lhe ia parar aos ouvidos.

Outra coisa em que também ninguém reparou foi no facto de a Amy ter escolhido Atlanta como palco para a sua tempestade, cidade onde também vivia um dos meus amigos mais antigos e famosos, amigo este que de bom grado me providenciaria um álibi para uma certa terça à noite — de acordo com o calendário que o próprio Tyron nos forneceu.

A Amy foi exímia no desempenho do seu papel. Desde o bar até ao hotel, passou por uma dúzia de câmaras de segurança. Foi a cambalear o tempo todo. No estado em que estava, era mais que natural que se desleixasse com o cigarro. Tirei-a do quarto de hotel dentro do carro do serviço de quartos e depois o Devon revezou-me, auxiliando com o resto da fuga para a garagem e, de seguida, para o carro que tínhamos lá deixado. Desde essa altura, a Amy tem estado escondida nesta cabana.

Eu queria que o senhor Smith suspeitasse de mim, contudo, não estava preparada para que ele tivesse provas irrefutáveis que me implicavam no homicídio da Amy.

Foi uma surpresa para todos nós.

Depois de Atlanta, a primeira parte do nosso plano estava feita. Tínhamos o suficiente para o arrastar para o fundo. Com a sua «morte», a Amy estava livre de qualquer tipo de retaliação.

Agora, a única coisa que nos faltava era o nome verdadeiro dele.

Chegara a minha vez de entrar em ação. Tinha de o forçar a usar o que tinha contra mim.

De controlar a minha própria explosão.

Embora soubéssemos que a Heather e a Sadie eram o calcanhar de Aquiles da Amy, não estávamos assim tão confiantes quanto à forma como ele me poderia atingir. Portanto, eu tinha de continuar a alinhar até ele abrir o jogo.

A viagem de carro foi a minha versão de comportamento instável. Eu sabia que o treinador Mitch era a minha melhor hipótese de descobrir quem era realmente o senhor Smith e, agora que tínhamos provas contra ele, já podíamos jogar esse trunfo.

Era preciso espicaçar o Mitch e eu sabia que encontrar-me com o Andrew Marshall deixaria o senhor Smith com os nervos à flor da pele, pois ele acreditou sempre na possibilidade de eu ter o político na mão.

Foi isso que acendeu o rastilho da bomba que ele estava pronto para lançar sobre mim.

Ou assim pensava ele.

— Há notícias sobre o paradeiro do Smith? — pergunta a Amy, arrancando-me aos meus pensamentos.

O Devon digita no portátil.

— Nada confirmado. Os Connollys vão tratar dele à sua maneira, o que

significa que não devem conseguir identificar o corpo.

Estas palavras fazem-me estremecer. Depois de tudo o que fez, é o mínimo que merece, mas o Devon sabe que eu não lidaria pacificamente com o facto de ter sido eu a entregá-lo ao seu destino.

Mas, por certo, tínhamos chegado ao ponto em que era ele ou nós.

— Agora que acabou, posso dizer que houve momentos em que me vi sem saída — comentei serenamente.

O Devon solta um gemido.

— Podes crer, a Lucca falsa abanhou-me. Nunca compreendi qual era o objetivo.

— Gostava que a tivéssemos salvado a tempo — digo.

A Amy inclina-se e aperta-me o braço.

— Tê-lo-íamos feito se tivéssemos alguma pista sobre os planos dele. Mas ela foi a sua última vítima.

Assinto e tento encontrar algum consolo nesse facto.

— Conseguiste perceber até que ponto o Ryan está envolvido?

O Devon levanta os olhos do portátil. Adiei esta pergunta, porque não tinha a certeza de querer saber a resposta. Depois de o Devon ter plantado a informação sobre a Amy na casa dos pais do James, apanhou um avião para a Virgínia, onde o senhor Smith vivia. Enquanto o senhor Smith me seguia até ao banco, o Devon acedia ao seu computador pessoal. Assim que soube onde procurar, as comportas abriram-se e virou-lhe o negócio do avesso.

— O seu único envolvimento é aquele que já conhecíamos. O Smith usou os seus serviços ao longo dos anos. À medida que o negócio do Ryan crescia, também cresceu o interesse do Smith nele. Estou em crer que tencionava tomar conta do negócio do Ryan, conforme comentou contigo. Do que consegui apurar até agora, e convém frisar que ainda vou demorar a analisar tudo, o Ryan conhecia-o de transações anteriores, mas não estava a par da amplitude da organização do Smith.

A Amy endireita-se na cadeira, olhando ora para o Devon, ora para mim.

— Sendo assim, porque é que o Smith lhe estava a passar informação sobre o seu próprio negócio?

O Devon encolhe os ombros.

— Não sei bem. O Smith lá devia ter as suas razões, mas, sem perguntarmos ao Ryan, nunca saberemos.

— Bem, então acho que nunca saberemos — digo.

A Amy dá uma gargalhada.

— A sério? Não lhe vais perguntar?

Não consigo evitar a careta que me ensombra o rosto.

— Não posso!

— Claro que podes — refuta o Devon, de olhos novamente no portátil.

— De que serviria isso? O trabalho está feito. E a partir de agora vou ser uma boa menina. Acabaram-se as atividades ilegais para mim.

A Amy revira os olhos.

— Passar a agir dentro da legalidade não significa que tenhas de cortar relações com ele. Ele é moralmente cinzento, tu és moralmente cinzenta. Além disso, o Ryan é uma brasa e aposto que é ótimo na cama.

— Dou-lhe três meses até ela me ligar a dizer: «Devon, surgiu um trabalho...»

— A sua imitação estridente da minha voz faz-me rir e revirar os olhos.

— Eu cá dou-lhe um mês — diz a Amy.

Atiro-lhes uma almofada do sofá.

Ficamos na cabana mais três dias, enquanto o Devon passa a pente fino os restantes ficheiros que copiou do computador do senhor Smith. Mas estes dias longe do mundo real não podem durar para sempre.

— Muito bem, minhas senhoras, vou dar de frosques — diz o Devon, de malas na mão. O resto do equipamento já está no seu carro. É ele o primeiro a partir, e eu e a Amy abraçamo-lo à vez, mas só eu o acompanho ao alpendre.

— Conseguimos — digo.

Ele sorri de orelha a orelha.

— Conseguimos, pois. — Faz uma pausa antes de prosseguir: — Quando mudares de ideias quanto a deixares esta vida, avisa-me.

— *Deixei* esta vida — confirmo, embora sem convicção. — E podemos sempre combinar ir beber um copo! Não tem sempre de ser só por trabalho.

O Devon dirige-se para o carro, rindo.

— Claro que sim, quando quiseres. — Atira as malas para o banco de trás e arranca.

A próxima a partir é a Amy.

— Envias-me uma mensagem assim que estiveres instalada? — pergunta.

— Combinado. Vemo-nos daqui a umas semanas.

Ajudo-a a levar as malas para o carro e depois caímos nos braços uma da outra, num abraço demorado.

Depois disso, também ela se vai embora.

Quanto a mim, fico mais algum tempo na cabana. Tenho coisas a tratar, planos a fazer, decisões a tomar. Mas durante uma abençoada semana, nada mais se passa.

Nome falso: Evie Porter — Quatro meses antes

É quinta-feira e o Ryan Sumner chega à hora exata. Entra, como sempre, na bomba de gasolina mais distante.

Hoje, está vestido de forma mais descontraída, tendo trocado a camisa da praxe por um daqueles polos de golfe com o logótipo do clube local. Falo com os meus botões acerca da razão pela qual esta quinta-feira é diferente.

Puxo a saia um nadinha mais para cima e passo as mãos pelo cabelo, ajeitando-o como quero.

Quando aceitei este trabalho, sabia que seria o mais perigoso de todos. O senhor Smith enviara-me para me destruir.

Vou seguir as regras, sem exceção. Não vou dar um passo em falso, não me vou antecipar. Vou deixar que as coisas se desenrolem como tem de ser. E vou esperar que o senhor Smith me ataque com tudo o que tem antes de eu ripostar.

— Olá — saúdo, caminhando na direção do seu carro.

Ele assusta-se, mas disfarça depressa.

— Olá — responde, com um sorriso rasgado. É mais giro ao vivo.

Aceno com a cabeça na direção do meu carro, que está parado ali ao lado, com o pneu traseiro esquerdo completamente em baixo.

— Será que podes dar-me uma ajudinha? O meu pai ensinou-me a mudar um pneu e, em teoria, lembro-me do básico, mas na prática é um pouco mais intimidante.

Ele oferece-me um sorriso ainda maior que lhe ilumina o rosto. E que belo rosto.

— Claro que sim. Deixa-me só acabar de atestar e já dou a volta.

Retribuo-lhe o sorriso radiante e regresso ao meu carro.

Ele estaciona ao meu lado e sai do carro, devorando-me com os olhos. Estou estrategicamente encostada à parte lateral do carro, numa exibição estudada. O Ryan vai buscar o macaco à bagageira e depois ajoelha-se defronte do pneu furado. Agacho-me ao seu lado e os olhos dele demoram-se nas minhas pernas, tal como eu esperava.

Da pesquisa que fiz, sei que gosta de jogar golfe e ténis, embora não seja um ás em nenhuma modalidade. Sei que andou na LSU e que organizava eventos sociais

na fraternidade a que pertencia. Sei que teve uma namorada a meio do curso, mas ela acabou com ele antes de ir estudar no estrangeiro.

— A tua cara não me é estranha — digo, quando começa a desatarraxar a primeira porca do pneu.

Olha para mim e responde:

— Ia dizer o mesmo.

— Conheces a Callie Rogers? Éramos amigas na LSU.

Pela sua expressão, sei que o nome lhe diz qualquer coisa, mas não sabe de onde. Estudei as raparigas que fizeram parte das sororidades pela mesma altura, raparigas estas que foram identificadas em publicações de amigos de amigos, mas nunca com ele. Nomes que lhe seriam familiares, mas não a ponto de ele lhes perguntar se me conhecem.

— Era amiga da Marti Brighton?

— Sim!

— Acho que a vi uma ou duas vezes com a Marti — diz ele e retoma o trabalho.

Depois de estabelecidas as ligações mútuas, deixo de ser considerada uma estranha e a conversa flui. Apesar de já ter acabado de mudar o pneu, o Ryan não parece ter pressa. Estamos ambos encostados ao carro, de frente um para o outro.

— Deixa-me pagar-te uma bebida! — sugiro. — É o mínimo que posso fazer para te retribuir o favor.

Ele inclina-se, aproximando-se.

— Deixo-te pagar-me uma bebida se me deixares convidar-te para jantar.

O Ryan é um galã.

— Sinto que já te conheço, mas ainda não fomos oficialmente apresentados. — Estendo a mão, apenas um pouco, no curto espaço que nos separa. — Chamo-me Evie Porter.

Ele dá-me um passou-bem.

— Ryan Sumner.

— Bem, Ryan, um copo e um jantar a seguir parecem-me uma excelente ideia.

— Vens atrás de mim? — pergunta.

— Coladinha — respondo.

Paramos em frente de um pequeno bistrô e, antes que tenha tempo para abrir a porta, já ele está ao lado do carro. De mão estendida, o Ryan ajuda-me a sair.

No restaurante, ele pede uma mesa no terraço. Ainda faz frio na rua nesta altura do ano, mesmo no Luisiana. A minha saia curta não protege grande coisa, mas respiro de alívio ao ver os vários aquecedores de que o espaço dispõe. Há grinaldas com luzes penduradas entre as árvores que ladeiam o terraço. É um sítio mágico para um primeiro encontro.

Mandamos vir vinho e entradas, e falamos, falamos, falamos. Ele debruça-se

para a frente e eu faço o mesmo.

— Fala-me mais de ti — diz ele, quando o prato principal chega.

Sou inundada por uma vaga de recordações da minha mãe e da pequena caravana que era o nosso lar — que a minha mãe transformou num lar — e, pela primeira vez, não quero dizer a primeira mentira. Quero contar-lhe que a minha mãe me ensinou a costurar e que fazíamos roupas para as minhas bonecas. Que gostávamos de tomar chá com pompa e circunstância, como se fôssemos da realeza. Quis contar-lhe do mapa-mundo que tínhamos pendurado na parede. Costumávamos lançar-lhe uma seta e depois aprendíamos tudo sobre o sítio onde esta calhava.

Mas mantenho-me fiel ao guião e digo-lhe que os meus pais morreram num acidente de viação e que, por isso, ainda estou à procura de dar rumo à minha vida. Incluo mais elementos verídicos na história do que devia. Dou-lhe mais de mim do que alguma vez dei a quem quer que fosse.

A sua mão desliza em cima da mesa e eu faço-me de forte para aguentar as boas sensações que me transmite. Tão, tão boas.

Demasiado boas.

De maneira que afasto ligeiramente a mão. Não muito, não quero que se sinta rejeitado. Apenas o suficiente para me conceder alguma distância. Ergo um muro imaginário à volta das minhas emoções, tijolo por tijolo. O Ryan Sumner é um trabalho — um trabalho com os dias contados. E está embasbacado com a Evie Porter, que é um produto da minha imaginação.

Está na altura de recordar, com rigor, quem é a Evie Porter e porque está aqui.

Está na altura de arregaaçar as mangas.

O Ryan está no quintal da frente a empurrar um corta-relva para a frente e para trás no seu relvado de um tom de verde perfeito. É aquela altura do dia em que o sol se põe e banha a casa branca de dois andares com os seus reflexos dourados.

Ele dá por mim quando se prepara para fazer a segunda passagem pelo relvado e apressa-se a desligar o motor. Está com uns calções velhos, num tom caqui desbotado, e uma *T-shirt* azul, leve e esgarçada na bainha.

Estou parada no passeio a observá-lo a observar-me. Durante vários minutos, nenhum de nós se mexe.

Não o vejo há três meses, desde aquela manhã no hotel em Atlanta.

Encontramo-nos a meio caminho. Tem as pernas e os sapatos cobertos de aparas de relva e as mãos manchadas de óleo.

Examino-lhe o rosto à procura de alterações, por mais pequenas que sejam, desde a última vez que o vi.

— Espero que ainda estejas disponível para conversar — digo.

O Ryan puxa um trapo do bolso de trás, ao qual limpa as mãos. Volvido um longo momento, olha finalmente para mim e acena na direção da casa. Sem esperar para ver se o sigo, toma o caminho que vai dar ao pátio traseiro, à volta da casa.

Os meus olhos detêm-se nas três longas fileiras repletas de vegetais ao fundo do quintal.

O Ryan dispõe as duas cadeiras de jardim frente a frente, em vez de as pôr uma ao lado da outra, e faz-me sinal para que me sente. Escolho a cadeira com as costas voltadas para o quintal, porque agora não consigo olhar para aquela horta.

Ele tira duas cervejas de uma geleira portátil e passa-me uma.

— Pensei que seria melhor conversarmos longe dos olhares indiscretos da brigada de vigilância do bairro. Embora te deva estar agradecido. As velhotas da rua andam a evitar-me desde o espetáculo que nos proporcionaste e desistiram de me tentar casar com as netas.

— Estou ao dispor sempre que precisares de conspirar o teu bom nome — digo e bebo um gole da cerveja.

— O meu nome nunca foi tão honrado como pensavas. Quando quiseres, podemos parar de fingir.

Inspiro fundo e solto o ar lentamente, na esperança de me acalmar.

— Nem sei por onde começar. Eu... ando a fingir há que tempos.

O Ryan inclina a cabeça para o lado, estudando-me. Eu, o Devon e a Amy fartámo-nos de especular sobre de que lado estaria o Ryan no meio desta história ou o que saberia ele sobre mim ou o senhor Smith. A única coisa que sabemos é que o Ryan chegou a fazer algum tipo de transação comercial com o senhor Smith, mas, além dele, não houve outras partes envolvidas nas operações no Texas Oriental desde a morte do avô.

Também sei que ainda há coisas a resolver entre nós e que o meu desejo ardente de voltar a vê-lo não diminuiu com o tempo.

— Devia dar-te a palavra, uma vez que tiraste o teu tempo precioso para vires falar comigo. — Ele pousa a cerveja na mesa de apoio e depois recosta-se na cadeira, apoiando a cabeça nas mãos entrelaçadas. — Não estava preparado para o que tive contigo. Se sabia que tentavas sacar-me informação sobre o negócio em Glenview quando te ajudei a mudar o pneu? Não. Percebi que alguma coisa cheirava a esturro ainda antes de te conhecer. No trabalho, dei por coisas fora do sítio e, em casa, havia coisas que desapareciam. A situação piorou depois de te conhecer, mas não liguei os pontos. Nem por sombras. — Ele sorri com a boca de lado e encolhe os ombros, como que dizendo que devia estar envergonhado, mas não está. — Um parceiro comercial com quem trabalho há vários anos disse-me que circulavam rumores de que alguém se tinha infiltrado na minha empresa e que iria vender a informação sobre os nossos carregamentos a quem pagasse mais.

— Um parceiro? — pergunto.

Ele abana a cabeça.

— Não digo mais nada até abrires o jogo.

Ele dá um grande gole da garrafa e depois volta a pô-la de lado.

— Tu eras um trabalho. Eu tinha... problemas com o meu chefe e ele não andava nada satisfeito comigo. Quando fui incumbida de tratar de ti, não tinha a certeza se este era um trabalho a sério. Isto é, não era igual aos outros. O meu chefe... gostava de jogos. De me testar para se certificar da minha lealdade. Escusado será dizer que também não tinha a certeza se, para ti, eu não seria também só um trabalho.

O Ryan estreita os olhos, tentando compreender o que estou a dizer, uma vez que não me estou a expressar com a clareza que devia.

— Isso é... uma merda. O teu chefe parece ser um grandessíssimo sacana.

A minha gargalhada surpreende-nos a ambos.

— Nem imaginas o quanto. — Dizer a verdade do princípio ao fim é muito mais difícil do que imaginei. — Se o parceiro que te avisou da venda das informações sobre os teus carregamentos foi o mesmo tipo com quem estavas a falar no corredor do motel no Tennessee, nesse caso, posso dizer-te que conheceste

o meu chefe.

Ele debruça-se para a frente, perdendo de vez a postura descontraída.

— Não sabia que tinhas ouvido a nossa conversa. Foi por isso que te assustaste e fugiste? E, sim, era ele. Mas era o *teu* chefe? — Ele fixa o olhar num ponto incerto, debatendo-se com um turbilhão de pensamentos. — Ele disse-me que tu é que me andavas a roubar documentos.

— Pois, não é de estranhar que o fizesse. Virar uma pessoa contra a outra é o seu passatempo preferido.

Ou deveria dizer: *era*?

— Na opinião dele, era uma técnica que garantia os melhores resultados. Atiçar um lado contra o outro, para que ninguém confiasse em ninguém. E ele ficava a assistir à digladição, refastelado na bancada.

Estudamo-nos mutuamente. Comparamos as nossas crenças de outrora com as novas informações que temos sobre o outro.

— Quando é que ele te disse que era eu? E porque é que ficaste comigo depois de descobrires que te andava a trair? — pergunto. O facto de o Ryan me ter mantido a seu lado só fazia sentido no cenário em que eu o tomava pelo senhor Smith.

— Ele enviou-me uma mensagem pouco depois de termos saído da esquadra. Queria encontrar-se comigo. Disse que tinha informações do meu interesse. Foi isso que fui fazer quando te deixei em casa e disse que precisava de passar no escritório. — Ele ri-se, embora não seja um riso sentido, e desvia o olhar para o quintal. — Em retrospectiva, é fácil ver como me enganou. Disse-me que foi abordado por uma pessoa que sabia dos nossos negócios e que lhe propôs parceria como meio de tirar um intermediário da equação. Contudo, fez-me acreditar que estava do *meu lado*. Que só queria certificar-se de que o plano seria desmascarado. Disse-me ainda que tu me estavas a usar para obter informações sobre as minhas finanças, os registos dos meus clientes, os registos dos carregamentos. Entregou-me «provas». Disse que te ias encontrar com o teu contacto em Atlanta para lhe dares o que ainda tinhas sobre mim, em troca de ajuda para te safares da embrulhada com a Polícia. Eu concordei em manter-me por perto. Queria saber quem estava por trás disto. Quem te tinha enviado para fazeres o trabalho sujo. Fiquei furioso. Fiquei sentado no carro à frente da casa a ler tudo o que me deu.

O Ryan vira-se finalmente para mim, encostando-se na cadeira com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Só que então fiquei ainda mais confuso — acrescentou, num tom firme, mas sereno. — Porque tudo o que me deu, e que tu alegadamente terias roubado de mim, tinha sido manipulado. As datas dos grandes carregamentos tinham sido subitamente adiadas para uma semana depois do planeado. A mercadoria era menos volumosa. Os nomes dos compradores também eram outros. Não fazia

sentido. E isso foi o que bastou para me fazer duvidar dele. Então, entrei em casa e fui à tua procura. Foi quando te encontrei no chuveiro e estavas tão... de rastos. Choravas tanto que pensei que te quebrarias em mil pedaços. Era exatamente assim que me sentia. Senti que me faltava uma peça decisiva. — Ele sorriu com tristeza. — Decidi não fazer nada e ver no que ia dar.

Ele fita-me com uma intensidade tal que me força a desviar o olhar. Tossindo para libertar o nó que sinto na garganta, digo:

— Ele não era o único a fazer jogo sujo. Eu precisava de o deixar furioso comigo, mais furioso do que nunca. Precisava que perdesse totalmente a confiança em mim. Por outro lado, também não queria que perdesse o teu negócio para ele. Não queria que fosse mais uma roda na engrenagem da sua organização. Por isso, alterei as informações.

O Ryan agarra as pernas da minha cadeira e puxa-me para si.

— Conta-me o resto.

Inspiro fundo e conto-lhe sobre o Devon e a Amy, embora sem mencionar os seus nomes verdadeiros. Conto-lhe sobre Eden, na Carolina do Norte, e de ter vivido na caravana com a minha mãe até à sua morte. Conto-lhe sobre o senhor Smith e o George e como só soube que um e outro eram a mesma pessoa até ser quase demasiado tarde. Conte-lhe sobre a mulher que se fez passar por mim e como as vidas dela e do James foram destruídas só para que o senhor Smith transmitisse a sua mensagem.

A dada altura, durante o meu desabafo, o Ryan puxou-me para o seu colo. Eu, de cabeça apoiada no seu peito, ele afagando-me o cabelo com as mãos enquanto ouvia todos os meus segredos.

— Lamento que o James tenha sido arrastado para isto. Se eu soubesse o que lhes ia acontecer, teria arranjado forma de os salvar, aos dois.

— Eu sei que terias.

Ficamos sentados em silêncio até o sol se pôr.

*

Foi descaradamente fácil voltar a entrar na rotina com o Ryan. A única diferença agora é que somos ambos honestos sobre a nossa desonestidade.

É quinta-feira e o Ryan prepara-se para sair para o Texas Oriental.

— Chego pelas seis — anuncia, enquanto enche o termo com café. Como já não precisa de fingir que vai para o escritório, está de *T-shirt* e calças de ganga.

— Cá te espero. — Aproximo-me e abraço-o.

Ele enterra o seu rosto no meu pescoço e enche-me de beijos.

— Queres que compre uns bifes a caminho de casa?

— Hum, parece-me bem. Temos de dar vazão àquela abóbora e àquela curgete

toda, podemos grelhá-las também. Os vizinhos já fogem de mim.

O Ryan ri-se.

— É o que acontece quando se converte metade do quintal numa horta e tem de se impingir vegetais a toda a gente. — Mais um beijo e depois murmura, de lábios encostados aos meus: — Tenta portar-te bem na minha ausência.

Rindo, respondo:

— Tentar, tento, mas não prometo nada.

Ele sai e fico a vê-lo arrancar até desaparecer de vista.

Sirvo-me de mais café e dirijo-me ao pequeno escritório que montei num dos quartos de hóspedes. Minutos depois, estou instalada e com o equipamento ligado. Foi o Devon que criou este espaço e garantiu que tomamos os devidos cuidados.

Faço a chamada na linha segura e a Amy atende ao primeiro toque.

— Bom dia — cumprimenta, embora ainda com voz ensonada. A Amy manteve o primeiro nome, mas agora também se apresenta com o apelido Porter. Pelos vistos, eu não era a única que ansiava criar laços.

— Bom dia — respondo, iniciando sessão no grupo de mensagens dos fãs dos King Harvest.

Surge uma caixa de alerta, notificando-me da existência de mensagens novas, ao som dos primeiros acordes do refrão *Dancing in the Moonlight* nas colunas do computador.

— Temos duas novas mensagens — digo-lhe.

Oiço a Amy bocejar e depois dizer:

— Vamos abri-las para vermos o que querem de si, senhora Smith.

É a minha parte preferida da manhã.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro esteve na origem de várias mudanças: transitei do segmento de jovens adultos para o segmento de adultos e comecei do zero com uma nova agente e uma nova editora. A experiência tem sido simplesmente incrível!

Gostaria de começar por agradecer de coração à minha agente, a Sarah Landis. Desde a nossa primeira conversa, não encontro paralelo para o seu entusiasmo e adoração por *A Primeira Mentira*. Ganhei não apenas uma forte defensora deste livro, mas também uma nova amiga. Estou imensamente grata pelo teu apoio e orientação.

Obrigada a todos na Sterling Lord Literistic, sobretudo à Szilvia Molnar e à equipa de direitos de autor para o estrangeiro. Estou empolgadíssima com a publicação mundial de *A Primeira Mentira*!

Às minhas agentes cinematográficas, Dana Spector e Berni Barta, quero agradecer por acreditarem neste livro e por terem encontrado uma equipa incrível para o adaptar. Vocês são as melhores!

Algo mágico acontece quando um livro encontra um lar perfeito. Pamela Dorman, Jeramie Orton, Marie Michels e Sherise Hobbs — vocês são os editores de sonho e estou tremendamente grata pela vossa perícia e apoio! Obrigada pelo trabalho árduo e pela dedicação me ajudaram a transformar *A Primeira Mentira* naquilo que é hoje. E um agradecimento a todos e a todas na Viking/Pamela Dorman Books e Headline, incluindo Diandra Alvarado, Matthew Boezi, Jane Cavolina, Chelsea Cohen, Tricia Conley, Tess Espinoza, Cassandra Mueller, Brian Tart, Andrea Schulz, Kate Stark, Rebecca Marsh, Mary Stone, Christine Choi, Molly Fessenden, Jason Ramirez, Lynn Buckley e Claire Vaccaro. Bem sei que há imensa gente a trabalhar nos bastidores e estou grata a cada um de vós.

À Megan Miranda e à Elle Cosimano, agradeço por serem as melhores críticas que se pode ter e as melhores amigas do mundo. Não me imagino a fazer isto sem vocês.

Sou uma felizarda por poder contar com o apoio de tanta gente. Ao meu marido, Dean, e aos nossos filhos, Miller, Ross e Archer, obrigada por serem os meus maiores apoiantes. Adoro-vos tanto e todos os dias dou graças por vos ter na minha vida. Obrigada à minha mãe, ao Joey e ao resto da família por

demonstrarem sempre tanto orgulho em mim. Obrigada aos meus amigos, que estiveram sempre lá para mim. E um obrigada especial a Aimee Ballard, Christy Poole e Pam Dethloff, que se certificaram de que o meu cabelo, roupas e fundo estavam sempre perfeitos em todos os vídeos que filmei. É preciso uma aldeia inteira!

Por fim, mas sem dúvida não menos importante — obrigada aos meus leitores! Aos que me leram pela primeira vez e aos que me acompanham desde o início, guardo-vos a todos no meu coração.